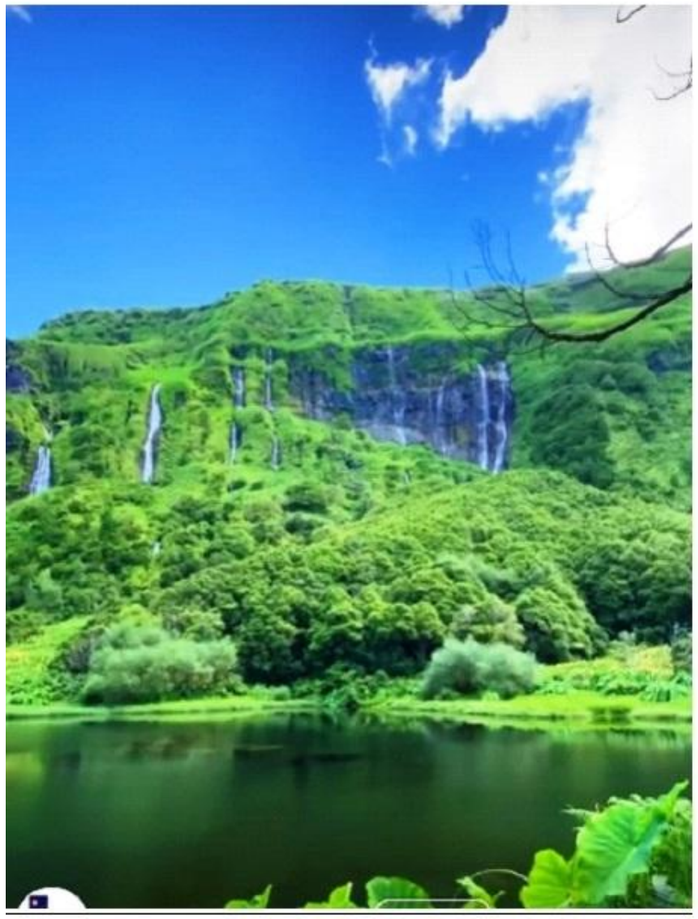
40º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

Lajes das Flores, 23-27 abril 2025,



Patrocínio - Organização - Apoios

40º COLÓQUIO da LUSOFONIA

LAJES DAS FLORES

23 - 27 abril 2025

MUSEU MUNICIPAL

ATAS

ISBN: 978-989-8607-22-5;
ISBN 978-989-8607-22-5
9 789898 607225

1.1. **HORÁRIO PDF**

2.1. LISTA PARTICIPANTES

2.2. **CONVIDADOS**

3.1. **FICHA INSCRIÇÃO**

3.2. **FICHA AICL**

3.3. **NORMAS PUBLICAÇÃO**

4.1. **HISTORIAL AICL**

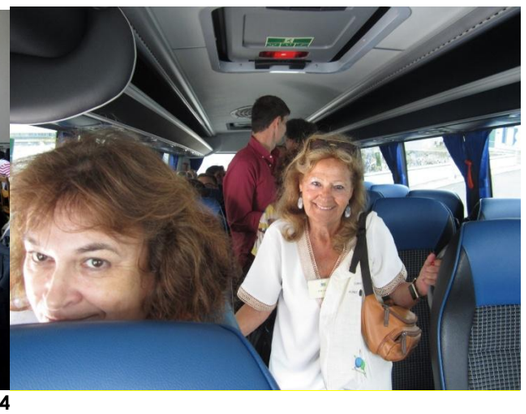
4.2. **HISTORIAL AICL CURTO**

5. ATAS COM PROGRAMA, BIODADOS E SINOPSES Nas páginas seguintes biodados + sinopses

1. AIDA COSTA BAPTISTA, CANADÁ, AICL,

40º LAJES DAS FLORES 2025

TORONTO 2012



STA Mª 2024

39º SANTA MARIA 2024

Maria Aida Costa Baptista é Licenciada em História (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Pós-graduada em Estudos Europeus (Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra) e Mestre em Literatura e Cultura Portuguesas (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).
Aposentada do Ministério da Educação, foi professora durante toda a sua carreira profissional, ao longo da qual lecionou diferentes níveis de ensino.
Ao serviço do ICALP e do Instituto Camões, exerceu funções de Leitora de Língua e Cultura Portuguesas em Helsínquia (Finlândia), de 1989 a 1997; na Universidade de Toronto (Canadá), de 1998 a 2003 e, em Benguela (Angola), dirigiu o Centro de Língua Portuguesa e deu aulas no Polo Universitário da Universidade Agostinho Neto, de 2004 a 2006.
Como voluntária da ONGD "Ser Mais-Valia", fez duas missões na Guiné-Bissau, dirigidas a funcionários da administração pública, para reforço das competências em Língua Portuguesa, em 2022.

APRESENTA ANA FONTES – MONÓLOGOS DE UMA MULHER SEM HORIZONTES,
Aida Batista, Vice-presidente da AMM (Associação Mulher Migrante) Maria Aida Costa Baptista
– Lajes das Flores (23 a 27 de abril, 2025)

É preciso partir, é preciso ficar.
(Eugénio de Andrade, As Palavras Interditas, 2002)

A maior parte das famílias açorianas viveu sempre neste dilema entre dois verbos – partir ou ficar. Ana Fontes, ao ver partir os seus oito irmãos para os E.U.A., casa por procuração e junta-se ao marido no Canadá. Após uma curta estada de cerca de dois anos, regressam ambos à ilha onde Ana Fontes vem a falecer em 2023, viúva de marido e de ambições.
Descobri-a na Gare Marítima de Alcântara, numa vitrina da *Exposição Traços da Diáspora Portuguesa* (2007), organizada pelo Museu da Presidência da República e Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. Tinha o corpo de um caderno manuscrito, de braços abertos à leitura, com a etiqueta: "Diário pessoal de Ana Fontes de 68 anos, natural de Sta Maria, Açores, no qual descreve pormenorizadamente a viagem que realizou nos anos 90 aos E.U.A., país onde tem 3 gerações de família emigrada (84 membros). col. Particular de Ana Fontes, Açores, 14 de janeiro de 1999".
A curiosidade de penetrar nas entranhas daquele diário nunca mais me largou.

De Ana Fontes, pouco mais se lhe conhece do que *A voz do linho,* publicado em 2001, numa curta edição de 500 exemplares. Não foi, por isso, fácil obter o seu contacto. Comecei por telefonar para a Câmara Municipal de Vila do Porto, que me fez chegar ao seu amigo, José de Sousa, que nos pôs a falar por telefone.
Depois da letra, conheci-lhe a voz marcada pela desconfiança. Após me ter identificado e dito ao que ia, foi muito despachada a confessar-me que já fora contactada várias vezes, que lhe tinham prometido muito, mas nunca ninguém fizera nada por ela. Quando mostrei vontade de trabalhar o seu diário, respondeu-me que o melhor era falar com um senhor de Lisboa, muito seu amigo, porque era ele que o tinha. Perguntei-lhe o nome, apenas por pura cortesia, tomada agora eu da dúvida de o conhecer ou localizar no meio de tantos habitantes da cidade. Porém, quando pronunciou o nome – João Leal – tive a certeza de que os astros se haviam alinhado para, numa conjugação de acasos felizes, colocarem Ana Fontes no meu caminho.

Assim que lhe disse que conhecia o Professor João Leal – docente do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (Universidade Nova de Lisboa) e estudioso das Festas do Espírito Santo nos Açores e na diáspora – e que estivera com ele uns meses antes, Ana Fontes despiu a armadura de ceticismo com que desde o início se vestira. A partir de então, desenrolou o roteiro da viagem aos Estados Unidos, que correspondera a um compromisso firmado entre si e o professor. Ou seja, ele ficaria a tomar conta do seu marido, na condição de que ela escrevesse um diário e tirasse fotografias da visita à sua família, tendo para esse efeito recebido uma máquina fotográfica – oferta do Professor João Leal.
O nosso diálogo continuou num registo fluido, familiar e o tom alegre e jovial em nada denunciava a idade da minha interlocutora – 82 anos. Por entre respostas a perguntas que ocasionalmente me ocorriam, fiquei perplexa quando soube que havia já escrito mais de 21 cadernos, quase todos em sua posse, exceto um ou outro que se havia perdido por via de empréstimos nunca devolvidos. Datados de 1985 a 2005 (os títulos estão referenciados no PowerPoint desta apresentação), *Vida no século XX* é o caderno que nos dá um retrato completo de todas as vivências de Ana Fontes, desde que nasceu até ao ano da sua conclusão.
Ana Fontes é natural de Santa Maria, freguesia de Santa Bárbara, onde sempre viveu, exceto um curto período, em que esteve emigrada no Canadá, para onde foi a fim de se juntar ao marido com quem casou por procuração.

Mulher de muitos ofícios - tecelã, modista, cabeleireira, enfermeira – foi como poeta popular e artesã que ocupou o seu tempo, tendo confecionado e reunido mais de 600 peças que, de acordo com válidas opiniões, constituem um valioso património cultural e artístico, designado por "art brut" ou "outsider art".
Segundo o Professor João Leal, a vida de Ana Fontes pode dividir-se em três etapas: a) uma primeira fase de completa entrega à Igreja (paredes meias com a casa onde nasceu) e aos rituais da religião; b) a segunda que abrange o casamento e o período de emigração; c) a última, após o regresso à ilha, vivida no isolamento de uma casa afastada do povoado.
Nascida numa família numerosa de onze filhos (dois morreram muito novos), era filha de pai vinhateiro e mãe doméstica. Como era prática corrente, numa época em que se dava a primazia aos homens, Ana Fontes, apesar de ser muito boa aluna, não teve possibilidade de obter um diploma, porque faltou aos pais a quantia de 62$50 para pagar o exame da antiga 4ª classe.

Como eu era mulher
O exame valor não tinha
Eu não tinha o querer
Nem dinheiro na gavetinha.

À distância de tantas décadas, parece-nos irrisório o valor do passaporte para o saber, mas, numa família pobre e muitas bocas para sustentar, era elevado o preço com que se anulavam tantos talentos. No caso de Ana Fontes, foi mágoa que a perseguiu e de que dá conta tanto em verso como em prosa, como provam estas expressivas metáforas do prefácio de um dos seus cadernos:

"*Eu obriguei-me a viver uma vida inteira com a inteligência fechada, porque eu nunca tive uma chave que abrisse a porta onde eu tinha a minha vida encerrada (...)* ou, ainda, *(...) nasci num bom terreno e cresci normalmente, mas esse terreno nunca foi adubado, nem cuidado no tempo primitivo, e tudo à minha volta eram espinhos e abrolhos, a terra era barrenta e selada.*"

José Saramago diz-nos "*Que os homens são anjos nascidos sem asas, é o que há de mais bonito, nascer sem asas e fazê-las crescer*" (1982:137).
Aos pais de Ana Fontes faltou-lhes o dinheiro para pagar as asas com que Ana Fontes poderia ter voado para além dos horizontes em que vivia encerrada.
Mas, com imaginação e criatividade, Aninhas fez as suas próprias asas para, em voos rasantes, sobrevoar os mundos interiores para onde se evadia. A invocação que fiz de Saramago foi intencional porque, no prefácio do diário, Ana Fontes reduz-se à sua insignificância quando se refere aos grandes autores: *(...) a minha autoria não abrange uma migalha das caídas no chão dos grandes escritores (...) como José Saramago (...)*. No entanto, logo de seguida, associa-se a eles quando reconhece que: *(...) unidos a eles, será bom juntar algum analfabeto, para dar a esses grandes uma pontuação mais valiosa, e sou eu uma dessas (...)*. Ou seja, em jeito de comparação, é como se afirmasse ser preciso haver trevas para que o brilho das estrelas se torne mais intenso.

Difícil será sintetizar em algumas páginas aquilo que Ana Fontes escreveu num caderno com cerca de mil e quinhentas quadras. Começou a trabalhar muito nova, ajudando os pais em todas as tarefas domésticas. Como em casa não havia dinheiro para o supérfluo, cedo se iniciou nas artes manuais, improvisando brinquedos para os irmãos:

Eu é que fazia os brinquedos
Para as três irmãs mais novas
Mas sempre com segredos
Para aparecer com as modas.

Para além desta sua manifesta criatividade em idade tão precoce, exigiam-se a uma jovem daquele tempo outros atributos. Por isso foi tecedeira, tricotou com agulhas de arame, fez peças em croché e chegou a ser enfermeira quando, após uma sinusite aos 17 anos, aprendeu a dar injeções em si própria. Assim que os sobrinhos nasceram, começou também a cuidar deles, ao ponto de reconhecer que deixara de ter vida própria e se esquecera de si:

Eu fui ficando adulta
Sem vontade e alegria
Porque com isto resulta
Que fiquei para ti-tia.

Num registo espontâneo de quadras de variada riqueza rítmica, e cuja métrica quase sempre é respeitada, Ana Fontes faz uma narrativa precisa de toda a vida social e familiar, maioritariamente vivida na ilha – nascimentos, batizados, casamentos, partidas, chegadas, mortes – seguindo uma ordem cronológica raramente interrompida, exceto quando, por vezes, avança e recua para relatar episódios que se esquecera de referir. No entanto, espanta-nos a sua prodigiosa memória, dado que tudo quanto escreve não é fruto de notas, nem de um trabalho de diarística. As suas narrativas resultam sempre de um processo posterior ao momento em que decorreram, num rememorar de acontecimentos anteriores ao tempo da escrita, obedecendo com precisão às coordenadas espaciotemporais e a pormenores dignos de registos de uma máquina fotográfica. Nesse sentido, constitui uma fonte inesgotável de informação sobre a evolução dos costumes, práticas, relações sociais, políticas e serviços que, ao longo do tempo, marcaram a ilha de Santa Maria.
Após a morte dos pais, sentiu a solidão e, "sem esquecer Cristo, seu amante", considerou-se disponível para o casamento. Recebeu uma proposta do Canadá, de um rapaz da sua freguesia, com quem trocara cumprimentos ocasionais. À alegria de receber a carta, depressa se seguiu a consciência de que, com 41 anos, perdera já a frescura da juventude:

Eram palavras de amores
Eu fiquei apaixonada
Mas coberta de suores
Como tão velha sou amada.

A 20 de julho de 1972, casa por procuração com António Catarina. As cerimónias decorrem em Fátima, santuário próximo de Santa Bárbara, na ilha de Santa Maria, como era seu desejo, e a noiva e recém-casada descreve tudo com tal detalhe que, em vez de quadras, nos sentimos a folhear um tradicional álbum de fotografias. Não deixa de fora algum sarcasmo, a que não escapa uma caricatura de si própria.

Eu ia muito vaidosa
Com o meu cabelo russo
Parecia uma velha ranhosa
Arrepiada como um urso.

Faz até uma inesperada confissão, perante a lentidão com que os familiares subiam as escadas, receando que o noivo desistisse do casamento:

Eu é que manhas tinha
Não havia tempo a perder
Podia vir uma cartinha
Já dizendo que não ia querer.

Parte depois para o Canadá e, desta permanência de quase dois anos, muito pouco ficou registado. É notória a sua deceção quando, à chegada, percebe que vai ter de partilhar o apartamento com uma outra família. Habituada a ser independente, não acatou o pedido dele para que ficasse em casa e se confinasse à condição de doméstica. Assim que pôde, foi

trabalhar. Esta decisão, tomada à revelia da vontade do marido, mais uma vez demonstra que a emigração provoca mudanças nos comportamentos das mulheres, até então vocacionadas apenas para trabalhar portas adentro.

Face ao confronto entre a realidade e o sonho, Ana Fontes não se adaptou e do sonho ficou apenas o vazio da expectativa, traduzido de forma cáustica nesta quadra:

Aí ganháramos uns vinténs
Para melhorar a situação
Passávamos pior que os cães
para apurar um tostão.

Persegue-a o desejo de voltar a Santa Maria, o útero materno onde se quer aninhar:

Dois anos estive lá
Meu marido quatro e tal
Tu és lindo e bom ó Canadá
Mas queremos a terra Natal.

Após o regresso, continua o relato detalhado de tudo quanto se seguiu, sem reservas nem pudores: a entrada na menopausa, uma cirurgia aos 43 anos (em que lhe são retirados o útero e os ovários), os problemas nos ouvidos e o incómodo que todos os ruídos lhe causavam (hiperacusia), a incompreensão dos amigos e vizinhos, a tentativa de suicídio, a decisão de mudar de casa para evitar as provocações de crianças e adolescentes que a importunavam com barulhos escusados e a que, uma vez, em registo muito irritado, se viu obrigada a responder numa linguagem de sabor muito popular:

Um rapaz como galo cantou
E berros deu também
Eu disse para ti não sou
Podes ir galar tua mãe.

Na sua componente lírica, estabelece diálogos poéticos com os elementos da natureza, fazendo deles confidentes, como acontece com a lua, as estrelas, a aurora, o Pico Alto, o tempo e, com uma inusitada frequência, a morte. A morte, presença constante na sua obra, transforma-se numa obsessão e estabelece com ela diálogos tão íntimos, que vão para além da escrita. De forma um pouco macabra, está presente na sua faceta de artesã, tanto na representação da missa de corpo presente, como na simulação do seu próprio funeral. Escreve o Padre Jacinto Monteiro, a propósito das representações artesanais expostas em sua casa:

"Porém o mais insólito é o seu próprio enterro, metida num caixão preto e de cruz de seda amarela, com velas pequeninas 'de aniversário', com padre revestido de sobrepeliz e estola negra e quatro gatos-pingados, e de vigília, e o aviso em quadras, para não mexericarem enquanto estiverem no velório" (Fontes, 2001).

Ana Fontes afastou-se do povoado, mas viveu sempre para além do tempo e do espaço da sua ilha, já que não se fica apenas pelos relatos mais intimistas. Há bastantes críticas às autoridades (de caráter secular e religioso), ao poder, às discrepâncias sociais, às incompreendidas diferenças de tratamento de género, como é o caso da ironia expressa nesta quadra:

Eu era pouco esperta
Mas fiz-te uma pergunta boa
A mulher na igreja vai coberta
E o homem com a cabeça nua.

Após a mudança de casa, lamenta-se da falta de luz elétrica e de ter de continuar a escrever à luz de velas e de candeeiros a petróleo. São, por isso, interessantes as quadras que faz à Aurora, de que destaco esta em que lhe suplica que a tire da escuridão:

Eu estou sedenta de ti
Porque vivo na escuridão
Vem meus olhos abrir
Que estão negros de carvão.

A Aurora representa, de forma metafórica, o imenso desejo de ter luz elétrica – que só chegou a sua casa em 1991 (a mais longa espera da sua vida) – e que deu origem a uma batalha travada durante vários anos com a EDA (Eletricidade dos Açores) e que, só por si, daria matéria para um estudo.
Ana Fontes sentiu sempre necessidade de escrever e, desde que começou a improvisar brinquedos para os seus irmãos, também não mais parou de se dedicar ao artesanato, o que me leva mais uma vez a citar as palavras do Padre Jacinto Monteiro:

> Aninhas sem conhecer o surrealismo de Salvador Dali, inventou "monstros fantasmagóricos" à laia deste genial artista, tendo como matéria-prima o que se deita fora. (...). Assim, garrafas e garrafões revestidos de fazenda, transformam-se em patas, perus e galinhas achixadas, poedeiras, e seus respetivos comparsas, em trajos de gala, de crista vermelha e papo empertigado e farto. De latas de Coca-Cola, e de plásticos faz imagens de santos, metidos em oratórios, por ela fabricados. Com folhas secas entrelaçadas fabrica frágeis vasos e com ramos de giesta rija e grossas faz toscas mesas e cadeiras, com coxins de retalhos de variegadas cores, mais apropriados para salas de casas solarengas (...).
> Milhares de peças espalhadas pela casa, do género de: macacos com cauda de peixe, bailarinas com cabeças de burro, enfim, um mundo diabólico, louco e desconcertante. (Fontes, 2001: 8)

A conceção destas peças quase sempre está ligada a preocupações de reciclagem e reutilização dos mais diversos materiais (muitos deles enviados por familiares a residir nos Estados Unidos da América), que reproduzem, com um enorme realismo, formas de viver de uma época, bem como algumas atividades em vias de extinção. Há ainda um outro tipo de figuras e representações nascidas de um imaginário que soube juntar e misturar elementos para deles retirar construções fantasmagóricas, à semelhança do que fazem os artistas formados em conceituadas escolas de arte.

Ana Fontes foi uma mulher consciente da sua existência como cidadã e do seu papel no mundo. Contudo, as circunstâncias económicas e sociais em que sempre se moveu, nunca lhe permitiram ter uma voz mais interveniente e consentânea com muito do que a sua escrita nos revela. Na sua simplicidade técnica e estilística, em que o popular tem por vezes a pretensão de tocar a erudição, dá-nos bem o retrato das vivências femininas de uma época que atravessa todo o século XX.
Dar voz a uma mulher silenciada pelas circunstâncias da vida, é promover o ponto de fuga entre o microcosmo da escrita popular e o macrocosmo da investigação académica. Quem se debruçar sobre o universo da emigração no feminino, reconhecerá na vida desta mulher, um perfil sociológico bastante familiar: nascida no seio de uma família numerosa em área insular periférica, é-lhe negada a possibilidade de se instruir e cedo obrigada a tomar conta das crianças da família enquanto os pais trabalham. Fica para tia e para cuidadora dos pais, ou seja, em último lugar na ordem das prioridades relativamente a viver a sua própria vida. Acrescentaria ainda outra caraterística desse perfil, por ex.: "homem emigrado procura mulher na terra natal para fins matrimoniais", fazendo com que não fossem raros os casamentos por procuração com uma conhecida da terra.

Ana Fontes partiu e ficou, e continuou a viver esta indefinição de partir e ficar, porque a sua vida se manteve suspensa das pontes que construiu entre estes dois verbos. Do lado de cá, a realidade inconformada; do lado de lá, o sonho por cumprir. Aninhas, a menina da ilha, nunca desistiu, apenas enterrou os pilares da resignação no espaço intermédio do tabuleiro por onde viaja com os porões a abarrotar de memórias para percorrer mundos, onde embarca e desembarca ao ritmo das marés que tudo trazem, mas muito levam.
Para terminar, socorro-me do apelo do Prof. João Leal, expresso num artigo publicado no jornal "Baluarte de Sta. Maria, outubro, 2023":
"Aquilo que posso desejar, agora que ela já não está connosco, é que Santa Maria, a sua terra natal, não se esqueça da Senhora Ana e que encontre um espaço onde a sua arte e a sua escrita possam ser mostradas e consultadas. Onde tradição e modernidade dialoguem. Onde raízes e inventividade sejam celebradas em conjunto. Onde se fale de uma mulher que quis ser diferente e melhor, e que é uma inspiração para todas aquelas e aqueles que, querem hoje, como ela, ser diferentes e melhores."
Como diria Teóphile Gautier, "O acaso é, talvez, o pseudónimo de Deus quando não quer assinar". Conhecer Ana Soares Fontes foi fruto do pseudónimo de Deus, mas em muito boa hora aconteceu.

Obras Citadas

Andrade, E. (2002). *As palavras interditas*. (13ª edição), Ed. Fundação Eugénio de Andrade.
Fontes, A. (2001). *A voz do linho*. Ponta Delgada: Secretaria Regional da Economia, Centro Regional de Apoio ao Artesanato, Governo Regional dos Açores.
Monteiro, Pe. Jacinto. *Aninhas de Fontes* in Fontes, A. (2001), *A voz do linho*. Ponta Delgada: Secretaria Regional da Economia, Centro Regional de Apoio ao Artesanato, Governo Regional dos Açores
Saramago, J. (1982). *Memorial do Convento* Lisboa: Editorial Caminho.

A maior parte das famílias açorianas viveu sempre entre a conjugação de dois verbos – partir ou ficar – que, de acordo com o primeiro, lhes talhava o futuro da emigração. Sejam quais forem as geografias da diáspora, importa destacar o papel das mulheres como agentes de mudança no tecido familiar, social, empresarial, artístico, académico e tantos outros. Contudo, tenhamos em conta que, para além de um universo de mulheres cujo nome teve direito a uma entrada em enciclopédias, compêndios de história ou estudos da especialidade, muitas outras viveram

no esquecimento a que o berço ou as circunstâncias as condenaram. Foi com o propósito de as resgatar deste universo do anonimato, em que muitas têm vivido aprisionadas, que decidi dar a conhecer a açoriana Ana Fontes e a sua obra.
Ana Fontes nasceu em 1931, na freguesia de Santa Bárbara, Ilha de Santa Maria. Órfã de pai e de mãe viveu uma curta experiência de emigração em Cambridge, no Canadá, para onde partiu em 1972 casada por procuração. Apesar do apelo dos seus oito irmãos que viviam nos Estados Unidos, Ana Fontes não hesitou em regressar ao aconchego da ilha-mãe, onde faleceu aos 93 anos. Foi no isolamento e solidão da sua ilha que, ao longo de vários anos, conseguiu compor uma vasta obra de natureza popular, distribuída pelo artesanato, a prosa e a poesia.
Esta é composta por cerca de 600 peças de artesanato, feitas de materiais reciclados e espalhadas pelas diferentes divisões da sua modesta casa, e mais de 20 cadernos de textos manuscritos em prosa e quadras, que, pelas temáticas tratadas, traduzem um olhar muito atento ao tempo em que viveu tendo-nos deixado um vasto leque de críticas sociais.
Deixou-nos o ano passado com o grande desgosto de o seu trabalho não ter sido valorizado, nem ter tido ninguém que cuidasse da sua obra.

Bibliografia

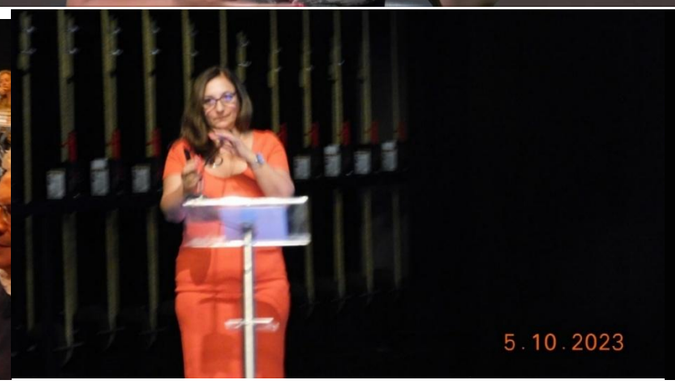
Obras publicadas, como autora e/ou organizadora: A Vez e a Voz da Mulher Imigrante Portuguesa, Manuela Marujo, Aida Baptista, Rosana Barbosa (org.), Toronto, 2003;
Passaporte Inconformado, Edições Minerva Coimbra, 2004;
Chão da Renúncia, Edições Minerva Coimbra, 2008;
Entre Margens de Afetos (c/ Gabriela Silva), Liga Portuguesa Contra o Cancro, Pta Delgada, 2009;
Passos de Nossos Avós (c/ Manuela Marujo), Ponta Delgada, Publiçor, 2010;
Abraço de Mar entre Ilhas e Continentes (c/ Gabriela Silva), Publiçor, 2011;
A Voz dos Avós - Migração, Memória e Património Cultural (org. Natália Ramos, Manuela Marujo, Aida Baptista), Ed. Pro Dignitate, julho 2012;
Frank Alvarez, O Caminho de um Português, Ed. Frank Alvarez, 2016;
Avós: Raízes e Nós, Aida Baptista, Ilda Januário, Manuela Marujo (org.), Editora Alma Letra, julho 2020;
Menina e Moça me Levaram, Editora Alma Letra, 2021; As Bicicletas de Toronto, Editora Alma Letra, 2022.

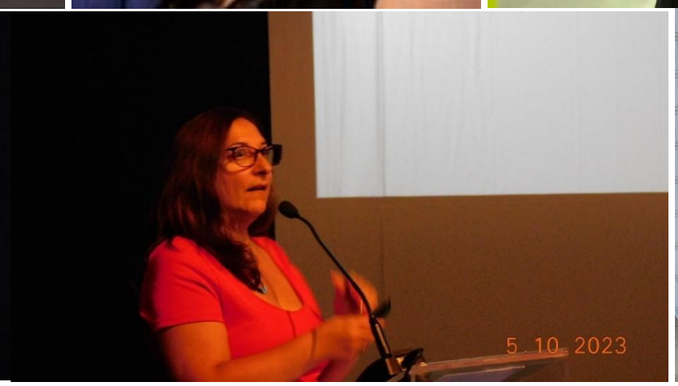
Ana Fontes_Monólogos

Ana Fontes_Monólogos

SÓCIA DA AICL
ESTEVE PRESENTE NO 9º COLÓQUIO DA AICL NA LAGOA 2008, NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º LAJES DAS FLORES 2025
PRESENTE NA APRESENTAÇÃO DA ANTOLOGIA BILINGUE DE AUTORES AÇORIANOS NA UNIV DE TORONTO 2012.

2. ALDA BATISTA, LUXEMBURGO, AICL





38' RIBEIRA GRANDE 2023

Alda Batista nasceu a 6 de abril de 1967 em Coimbra, cidade em que se licenciou em Línguas e Literaturas Modernas (Francês e Inglês), tendo frequentado, em seguida, o Curso de Especialização em Tradução.

Após uma passagem pela vida docente na Universidade de Coimbra e nos Institutos Politécnicos de Coimbra e da Guarda, ingressou no Serviço de Tradução Portuguesa do Tribunal de Contas Europeu no Luxemburgo. É aí que reside desde 1995. Para além da sua atividade principal de tradução e revisão nesta instituição europeia, publicou *Somos Todos Primos – Um diálogo de emoções* em 2016, obra poética realizada em parceria com o poeta são-tomense Carlos Cardoso, e tem participado em várias antologias poéticas desde então.

32º Graciosa 2019

Dedica-se igualmente a trabalhos de revisão de obras literárias e não literárias, trabalho que reflete de outra forma o seu amor pela língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

Alda Batista, in "Somos Todos Primos – Um diálogo de emoções", Chiado Editora, 2016

APRESENTA **"Ligando o descomplicómetro"**

O que é linguagem clara? Para que me serve e por que motivo se deve evitar o "compliquês"? Qual a importância de haver uma norma internacional (ISO) sobre linguagem clara? Partindo das orientações expostas na norma internacional ISO 24495-1, aprovada em 2023, iremos ressaltar a importância de comunicar em linguagem clara e explorar algumas estratégias para o fazer.

Alda Batista-Ligando o d | Alda Batista-Ligando o d

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 32º NA GRACIOSA 2019, 38º RIBEIRA GRANDE 2023 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

2025 LAJES DAS FLORES 40º

3. ALEXANDRE BORGES, ESCRITOR, TERCEIRA, CONVIDADO DE HONRA 2024

2025, 40º LAJES DAS FLORES

38º RIBEIRA GRANDE 2023

ALEXANDRE BORGES, nasceu em Angra do Heroísmo e vive em Lisboa.
É escritor e argumentista,
É licenciado em Filosofia e formador de Argumento.
Foi editor de cultura de *A Capital*,
É crítico de cinema do *i*
É colaborador habitual do *Observador*.

Escreveu para a televisão os documentários *A Arte no Tempo da Sida*, *Um Homem Chamado Francisco Sá-Carneiro*,
Escreveu as séries documentais *Grandes Livros, Santos de Portugal e Mar - A Última Fronteira*, entre outros,
Integrou as equipas responsáveis por *Zapping*, *Equador*, *CQC – Caia Quem Caia*, *5 para a Meia-Noite*, *A Rede* ou *Mal-amanhados - Os Novos Corsários das Ilhas*.

38 RIBEIRA GRANDE 2023

39º SANTA MARIA 2024

É autor de Heartbreak Hotel (poesia), Todas as Viúvas de Lisboa (romance), O Boato – Introdução ao Pessimismo (aforismos) Atenção ao Intervalo entre o Caos e o Comboio (poesia) entre outros

MESA REDONDA COM DIANA ZIMBRON E CHRYS CHRYSTELLO, Razões para continuar vivo em 2025, (em que acreditam hoje em dia? o que resta para acreditarem hoje?).

JÁ PARTICIPOU NO 36º EM PONTA DELGADA 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025
PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE EM 2021

36º COLÓQUIO PDL 2022

36º COLÓQUIO PDL 2022

38º Ribeira Grande 2023

39º SANTA MARIA 2024

4. ANABELA BRITO FREITAS (EX-MIMOSO), IPLUSO CEI-EF ULHT, ESCRITORA, AICL, CONVIDADA DE HONRA 2025

Anabela Brito de Freitas (ex-Mimoso) nasceu em Lisboa, licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde também obteve os graus de mestre e de doutora em Cultura.

É docente no IPLUSO (Lisboa - Grupo Lusófona), foi investigadora do Cei-EF da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia onde terminou um projeto financiado pela FCT, no campo do associativismo docente.

Tem também desenvolvido estudos na área da literatura, sobretudo da tradicional e da literatura infantil, bem como da história do pensamento pedagógico e da história do corpo.

Publicou ainda, sobre essas mesmas temáticas, vários artigos em revistas e capítulos de obras.

Faz regularmente comunicações em congressos, nacionais e internacionais e conferências,

Tem uma vasta obra escrita desde a literatura infantojuvenil à literatura tradicional

(Contos tradicionais do povo açoriano de Teófilo Braga: introdução, seleção e notas)
Estudos sobre a Geração de 70 (S. Cristóvão de Eça de Queirós – introdução),

Inúmeros artigos de revistas, Participação em congressos nacionais e internacionais, conferências, manuais para o ensino da Língua Portuguesa 2º e 3º ciclos, e literatura infantojuvenil:

História de um rio contada por um castanheiro (Porto, 1986);
Era um azul tão verde… (Porto Ed., 1993);
O Tesouro Da Moura (Porto Ed., 1994);
D. Bruxa Gorducha (Porto Editora, 1995 e Gailivro, 2006);
O último período (Âmbar, 2002);
Um sonho à procura de uma bailarina (Âmbar, 2002);
Parabéns, caloira! (Âmbar, 2003);
Quando nos matam os sonhos (Âmbar, 2005);
O Tesouro do Castelo do Rei (Âmbar, 2006);
Foz Côa: entre céu e rio (Gailivro, 2007);
Traz os olhos cheios de palavras (Âmbar, 2007);
A vida pela metade (Gailivro, 2007);
O cavalo negro (Câmara M. de Gaia, 2008);
As férias do caracol (Novagaia, 2009), entre outros em coautoria.
Aquela palavra mar (Calendário, 2010)
Contos Tradicionais Açorianos De Teófilo Braga (Calendário de Letras 2010),
Búzios (infantojuvenil, Calendário de Letras, 2011)
Viver sempre também cansa - Prémio Florbela Espanca 2017

11º LAGOA) 2009

8º BRAGANÇA 2007

8º BRAGANÇA 2007

38º Ribeira Grande 2023

6º Bragança 2006 6º Bragança 2006 6º Bragança 2006

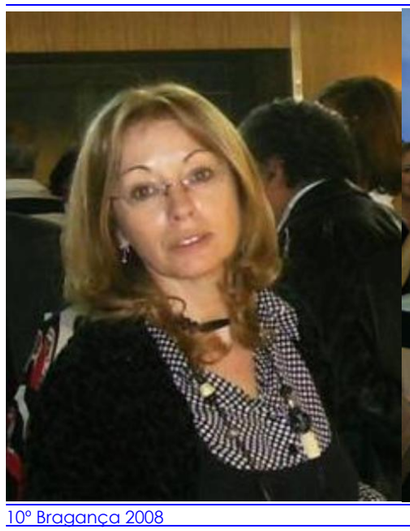
8º BRAGANÇA 2007 8º BRAGANÇA 2007

38º Ribeira Grande 2023

39º STA Mª 2024

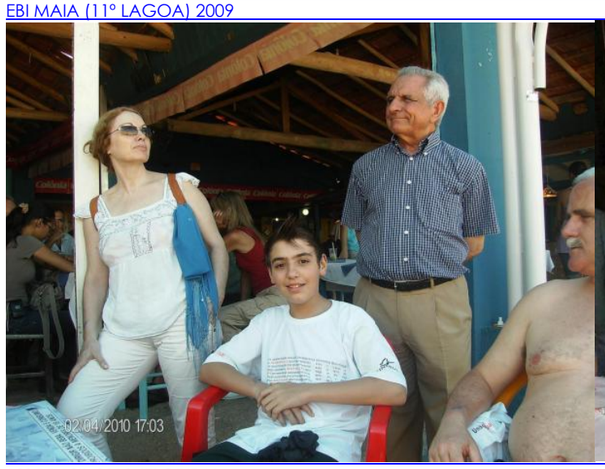
13º BRASIL 2010 (FLORIPA)

13º BRASIL 2010 (BRASÍLIA) 13º BRASIL 2010 (RIO)

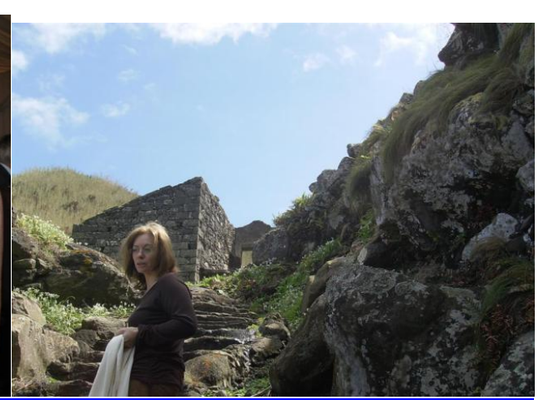


10º Bragança 2008 11º LAGOA 2009 13º BRASIL 2010 (FLORIPA)

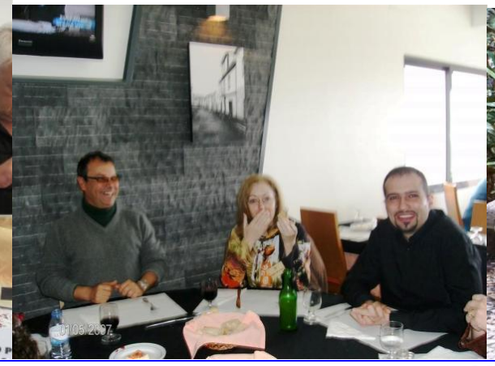
EBI MAIA (11º LAGOA) 2009



13º BRASIL 2010 (FLORIPA) 13º BRASIL 2010 (FLORIPA)



17º Lagoa 2012 17º Lagoa 2012 17º Lagoa 2012 Praia da Viola, Lomba da Maia 2012



VILA DO PORTO 2011 VILA DO PORTO 2011 LAGOA 2009 FLORIPA 2010

2025 LAJES DAS FLORES 40º

APRESENTOU "O SILÊNCIO DA PAIXÃO" DE HELENA CHRYSTELLO , OUTRAS LEITURAS

É difícil fazer a apresentação de uma obra como *O Silêncio da Paixão*. Desde logo pelo meu envolvimento no texto, envolvimento que durou meses. Mas seria sempre uma tarefa hercúlea, sobretudo, porque esta novela abre as portas a muitas leituras possíveis, porque é densa, porque nos envolve e depois nos arrasta com ela. Daria um outro livro falar na riqueza dos recursos a que a autora lança mão para nos seduzir com eles.

A única tarefa fácil é a de dizer-vos do que fala o texto. A autora fez isso por nós e incluiu o resumo que o encabeça e que deve ter funcionado como um guia para a sua escrita.

Clara Viel, a artista que cantou através do mundo inteiro. Aí está ela, na flor da vida, isolada em Joinville, no Cotentin. As dunas, o mar cinzento e a solidão. Ninguém sabe por que é que ela

renunciou repetidamente à sua carreira, abandonou a música, os teatros, fugindo cada vez para mais longe.
Estranha, silenciosa. Como única testemunha daquilo que ela parece procurar obstinadamente, um jovem. Para únicas imagens - apenas rochedos, água e céu - estes clarões dilacerantes das recordações. Berlim, o encontro com um pintor, Eric, o amor que irradia a memória. Como única ligação ao mundo exterior estas cartas chegadas de Praga onde alguém a ama ainda. Na lembrança tenaz, existe uma rotura. Fenda também na sua arte. Uma cena que Clara Viel não consegue reconstituir. Logo que ela se elevar para lá da doença, da alucinação, descobrirá talvez a verdade, saberá por que é que a morte a atrai tão fortemente.
O destino permite-lhe ainda tornar a ver Eric; por fim a cena torna-se clara. O mar, a morte confundem-se.
A narração é levada num ritmo onde o desejo da nostalgia e a nostalgia do desejo se alternam como a maré que cobre e descobre esta sombra - enigmático amor.
«*que cobre e descobre*» - é exatamente este movimento de vaivém, repetitivo, que, ao longo de toda a novela envolve o leitor, como se ele rolasse nesse cenário de areia e mar. O uso predominante do presente do indicativo e as referências constantes à paisagem marinha e às suas constantes mutações, contribuem para essa sensação de identificação com a protagonista. O leitor sente, por empatia, o sufoco e, logo, o estado de saúde física e mental e toda a dimensão do sofrimento da protagonista. Por outro lado, os momentos de analepse na narrativa, a convocação do passado de Clara, muito embora frequentes, são breves e entrecortados, porque sempre *O mar volta depressa, anelante*. Esta omnipresença do mar torna-se obsessiva e oprimente. Porque esse mar tudo envolve, até mesmo o local que deveria ser o seu refúgio, a casa, pois ele espreita, impõe-se: *Por entre todas as janelas*.

DESCOBERTA E POVOAMENTO DAS FLORES - SEGUNDO A AVÓ DE FREI DIOGO DAS CHAGAS" ANABELA B. FREITAS IPLUSO

Frei Diogo das Chagas nasceu na ilha das Flores. Os seus avós foram os primeiros povoadores da ilha. Apesar de todo o seu escrúpulo, ao longo do seu *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores,* em privilegiar as fontes escritas em detrimentos das orais, praticamente toda a informação que o autor nos fornece em relação às Flores, parte dos conhecimentos que a sua avó Gracia Fagundez, lhe transmitiu. A ligação com esta avó é tão forte que, perante ele, valida o seu testemunho.
Na verdade, muitas das informações não foram confirmadas pela historiografia mais recente.

REPRESENTAÇÕES DO OUTRO NA OBRA DE RODRIGO LEAL DE CARVALHO, Anabela B. Freitas IPLUSO

Rodrigo Leal de Carvalho nasceu em 1932 nos Açores, na Praia da Vitória, ilha Terceira. Foi delegado do procurador da República na ilha do Pico, em S. Tomé e Príncipe e depois pediu a transferência para Macau, onde foi recebido por Henrique Senna Fernandes, então substituto nomeado e em exercício nesse cargo. Aí viveu desde 1959 até 1999.
Todos os oito romances de Rodrigo Leal de Carvalho revelam ambientes e personagens macaenses: *Requiem para Irina Ostrakoff* -1993; *Os Construtores do Império* – 1994; *A IV Cruzada* – 1996; *Ao Serviço de Sua Majestade* - 1996; *O Senhor Conde e as Suas Três Mulheres* – 1999; *A Mãe* – 2000; *O Romance de Yolanda* – 2005.
Ora, Macau foi durante mais de 450 anos ponto de encontro da cultura oriental e da ocidental, de salutar convívio e enriquecimento mútuo, onde as duas culturas predominantes - a portuguesa e a chinesa -, se encontraram. Porém, dadas as ligações geográficas, sociais, comerciais... com Hong Kong, e no contexto das representações da alteridade na obra de R.L.C., o Outro é muito mais o inglês da vizinha Hong Kong, do que o chinês, de visibilidade muito reduzida, enquanto outro. Na obra, de R.L.C. podemos verificar que, se por um lado, a compreensão e a aceitação do oriental, passa pela incorporação de algumas das suas caraterísticas na cultura do Mesmo, aquelas que, num dado momento, mais necessárias são para a sua coesão e mesmo para a sua sobrevivência - daí a miscigenação -, por outro lado, o Outro, o britânico, recusa essa integração.
E se bem que o texto literário não se possa constituir como uma representação exata do mundo, na verdade ele é sempre o testemunho da visão de um dado escritor sobre o mundo que o rodeia. Não podemos esquecer que, a literatura tem um papel importante na construção social da realidade

7º Ribeira Grande 2007

15º Macau 2011

14º Bragança 2010

15º Macau 2011

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL 2010-2016,
REGRESSOU EM 2022.
ATUAL VICE-PRESIDENTE DA AICL COM F MADRUGA 2023-2025
PARTICIPOU NO 4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005, 5º RIBEIRA GRANDE 2006, 6º BRAGANÇA 2006,7º RIBEIRA GRANDE 2007, 8º BRAGANÇA 2007, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º FLORIPA, BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO 2011, 17º LAGOA 2012, 18º OURENSE, GALIZA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014.
IA REGRESSAR PRESENCIALMENTE NO 37º COLÓQUIO BELMONTE QUE FOI CANCELADO. VOLTOU NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, E ESTEVE NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

5. ANÍBAL DA CONCEIÇÃO PIRES, PROFESSOR APOSENTADO, POETA, AICL ANÍBAL PIRES (AUTOR HOMENAGEADO DO ANO)

34º PONTA DELGADA 2021

38º Ribeira Grande 2023

ANÍBAL DA CONCEIÇÃO PIRES,
64 Anos, natural de Castelo Branco,
Professor na Escola Básica Integrada Canto da Maia – Ponta Delgada.
Reside em Ponta Delgada desde 1983.
Professor aposentado – 1 de março de 2021

- Licenciado em Ensino de Educação Tecnológica.
- Mestrado em Relações Interculturais (Política Intercultural).
- Foi Doutorando em Geografia (Humana), no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Foi Presidente do Conselho Diretivo da Escola Preparatória dos Arrifes (1990-1996).

- Coordenador Regional do PCP Açores (abril de 2005 a março de 2017)
- Foi eleito na Assembleia Municipal de Ponta Delgada em 2001/2005.
- Deputado na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (ALRAA), de 2008 a 2016.
- Dirigente do Sindicato dos Professores da Região Açores (SPRA).

34º PONTA DELGADA 2021

39º STA Mº 2024

- Foi membro do Conselho Nacional da FENPROF.

- Foi membro do Conselho Regional de Concertação Estratégica (Região Autónoma dos Açores), em representação dos Sindicatos Independentes.
- Membro Fundador da Associação dos Imigrantes do Açores (AIPA);
- Foi Vice-Presidente da Associação dos Imigrantes nos Açores (AIPA) de 2003 a 2009;
- Colaborador da Associação Caboverdiana de Setúbal (ACVS);
- Integrou desde a sua génese, na qualidade de dirigente da AIPA, colaborador da ACVS e da Plataforma das Estruturas Representativas das Comunidades Imigrantes em Portugal (PERCIP);
- Colaborador e Colunista na imprensa da Região Autónoma dos Açores (Açoriano Oriental, A União, Expresso das Nove, Jornal Diário, Diário Insular, Azores Digital, Açores 9, RTP Multimédia);
- Foi comentador residente na Rádio Açores TSF no programa de análise política regional, nacional e internacional, "Conversa a 4";
- Comentador (quinzenal) da Rádio Clube de Angra do Heroísmo, desde abril de 2017 a julho de 2019;
- Crónica radiofónica semanal na 105.FM, desde outubro de 2017 a julho de 2019;
- Colaborador da SMTV no programa "Os Porquês? desde outubro de 2018 a julho de 2019;
- Foi Coordenador do Departamento de Formação Profissional do STFPSA;
- Fundador do Clube Desportivo Escolar da Escola Preparatória de Arrifes ao qual presidiu;
- Fundador da Associação de Andebol de São Miguel (7 de dezembro de 1994) na qual exerceu vários cargos de Direção;
- Foi Presidente da Assembleia Geral da União das Associações de Andebol dos Açores;
- Colaborou com equipas multidisciplinares de estudos e projetos;
- É fotógrafo amador tendo Participado em várias exposições coletivas;
- Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Professores da Região Açores (SPRA) –

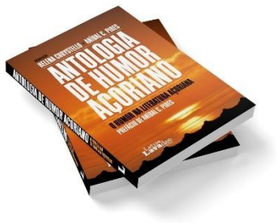
2025 LAJES DAS FLORES 40º

Publicações:

Imigrantes nos Açores – representações dos imigrantes face às políticas e práticas de acolhimento e integração, Edições Macaronésia, Ponta Delgada, 2010.
O Outro Lado – palavras livres como o pensamento, Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada, 2014.
Toada do Mar e da Terra – Volume I (2003/2008), Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada, 2017.
O Encanto dos Sonhos, Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada 2019.
Esperança Velha e outros poemas, Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada, 2020

Destroços à deriva, Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada 2024

APRESENTA ANTOLOGIA DO HUMOR AÇORIANO DE HELENA CHRYSTELLO - Humor e literatura – uma convivência pacífica



***O importante não é o grito, mas o sussurro ou, melhor dizendo, mais eficiente que a gargalhada é o sorriso* Mia Couto**

Neste livro, que reúne 15 autores açorianos, o leitor poderá encontrar excertos de obras literárias que se podem designar por "humor na literatura" e "textos humorísticos". Julgo ser oportuno, antes de tecer outras considerações sobre este trabalho, e sem pretender imiscuir-me em saberes que não são os meus, listar, ou pelo menos tentar, algumas caraterísticas destes géneros sem que, na opinião que aqui expresso, a essa diferenciação esteja associada qualquer apreciação valorativa.

"Humor na literatura" – o humor é utilizado como um recurso estilístico ou temático dentro de uma obra literária. Não é o objetivo principal da obra, mas sim uma ferramenta para enriquecer a narrativa, desenvolver personagens, ou explorar temas complexos de forma mais compreensível, ou irónica. Pode estar presente em qualquer género literário, drama, ficção científica, romance, conto ou mesmo poesia. O humor constitui-se apenas como recurso, mais ou menos subtil, e serve para subverter expectativas, criticar normas sociais, ou revelar aspetos complexos da condição humana, conquanto coexista de forma complementar com outros elementos literários.

"Textos humorísticos" - são geralmente considerados um género em si mesmo, como comédia, sátira, paródia, ou crónica humorística. Os "textos humorísticos" visam criar, no essencial, situações de entretenimento e humor. Esses textos são criados com o propósito de provocar riso, ou pelo menos um sorriso. O humor é o elemento dominante. E outros aspetos, como a construção do enredo ou dos personagens, são secundários ou servem o propósito de criar situações divertidas que provoquem o riso.

Sendo a principal finalidade provocar o riso os "textos humorísticos" socorrem-se de outros elementos literários para reforçar o seu propósito. A sátira, e a crítica social, económica e política são muitas vezes integradas nos "textos humorísticos" conferindo-lhes maior profundidade e, mesmo mais comicidade.

Pode afirmar-se que o "humor na literatura" é o uso do humor como um componente dentro de uma obra literária mais ampla e complexa, enquanto "textos humorísticos" são obras literárias dedicadas a criar situações de humor que induzem o sorriso, o riso ou a gargalhada compulsiva.

Em Portugal a literatura e o humor sempre conviveram bem, a sátira nas cantigas de "escárnio e maldizer", mas também na obra de Gil Vicente e de Manuel Maria Barbosa du Bocage, a ironia de Camilo Castelo Branco, o humor mordaz de Eça de Queiroz, apenas a título de exemplo, pois, outros autores recorrem mais ou menos arguciosamente a elementos de humor na construção das suas narrativas. Os textos humorísticos para a "Revista à Portuguesa", ou ainda, outras manifestações de teatro popular, como são os "Bailinhos" de Carnaval" da ilha Terceira, constituem-se, também, como bons exemplos de um percurso pacífico entre o humor e a criação literária e, contraria a ideia de sermos um povo sorumbático.

A criação literária, a produção de textos humorísticos e o sentido de humor nacional desdizem a construção social da imagem de que os portugueses são um povo taciturno. Outras serão as causas que nos tolhem, mas esse é um outro fado.

Esta obra é mais um contributo para a divulgação da relação do humor com a criação literária e de promoção de autores açorianos, mas não se esgota em si mesmo, pois constitui-se tão-somente como uma pequena mostra do muito que, também na relação do humor com a literatura, se produz nos Açores.

A obreira que esboçou e deu início a esta obra deixou-nos um significativo e relevante conjunto de trabalhos e estudos literários que resultaram da sua paixão pela literatura, pelos Açores e pelas "lusografias".

A pesquisa e divulgação literária confunde-se, a par do ensino, com a vida de Helena Chrystello, este trabalho é o seu derradeiro contributo.

Aníbal C. Pires,

Ponta Delgada, agosto de 2024

antes e depois de tudo
Os humoristas dizem coisas sensatas revestidas de loucura,
e loucuras revestidas de sensatez.
Carlo Dossi

A Helena Chrystello deixou algumas palavras, transcritas abaixo, sobre o que seria o início da sua nota introdutória.
"A comédia teve origem na Grécia Antiga e retrata os seres humanos como seres sociais. É como se o autor, através da encenação, utilizasse peças cómicas como um espelho diante da sociedade. Trata-se de um género crítico burlesco e humorado que satiriza diversos aspetos da sociedade desde os costumes, hábitos, moral, dentro outros.
Acha-se que a comédia é o oposto de drama. No entanto, quando falamos de géneros literários, a comédia é na verdade um tipo de drama. O humor é o estado de espírito de um indivíduo.
- sátiras políticas; crítica sociais; humor e estilo burlesco; ironia e sarcasmo."
Não pretendo dar continuidade àquela que seria a "nota introdutória" da Helena, mas esta compilação de textos humorísticos carece de algumas referências para que os leitores e os autores, aqui representados e os que, por razões diversas, não estão incluídos, fiquem na posse de alguma informação sobre os caminhos trilhados até chegar ao produto final.
Este repositório de textos de humor na literatura açoriana procura, ainda que sem o conseguir na sua integridade, dar corpo ao trabalho iniciado por Helena Chrystello a partir de uma sugestão feita por Onésimo Teotónio Almeida, no dia 17 de junho de 2022, logo após a apresentação pública, em Ponta Delgada, do livro "*nova antologia de autores açorianos*".
A sugestão foi testemunhada por alguns dos presentes, na sessão de apresentação, que apoiaram e incentivaram a Helena Chrystello a pôr mãos à obra. E não perdeu tempo pois, de imediato aceitou o repto e me convidou a fazer o prefácio, desafio ao qual anuí sem grande resistência, mas sempre dizendo que havia muitas e mais habilitadas opções para a tarefa.
A sua fragilidade, motivada pelo estado saúde que a foi inexoravelmente debilitando até à sua prematura morte, não a impediu de dar início ao trabalho tendo elaborado uma lista de autores e reunido alguns textos. Na fase final da sua vida solicitou ao Chrys Chrystello que me pedisse para eu terminar o trabalho por ela iniciado. A resposta não poderia ser outra: acedi, com a consciência de que este não era (é) um trabalho para o qual estivesse devidamente habilitado e que, com todos os afazeres que já tinha agendados e programados, para 2024, seria uma autêntica maratona. Aceitei o desafio para honrar a memória da Helena Chrystello, cumprindo assim um dos seus últimos desejos.
Esta coletânea de textos de humor de 15 autores açorianos, sendo representativa, é uma parte, uma pequena parte, do que se produziu e produz nos Açores e que poderia ser incluída neste trabalho. De fora ficaram muitos autores, uns por indisponibilidade dos próprios, outros por desconhecimento do organizador, outros ainda por falta de tempo pois, a data para apresentação foi programada, pela Helena, para outubro de 2024 e o tempo escasseou.
Ao ler o índice de autores verifica-se um desequilíbrio de género, em 15 autores apenas 1 mulher. Não foi uma opção da Helena, nem de quem deu continuidade ao seu trabalho, também não se fica a dever à inexistência de autoras que, não fazendo do humor a sua principal opção literária, com maior ou menor subtileza utilizam o humor nas suas criações literárias.
A representatividade geográfica, estando mais equilibrada que a de género, está longe de corresponder à realidade regional e a haver alguma nota crítica, só poderá ser pela sobre representação de autores oriundos da ilha Terceira. Disparidade que pode ser interpretada como os leitores entenderem, mas que também não resultou nem da vontade da Helena Chrystello, nem de quem deu continuidade ao trabalho que ela iniciou. Adveio da disponibilidade dos autores para, logo na fase inicial do projeto, cederem os textos e de uma solicitação feita à margem da lista original que a Helena Chrystello tinha elaborado.
Ao longo do trabalho foram feitas algumas insistências junto de alguns(mas) autores(as) que faziam parte da lista elaborada pela Helena, mas o retorno ficou aquém do que seria desejável.
O humor na literatura e na cultura popular é um campo inesgotável de estudo e que pode merecer a atenção de investigadores e académicos. Esta obra é, como já foi referido, uma pequena e representativa amostra da utilização do humor em diferentes contextos literários e, é nosso propósito contribuir para promover a literatura com humor e os textos literários humorísticos.
Antes de terminar importa relevar o papel e apoio do Chrys Chrystello para que este projeto fosse finalizado. Obrigado Chrys!
Esta obra, para além de outros desígnios, é, antes e depois de tudo, uma singela homenagem à memória da Helena Chrystello e um reconhecimento pelo contributo que, ao longo da sua vida, deu à divulgação e ao ensino da língua portuguesa.
Aníbal C. Pires, Ponta Delgada, agosto de 2024

OS CEM ANOS DE DIAS DE MELO

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE, ESTEVE NO 34º COLÓQUIO 2021 PONTA DELGADA, NO 36º PDL 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025
PARTICIPOU NO LANÇAMENTO DA NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS, junho 2022 E NOS 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA DO CHRYS nov 2022

6. ANTÓNIO CALLIXTO, EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA DO TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO (1986-2012) PRESENCIAL

António Callixto, Licenciado em Filologia Germânica. Filólogo e investigador linguístico.

Antigo chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, Luxemburgo (1986-2012).

António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução.

Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos. Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira. Em 1974 licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Além das línguas obrigatórias (inglês e alemão), frequentou como disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe). Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979. Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia. Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General Jaruzelski, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia. As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco.

Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012. No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução. Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, António Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.

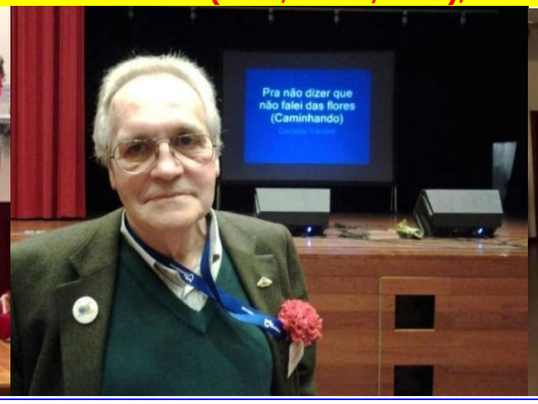
GRACIOSA 2015 MONTALEGRE 2016 BELMONTE 2017 VILA DO PORTO 2017

32º GRACIOSA 2019

É SÓCIO DA AICL.

- PARTICIPOU NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2004 E NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 31º BELMONTE 2019, 35º BELMONTE 2022, E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

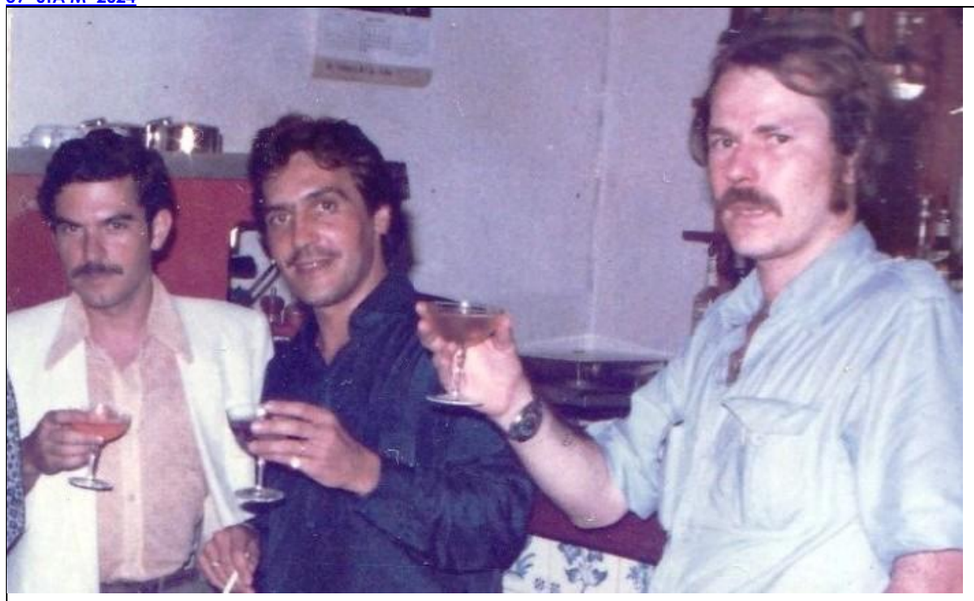
7. CHRYS CHRYSTELLO. AGLP (GALIZA), JORNALISTA MEEA (AJA, NSW / VIC), TRADUTOR NAATI (CAMBERRA,) AUSTRÁLIA. AICL,



26º LOMBA DA MAIA 2016 | 25º MONTALEGRE 2016 | 26º LOMBA DA MAIA 2016 | 29º BELMONTE 2018

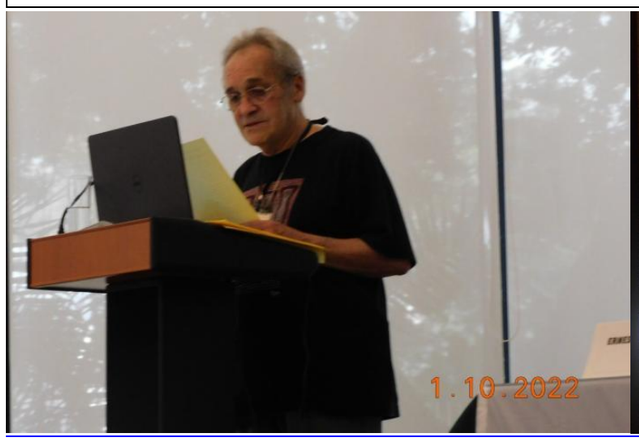
33º Belmonte 2021 | 34º PDL 2021 | 35º BELMONTE 2022

39º STA Mª 2024



Com Rui Barata PAIVA, Nick Griffin da TVB de Hong Kong em Hác Sa, na Pousada de Coloane junho 1980

na RÁDIO MACAU (TDM-RTP)



36º PDL 2022 BPARD PDL 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA PICO, LAJES, 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

CHRYS CHRYSTELLO, cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e marrano transmontano.
Em Sydney, Austrália, esteve vários anos envolvido na definição da política multicultural na década de 1980
Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais australianos.
Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.
Desde 2017 é JORNALISTA membro vitalício Honorário da MEEA-AJA [Australian Journalists' Association] por ter atingido 50 anos de profissão.
Tradutor Profissional desde 1984 pela NAATI
Foi Fundador do AUSIT 1989.
Publicou o seu 1º livro (poesia) em 1972.
O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) onde foi Editor-chefe do jornal A Voz de Timor. (1974)
Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste.

Foi Executivo na Eletricidade de Macau (1976-82).

32º GRACIOSA 2019 32º GRACIOSA 2019

15º MACAU 2011 30º MADALENA DO PICO 2018 32º GRACIOSA 2019 24º Graciosa 2015

Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor na rádio e TV (Macau e HK).
Lecionou Tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).
Foi Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05).
Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);
Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000.
Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012);
Foi Consultor do Programa REMA, UAç. (2008-12).
Académico (Correspondente) da AGLP desde 2012,
Membro da Comissão de Honra da campanha Ponta Delgada, Capital Europeia da Cultura 2027.

Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL,** publicação online,
2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - OCEANIA - do Movimento Poetas do Mundo,
2019 Nomeado membro do PEN International (Açores)
Preside, desde 2010, à Direção da AICL que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (38 edições). https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html
Atual colunista do Diário de Trás-os-Montes desde 2005, do Diário dos Açores desde 2018, Tribuna das Ilhas desde 2019 e LusoPress desde 2020.

28º VILA DO PORTO 2017 15º Macau 2010 12º BRAGANÇA 2008 POESIA, GRUTA DE CAMÕES 15º colóquio Macau 2011

40º LAJES DAS FLORES 2025

BIBLIOGRAFIA CHRYS CHRYSTELLO, LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS

2025 CHRÓNICAÇORES UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO VOL. 8, **202**3-2024 DIÁRIO DE UM HOMEM SÓ, *UMA VIAGEM INTERIOR (VOL. 8 – 2023-24)* HOMENAGEM A HELENA CHRYSTELLO, ED. LETRAS LAVADAS
2025 **ChrónicAçores uma circum-navegação vol. 7, 2021-2023 ed flipbook** https://blog.lusofonias.net/chronicacores-chronicacores-volume-7-2021-2023-a-circum-navegacao-livre-pos-covid-19/
2024 "29 poemas, 29 anos com a Nini", ed. autor e AICL, Atas do 39º colóquio da lusofonia Santa Maria ISBN 9789898607218
2024 Livro "29 poemas, 29 anos com a Nini" ed. Autor e da AICL no 39º colóquio
2024 Poema Dores, *maria nini nunca saberei viver sem ti*, vol. XXVI da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ed.
2023 Poema Não à guerra na Ucrânia, in "" vol. XV da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED

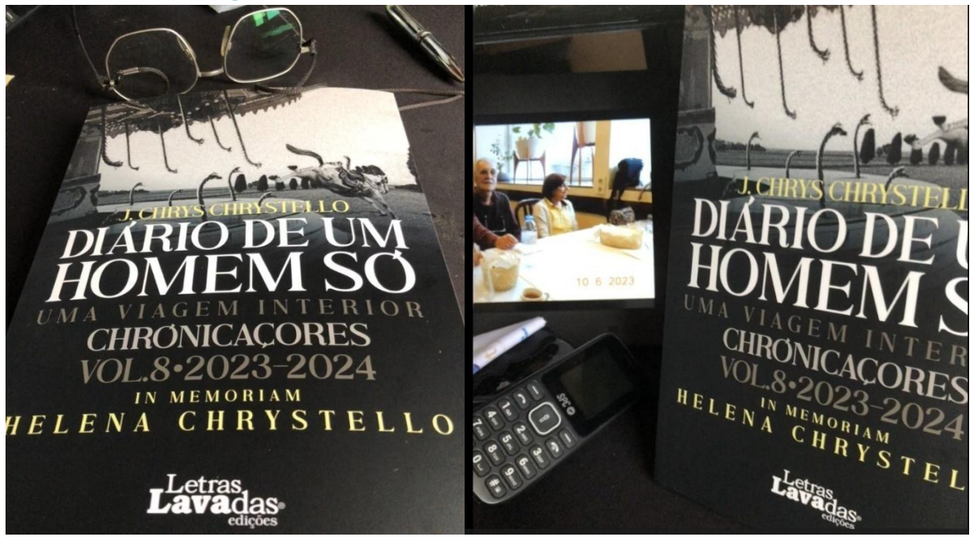
2023 Poema saudade do que nunca foi (lomba da maia, fevº 2016) in Fragmentos de Saudade vol. 1 Chiado Ed.
2022 Crónica do quotidiano inútil volumes 1 a 6, obras completas, nos 50 anos de vida literária Ed. Letras Lavadas
2022 ChrónicAçores vol. V Liames e Epifanias Autobiográficas, Ed. Letras Lavadas
2022 ChrónicAçores vol. VI Crónicas do Éden 2005-2022, Ed. Letras Lavadas
2022 Poema Desculpa o atraso vol. XIV da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED
2021 Poema Para uma biblioteca universal da felicidade vol. XIII da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado
2021 Poema Sorrisos de pedras por maroiçar / stone smiles to pile up in pyramids, in Sorrisos de pedra 31 variações sobre desenhos de Judy Rodrigues ed. Gugol
2021 Poema A Lancha do Pico a Dias de Melo in Alma de Mar — Antologia de Literatura Contemporânea | vol. I Chiado Ed.
2021 Ensaio sobre Malaca Casteleiro in Orientes do Português vol. 2 2020 Instº Politécº de Macau http://orientes-do-portugues.ipm.edu.mo/volume2-2020/
2021 Ensaio "Este mundo declarou guerra aos velhos"no livro in "Os Dias Da Peste", PEN Clube Português
2021 Poema "Autonomias Açorianas 2015" in Coletânea Liberdade, Chiado Ed.
2021 Ensaio "Um Arquipélago Prenhe De Vozes. Sem Ilhas Não Há Vozes" coletânea "Ilha de vozes" sel. Susana Antunes
2020 poema "o bem maior"" vol. XII da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED
2020 poema "na farmácia da vida" em coletânea Quarentena vol. I, ed. Chiado
2020 capítulo "Memórias de infância, a avó de JC" em Avós Raízes e nós, de Aida Baptista, Ilda Januário e Manuela Marujo, ed. Almaletra
2019. ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 3 2005-2018 versão final https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1024/chronicacores-VOL.-3-vol-2005-2018-rascunho-sem-cortes.pdf https://www.academia.edu/s/22eafae916/chronicacores-uma-circum-navegacao-volume-3-chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores?source=link
2019. ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 4 – 2011-2018 versão final https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1175/chronicacores-2011-2019-vol-4-draft-sem-cortes.pdf
2019 poema "não quero saber o nome" vol. XI da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" ed. Chiado
2018 poema "partir" vol. X da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" ed. Chiado
2018 FOTOEMAS foto livro, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas **ISBN: 9781388351083**
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018, ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores,-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. AICL e Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. AICL e LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" in vol. VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED. ISBN: 9789895215423
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Univ. Beira Interior, org. Alexandre da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha" in "Povos e Culturas, A ilha em nós" Revista Povos e Culturas 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica - Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. + ed. em inglês do 1º vol., 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia
2015, Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRAIS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/document/3051472/cronicasaustrais
2012, Trilogia da história de Timor, ed. AIC, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor-Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/
2012. Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 vols, 40 anos de vida literária, ISBN 9789728985646 ED. AICL e Calendário de Letras 2012
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, vol. 1 trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, vol. 2 trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter Timor-Leste 1983-1992 DVD 1ª ed. 2005-12 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf / https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, ChrónicAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, ChrónicAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor esgotado, https://www.scribd.com/doc/39955110/chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores-volume-um-da-trilogia
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá. Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dores, prelo, ed. VerAçor.

2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho"de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf -
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafio de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb.
2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf.
Https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf
2000, vol. 1 da trilogia (inglês) da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng -.
Https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf .
1999, vol. 1 da trilogia (português) da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758
1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 Crónica XI Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.scribd.com/document/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd –
1974. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf **(fac-símile do original)**

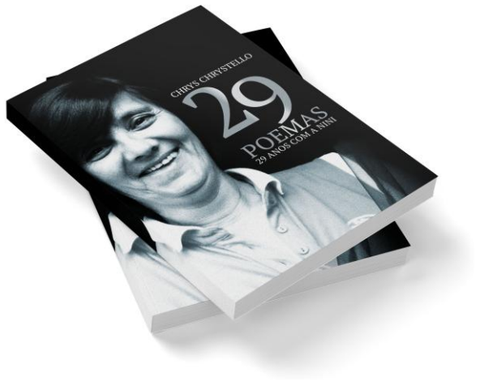
2009 RTP 1 HORA NO 11º COLÓQUIO LAGOA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XPTSDTXIANA&T=0S&INDEX=281&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI (DEMORA 10 SEGUNDOS A INICIAR)
2010 NO 13º COLÓQUIO NA ACADEMIA BRASILEIRA RIO 2010 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1ZMDWP1B6JU&T=0S&INDEX=277&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2010 RTP 13º EM FLORIPA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CTBEJXBOOK8&T=0S&INDEX=174&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2011 NO 15º EM MACAU HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MODYWJP2FFI&T=0S&INDEX=135&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2011 NO 15º EM MACAU – POESIA NA GRUTA DE CAMÕES – HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MNGWJ_RNH_Q&T=0S&INDEX=134&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2011 RTP NA APRESENTAÇÃO DO CHRÓNICAÇORES VOL 2 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=X93R7PVNWKQ&T=0S&INDEX=240&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2012 RTP 17º LAGOA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BYHCDO-XDHO&T=0S&INDEX=278&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2012 17º NA LAGOA 2012 CONCHA DEDICA POESIA COM NOMES DE POESIAS DE CHRYS HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ABAJIRQFVOA&INDEX=233&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2013 CHRYS DIZ POESIA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=-7PTLKOHJXQ&T=0S&INDEX=169&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2013 CHRYS DIZ CRISTÓVÃO DE AGUIAR HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PE1IZ3RQBN8&T=0S&INDEX=167&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
21º COLÓQUIO POESIA NOS MOINHOS 2014 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DJO96TEEJ28&T=0S&INDEX=227&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
23º COLÓQUIO POESIA FUNDÃO 2015 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0FGFXZW2WXA&T=0S&INDEX=117&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
24º GRACIOSA 2015 RTP HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PO8V7AGLXNS&T=3S&INDEX=108&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015 MAIS NA RTP HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VADEDJP1HHG&T=2S&INDEX=109&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015 POESIA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5N3TKMQJOPW&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=99
2016 CHRYS DIZ CAIS DA SAUDADE DE EDUÍNO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G5IWY8RITMW&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=90
2017 POESIA NO 27º BELMONTE HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=U9QFJT6S9SK&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=46
2017 MAIS POESIA BELMONTE 2017 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RPH4SRTM1_W&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=45
2017 S MIGUEL TV CHRYS ENTREVISTADO IN A VOZ DOS AÇORES HTTPS://YOUTU.BE/XSDAS0PBG2U
2017 POESIA NO 28º COLÓQUIO VILA DO PORTO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KCHOZ36IV94&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=34
2017 POESIA NO 28º COLÓQUIO VILA DO PORTO ASAS DO ATLÂNTICO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GI9AWKXJZCI&T=2S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=33
2017 APRESENTAÇÃO BGA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XTRRS_I6SHC&T=22S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=27
2018 POESIA TIMOR 29º EM BELMONTE 2018 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LYUOL7RCSPS&T=372S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=14
2018 S MIGUEL TV HTTPS://YOUTU.BE/XSDAS0PBG2U
2018 POESIA AO MEIO-DIA NO 30º NA MADALENA DO PICO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WDOZ-7CLSBM&T=204S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=6
2019 POESIA A CAPELA HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/DOCUMENTOS/SONS-E-POESIA-COL%C3%B3QUIOS/2559-32%C2%BA-COL%C3%B3QUIO-POESIA-NA-CAPELA-DE-SANTO-ANT%C3%B3NIO,-PRAIA-S-MATEUS-GRACIOSA.HTML

2021 POEMAS DECLAMADOS EM HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/MAIS/POEMAS-DECLAMADOS.HTML
2021 POESIA EM BELMONTE HTTPS://YOUTU.BE/RKE4W4BLOIQ
2021 LUSA TV CANADÁ HTTPS://YOUTU.BE/RFYYTUI7-1Y
2021 RTP AÇORES HTTPS://YOUTU.BE/_FWCE9DM2_M
2021 NELLIE PEDRO EUA GENTE DA NOSSA HTTPS://YOUTU.BE/WIEPE3XJP6M
2021 TIMOR ON MILWAUKEE WISCONSIN UNIVERSITY BY CHRYS CHRYSTELLO HTTPS://YOUTU.BE/KYVRJ4KE7D0
2022 35º COLÓQUIO BELMONTE 2022 DISCURSO DE ABERTURA HTTPS://YOUTU.BE/SHHA3SNKA6C
2023 APRESENTOU NAS LAJES DO PICO A CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOLUMES 1 A 6, 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA **HTTPS://YOUTU.BE/IINHM1HUIGS**
2023 APRESENTOU NA RIBEIRA GRANDE NO 38º A CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOLUMES 1 A 6, 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA
2024 APRESENTOU EM SANTA MARIA NO 39º A CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOLUMES 1 A 6, 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

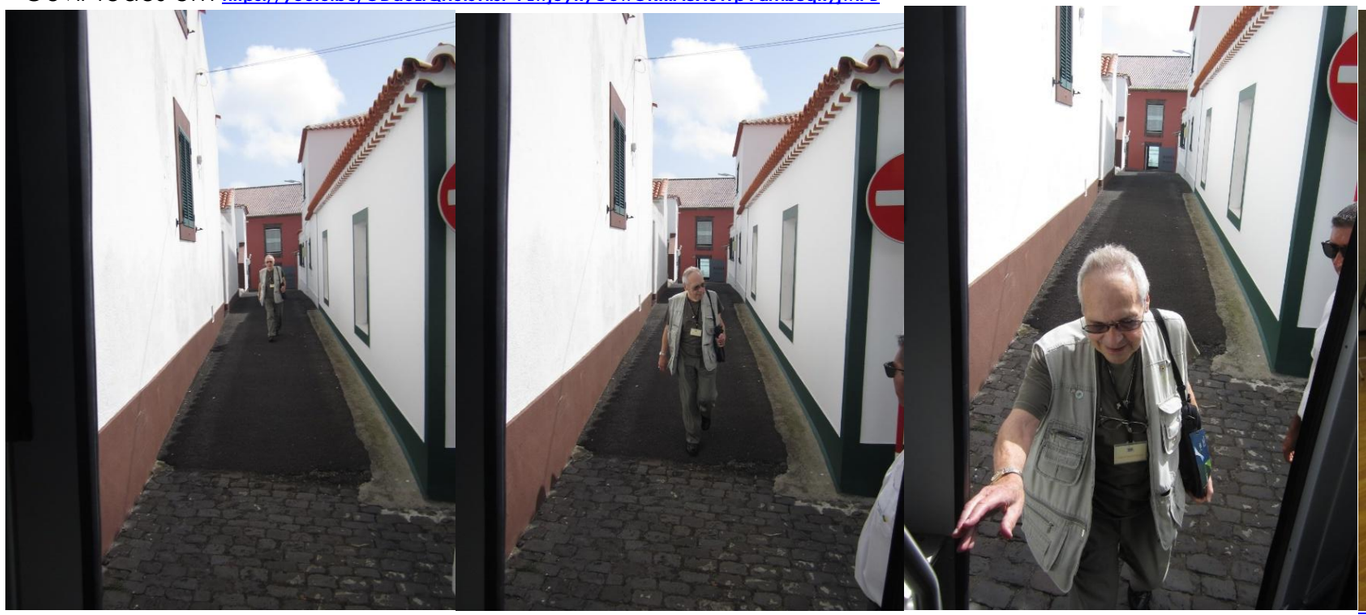
APRESENTA ChrónicAçores uma circum-navegação vol. 8, 2023-2024 Diário de um Homem só, UMA VIAGEM INTERIOR (vol. 8 – 2023-24) Homenagem a Helena Chrystello
VER DIANA ZIMBRON



POEMAS DEDICADOS A NINI (HELENA) CHRYSTELLO deste livro inédito a ser OFERECIDO aos



Participantes na homenagem a helena
ouvir em https://youtu.be/CiPIkiVQlsI?list=PLwjUyRyOUwOKRIA8XUWpVdMb8qRyjwIPB
Ouvir todos em https://youtu.be/ODaULfQH0ts?list=PLwjUyRyOUwOKRIA8XUWpVdMb8qRyjwIPB



39º STA Mª 2024

DISCURSO DE ABERTURA

Os nossos agradecimentos a todos os presentes, representantes do governo regional, da autarquia e demais personalidades. Como é meu costume há mais de 20 anos começo por elucidar os presentes sobre uma curta história da ilha que assenta na Placa Norte-Americana, numa área de 141,7 km², de terreno montanhoso, grandes ravinas e gigantescas falésias. O ponto mais alto é o Morro Alto, a 914 metros de altitude. Em 2021 tinha 3 429 habitantes nos concelhos de Santa Cruz e Lajes. O Ilhéu de Monchique é o ponto mais ocidental de Portugal e da Europa (embora assente na Placa Norte-Americana).

As Flores e Corvo foram encontradas em 1452, no retorno da viagem de Diogo de Teive e filho, João de Teive, à Terra Nova. Em 1453, Afonso V fez a doação das ilhas de "*Corvo Marini*" ao tio Afonso, Duque de Bragança. Foram posteriormente doadas ao Infante D. Henrique, Mestre da Ordem de Cristo, que as nomeia como São Tomás e Santa Iria e na sua morte passam para o Infante D. Fernando, Duque de Viseu.

A toponímia "Flores", desde 1474, deve-se à abundância de flores de cor amarela, os "cubres" ("*Solidago sempervirens*") que recobriam a costa, cujas sementes foram trazidas desde a Flórida, na América do Norte.
O primeiro capitão do donatário foi Diogo de Teive, depois, seu filho, João que a cede a Fernão Teles de Meneses em 1475 e a viúva, D. Maria Vilhena, as administra em nome do filho, Rui Teles, negociando esses direitos com Willem van der Haegen, nobre flamengo que mudaria o nome para Guilherme da Silveira. Em 1470 havia chegado ao Faial com numerosa comitiva flamenga, e passara à Terceira. Chega às Flores em 1480, iniciando o povoamento na foz da Ribeira de Santa Cruz, próximo da Fajã do Conde, com cultivo do pastel. Permaneceu dez anos, findo os quais deixou a ilha, motivado pelo isolamento e pela dificuldade de comunicações, indo fixar-se em São Jorge.
D Manuel I fez a doação da capitania-donatária a João da Fonseca em 1504, que retoma o povoamento com gente da Terceira e da Madeira, e em 1510, nova leva, com predomínio do norte de Portugal., distribuídos ao longo da costa , com cada família ocupando a sesmaria que lhes coubera, com a cultura de trigo, cevada, milho, legumes e a exploração da urzela e pastel. Recebem carta de foral as Lajes (1515) e Santa Cruz, sendo elevadas a vila. Em 1528 dá-se a confirmação régia da Capitania a Pedro da Fonseca. Com o seu falecimento, D. João III faz a doação da capitania-donataria a Gonçalo de Sousa (1548).
Nos séculos seguintes, os poucos habitantes manter-se-iam isolados recebendo raras visitas das autoridades régias, de embarcações que ali faziam aguada e adquiriam víveres e outras de comércio do Faial e Terceira em busca de azeite de cachalote, mel, madeira de cedro, manteiga, limões e laranjas, carnes fumadas, deixando panos de lã e linho, artigos manufaturados.
Na Dinastia Filipina, a ilha foi invadida por corsários britânicos. Em julho 1587 cinco navios desembarcaram tropas que invadiram e saquearam a vila das Lajes e arrabaldes obrigando a população em pânico a evadir-se para o mato. Foi incendiada a primitiva matriz, do Espírito Santo. Em 1591 a ilha foi novamente atacada por corsários ingleses. Em 1593, Filipe I de Portugal nomeou para capitão-do-donatário, Francisco de Mascarenhas, conde de Santa Cruz.
Na Guerra Civil Portuguesa (1828-1834), na ofensiva liberal do 7º conde de Vila Flor (1831), a ilha reconheceu espontaneamente o governo liberal. Em meados do séc. XIX, passou a ser visitada por baleeiros estadunidenses, atividade que passou a ser praticada pelos habitantes da ilha. O isolamento da ilha foi quebrado em 1966, com a instalação da Base Francesa, sendo erguidos um hospital, a central elétrica e o aeroporto, que trouxeram grande desenvolvimento à ilha. A ilha foi incluída na Rede Mundial de Reservas da Biosfera da UNESCO, em 2009, juntando-se à Graciosa e Corvo, incluindo toda a ilha, por apresentar aspetos de natureza bem conservada e grande abundância de floresta Laurissilva típica da Macaronésia.
É nesta ilha de tanta riqueza natural e história conturbada que finalmente nos encontramos com os colóquios da lusofonia, em tentativas que datavam desde 2011. O nosso bem-haja ao Presidente e Vice-Presidente da autarquia por terem tido a coragem de apostar em trazer este evento até uma ilha tão esquecida dos centros de poder, e que só alcança a ribalta pelas desgraças de tempestades e intempéries que tantas vezes a deixam isolada, sem mantimentos nem ligações marítimas ou aéreas…
Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitar as diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. A exemplo dos aborígenes australianos estes Colóquios incentivam a preservação da cultura açoriana em risco de desaparecer na voragem urbana progressista, no desagregamento da família tradicional e na importação de modas e hábitos estranhos. Contra a perda do registo tradicional da cultura dum povo erguemos as nossas vozes para podermos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão das minoritárias que com a nossa podem coabitar. Recordo que quando me conheceu em Bragança 2008 o professor Adriano Moreira se voltou e disse "*Você é um poeta*." E são os poetas, sonhadores, que pensam que são livres e na realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade. Mas vale a pena ser poeta, nesta utopia que mantém os colóquios da lusofonia vivos ao fim de 40 edições em 24 anos.
Se não fosse este abrigo cultural que os nossos encontros proporcionam, a vida seria mais árdua. Somos a réstia de sol, que permite a todos pensar que cada ano de vicissitudes culmina nos colóquios, uma segunda casa, acolhedora e amiga, onde podemos voar nas asas da liberdade literária de poetas como os mestres, nossos patronos, aqui presentes, Eduíno de Jesus, Onésimo T Almeida além de outros que usam a poesia como arma de libertação.
Os Açores confundem-se com o anticiclone, a atividade sísmica e vulcânica mas os únicos vulcões ativos aqui presentes são os nossos oradores, e sairemos mais enriquecidos com o que irão partilhar connosco. É essa também a riqueza e a força das Lajes das Flores e suas gentes, desembaraçadas das grilhetas do passado atormentado de quinhentos anos, e tragédias telúricas e sísmicas. Temos quase 4 dezenas de participantes. Homenagearemos o autor do ano ANÍBAL PIRES e haverá a homenagem póstuma à nossa Vice-Presidente Helena Chrystello. Além da *Antologia de humor açoriano* (que a Helena deixara inacabada e o Aníbal C Pires concluiu), iremos divulgar "O silêncio da paixão", a sua novela Inédita, de 1976 e apresentaremos pela primeira vez, o 8º volume de "ChrónicAçores, Diário de um homem só", de Chrys Chrystello a ela dedicado, junto com a oferta do libreto de poesia "29 poemas, 29 anos".
No total, uma dezena de lançamentos literários, uma mostra de livros da editora Letras Lavadas, sessões musicais, de poesia, três depoimentos sobre a Revolução dos Cravos de 3 óticas e gerações distintas, e um apontamento sobre o 25 de abril em Timor há 50 anos, além da Mesa Redonda sobre "Razões para continuar vivo em 2025 (em que acreditam hoje em dia? o que resta para acreditarem hoje?)". Haverá uma sessão com artistas locais no 25 de abril, e vários vídeos das Flores nos intervalos das sessões. Temos, entre outras, apresentações de temas e autores locais como:
Manuel Menezes de Sequeira sobre José Jacinto Xavier da Silveira, Sargento-mor, Gabriela Silva sobre a ilha, Vasco Rosa fala de Ensaios literários de Pedro da Silveira e debaterá "A correspondência Pedro da Silveira - João Afonso", Anabela Freitas fala da "Descoberta e povoamento das Flores – segundo a avó de Frei Diogo das Chagas", Urbano Bettencourt sobre "Alfred Lewis, modo(s) de regressar", Onésimo T Almeida sobre "Thomas L. De Freitas - um escritor florentino em terras de Idaho."

Cito Jack Kérouac: "Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que não se adaptam às regras, Podemos citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não podemos fazer é ignorá-los porque mudam as coisas e empurram a raça humana para a frente. Enquanto alguns os veem como loucos, nós vemo-los como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam. É assim que eu gostava de ser recordado!

Apresentou 3 sessões de poesia sua, uma dedicada ao 25 de abril, outra geral e uma dedicada à Helena Chrystello

641. AOS AÇORES 2013 ALEXANDRE

aos açores só se chega uma vez
depois são saídas e regressos
transumâncias
trânsitos e errâncias

dos açores não se parte nunca
levamo-los na bagagem
sem os declarar na aduana
acessório de viagem
como camisa que nunca se despe

nos açores nunca se está
a alma permanece
o corpo divaga
só a escrita perdurará.

521. PITT MEADOWS-KWANZA-AÇORES, AO EDUARDO BETTENCOURT PINTO 2011, HELENA BARROS

nasceste na savana com pés de basalto e lava
viveste nos grandes desertos da África meridional

mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de luanda
terra de surf na bela baía
teu nome é de magma ancestral
nasceste do fogo e da água
com raízes na ilha-mãe que buscas entender
teu nome não é pradaria em pitt meadows
mas belos trigais na british columbia
zona alagadiça de deltas e lagos
maple ridge e o rio pitt são teus parceiros
mas não esqueces o calor de África
nem a humidade arquipelágica
divides a vida entre amores e pátrias distantes
fazes da escrita uma fotografia
já que não retratas a poesia
mas algo nos une que não as palavras
o mar imenso que nos separa.

520.2 B. DO OUTRO LADO SÓ HÁ MAR (2011) ANÍBAL

Ouço as ondas
aqui onde o mar é rei
e senhor de todas as horas.

fui ao lado outro da ilha
lá onde nunca ninguém vai
e vi que era verdade
só há mar, nada mais
por todos os lados menos por um

Esta ilha é linda,
mas digo-vos do outro lado dela só há mar….

544. AO EDUÍNO DE JESUS 2012,

as tuas palavras esguias
insinuam-se enleantes
preenchem os nichos do silêncio
em silos de poesia
burilada em filigrana

sentes a ilha e a língua
nelas aprendi a geografia
e o amor inconquistado

sem silêncio nem silos

524. REINVENÇÃO DO AMOR, A DANIEL FILIPE, 2011 DIANA ZIMBRON

o pássaro descreve o seu voo
na sinusoide deste tempo
a voz e a palavra são campos floridos
evocam verdes infâncias

é preciso inventar o amor
com caráter de urgência
dizia Daniel Felipe
mas são precisos homens e mulheres
dispostos a amar
capazes de ouvir e perdoar

os sentimentos não são fraldas descartáveis
podem esfriar mas não se gastam
nem devem ser mudados
com a frequência das camisas

precisam de ser regados
com a humidade das neblinas
e o orvalho das lágrimas

neste deserto com vozes
a felicidade é um mito
o mundo é um inferno
a paixão uma utopia
e tu acreditas, meu amor?

andam
- de novo -
pássaros à solta nos jardins de Eros.

532. GENEVIEVE, 2011 ALEXANDRE BORGES

genevieve era nome de mulher
em restaurante japonês
no meio de chinatown

sorrisos largos e astutos
mansos como o rio minho

olhos profundos amendoados
como o canon do sil
prometias ribeiras sacras
seios amplos acolhedores
como as rias baixas

genoveva da galiza
amazona em sidney
um pai na argentina
uma mãe em paris
com saudades de arousa
servia sushi com saké
…
minhas loucas bebedeiras em galego.

543. AO URBANO BETTENCOURT 2012 HELENA BARROS

urbanamente vives
longe do teu pico natal
teus livros impantes
nas palavras pinceladas
a tua paleta pinta poesia
ilhas, amores e desamores
em fontes de verso e prosa
na costa de santo amaro
parida em vinhedos
sentida em mil dores
sem sombras nem véus
memórias de áfrica
que nenhuma luz apagará!

646. ENQUANTO DORMIAS A NOVA ESCRAVATURA CHEGOU 2013 CLÁUDIA LOPES

nenhum de nós é livre
enquanto ao teu lado
houver fome
miséria
desemprego
hoje são os outros
amanhã serás tu
passaram 40 anos

nenhum de nós é livre

enquanto abril não se cumprir

615. BRUMAS 2013, *ANÍBAL*

eram de espuma
as palavras
eram de sal
as ondas
eram de gaze
as nuvens
eram de orvalho
as lágrimas
eram de névoa
os montes
o verde surreal
as lagoas
eram de medos
os vulcões
e procissões
eram de espuma
as ilhas dos açores

660. DEMO-CRACIA 2014 CLÁUDIA LOPES

tanto mar, tanto sal
tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império
depois finou-se a ditadura
hoje agoniza a democracia
sujeita à banca e à usura

neste recanto da ilha do arcanjo
sonha-se alguma poesia e utopia
como se ainda houvesse esperança
ou o político se vestisse de anjo
por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal
tanta dor em Portugal

683. GEOMETRIAS II, 2016 DIANA ZIMBRON

saí para a rua
tive um acidente
a vida é uma geometria
primeiro entrei num círculo vicioso
lembrei-me do triângulo amoroso
mas só encontrei bestas-quadradas

686 SAUDADE DO QUE NUNCA FOI [1]2016

tenho tanta saudade
do que nunca aconteceu
só o poeta pode fazer acontecer
aquilo de que temos saudade
por nunca ter acontecido

647.2. ASSIM FALOU O POETA 2014 CHRYS C

Um beijo não basta -
Eu quero-te por inteiro:
Corpo e alma e tudo!
assim falou o poeta

0

442. PRAZERES SEM ORGASMO, ABR 25, 1974 ALEXANDRE BORGES + PEDRO PAULO

ALEXANDRE BORGES

pragmática palavra
hierático sorriso
das crianças suburbanas
nas ruínas de lata
obscura idade do gesto
ódios ignotos
ilhas à deriva

HELENA BARROS

o som primeiro
impresso
subalterna vida
o bairro
habitante incómodo
do ócio
plasmando a cidade

1 *«ah, não há saudades mais dolorosas*
do que as das coisas que nunca foram!»
bernardo soares, (in livro do desassossego (fragmento 92)

cerca da fome
dos olhos
- este o uterino vértice -
heréticas noites de silêncio
ignaras letras excitadas
tamanho normal de povo

a fadiga desnuda
a sombra
ex/ato
ex/voto
o in-fólio
no estertor

- É URGENTE REINVENTAR A CURVATURA OBSCENA DA GRAVIDEZ
PREENCHER DE FORMAS O VAZIO CORPO (DES)ESPERADO – (ALEXANDRE)

a mulher
a televisiva fonia
amorfa consciência
cercearam
o plano antigo inclinado
$h^2 = a^2+b^2$
do quadrado da hipotenusa
relógio imperfeito
ao limiar do ser
cerco do universal enfado
- tranquidolente marasmo
na nudez proverbial
construtor
de prazeres sem orgasmo

vulgar objeto
de anestesiar
o pesadelo
irredutível ascensão
em queda abrupta
a razão inversa
a concêntrica marcha
da geração perdida
o haver
indizíveis cansaços
mais um dia
deste povo
ingénuo
ou de orgasmo sem prazer? –

573. fados e sambas 2013 ---- ANÍBAL PIRES

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
cantigas ao desafio
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras
pintam realidades inesperadas
todos ficam todos partem
em dia de são vapor

tão longe sempre perto
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
manta remendada de nove cores

tapete voador da saudade
sementes da memória
nas paredes do tempo
rasgando o silêncio
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril
filho de muitas ilhas
choro este fado

574. SOLETRAS AUTONOMIA 2013 ANABELA FREITAS

ilhas de névoas e gaze
de novelões e conteiras
do verde e do azul
ó gente de negro basalto
quem canta a tua gesta?

terra de maroiços
cais de rola-pipas
mar imenso abraseado
lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos
republicanos presidentes
poetas, pintores e artistas
antero, nemésio e natália

quem te liberta das grilhetas
do passado feudal
da escravatura da fé
do atavismo ancestral?

soletras autonomia
gaguejas liberdade
titubeias emancipação
com laivos de insubmissão

como a irmã galiza
cicias um 25 de abril
que tarda em chegar

584. AUTONOMIAS 2013 HELENA

arquipelágica
nasceste para as palavras
sísmica
nasceste para a fé
vulcânica
nasceste para as lendas
autónoma
nasceste para a liberdade
que um dia terás

577. AVISO À NAVEGAÇÃO 2013 DIANA ZIMBRON

aos saudosistas, salazarentos e outros democratas
de geração instantânea
nascidos após o 25/4/74

25 de abril é uma data que respeito,
devolveu-me a liberdade de expressão
que não tinha ao nascer
nem no primeiro quartel de vida.

sou sonhador, poeta e utópico...
e só porque homens e mulheres
traíram e abusaram esse ideal
não vou deixar de acreditar nele...

na minha mente e nos meus atos
será abril sempre

747. ABRIL 4EVER, 2024

houve quem sonhasse com o 25 abril
houve quem vivesse o 25 abril
houve quem ainda esperasse por abril
houve quem se esquecesse de abril

mas já não haverá quem faça abril

696. LIBERDADE JÁ, 2017 ALEXANDRE BORGES

O que queremos?

Liberdade já!
Por que queremos?
Só um povo emancipado pode ser livre!
Quando queremos?
Já!
Quem somos?
Um povo, uma alma, uma cultura

Queremos liberdade já
Das grilhetas coloniais
Das falsas autonomias
Do centralismo anquilosante
Das esmolas dependentes
Dos subsídios

Mais vale a miséria em liberdade
Do que a pobreza envergonhada

Mais vale errar livres
Do que sermos obedientes súbditos
Mais vale morrer livres
Do que em paz sujeitos

661 VALORES DA COREIA DO NORTE, 2014 DIANA ZIMBRON

há quem nasça e viva
sem jamais saborear a liberdade

outros vivem sem a apreciar

mas só quem viveu a ditadura
sabe o valor da expressão livre

727 NÃO HÁ ILHAS, AO PEDRO PAULO CÂMARA 2021 HELENA

diz o p. p. câmara que não há ilhas
nem há barcos nem aviões
nem jangadas ou submarino
capazes de nos transportar
nas asas deste povo amordaçado
colónia dum povo ultramarino

nove ilhas pequenas de raças anãs

vogando ao sabor de terramotos e vulcões
sem leme nem destino
a reboque dumas fajãs

dentre a bruma se erguem
poemas e prosa
épicas gestas
de gente religiosa

diz o p. p. câmara que não há ilhas
e eu piamente acredito
vivemos um sonho à deriva no mar
demasiados egos para timoneiros
tantos VIP que nem acredito
com cursos de taberneiros
discursando e uivando ao luar

não há ilhas no arquipélago
nem cultura nem história
das gestas idas nem memória
nem de brianda virago

e ninguém sabe que Cipião
disse antes morrer livres
que em paz sujeitos
pode ser que venha um vulcão
e nos leve entre preitos

627. À GALIZA 2013 ANABELA

imagino a galiza
de cravo e bandeira na mão
gritando a plenos pulmões
que a liberdade é merecida
que a rua é dos poetas
que o 25 de abril não é de todos
mas será sempre para todos
mesmo para aqueles que o negam

imagino a galiza
de manifesto e megafone na mão
declamando a poesia da alforria
das conquistas irreversíveis
quando os esbirros vierem

feitos controladores do pensar
sei que ela estará lá
e abrirá o peito às balas

e o sangue que jorrar
será poema e arma
e o corpo desvanecido
será escudo e estandarte
para que a liberdade não morra
nem haja estertor do povo
com ela será 25 de abril sempre

que ninguém nos cala
e a voz dos poetas
troa mais que a da bala

704. 25 ABRIL SEMPRE, ATÉ QUANDO, 2018 ANÍBAL

a mulher doente hoje
não cumprirei a tradição
nos moinhos de porto formoso
não erguerei o meu cravo vermelho
pelo abril que imaginei
a saúde de ambos necessita terapia

não há medicina para estas maleitas

há 44 anos que acredito
sem arrependimentos
hoje incréu interrogo
quem matou os sonhos antigos

para mim será abril sempre
na mente e nos desejos
da liberdade, igualdade, fraternidade

falta nascer o homem novo
a sociedade nova
o mundo remoçado
que dê vida a este desiderato

espero o renascer das utopias
neste outono de vida

um 25 de abril sempre
mas com poesia

651. MUDARAM AS MOSCAS, 2014 CHRYS

quando saí em 1973
havia uma ditadura
e a primavera estiolava

...

ao acordar em 2025
havia uma democracia
mas a esperança
já não habitava lá

---

502 AÇORES 2011 HELENA BARROS

no início era o fogo
e se fez verbo
vieram os abalos
e se edificaram ilhas
surgiram as naus
brotaram pássaros e árvores
sob o olhar atento dos milhafres
a que chamaram açores
arribaram carneiros e cabras,
porcos e galinhas
gentes e corsários
a terra insolente
insilenciada
vómito de magma
apouca vilas e aldeias
a que chamam freguesias
depois do fogo e sismos,
veio a fé
templos, romarias,
procissões e devoções
tementes a deus
não calavam a lava que chovia
nem os chãos que tremiam
vinham tufões e inundações
crescia a fome humilhante

comiam socas, raízes, pão de jarro

fiéis, famintos e temerosos
alvoravam em debandada
acartando nacos de terra no bornal
colonizando havais, américas e brasis
criando nações miscigenando povos

sempre crentes
leais
fiéis
saudosos do verde
das vacas
dos picos

ora libertos de feudais grilhetas
perpetuam mitos
impérvios ao progresso.

504. VOLITANDO, 2011) SOLANGE

vieram os deuses
plantaram insulas
uma ilha-mãe,
outra marilha,
a ilha menina
a ilha-filha
a ilha branca, a azul
a verde, a lilás,
castanha e cinzenta
amarela, rosa e preta

nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar
onde dantes havia água
nos montes verdes
cuspiam fogo rugiam dragões
tremiam os chãos secavam ribeiras
vomitavam magma choviam trovões
de thor filho de odin
olvidado das gentes e animais

pobres escravos e colonos

amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de mínguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares
criam no destino mas sabiam-se culpados

ainda hoje penam
com liberdades que não pagam dízimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas

mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem.

500. ILHARIAS (AO VASCO PEREIRA DA COSTA, 2010 Mª JOSÉ SOUSA

a ilha
quilha
que ilha?
a ilha

parto num parto precoce
náufrago em terra
açores à vista

as lhas
– que ilhas?

nascidas do fogo
enterradas por vulcões
tremidos
tremuras
ternuras atlânticas
atlântidas
ilhas cativas
no tempo e no espaço
perdidas nas brumas
no basalto e na lava
piratas
corsários

aprisionam poetas
geram autores
concebem amores

ritos e crenças
benzeduras
contra doenças e maleitas
há momentos como este
que deviam ficar eternos
parados no tempo

tudo pela ilha
tudo pelas ilhas
obrigado Vasco
por desvendares estes nossos mares

671 EU FUI (2015) ALEXANDRE BORGES

eu fui a seia e ceei
eu fui ao fundão e afundei-me
eu fui à guarda e guardei-me
eu fui ao douro e dourei-me
eu fui a olhão e olhei-me
eu fui ao coa e coei-me
eu fui às flores e flori-me
eu fui à praia e espraiei-me
então o urbano b disse-me
eu fui ao pico e piquei-me

596. DA MINHA JANELA O MAR É DEUS 2013

o mar é deus,
as ondas a sua palavra,
os romeiros alimentam-se dela
(poema tuaregue adaptado aos açores)
disse o poeta a seu tempo
da minha janela vejo o mar
o meu quintal é enorme
abarca a linha do horizonte
a minha janela é enorme
abre-se ao círculo dos céus
o meu oceano é enorme
chega às ruínas dos atlantes
só a minha escrita é pequena
nas grades desta prisão

503 ODE AO IPM: A CHINA E A LUSOFONIA 2011 SOLANGE GOMES

a cabeça de jade do dragão
volitava promessas
nós dançando em volta e cantando
eram portuguesas as palavras
chinesas as faces
íamos falar de lusofonias
aprendemos harmonias
hospitaleiras gentes
fazendo nossa a casa delas
trataram-nos com honrarias
lusófonos dignitários qing
deram lições de progresso
aprendemos seculares tradições
partilhamos verbos e nomes
comidas e sabores
humildes aprendizes de feiticeiros
pasmados
deslumbrados
fizemos vénias e sorrimos
cativados
fascinados.
prometemos voltar.

501.2. PARTIR (À CONCHA E A UMA GALIZA LUSÓFONA), 2011 MARIA JOSÉ SOUSA

partir!
cortar amarras
como se ficar fosse já um naufrágio
ficar
como quem parte nunca
partir
como quem fica nas asas do tempo
ficar
como se viver fosse uma morte adiada
partir!
cortar amarras
cortar grilhetas
vencer ameias
velas ao vento
olhar o mundo
descobrir liberdades
esta a mensagem

levar o desespero ao limiar
até erguer a voz
sem medos
até rasgar as pedras
e o ventre úbere
semear desencanto
sorrir à grande utopia
nascer
- de novo -
dar o salto
transpor a fronteira
entre o ter e o ser
imaginar
como só os loucos sabem

e então chegaste
com primaveras nos dedos
e liberdade por nome
loucas promessas insinuavas
despontaste
como quem acorda horizontes perdidos
demos as mãos
sabor de início do mundo
pendão das palavras por dizer
esta a revolução
minha bandeira por desfraldar.

617. GEOMETRIAS, MOINHOS 2013, ANÍBAL

a vida é só geometria
saí para a rua
tive um acidente
entrei num círculo vicioso
lembrei-me do triângulo amoroso
mas só encontrei bestas-quadradas

523. A PAZ ZEN DO EDUARDO BETTENCOURT PINTO, 2011 HELENA BARROS

não esqueço as tuas palavras
o tom suave da tua fala
lavrador de verbos
com medo de ferir as terras
arando sentenças
como se fossem seres vivos

de bem contigo e com o mundo
pacifista de vocábulo fácil
nem na imagética és agressivo
entras a medo
como quem pede desculpa
e sais fotografando
sorrateiro para não incomodar o ar
que respiras sem sofreguidão

tens o sofrimento e a dor
na alma em sulcos profundos
reclusos da poesia
que ainda não escreveste
prisioneiros invisíveis
carregas a dor de muitos mundos
oculta em véus diáfanos
falas mansamente para não ofender
lentas palavras na construção do mundo
não acalentas raivas ocultas
dialogas com as tuas fotos
condescendes com os humanos
partilhas a felicidade de estar e de ser
únicas certezas que transportas
mas também sorris
como a criança que não foste
como o adolescente que não pudeste ser
como o jovem adulto que te obrigaram a viver
convertes mágoas em alegrias
partos difíceis e resignados
alquimias de amarguras
das aves sabes o voo tangencial
das plantas o ciclo vital
das ondas que são o teu leito
avistas as estrelas que te alimentam

a poesia é questão de minorias
só os privilegiados leem
menos ainda a entendem
dizem que escrevê-la é fácil
mas difícil é o que fazes
vives a poesia no teu dia-a-dia
a ti, irmão da palavra
obrigado por acreditares
em ti, como em Gedeão
o sonho comanda a vida

já o disse antes
e repito aqui
para que o saibas

(ah! como eu gostava
de ser poeta
como tu
viver outras vidas
utopias).

632. SER AÇORIANO 2013, CHRYS CHRYSTELLO

não se é ilhéu por nascer numa ilha
é preciso sentir-lhe a alma
partilhar raízes e dores
acartá-la nos partos difíceis
tratá-la nas enfermidades
acariciá-la nas alegrias
plantar, semear e colher seus frutos
alimentar as suas tradições
preservar a sua identidade
não se é açoriano sem amar as ilhas
levá-las ao fim do mundo
morrer por elas, com elas, para elas

SÓCIO FUNDADOR,
MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO,
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DOS COLÓQUIO,
PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA.
PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS

8. CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA, PROFESSORA REFORMADA, P. DELGADA, PRESENCIAL

38º Ribeira Grande 2023

LAGOA 2012 FUNDÃO 2015 BELMONTE 2017 BELMONTE 2019 FLORES 2025

PRESENCIAL NO 17º LAGOA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 23º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 31º BELMONTE 2019, 36º PONTA DELGADA 2022, ORADORA NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, PRESENCIAL 39º SANTA MARIA 2024, E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

9. DIANA ZIMBRON – ESC. SEC. MADALENA DO PICO. AICL

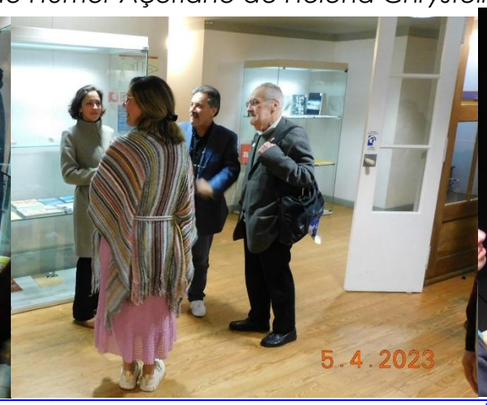
38º Ribeira Grande 2023

APRESENTAÇÃO 50 anos de vida literária do CHRYS pico, lajes 5 abr 2023

Diana Zimbron nasceu em 1984, na ilha Terceira.

nasceu em 1984, na ilha Terceira.
Licenciou-se em Educação de Infância, pela Universidade dos Açores (2006), tendo exercido funções em escolas públicas de várias ilhas.
Completou a pós-graduação em Educação Especial no domínio da Intervenção Precoce em 2013, pela Universidade Fernando Pessoa.
Foi Diretora Técnica do Centro de Apoio à Criança da Santa Casa da Madalena do Pico.
Publicou "Temporário, Permanente" (2014, romance) e "A menina que se picou num cato" (2019, conto infantil).
Ganhou o prémio de escrita MiratecArts de 2020, com um conto de sensibilização ambiental, baseado na temática da Montanha, intitulado "Ser da Montanha".
Iniciou, em agosto de 2019, a sua colaboração com um jornal local, o Ilha Maior, escrevendo uma crónica quinzenal, até janeiro de 2022.
Também colaborou, de janeiro de 2020 a junho de 2021, com rádios do Faial, Pico, São Jorge e Terceira, produzindo e apresentando um programa semanal de divulgação literária com enfoque nos Açores.

Publica esporadicamente poemas na folha Maré de Poesia do Jornal da Praia.
Tem feito traduções para artistas de língua estrangeira, nomeadamente na área do teatro e da música.
Em 2021, participou na Antologia "Sorrisos de Pedra, 31 variações sobre desenhos de Judy Rodrigues".
Num interregno da sua vida profissional, na área da educação, assistiu nos trabalhos de campo de uma investigação em Biologia, em 2016, 2017 e 2017.
Desta colaboração, resultou a publicação científica, da qual é coautora (Fontaine et al., 2021).
Participou na Antologia do Humor Açoriano de Helena Chrystello.



APRESENTAÇÃO 50 anos de vida literária do CHRYS pico, lajes 5 abr 2023 APRESENTAÇÃO 50 anos de vida literária do CHRYS pico, lajes 5 abr 2023

39º Santa Maria 2024 40º 025 LAJES FLORES

APRESENTA **A poção da felicidade" livro infantil**

a poção da felicidade DZ.pptx a poção da felicidade DZ.pdf

APRESENTA ChrónicAçores uma circum-navegação vol. 8, 2023-2024 Diário de um Homem só, *UMA VIAGEM INTERIOR (vol. 8 – 2023-24)* Homenagem a Helena Chrystello

Quando apresentei, pela primeira vez, um livro de Chrys, o volume VI da série ChrónicAçores, fiz questão de frisar que esse não era o último, apenas, na altura o mais recente, e que o autor já teria mais 200 crónicas na gaveta para uma próxima publicação. Fizeram-se caros, ele e a Helena, riram como se não achassem provável. Pois bem, entretanto, o sétimo já anda aí e cá está o *ChrónicAçores volume 8: Diário de um Homem Só,* uma viagem interior.

E este livro, como o título indica, em formato de diário, não vive de crónicas da gaveta, embora inclua algumas, já publicadas em outros volumes e outros contextos, a propósito de temas que vão ocupando a mente do autor. Pelo contrário, acompanha o dia-a-dia de um homem na sua recente e triste condição de viúvo, durante aproximadamente um ano. Inicia-se num período de grande tensão emocional, com o agravamento do estado de saúde da sua esposa, em dezembro de 2023 e relata-nos episódios reais, dá voz a um drama que preferíamos que fosse ficção. Que nos é próximo demais. Que mal podemos e não queremos imaginar.

O desespero da luta contra o tempo. Os constrangimentos e dificuldades de lidar com a logística e com as necessidades mais básicas a satisfazer. O esvair da imagem que se tem de um ente querido. De um ente muito querido. O mais querido de todos. A companheira de uma ou várias vidas.

Como ela quase deixou de comunicar, como deixou de ter energia, deixou de se interessar por pequenas coisas e abandonou os seus hábitos, num esforço insuportável para o mais simples e nada devia ser mais simples do que respirar.

Também vivemos, através das palavras do autor, os altos e baixos. As pequenas esperanças de recuperar alguma mobilidade. E, depois, a aceitação. A espera.

O simbolismo e significado de um chocolate por comer.

O sentimento de estar à mercê de algo muito mais forte, imprevisível e, esta palavra surge amiúde, ao longo do livro: inelutável.

Uma vivência demasiado real, demasiado íntima, demasiado dolorosa. A Visita da Saúde, mais um alto. Depois o derradeiro baixo.

Como custa morrer. Como custa viver.

O autor leva-nos pela mão, — já anteriormente o fez, por paragens mais longínquas, mais agradáveis ou, pelo menos, mais ligeiras — desta feita, através de um processo complexo de luto. Mostra o feio e o horrendo. Para que saia fortificado, tal como nos explica, e cito:

"a única forma de ser invulnerável é ser quase totalmente vulnerável, mas quanto mais vulnerável se é, mais capaz se é de sofrer as dores, humilhações e desaires, e assim serás capaz de enfrentar qualquer audiência. As pessoas devem comprometer-se a contar a sua história sem cuidarem do número de pessoas que a vão ler ou ouvir." (Fim de citação)

A relatividade do tempo tem o condão de infligir chagas físicas. Enquanto 29 anos, vividos em comunhão com a sua esposa, pareceram passar num ápice, agora, cada hora como que dura 29 longos anos.

Na sua dor, desvia momentaneamente o foco para a busca do conhecimento, a racionalização, procurando organizar os seus sentimentos, de modo a conseguir continuar a funcionar.

Logo nos apresenta ao conceito de "individualidade dolorosa", desenvolvido por *Susan Sontag*, em que a solidão introspetiva teria efeitos construtivos na eloquência. Não que Chrys tivesse falta dela. Mas entenda-se esta reflexão como manifestação da esperança de que, de algo tão mau, pudesse vir algo minimamente positivo.

É preciso aprender a viver na nova realidade. O contraste é muito bem descrito no excerto que se segue:

"com a Nini encontrei a minha razão de estar no mundo, era o meu mundo, o dela, o nosso, e era um mundo lindo, nadávamos nos dias, contra marés e tsunamis, bebíamos o chá doce de todos os anos juntos a que ela acrescentava sempre dois pacotes de açúcar pois nunca era suficientemente doce. Acordávamos com o chilrear dos pássaros, por entre ventos e tempestades, chuvas e derrocadas, marés gigantes e nevoeiros cerrados, nesta bruma húmida que caía pelas paredes da casa. Viajámos pelo mundo, dele fizemos o nosso lar, sem fronteiras nem passaportes, voando nas asas da utopia, criámos encontros, publicámos livros, unimos pontes e continentes, e quando estávamos a chegar ao cume dos nossos sonhos, abriu-se o alçapão da vida e sem apelo nem agravo, sem pedir licença, sem dó nem piedade sugou-te e deixou-me suspenso neste abismo que hoje são os meus dias, iguais e vazios." (Fim de citação)

Tal como os seus dias, as páginas deste diário enchem-se das "minudências de dias vazios". Os formulários, os pedidos, os certificados, as voltinhas, os dísticos, as contas, os impostos, as despesas. Burocracias ridículas, igualmente inelutáveis. Sobrevivência autómata, ultrapassando obstáculos a curto prazo.

"*A vida é uma greve de serviços mínimos*," diz o autor.

E apercebendo-se do pouco que isso é, para Chrys, torna-se essencial o lançamento de metas, como quem projeta um gancho, na ponta de uma corda, para dela se puxar, para se fazer avançar, ou apenas para se manter de pé. "*Dar ao mundo as tuas obras, Nini. Realizar o colóquio em Santa Maria, como planeámos juntos*". Aqui, uma sobrevivência motivada por objetivos a médio prazo.

Ao mesmo tempo, a sobrevivência à base de memórias adubada pela fertilidade de outrora. Os acasos que lhes guiaram os passos, as peripécias, as pequenas implicâncias, quem as não tem.

Felizmente as suas fortes convicções ajudam a manter vertical a orientação corporal, como relembra o próprio, nas seguintes declarações:
"*Rezam as crónicas que sou moderadamente otimista há décadas, baseado no princípio de que as coisas podem sempre ser piores, mas também podem melhorar"; e "Uma das coisas que me mantém vivo é a idealidade, além de económica tem funções terapêuticas importantes." (fim de citação)*
Cá e lá, no seu estilo bem conhecido, laivos de humor também sobreviveram e despontaram, nas suas memórias, nos comentários e escolha de partilhas. Uma dessas, cito:
"Estava em Lisboa numa das minhas incursões a Portugal, e um primo direito recém-casado com uma menina muito bem da Linha de Cascais, queria impressionar-me com a casa, a riqueza, a mulher cor-de-rosa e tudo o mais para australiano ver. Ao jantar iluminado por música clássica e ao som da romântica luz de velas, em castiçais de prata maciça, colocam-me (já servido) um prato de comida. Iria ficar a deliciar-me durante longos minutos. Passeava o garfo em círculos concêntricos ou em espiral, movimentos entrecortados com o saltitar da faca, esboçando novos bailados ou desenhos no molho viscoso e escuro. Imagens que a luz das velas não deixava penetrar...O cheiro intenso e a consistência eram óbvias, maldito polvo. Lá se fora a cerimónia, antigamente denominada "das nove horas". A jovem esposa foi, de emergência, meter no micro-ondas um bife a descongelar. Seria este o primeiro e único jantar em casa do primo, quer nesse casamento quer no seguinte. Ainda hoje me interrogo por que nunca mais fui convidado." (fim de citação)

Sempre provocatório, porém com empatia singela pela morte de uma paroquiana da sua freguesia, em plena missa, diz" *Como ateu, diria que deus estava impaciente, mas poderia ter esperado um pouco, pelo fim da missa para a chamar ao seu encontro." (fim de citação)*
Pouco a pouco, no contratempo de tomar um copo de terapia para aguentar, no intervalo de mudar os passepartout de sítio e arquivar bibelôs, com esperança que a mulher lhe venha ralhar, Chrys mostra-nos a sua natureza e aquilo que o move. Pois como ele bem descreve:
"*Todos conhecemos o perigo dos vulcões endormidos. Não podem ser perturbados, tal como os ursos hibernados não podem ser molestados no seu descanso. Nunca se sabe o que podem fazer quando enraivecidos, perseguindo os humanos como se fossem presas fáceis, enquanto os vulcões derramam a lava sob a forma escrita, expelindo raivas ancestrais incontidas, sofrimentos amarfanhados, dores insofridas, paixões por materializar e tudo o mais que temporariamente calaram à espera do dia do juízo final, em que pudessem falar como se não houvesse amanhã, como se tudo tivesse de ser dito já hoje e agora, aqui, sob pena de se perder o momento, essa janela do tempo que nos permite, por meros instantes, ser quem realmente somos, sem qualquer máscara ou peia social." (fim de citação)*
Neste livro, julgo que mais do que nos anteriores, raivas ancestrais são expelidas em chibatadas breves e assertivas. O autor chama falsos aos falsos, parolos aos parolos, escroques e vígaros a quem de direito, falhado a uma figura pública. Revela quem lhe estende a mão e quem lhe volta as costas.
Já dizia o ditado que mais vale um bom vizinho ao perto do que um mau parente ao longe.
Nesta narrativa de perda, o autor assume que Helena lhe faz falta de muitas formas. O yin perdeu o yang ou vice-versa. E a função moderadora, agregadora e revisora da esposa revela realmente a sua ausência. Imagina-se que parte destas traulitadas não teriam passado no seu filtro. Possivelmente, no que toca à parte feia e suja das relações familiares.
Outras, mais inócuas não deixam de ser engraçadas. Por exemplo:
"Esqueci-me de noticiar que o Telmo há dias postou a imagem duma mota para combater a meia-idade, tinha idade para ter juízo, devia ter feito isso há 20 anos e não agora…"
Cumprindo com a sua função jornalística, o autor noticia assim, num diálogo com a esposa, como se esta o fosse ler, na secretária ao seu lado, no escritório da falsa. Aliás, dirige-se a ela ao longo da obra, mantendo-a, deste modo, perto de si e perto de nós, para que não caia no esquecimento. Mas, mais do que isso, num processo que apenas atribuímos aos filmes, pressente a mulher ao seu lado, sentindo a sua permanência, nos hábitos de 29 anos. Como se ouvisse, ainda, as suas recomendações, à saída para ir à farmácia. E parecendo dizer:
"*Nem crer, nem deixar de crer. Pelo sim, pelo não, não me demoro.*"
No seu percurso, Chrys pratica a escrita como principal forma de autocuidado.
A certa altura, sente-se na coragem de visitar a sua terra, lá em "Portugal" (palavras dele) — numa "Uma escapadela a Portugal" — e vai lá à Freguesia da Eucísia, que insiste ser tão pouco pomposa como a Aldeia da Lomba da Maia.
Vá-se lá perceber porquê, gosta de chamar umas coisas pelos seus nomes e outras não. Ou talvez se perceba, conhecendo o seu hobby provocatório. De terras portuguesas, partilha a seguinte análise acutilante:
"*Aqui a saúde não tem grandes centros nem urgências, desertificada como as terras e terriolas, sem serviços nem gente. Ter um AVC aqui é meio caminho andado para o cemitério, mas vamos com boas vistas. (...)*
Há estradas, vias rápidas, as velhas N-215 e a N-315, foram asfaltadas, mas não há gente e o movimento é tão diminuto como há 60 anos. (...)
Agora que há meios, não há gente para usufruir deles que tanta falta faziam quando estas férteis terras produziam tanta agricultura (e a Europa suspendeu). Custa ver estas encostas pejadas de oliveiras, inúmeras árvores de frutos, sem vivalma para as apanhar. Tanto que isto podia ser celeiro da nação, nem gente há para tratar delas. Dizem-me que a amêndoa de há 2 anos ficou armazenada sem se vender a preços irrisórios que nem cobriam as despesas da apanha.
Dos emigrantes que nas últimas décadas usaram para as colheitas, dizem-me que os ucranianos são os mais voluntariosos, já se foram os romenos de triste memória e vieram os búlgaros, igualmente uma desgraça. Portugueses nem vê-los." (fim de citação)
Posteriormente, uma reflexão que passo a ler:

"E já passou uma semana sobre o meu regresso da aldeia, revigorante, mas simultaneamente trouxe matéria para cogitação. Hoje os jovens (os meus filhos são disso exemplo) não conhecem a família nem têm memórias de infância a perpetuar e marcantes como as nossas. De que se vão lembrar quando tiverem a minha idade? Dum jogo de GameBoy? dum jogo de internet, dum torneio PlayNesti que venceram? Sem recordações de família alargada de Festas de Páscoa ou Natal em famílias com primos e tios só lhes restam os jogos." (fim de citação)
Para além das reflexões a que nos obriga, de índole económica, pessoal e social, Chrys demonstra como os fenómenos naturais têm o poder de alterar o curso da história. Enriquecendo este difícil ano de vida, para seu e nosso benefício, com relatos da Subversão de Vila Franca do Campo, incluindo palavras de Gaspar Frutuoso.
Recupera e recicla material anteriormente utilizado, conforme vão surgindo temas dignos de nota. Alterando ligeiramente o discurso, apurando um ou outro recurso linguístico, como se dissesse: "*a ver se consigo contar isto de uma maneira diferente. Vá, agora já passou a mensagem?*"
Ao mesmo tempo, vai-nos dando conta do seu espírito e da sua sujeição a ações externas, a saber o estado do tempo ou contactos e convites que lhe estendam.
Como bom jornalista que é, faz apontamentos de sismos e intempéries na ilha. Entre as idas à farmácia — onde, pelo sim, pelo não, não se demora — e as irritações com os bolardos no parque de estacionamento do Hospital, dá conta, de recordes de temperatura que se sucedem. Numa narrativa bem documentada, que lhe é característica.
Se tivermos a pretensão de que, no futuro, alguém dê importância a seja o que for, a obra de Chrys será um tesouro para os historiadores dos próximos séculos.
Como o sino da igreja, do seu posto de observação, o autor pauta casamentos e funerais da sua Aldeia.
Sempre com um olho, crítico e analítico, no mundo, reporta acontecimentos desportivos, acidentes de aviação, guerras, fogos e assuntos mais ou menos sérios e preocupantes. Das suas observações, passo a citar algumas:
"*Um Estado que deixa tribunais, conservatórias, e demais serviços públicos em Ponta Delgada (e em todas as ilhas) ao abandono, ao ponto de chover lá dentro, caírem tetos, estarem salas fechadas e os processos à espera de navegarem se chover muito, esse Estado não merece os impostos que arrecada.*
As escolas, mesmo as mais novas, parecem precárias, dada a falta de manutenção, a deficiente construção, infiltrações, falhas estruturais e falta de verba para funcionarem em condições mínimas. No ensino falta tudo, dantes faltavam os bons resultados agora faltam professores, faltam assistentes operacionais, e até faltam (cada vez mais) alunos.
Madeira ardida é papel barato, mesmo que seja à custa de uma centena de vidas.
A versão oficial: o fogo de Pedrógão Grande começou com um raio numa árvore em Escalos Fundeiros. Com um nome destes não havia de cair lá um raio!
Quando me levantei a 6 de novembro do ano da desgraça de 24 já a raposa estava no galinheiro e as ovelhas tinham votado no lobo."
Na sua narrativa, Chrys explica-nos que a história se repete e como ela se repete, por exemplo com uma comparação entre a ocupação da Ucrânia e os acontecimentos que levaram Olivença. Ademais, ao longo da sua obra, sobressai um sentimento de desilusão pela aplicação coxa da democracia. Foi para isto que lutámos, foi esta a nossa herança? Para isto **apregoámos** liberdade? E cito:
" Cheguei agora da praia (Moinhos), a favorita entre todas as parcas nesgas de areia da ilha (Pópulo e Milícias desgostam-me ambas pelos nomes pejados de democracia malcheirosa). Perdão, que alguém ao ler estas linhas (agora que o Governo guarda todas as nossas mensagens, nunca se sabe a que mãos isto irá parar) pode pensar que não perfilho dum amor doentio pela democracia. Mentiria se não o afirmasse aqui, só que esta democracia à portuguesa é tão triste e pequenina como o país. Sinto saudades de democracias grandes (como a australiana) e de países desse tamanho..." (fim de citação)
O autor enfatiza e demonstra como falta, ao país, tal como à região, visão a longo prazo em todos os **setores**~~sectores~~. Tapa-se o sol com a peneira. Compra-se uma pistola para dar silicone nos buraquinhos, mas que seja a pistola mais cara e portentosa. Linda, invejável. Recomendo a leitura da crónica "VARINHA MÁGICA PRECISA-SE", que muito bem exemplifica esta crítica. Chrys está convicto de que é possível fazer melhor, se houver humildade de tentar procurar os bons exemplos. Os bons exemplos, desta feita, que dos maus já nos fartámos.
Inspirada pelo autor que vim modestamente atentar — e tendo todo o cuidado, porque, cito: "*As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores*" —deixo uma notícia que sendo da minha área me interessa particularmente:
"O Governo regional aprovou, no passado dia 14, a aquisição de 700 painéis interativos e 4.500 computadores portáteis, visando a modernização das unidades orgânicas do sistema educativo regional", enquanto isso, não há solução à vista para a falta de pessoal auxiliar nas escolas. Ou talvez seja essa a solução! IA em grande plano no quadro interativo: "menino X, faça favor de limpar o ranho"; "sinta-se servido de mais macarrão"; "não morda a sua colega".
Deixo também duas recomendações: 1- preferencialmente, não enviuvar; e 2- não ler as crónicas "festivas" do Chrys, realismo exacerbado, chama-lhe.
Numa última nota, mais artística e colorida, volto a citar Chrys Chrystello:
"*deparei com uma camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo da semana para voltar a trabalhar. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria uma aventura "pedir emprestada" a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os locais, podendo deter-se para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos." (fim de delírio)*
O autor afirma: "Já vivi muito e intensamente as vidas todas que me foram proporcionadas" E eu acredito. Mas vamos nesse autocarro? Uma breve viagem.
Pelo sim, pelo não, não se demore.

TOMA PARTE NA MESA REDONDA COM ALEXANDRE BORGES E CHRYS CHRYSTELLO Razões para continuar vivo em 2025 , (em que acreditam hoje em dia? o que resta para acreditarem hoje?).Porquê continuar a viver? Crenças e convicções - Diana Zimbron (Tema de Mesa Redonda, com Alexandre Borges e Chrys Chrystello)

O tema remete para reflexões filosóficas, religiosas e políticas. Temas com os quais não costumo ocupar o meu tempo. As perguntas "porque é que estamos neste mundo?" e "qual o propósito da vida", talvez interessem mais ao Alexandre que é de filosofia. Já eu, sou muito prática e gosto de traçar caminhos diretos, quer seja figurativa ou literalmente.

De qualquer maneira, já Eclesiastes dizia:

"(...) tudo é vaidade! Que proveito tira o ser humano de todo o trabalho com o qual se afadiga debaixo do sol? Uma geração passa, outra vem, e a terra continua sempre a mesma."

Por mim, sabendo que nunca, durante a minha vida, terei respostas para elas, não me consumo com tais questões. E se vou ter alguma resposta, depois da morte, também não sei. Haverá consciência para além da morte? Até posso pensar que seria uma ideia bonita, ou não, mas não vou condicionar nenhuma das minhas ações com base nisso.

Nem a promessa de céu, nem a ameaça de inferno me farão portar melhor ou pior. Por outro lado, os conceitos de Bem e de Mal parecem necessitar de ser incutidos através das tradicionais narrativas: bíblias, fábulas, contos moralizantes. Também os uso, não as bíblias, mas as fábulas e os contos. Em especial os que façam pensar, estimular a empatia, a curiosidade, a criatividade, o pensamento crítico, a resolução de problemas.

Na prática, não sei se havia um plano, se há, não nos foi comunicado. E em quem disser o contrário eu não acredito. Não acredito em quem simplesmente "sabe"; em quem se porta bem com medo de ir para o inferno; no "é assim que se faz, porque sempre foi assim que se fez".

Na prática, o que eu vejo, à minha volta é igual a mim e, como tal, quer ser tratado como eu gosto de ser tratada: com respeito. Outros animais, mais ou menos pensantes, e natureza em geral. Esta é a base da minha convicção religiosa; religião entendida "elo" entre nós e qualquer outra coisa.

Quanto à minha missão, o meu empreendimento no mundo, é contribuir de alguma forma. E para o fazer, trabalho na base da educação humana, com crianças, ainda pouco corrompidas pelos exemplos ácidos dos mais velhos. Esforço-me para não os dar, também.

Aliás, o trabalho em educação de infância é refletir constantemente na minha postura, nas mensagens mais profundas transmitidas pelas minhas atitudes, pelos meus gestos, pelas minhas palavras. A isso se chama intencionalidade educativa. E, ainda que tenha afirmado que filosofia, religião e política não me ocupam muito tempo, as minhas convicções norteiam essa intencionalidade. Que valores pretendo transmitir? Que tipo de pessoas gostaria de ver à minha volta? Seres humanos empáticos, autónomos, com pensamento crítico, que saibam estar em harmonia com os e com o que os rodeia? Que sejam criativos, solícitos, empenhados? Que gostem de histórias e de livros? Que conheçam, desde cedo, alternativas ao autoritarismo? Talvez até, que saibam usar ferramentas democráticas para a resolução de um problema, ou para lançar um empreendimento. Que sejam capazes de trabalhar em equipa. Que saibam o valor dos outros. Que saibam lidar com as suas emoções. Que simplesmente saibam conversar. Que sejam capazes de ouvir.

Ora, pensar que as gerações pós-revolução andam aqui por ver andar os outros, que são privilegiadas, como se, de algum modo, ganhar a liberdade nos tivesse tirado alguma coisa — como a espinha dorsal, talvez — é limitado e, para aqueles que lutaram pelo direito de ter voz, também é triste, anticlimático.

Para a sociedade, tal como em educação, temos uma visão utópica: perseguir o não-lugar, ir sempre mais além; desenvolvimento, justiça, harmonia, há sempre algo a perseguir. E, para quem não deu por isso, nada está ganho.

E esta observação leva-me a outra convicção que eu tenho firme: vivemos tempos muito perigosos. Há exemplos dessa perigosidade nas mudanças políticas de vários países. O crescente apoio do povo a discursos e tendências que roçam, se esfregam e se diluem no "maligno", que se inclinam conforme o que for proferido com mais ênfase, sem se preocupar com a veracidade das palavras, tudo isso é assustador. Houve um breve período em que havia algum pudor e em que não se faziam afirmações de forma leviana. Bem, elas estão de volta. É preciso estar atento, olhar para o aumento de temperatura do passado e reconhecer sinais de ebulição do futuro. É preciso ancorar a nossa conduta, aplicar pressão onde ela deve ser aplicada. E saber resistir e saber ao que resistir.

Nas palavras de Chrys: "**O DESTINO ESTÁ TRAÇADO E A GUERRA É AO VIRAR DA ESQUINA COMO JÁ FORAM AS ANTERIORES**". Infelizmente, acredito que assim seja. Chrys diz ainda: "o que resta fazer 50 anos depois? Quase tudo".

Portanto, para quê continuar a viver? 1 – Se estamos assim tão bem, primeiro, para contribuir, depois, para desfrutar; e 2 – se estamos assim tão mal, para contrariar.

Os verdadeiros problemas começam, se já terminámos essa *missão.* Então, é preciso buscar um número 3, só assim faz sentido. Enfim, imagino. É, todavia, complicado imaginar um momento em que eu não esteja bem e já não queira contribuir, contestar ou provocar. Estes estados são como lugares de onde se observa o mundo. E eu já estive num lugar mau, com vontade de mudar a mim e aos outros. Agora, estou num lugar bom, com vontade de desfrutar e contribuir. Mas quando a ilha em que me encontro se fundir debaixo dos meus pés e eu tiver de me empoleirar em um qualquer novo poiso; quando não restar nada para desfrutar, e não me restar disponibilidade para tentar nadar para outras paragens; o que me motivará, nessa altura?

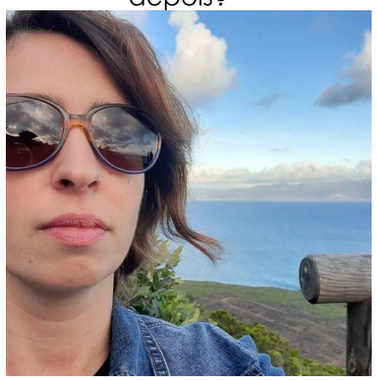
Conseguirei encontrar beleza nesse sítio inóspito? Conseguirei importar um pouco de paz? Mandar vir um bom livro; uma garrafa de vinho e ser capaz de os saborear? Espero que sim, voltando então ao número 1, melhor estado para se estar.

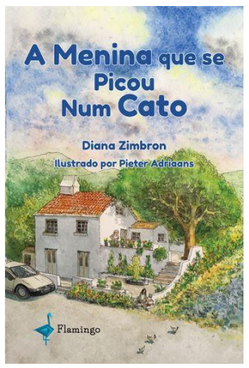
Entretanto, uma sugestão para ocupar a mente dos meus colegas, quando eles tiverem pensamentos deprimentes: Alexandre, lê um dos livros muito bem escritos do Chrys; Chrys, veja um dos documentários muito bem narrados pelo Alexandre. Qualquer um destes é motivo para continuar por cá, a descobrir coisas interessantes sobre o mundo.

Também se podem voltar para a conceção de um manual de boas práticas, um passo a passo, para *poucochinho* entender, do que pode e deve ser replicado em Portugal, com olhos postos no futuro. Planos setoriais para cada área: planeamento de políticas públicas que garantam os objetivos específicos de cada setor~~sector~~. Está visto que quem faz não percebe ou não quer. Depois eu posso ajudar a transformar o conteúdo num cancioneiro de música para ser interpretada ao estilo pimba, para facilitar o consumo das massas.

Consciente de ser muito pouco original esta minha descoberta, termino com outra citação de Eclesiastes, indício de que é realmente difícil criar algo, pois, debaixo do sol, tudo já foi inventado, e nós apenas o podemos redescobrir a cada ciclo:

> "Então compreendi que nada de melhor há para o ser humano do que alegrar-se com suas obras: esta é a sua parte. Pois quem o levará para informá-lo sobre o que vai acontecer depois?"





Bibliografia

2014) Temporário Permanente, romance, 1ª ed. - Lisboa: Chiado Editora, 154, [2] p. 22 cm. - (Viagens na ficção). - ISBN 978-989-51-1979-0
(2019) A menina que se picou num cato, infantojuvenil, il. Pieter Adriaans. 1ª ed. Lisboa: Flamingo, 32, [2] p. il. 22 cm. - ISBN 978-989-52-6571-8
(2020) "Arregacei as mangas…é Fringe" in Açores 24 horas de 13 junho
(2020) "Ser da Montanha," conto, vencedor do Prémio de escrita MiratecArts
(2021) Poema, in Sorrisos de pedra 31 variações sobre desenhos de Judy Rodrigues ed. Gugol (Rodrigues, Judy (2022) 31 variations of drawings: ' Sorrisos de Pedra ' / 'Smiling [of] Stones - Coordinated / edites Jose Efe / 31 texts and poems; Francisco Duarte Mangas - Nuno Higino - Rosa Alice Branco - Susana C. Júdice - Marília Miranda - João Pedro Messeder - Jose Efe - Alexandre T. Mendes - Sérgio Almeida - Daniel Guerra - Jorge Taxa - Aurelino Costa - Nassalete Miranda - Richard Zimler - Paulo Moreira - Manuela Bulcão - Graça Castanho - Pedro Paulo Câmara - Chrys Chrystello - Diana Zimbron - Ana Cris Goulart - Helena Pereira - Pedro Almeida Maia - Nuno Rafael Costa - Elaine Ávila - Carolina Cordeiro - Jose Carlos Costa - Roberto Reis - Tiago Paquete - Ana Isabel Arruda - Maria João Ruivo, ed. Gugol, ISBN: 9789895347124
(2022) "Ritual" in Os melhores contos da Fábrica do Terror.
(2022) "Matinal". Microconto, in Os melhores contos da Fábrica do Terror.
(2022) "O autor na primeira pessoa" Atas 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
(2022) "ChrónicAçores vol. 5 e 6 de Chrys Chrystello (ed Letras Lavadas) " Museu do Pico, Lajes do Pico, Museu dos Baleeiros 5 abril
(2022) "ChrónicAçores vol. 5 e 6 de Chrys Chrystello (ed Letras Lavadas)." Atas do 38º colóquio da lusofonia, Ribeira Grande

39º STA Mª 2024

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE.
PARTICIPOU PESSOALMENTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 36º PDL 2022 E FOI ORADORA NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023 E NO 39º SANTA MARIA 2024, E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025
APRESENTOU NAS LAJES DO PICO 2023, CHRÓNICAÇORES VOL 5 E 6 DE CHRYS CHRYSTELLO

10. EDUARDO BETTENCOURT PINTO, ESCRITOR, VANCOUVER. CANADÁ, AICL

VILA DO PORTO 2011

17º LAGOA 2012

VILA DO PORTO 2017

LAGOA 2012

JOSÉ EDUARDO BETTENCOURT PINTO nasceu em Gabela, Angola, em 1954.

Tem ascendência açoriana pelo lado materno.

Cresceu em Luanda e saiu do país em setembro de 1975.

Fixou residência no Zimbabué e depois em Ponta Delgada, Açores.

Vive no Canadá desde 1983.

Publicou vários livros de poesia e ficção: **Menina da Água (1997), Tango nos Pátios do Sul (1999), Casa das Rugas (2004) e Travelling with Shadows / Viajar com Sombras (2008 POESIA) edição bilingue (português e inglês).**

Posteriormente publicou o livro de poesia *A cor do Sul nos teus olhos*.

Está representado em várias antologias e livros coletivos em Portugal, Brasil, Angola, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Letónia.

É editor da revista *online* de artes e letras *Seixo Review*.

A sua poesia está traduzida para Inglês, Castelhano, Galego, Catalão e Letão.

Organizou e publicou Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea (1996).

É membro do P. E. N Clube Português.

Recebeu o Prémio Nacional Bienal Copa 2008, instituído pelo Congresso Luso-Canadiano.

FOI AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2011 E 2014

MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

PICO 2018

Fotografia: Randy Dyke.

FLORES 2025

39º STA Mª 2024

38º RIBª GRANDE 2023 PICO 2018

BIBLIOGRAFIA:

POESIA:

Emoção; Ponta Delgada, Açores, 1978.
Razões, Ponta Delgada, Açores, 1979.
Poemas, (c/ Jorge Arrimar); Ponta Delgada, 1979. 2ª Ed. Tipografia Martinho, Macau, 1993
Nós, palavras (1979), com Brites de Araújo, Emanuel Jorge Botelho, Jorge Arrimar, J Tavares de Melo, Luís Xares, Sidónio Bettencourt. Tipografia Gráfica Açoriana
Mão Tardia; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1981. (Prémio Revelação do suplemento cultural Contexto do jornal Açoriano Oriental).
Emersos vestígios; Sete-Estrelo, Mira, 1985.
Emersos vestígios; Sete-Estrelo, Mira, 2ª Edição, Seixo Publishers, Pitt Meadows, Canada, 1994
Oito poemas de J. Michael Yates, apresentação e trad. Rosa Pinto. Sete-Estrelo; Mira 1985
A Deusa da Chuva; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1991. (Prémio Mário de Sá-Carneiro da Association Portugaise Culture et Promotion, St. Dennis, France, 1988; para o original «Regresso do olhar».
Menina da Água; Éter, Jornal da Cultura, Ponta Delgada, Açores, 1997.

Tango nos pátios do sul; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1999.
in Viagem à memória das ilhas, Jorge Arrimar, ed. Salamandra 1999
Tango nos pátios do sul, 2ª Edição, revista e aumentada; Campo das Letras, Porto, 2001.
Um dia qualquer em junho; Instituto Camões, col. Lusófona, Lisboa, 2000.
"Amina lawal" in Margem 2. Funchal nº 15 mai: 2003
Travelling with Shadows - Viajar com sombras, bilingue. Libros Libertad, 2008
"A rua das gaivotas" in Antologia de Poesia Açoriana Os Nove Rumores do mar. 15º Colóquio da Lusofonia, Macau 2011
"Um cesto com malmequeres, um amor imperfeito". 17º Colóquio da Lusofonia. Lagoa. Açores 2012
"Açores: a luz sobre o rosto, fotomontagem". 18º Colóquio da Lusofonia. Ourense. Galiza 2012
Aubrianne, ed. Seixo Publishers 2013
Cântico sobre uma gota de água. Imprensa Nacional 2021

Ficção:

As Brancas Passagens do Silêncio; Signo, Ponta Delgada, 1988.
Sombra duma rosa - contos; Edições Salamandra, Lisboa, 1998.
O príncipe dos regressos - narrativas; Edições Salamandra, 1999.
A casa das rugas - romance; Campo das Letras, Porto, 2004.
"Carlos Faria, um trovador de afetos". 16º Colóquio da Lusofonia. Santa Maria. Açores 2011
"Rebello de Bettencourt". 21º Colóquio da Lusofonia. Moinhos de Porto Formoso. Açores 2014
Viagens, Ponta Delgada, Letras Lavadas 2020
House of wrinkles. Translation A Casa das Rugas por Eleni Kyriakou, ed. Quattro Books ISBN 1988254795, 2021

Antologias:

in O lavrador de ilhas: literatura açoriana hoje, uma Antologia de J H Santos Barros. SREC, 1980
in Vértice, revista de cultura e arte vol. 42, 1982
in Sea within, a selection of Azorean poems. Onésimo Teotónio de Almeida ed. Gávea-Brown, 1983
in Açores, açorianos, açorianidade: um espaço cultural, de Onésimo T Almeida, ed. Signo 1989
Os Nove Rumores do Mar - Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1996.
Os Nove Rumores do Mar 2ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 1999.
Os Nove Rumores do Mar 3ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 2000.
in Da outra margem, Antologia de poesia de autores portugueses de Maria Armandina Maia, Instituto Camões 2001
in Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island EUA 2007
in Mid-Atlantic margins, transatlantic identities: Azorean literature in context, John M K Kinsella, Carmen Ramos Villar. University of Bristol 2007
in "Selected poetry", In Moser, Robert Henry, and António Luciano de Andrade Toste, Writings by Portuguese-speaking Authors in North America, foreword by George Monteiro, ed. Rutgers University Press, New Brunswick, New Jersey and London 2011
in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia 2011
in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia 2012
in Memoria, An Anthology of Portuguese Canadian writers by Fernanda Viveiros. Fidalgo Books 2013

Tradução:

Oito poemas de J. Michael Yates; apresentação e tradução com Rosa Pinto, Sete-Estrelo, Mira, 1985.
" A tradução como elemento criativo" 30º Colóquio da Lusofonia Madalena do Pico 2018

APRESENTA DE SUA AUTORIA, o conto "O estrangeiro".

Robert Mendes, um americano de meia-idade e de ascendência açoriana, viaja para os Açores pela primeira vez após o falecimento da mãe. Questões relacionadas com o património familiar são o motivo dessa viagem. No entanto, encontra mais do que burocracia: um passado codificado em ruínas e a surpreendente empatia com as suas raízes.

VER 17º COLÓQUIO LAGOA 2012 *HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EHM3WR1G4T8&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=197*
VER POESIA NO 16º COLÓQUIO SANTA MARIA 2011 *HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=J2JRMLKWPSK&INDEX=201&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI*
VER CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 10 *HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML*
VER VÍDEO HOMENAGEM 2 *HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=O98QKPUYED4&INDEX=125&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&T=13S*
VER VÍDEO HOMENAGEM *1* ***HTTPS://YOUTU.BE/O98QKPUYED4***
SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NO COLÓQUIO 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 28º VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 32º GRACIOSA 2019, 36º PONTA DELGADA 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023 (ONLINE), NO 39º SANTA MARIA 2024, E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

11. EDUÍNO DE JESUS, POETA, DECANO DOS ESCRITORES AÇORIANOS, S. MIGUEL, PATRONO AICL, PRESENCIAL

17º LAGOA 2012 17º LAGOA 2012 26º LOMBA DA MAIA 2016 28º VILA DO PORTO 2017

40º LAJES DAS FLORES 2025 38º RIBEIRA grande 2023

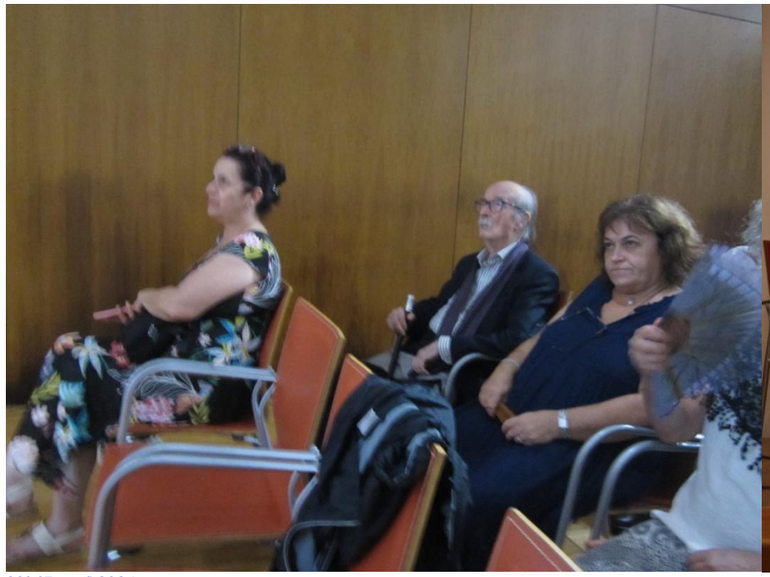
EDUÍNO (Moniz) DE JESUS nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia de Arrifes, concelho de Ponta Delgada.
Nesta cidade viveu desde um ano de idade e aí completou os seus estudos secundários (Cursos Geral dos Liceus e Complementar de Letras) e o Curso do Magistério Primário.

Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura.
Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação.

Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade.
No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados.
Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros.
Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde).
Além disso, pertenceu em 1977-78 à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português)
Foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86), que procedeu à reforma dos estágios para professores daquele antigo ciclo de estudos e á preparação dos novos formadores. Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio).
Presidente da delegação de Lisboa da "Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental" e Presidente da A.G. da Casa dos Açores em Lisboa

FOI AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2010, 2012, 2015, 2016, 2019, 2022

36º ponta delgada 2022



39º STA Mª 2024

BIBLIOGRAFIA EDUÍNO DE JESUS

POESIA 1:

- Caminho para o Desconhecido, Coimbra, col. Arquipélago, 1952;
- O Rei Lua, Coimbra, ed. do Autor, 1955;
- A Cidade Destruída durante o Eclipse, Coimbra Editora, 1957;
- Os Silos do Silêncio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
. (2021) Como tenuíssima espuma de luz, poética fragmentária. Ilust. Artur Boal, ed. Nona Poesia

TEATRO 2:

- Cinco Minutos e o Destino. Comédia em 1 Ato. Ponta Delgada, ed. Açória, 1959

ENSAIO 3.1 Em Prefácios e posfácios:

- In Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues, Coimbra, col. Arquipélago, 1956 (tem 2ª ed.);
- In Virgílio de Oliveira, Rosas que Vão Abrindo. Coimbra, col. Arquipélago, 1956: (Tem outras eds.);
- In Maria Madalena Monteiro Férin, Poemas, Coimbra, col. Arquipélago, 1957;
- In António Moreno, Obra Poética, Coimbra, col. Arquipélago, 1960;
- In António Manuel Couto Viana, Pátria Exausta, Lisboa, Editorial Verbo, 1971. (tem outras eds.);
- In Natércia Freire, Os Intrusos, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1971 (tem outras eds.);
- In António Manuel Couto Viana, Teatro Infantil e Juvenil, Lisboa, Nova Arrancada, 1997;
-In António Manuel Couto Viana, 12 Poetas Açorianos. Lisboa, Salamandra, col., 200

17º LAGOA 2012 26º LOMBA DA MAIA 2016 28º VILA DO PORTO 2017 32º GRACIOSA 2019

36º Ponta Delgada 2022-

ENSAIO 3.2 em obras coletivas:

Costa Barreto (dir.), Estrada Larga, 3 vols., Porto, Porto Editora, s / d;
- **Onésimo Teotónio Almeida (org.), A Questão da Literatura Açoriana, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983;**
- **In António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.), Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois, Lisboa, Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998.**

ANTOLOGIAS POÉTICAS em que está selecionado 4:
- **Maria Alberta Menéres e E. M. de Mello e Castro, Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, Lisboa, Morais Ed., 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1961.**
- **António Salvado, A Paixão de Cristo na Poesia Portuguesa, Lisboa, Polis, 1969.**
- **Orlando Neves e Serafim Ferreira, 800 Anos de Poesia Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973.**
- **Pedro da Silveira, Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975, Lisboa, Livraria. Clássica Ed., 1977.**
- **Ruy Galvão de Carvalho, Antologia Poética dos Açores, 2 vols., Angra do Heroísmo, col. Gaivota, 1979-80.**
- **Onésimo Teotónio Almeida, The Sea Within. A selection of Azorean Poems (trad. de George Monteiro), Providence, 1983.**
- **Maria de Lourdes Hortas, Poetas Portugueses Contemporâneos, Recife (Brasil), 1985.**
- **Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, Pai, a sua Bênção! (Antologia de Textos de Autores Açorianos), Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1994 (Edição comemorativa do Ano Internacional da Família).**
- **Eduardo Bettencourt Pinto, Os Nove Rumores do Mar, Seixo Publishers, Canadá, 1996; 2ª ed. (aumentada), Lisboa, Instituto Camões, 1999 e 3ª ed. (corrigida), Lisboa, Instituto Camões, 2000.**
- **Ivan Strpka e Peter Zsoldos Zakresl'ovanie do mapy. Azory a ich básnici, Bratislava (Eslováquia), Kalligram, 2000.**
- **Adozinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho, Lisboa com seus Poetas, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.**
- **valter hugo mãe, O Futuro em Anos-Luz / 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas, Porto, Edições Quási, 2001.**

- Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, Encantada Coimbra, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.
- Diniz Borges, On a Leaf of Blue Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, Berkeley, Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2003.
- António Manuel Machado Pires, 20 Poemas (volume integrado no álbum XX3x20 - 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas), Angra, Direção Regional da Cultura, 2003.
- Diniz Borges, Nem Sempre a Saudade Chora, Horta, Direção Regional das Comunidades, 2004.
- Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt, Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense, Blumenau, Santa Catarina (Brasil), 2005.
- Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt (sel.) e Diana Pimentel (org.), Pontos Luminosos. Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX. Porto, Campo das Letras, 2006.
- John M. Kinsella, Voices from Islands. An Anthology of Azorean Poetry, Providence, R. I., Gávea-Brown, 2007:
- Leons Bredis e Urbano Bettencourt, Azoru Salu. Dzejas Antologija, Riga (Letónia), Minerva, 2009.
- Amadeu Baptista, Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música. Viseu, Tip. Guerra, 2009

VÁRIA 5

Produziu e dirigiu para a RTP um "magazine" literário quinzenal durante cinco anos: Convergência (1969-1972), depois reformulado e chamado Livros & Autores (1072-1974).
Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras Contravento. (Lisboa, ed. Contravento, 1968-1971) e dirigiu a Revista de Cultura Açoriana (Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 1989-1991).
Tem colaboração na enciclopédia de literatura Biblos (da Editorial Verbo) e no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura (Publicações Europa-América).
Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica). Assim:
- Fez crítica de teatro durante vários anos na revista Rumo (Lisboa, 1960-67) e organizou a secção de teatro da Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura 'Verbo', de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes àquela secção e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar).
Além disso, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e de S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos. Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista Panorama (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969). Além disso fez parte de vários júris de Salões de Arte e representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil (1969). Tem feito conferências e Participado em Congressos e Colóquios literários em diversas Universidades e outras instituições em Portugal (incl. Açores), nos EUA, no Canadá e no Brasil.

Todas as obras na BGA

, (1957), "Rimas infantis da ilha de S. Miguel". Ponta Delgada, Insulana ICPD: 400-405
. (1948). "Breves reflexões sobre Antero de Quental e Baudelaire". Correio dos Açores. Ponta Delgada 11 setº: 2
. (1948). "O que se deve entender por literatura açoriana". Atlântida vol. 1 nº 4 Angra IAC: 201-205
Jesus, Eduíno de, (1948), "O que se deve entender por uma literatura açoriana", Correio dos Açores, Ponta Delgada, 25 de março
. (1948). "Apontamento à margem de Mau tempo no Canal", Diário dos Açores 15/4/1948 Ponta Delgada,
. (1952). Caminho para o desconhecido. Coimbra. Tipografia Casa Minerva
. (1953). "Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade". Estrada Larga nº 3. Porto Ed.
. (1953). "Breve notícia sobre Fernando de Lima" in Página Açoriana nº 2. Revista d'aquém e d'além mar ano 3 nº 32.
. (1955). O Rei Lua. Poesia. Coimbra, Oficinas Gráficas da Coimbra ed.;

36º Ponta Delgada 2022 28º VILA DO PORTO 2017

35º Belmonte 2022

. (1956). "Notícia crítica e autobiográfica de Armando Côrtes-Rodrigues" in Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues. Coimbra. Atlântida col. Arquipélago
. (1956) in Virgílio de Oliveira: Rosas que vão abrindo. Coimbra, col. Arquipélago
. (1957). A Cidade destruída durante o eclipse. Poesia. Coimbra Ed.
(1957). "Para uma teoria de literatura açoriana". Atlântida 1. 4: Angra IAC: 201-205.
. (1957). "Ensaio" in Madalena M Férin: Poemas. Coimbra col. Arquipélago.
. (1959). "Cinco minutos e o destino". Teatro. Comédia em 1 ato. Ponta Delgada, Separata de Açória nº 2.
. (1959) in Maria Alberta Menéres, E. M. de Mello e Castro: Antologia da novíssima poesia portuguesa. Lisboa, Morais Ed.
. (1960). "Crítica a O Verbo e a morte" in Rumo ano 3 nº 36 fevº. Lisboa
. (1960). "Estudo crítico à Obra poética de António Moreno", Coimbra ed. Atlântida col. Arquipélago.
. (1960) "Interpretação de um movimento poético açoriano" Atlântida vol. 4 nº 2 mar abril. Angra
. (1961) in Maria Alberta Menéres, E. M. de Mello e Castro: Antologia da novíssima poesia portuguesa. Lisboa, Ed. Morais, 2ª ed.
. (1969) in António Salvado: A Paixão de Cristo na poesia portuguesa. Lisboa. Polis

. (1971) in António Manuel Couto Viana: Pátria Exausta. Lisboa. Ed. Verbo. (tem outras eds.);
. (1971). in Natércia Freire: Os intrusos. Lisboa. Sociedade de Expansão Cultural (tem outras eds.);
. (1973) in Orlando Neves e Serafim Ferreira: 800 Anos de poesia portuguesa. Lisboa. Círculo de Leitores.
. (1977) in Pedro da Silveira: Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975. Lisboa. Livraria Clássica ed.

26º LOMBA DA MAIA 2016 *32º GRACIOSA 2019* *32º GRACIOSA 2019*

. (1978). "A crisálida do "bicho harmonioso" ou Vitorino Nemésio avant la lettre" in Açores 30 abr. Ponta Delgada,
. (1978). "Recensão" crítica a Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975 de Pedro da Silveira". Revista Colóquio-Letras nº 42: 85-87
(1978), in Costa Barreto (dir.). Estrada Larga. 3 vols. Porto. Porto Ed; [s.l.];
. (1979) in Ruy Galvão de Carvalho: Antologia Poética dos Açores. 2 vols. Angra, col. Gaivota 80
. (1983) in Diário de Notícias 16 jun
. (1983) in Onésimo Teotónio Almeida (org.): A Questão da Literatura Açoriana. Angra. SREC.
. (1983) in Onésimo T. Almeida: The sea within. A selection of Azorean Poems, trad. George Monteiro. Providence;
. (1985) in Maria de Lourdes Horta: Poetas portugueses contemporâneos. Recife (Brasil);
. (1989) Seleção e prefácio: Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues. Ponta Delgada, ICPD
. (1994) in Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha: Pai, a sua bênção! Antologia de textos de autores açorianos. Angra. SREC, Ed. comemorativa do Ano Internacional da Família;
. (1996) in Nove Rumores do mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, org; Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas. Seixo Publishers, Canadá;
. (1997), in António Manuel Couto Viana: Teatro Infantil e Juvenil. Lisboa. Ed. Nova Arrancada.
. (1998) in António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.): Vitorino Nemésio, vinte anos depois. Lisboa e Ponta Delgada, ed. Cosmos.
. (1999) in Eduardo Bettencourt Pinto: Os nove rumores do mar, 2ª ed. (aumentada). Lisboa, Instituto Camões
. (2000) in Eduardo Bettencourt Pinto: Os nove rumores do mar. 3ª ed. (corrigida). Lisboa, Instituto Camões;
. (2000) in Ivan Strpka e Peter Zsoldos Zakresl'ovanie do mapy Azory a ich básnici. Bratislava, Eslováquia, ed. Kalligram.
. (2001) in António Manuel Couto Viana: 12 Poetas Açorianos. Lisboa. Salamandra.
. (2001) in valter hugo mãe: O Futuro em Anos-luz. 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas. Porto. Ed. Quási.
. (1999). "Dias de Melo: génese do escritor" Atlântida. Angra IAC vol. 47: 247-252
(2003), in Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira: Encantada Coimbra. Lisboa. Ed. D. Quixote.
. (2003) in António Manuel Machado Pires: 20 Poemas vol. integrado no álbum XX3x20 in 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas. Angra. Direção Regional da Cultura.
. (2003) in Diniz Borges: On a leaf of blue, Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry. Berkeley Institute of Governmental Studies Press. University of California.
. (2004) in Diniz Borges: Nem sempre a saudade chora. Horta. Direção Regional das Comunidades.
. (2005). Os silos do silêncio, poesia 1948-2004. Lisboa. IN-CM
. (2005) in Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt: Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense. Blumenau. Santa Catarina (Brasil).
. (2006) in Maria Aurora Carvalho Homem, Urbano Bettencourt (sel.), Diana Pimentel (org.): Pontos Luminosos: Açores e Madeira. Antologia de Poesia do séc. XX. Porto. Ed. Campo das Letras.
. (2007) in António Soares e Paulo Bacedônio: Poetas açorianos e gaúchos. Porto Alegre (Brasil).
. (2007) in Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
. [s.d; s.i.]. "Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade" in Estrada Larga vol. 3. Porto Ed.
. (2009) in Leons Bredis e Urbano Bettencourt: Azoru Salu. Dzejas Antologija. Riga (Letónia). Ed. Minerva.
. (2009) in Mário Mesquita (org.) A oposição ao Salazarismo em S. Miguel e em outras ilhas açorianas 1950-74. Lisboa. Tinta-da-China
. (2009) in Inês Ramos: Os dias do amor. Um poema por cada dia do ano. Viseu. Ed. Ministério dos Livros.
. (2009) in Amadeu Baptista: Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música. Viseu. Tipografia Guerra.

. (2011) in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
. (2012). "Poetas açorianos no "sismo" modernista e suas réplicas". 17º Colóquio da Lusofonia. Lagoa. Açores
. (2012) in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia.
. (2014), Edgar – Poe(mas) em estórias de Eduíno de Jesus, ed. Eduardo Bettencourt Pinto
. (2016), "Antero e o Divino Paradoxo", 26º colóquio da lusofonia, Lomba da Maia
. (2017). "Antero e o divino paradoxo". 26º Colóquio da Lusofonia. Lomba da Maia. Açores
. (2017). "Antero e o divino paradoxo" in Antero, 125 depois, AICL, Associação de antigos alunos do Liceu Antero de Quental
. (2018) "Um punhado de areia nas mãos" de Maria João Ruivo, 30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico
. (2020) Viagens, Ponta Delgada, Letras Lavadas
(2021) Como tenuíssima espuma de luz, poética fragmentária. Ilust. Artur Boal, ed. Nona Poesia

.

39º STA Mª 2024

VIDEO HOMENAGEM 2022 HTTPS://STUDIO.YOUTUBE.COM/VIDEO/IEPTLYAUBGG/EDIT
VÍDEO HOMENAGEM 2022 OS 70 ANOS DE VIDA LITERÁRIA PT 1 **HTTPS://STUDIO.YOUTUBE.COM/VIDEO/V5CYODCHFDQ/EDIT**
VÍDEO HOMENAGEM 2022 OS 70 ANOS DE VIDA LITERÁRIA PT2 HTTPS://STUDIO.YOUTUBE.COM/VIDEO/U0USPQZPZSE/EDIT
VÍDEO HOMENAGEM GRACIOSA 2019 HTTPS://YOUTU.BE/7VUO3BPMDU8
VÍDEO HOMENAGEM BELMONTE, 2019 HTTPS://YOUTU.BE/HUYLYDKQLXW
VÍDEO HOMENAGEM 2016 LOMBA DA MAIA HTTPS://YOUTU.BE/OQYUNTNNXZ8
VÍDEO HOMENAGEM 2015 GRACIOSA HTTPS://YOUTU.BE/AAP5KRWEIMES
VÍDEO HOMENAGEM 2014 MOINHOS DE PORTO FORMOSO HTTPS://YOUTU.BE/R1VVUIPKXRU?LIST=PLWJUYRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY

VÍDEO HOMENAGEM LAGOA 2012 HTTPS://YOUTU.BE/R1VVUIPKXRU
CADERNO AÇORIANO Nº 12 HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/1525/CADERNOS-ACORIANOS-12-EDUINO-DE-JESUS.PDF
CHRYS DIZ CAIS DA SAUDADE DE EDUÍNO HTTPS://YOUTU.BE/G5IWY8RITMW
POESIA NO 17º NA LAGOA 2012 HTTPS://YOUTU.BE/ABAJIRQFVOA?LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
SÓCIO DA AICL.
PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE,
PARTICIPOU NO 17º LAGOA 2012, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022 E 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024, E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

12. FÁTIMA MADRUGA, MÉDICA, APOSENTADA DO HOSPITAL DE OVAR, PRESENCIAL

MOINHOS 2014

MONTALEGRE 2016

36º PDL 2022

16º VILA DO PORTO 2011

Vila do Porto 2011

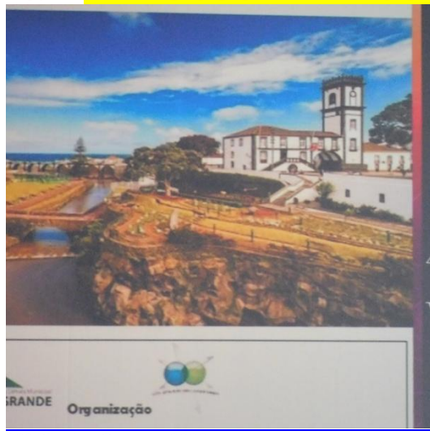
MONTALEGRE 2016

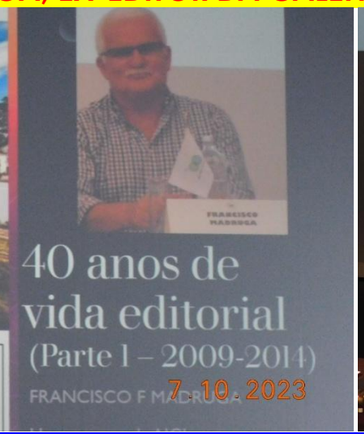
MONTALEGRE 2016

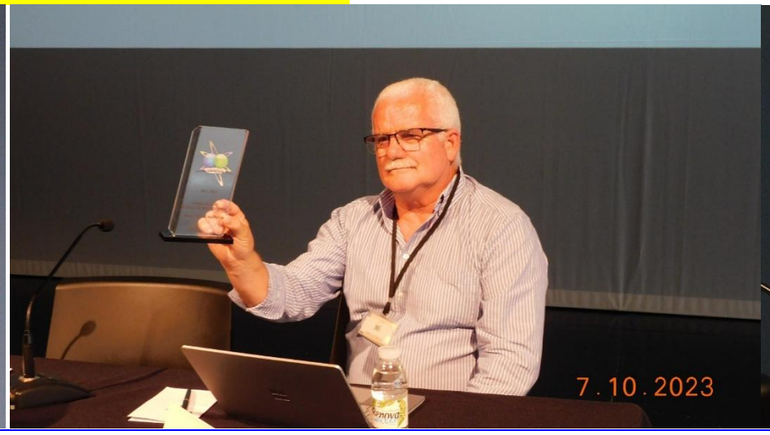
39º STA Mª 2024

PARTICIPOU PRESENCIAL NO 16º EM SANTA MARIA 2011, NO 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO EM 2014, 23º NO FUNDÃO 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

13. FRANCISCO F MADRUGA, EX-EDITOR DA CALENDÁRIO DE LETRAS. AICL.







38º Ribeira Grande 2023

39º Santa Maria 2024

FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, Nascido em Vale da Madre, Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos,
Foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho. Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal *Norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal A Voz do Nordeste. Teve colaboração regular nos Jornais Nordeste, Mensageiro de Bragança e Informativo
. Editou em colaboração com a Revista BITÓRÓ a Antologia Novos Tempos Velhas Culturas. Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva Revista.
Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos.
Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional.
Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau.

A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos Colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.).

38º Ribeira Grande 2023

Graciosa 2015 SEIA 2013 Montalegre 2016

17º LAGOA 2012 18º GALIZA 2012 20º SEIA 2013 16º VILA DO PORTO 2011

39º STA Mª 2024

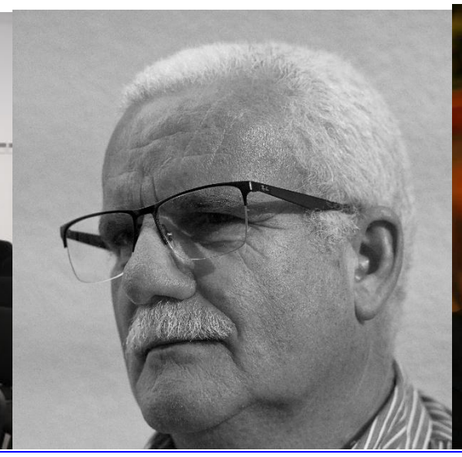
40º LAJES FLORES 2025

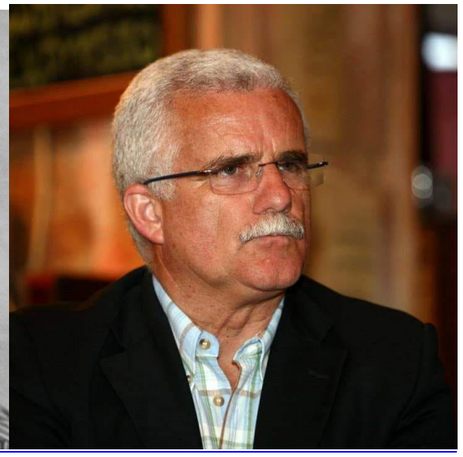
39º STA Mª 2024

Francisco Madruga iniciou a sua atividade livreira em março de 1984, na CDL – Central Distribuidora, à época a mais importante distribuidora nacional de livros, discos, jornais e revistas a par da sua representação com livrarias próprias em muitas capitais de distrito.
Afirma que chegou ao livro por mero acaso e acrescenta que após o 25 de abril a sua primeira tarefa foi a organização de bancas de venda de livros no liceu.
Organizou na Cooperativa Árvore a 1ª Feira do Livro Universitário.
Foi sócio fundador da ECL – Empresa de Comércio Livreiro seu diretor e administrador, tendo durante este período a feliz coincidência de ter acompanhado o Nobel da Literatura, José Saramago em múltiplas feiras e conferências, como representante da Editorial Caminho.
Foi sócio fundador das editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, Primeira Edição e Calendário de Letras, tendo nesta última exercido o cargo de administrador e diretor.
Foi sócio fundador da edição portuguesa do jornal Le Monde Diplomatique.
Pertenceu à Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto-Douro, sendo responsável pela programação cultural.

Foi Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos, tendo durante este período, assumido a organização da Feira do Livro do Porto em colaboração com a Câmara Municipal do Porto.

36º PDL 2022





36º PDL 2022

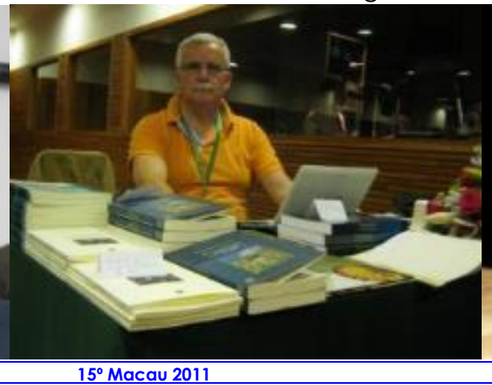
38º Ribeira Grande 2023

Colaborou ativamente com a Câmara Municipal do Porto e com o seu Vereador Prof. Paulo Cunha e Silva, na consolidação das Feiras do Livro do Porto, organizadas durante os mandatos do Dr. Rui Moreira. Foi responsável pela organização de dezenas de Feiras, Festas e Mercados do Livro na cidade do Porto, Viana do Castelo, Braga, Matosinhos, Vila Real, Bragança, Lisboa, Coimbra, Viseu, Aveiro, Serpa e Faial. Levou o livro de língua portuguesa a Macau, Brasil e Galiza.

É o editor da Antologia (monolingue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Inglês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 Ilhas, 9 escritoras. Editou os volumes de J. Chrys Chrystello "Crónica do Quotidiano Inútil" (obras completas, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e ChrónicAçores: uma circum-navegação - vol. 2 (2011)

Participou como editor em 18 Colóquios da Lusofonia (no 11º Lagoa 2009, 13º Santa Catarina, Brasil 2010, 14º Bragança 2010, 15º Macau 2011, 16º Santa Maria 2011, 17º Lagoa 2012, 18º Ourense, Galiza 2018, 19º Maia 2013, 20º Seia 2013, 21º Moinhos de Porto Formoso 2014, 22º Seia 2014, 23º Fundão 2015,24º Graciosa 2015, 25º Montalegre 2016, 26º Lomba da Maia 2016, 27º Belmonte 2017, 29º Belmonte 2018, 31º Belmonte 2018,), tendo efetuado diversas comunicações sobre a temática editorial e livreira.

Participou como presencial no 35º Belmonte 2022 e 36º Ponta Delgada 2022 em que fez parte da Comissão Organizadora.



23º FUNDÃO 2015 | 15º Macau 2011 | 13º Floripa 2010 | 26º PDL 2013 | 26º LOMBA DA MAIA 2016

13º Brasília 2010 15º Macau 2011 24º GRACIOSA 2015 29º BELMONTE 2018

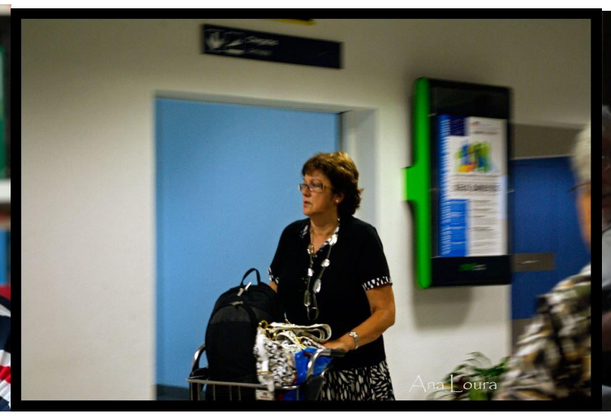
Participa na sessao 25 de abril

Na minha terra, o 25 de abril tomou posse a 28 de maio. Que raio de data vista a esta distância, quando pelo mundo se espalha o ódio e a intolerância. Preservemos a flor da Liberdade@

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL - PRESIDIU AO CONSELHO FISCAL 2010-2023,
PASSOU A VICE-PRESIDENTE 2023-2925 COM ANABELA FREITAS
HOMENAGEADO PELOS 40 ANOS DE VIDA EDITORIAL E LIVREIRA EM 2023
PARTICIPOU NO 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º GALIZA 2012, 19º MAIA (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2014, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, 31º BELMONTE 2019, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022 38º RIBEIRA GRANDE 2023, 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

14. GABRIELA SILVA, PROFESSORA APOSENTADA, FLORES

2025 LAJES FLORES 40º



16º Santa maria 2011

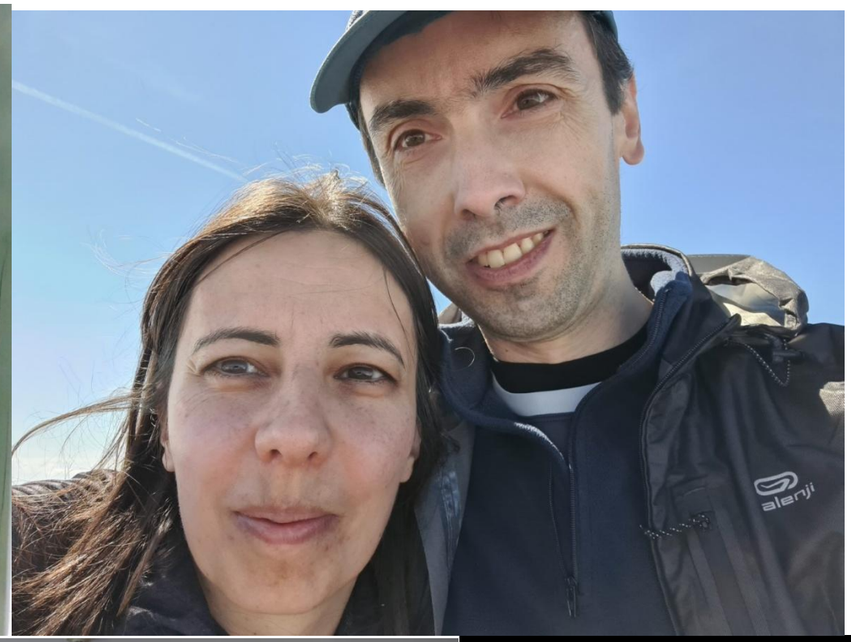
16º Santa maria 2011

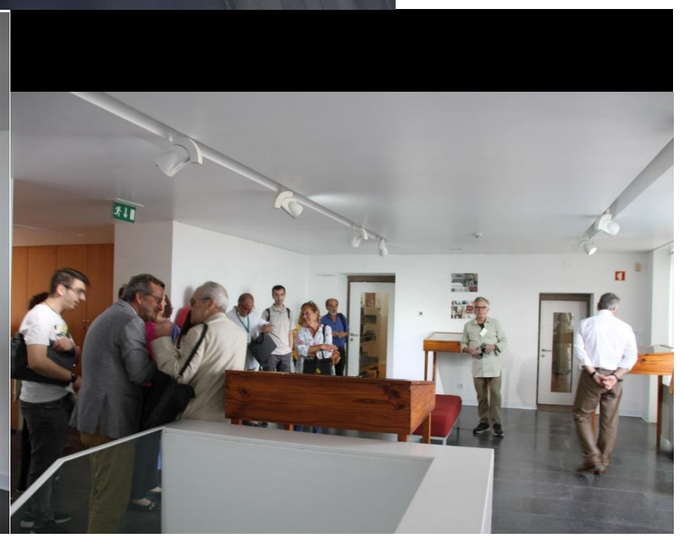
COMUNICAÇÃO SOBRE AS FLORES

TOMOU PARTE NO 16º SANTA MARIA 2011 E 17º LAGOA 2012 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

15. HELDER SOUSA, PRESENCIAL

Genro da Helena Chrystello presente na Homenagem Póstuma





39º SANTA MARIA 2024

ESTEVE PRESENTE NO LANÇAMENTO DE CHRÓNICAÇORES VOLS 5 E 6 NAS LAJES DO PICO 2023.
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

HELENA CHRYSTELLO (Mª HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO) VICE-PRESIDENTE DA AICL - HOMENAGEM PÓSTUMA, PRESIDENTE HONORÁRIA

38º Ribeira Grande 2023

36º PDL 2022

38º Ribeira Grande 2023

FALECEU NA MADRUGADA DE DIA 26 NO HDES ONDE SE ENCONTRAVA HOSPITALIZADA DESDE 22.12.23 A PROFESSORA, INVESTIGADORA E ESCRITORA HELENA CHRYSTELLO DE 68 ANOS.
ERA CASADA COM O JORNALISTA, ESCRITOR E TRADUTOR CHRYS CHRYSTELLO, DEIXANDO 3 FILHOS E 3 NETAS.

O CORPO CREMADO, A CERIMÓNIA DE DEPOSIÇÃO DE CINZAS TEVE LUGAR DIA 30 JANEIRO PELAS 10.30 HORAS, NO COLUMBÁRIO (OSSÁRIO) DO CEMITÉRIO DA MAIA (S MIGUEL, AÇORES) FREGUESIA ONDE LECIONAVA DESDE 2005, PERTO DE **ONDE DECIDIRA RADICAR-SE** (LOMBA DA MAIA)**.**

Helena Chrystello tinha uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês.
Fez todos os estudos desde a escola primária no Liceu Charles Lepierre em Lisboa.
Possuía o *Curso Superior de Secretariado do Instituto de Línguas e Administração (ISLA*), Lisboa

Era titular do *Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail*
Tinha *Certificado de Aptidão Profissional* – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

38º Ribeira Grande 2023

Possuía licenciatura em Ensino, variante de *Português – Francês* e não terminou (último semestre) a licenciatura em variante de *Português – Inglês*
Detinha um *Mestrado em Relações Interculturais*, (pré-Bolonha, da Universidade Aberta) subordinado ao tema "*Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso*" pela Universidade Aberta.
Membro do júri de 4 Prémios Literários da Lusofonia (anual) desde 2007 a 2010 e dos Prémios AICL Açorianidade (2013-2015).
Lecionou, desde 1976/1977 no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional).
Foi ***Professora-Assistente*** na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (Triénio 2002/2005) sendo supervisora de estágios de candidatos a professores.
Foi ***Tradutora*** na PNN-LUSA (News Gathering and Translation Service, Sydney, Australia), e tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988).
Era Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' desde 1999.
Pertenceu à extinta SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).
Estava a aguardar reforma da EB 2,3 da Maia, S Miguel onde lecionava desde 2005 sendo Coordenadora do Departamento de Línguas (2010-2020) e Avaliadora do Desempenho Docente.
Foi autora homenageada (com Maria João Ruivo e Carolina Cordeiro) no 38º colóquio da lusofonia (Ribeira Grande 2023) – Ver vídeo de homenagem https://youtu.be/tsqlXnGRwcE
Tinha entre o seu vasto espólio literário (que inclui poesia em francês e português e inúmeros escritos) uma **novela "O silêncio da paixão"**, inédita e desconhecida de todos, que foi revisto para publicação por Anabela Brito de Freitas (ex-Mimoso) que apresentamos no 39º colóquio e nas Flores será objeto de apresentação por **ANABELA FREITAS E SUSANA ANTUNES.**
Compilou em colaboração com a professora Doutora Maria Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho)

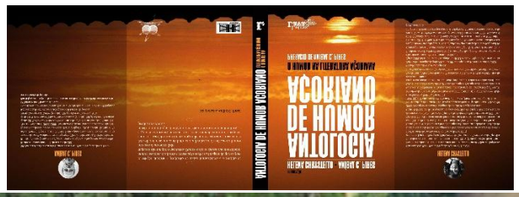
- A Antologia (bilíngue) de (15) autores açorianos contemporâneos (originalmente destinada ao currículo regional) em 2011,
- A Antologia monolingue de (17) autores açorianos contemporâneos que faz parte do Plano regional de Leitura (2012)
- A Antologia no feminino (9 ilhas 9 escritoras) (2014)

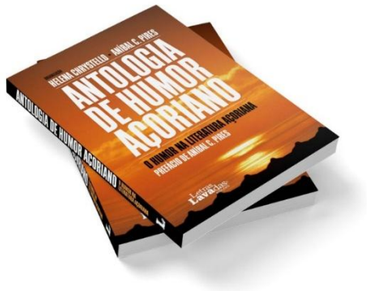
com Lucília Roxo (EBI Maia) A Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos (2014)
Compilou a solo

- A Nova Antologia de autores açorianos (2022)

- 9 Poetas 9 Línguas (2023)

Estava a compilar a primeira Antologia do Humor Açoriano Contemporâneo apresentada em outº 2024 no 39º colóquio.





26º LOMBA DA MAIA 2016

16º VILA DO PORTO 2011

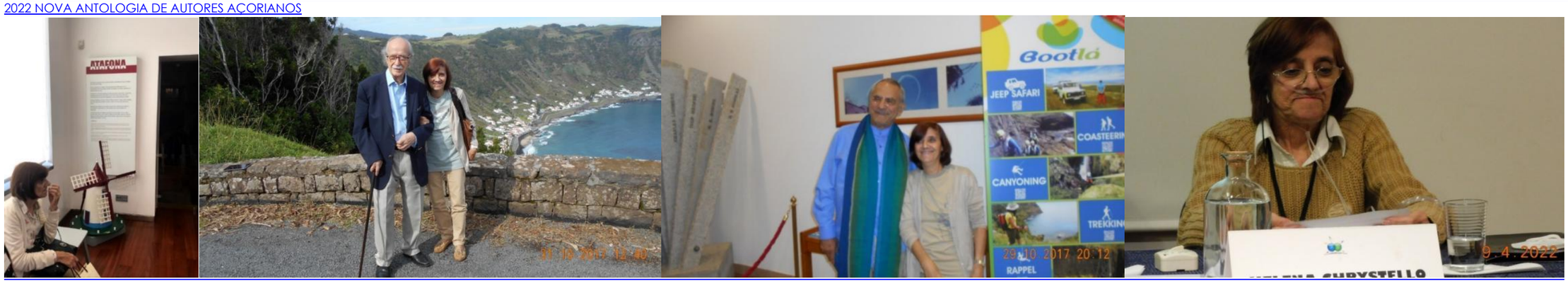
FLORIPA 13º BRASIL 2010

32º GRACIOSA 2019 30º MADALENA DO PICO 2018 16º VILA DO PORTO 2011 18º GALIZA 2012

10º Bragança 2008 19º MAIA 2013 13º FLORIPA 2010 BRASÍLIA 13º 2010 13º FLORIPA 2010

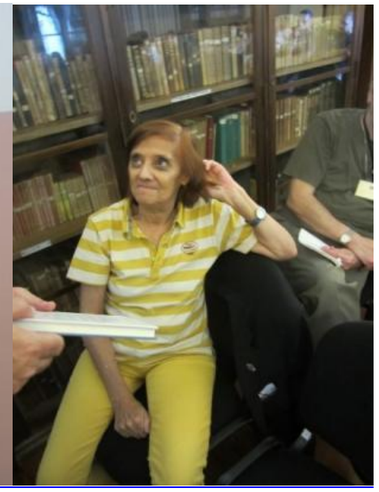
BGA TERCEIRA 2017 PICO 2018 15º MACAU 2011 15º MACAU 2011 19º MAIA 2013

2022 NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS



32º Graciosa 2019 16º VILA DO PORTO 2011 28º VILA DO PORTO 2017 35º Belmonte 2021

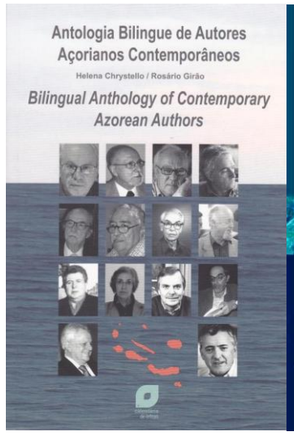
36º +PONTA DELGADA 2022___~

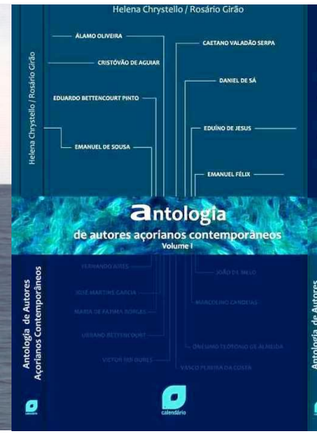


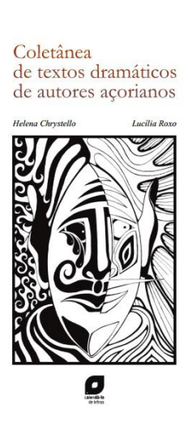
36º +PONTA DELGADA 2022

35º BELMONTE 2022

38º Ribeira Grande 2023







VER VÍDEO HOMENAGEM 2024 COMPLETA 1.04' *2024 HOMENAGEM AICL HTTPS://YOUTU.BE/JNIPCGDDVRS*

https://youtu.be/Yn4ufbs4uj0
https://youtu.be/QKGZ2OvlNvE
https://www.youtube.com/watch?v=buwwr_2Nfjk&list=PLwjUyRyOUwOJxUtZ2LiEeekFWfBMeF_Jy&index=2
2007 EBI MAIA VISITA BRAGANÇA https://youtu.be/XXheVcCmhW8?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2009 EBI MAIA VISITA BRAGANÇA 2 https://youtu.be/EkMzLxra4yc?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2010 BRASIL, NÃO SE FUMA https://www.youtube.com/watch?v=xxZy-Z96e30&list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp&index=2&pp=gAQBiAQB
2010 NO BRASIL, FLORIPA https://youtu.be/DEpfK9Lj_Js?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2011 EBIMAIA VISITA FAIAL https://youtu.be/EebxLX9ba4w?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2011 RTP https://www.youtube.com/watch?v=8L6nXRguG8M&index=174&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
2014 LER AÇORES #38 https://www.youtube.com/watch?v=v5SqCPjirP8&index=175&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
2010 RTP 13º colóquio em FLORIPA https://www.youtube.com/watch?v=_a--32hd0qA&t=0s&index=274&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
2011 RTP ANTOLOGIA 16º vila do PORTO https://www.youtube.com/watch?v=ubORWMu0cyg&t=1s&index=259&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
2023 O ÚLTIMO ANO https://youtu.be/yN7I_NU_19k?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2023 NINI 1994-2023 https://www.youtube.com/watch?v=qorqt_mrQ-E&list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp&index=25&pp=gAQBiAQB
2024 HOMENAGEM NA MAIA https://youtu.be/nsysRy_s_WQ?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2024 Chrys poesia dedicada à Nini na homenagem AICL 39º colóquio Santa maria https://youtu.be/t28durCGCIU?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2024 CHRYS poesia DEDICADA à NINI 2011-2024 https://youtu.be/7gL3pBk3zhY?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2024 POESIA DO CHRYS DEDICADA A NINI https://youtu.be/CiPIkiVQlsI?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2024 HELENA 1995-2024 https://youtu.be/QMxwOUatjEw?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzffXhp
2024 homenagem 10 pessoas + homenagem aicl 2024 https://youtu.be/QKGZ2OvlNvE
2024 homenagem aicl 9' https://youtu.be/Yn4ufbs4uj0
2024 homenagem aicl https://youtu.be/JNIPCGddvRs

A EDIÇÃO BILINGUE (PT-EN) ANTOLOGIA DE (15) AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS FOI LANÇADA NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO 2011 E NO 19º COLÓQUIO (MAIA 2013).
POSTERIORMENTE LANÇOU NOS 17º, 18º E 19º COLÓQUIOS A EDIÇÃO MONOLINGUE DA ANTOLOGIA DE (17) AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS INCLUÍDA NO PLANO REGIONAL DE LEITURA, EM 2 VOLUMES DE QUE ERA COUTORA COM A PROFESSORA DOUTORA Mª ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS (UNIVERSIDADE DO MINHO).
NO 21º COLÓQUIO (MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014) LANÇOU A COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS E A ANTOLOGIA NO FEMININO "9 ILHAS, 9 ESCRITORAS".
PREPAROU A NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS (APRESENTADA EM 2022 NO 36º COLÓQUIO EM PONTA DELGADA) E A ANTOLOGIA 9 POEMAS, 9 LÍNGUAS QUE APRESENTOU NO 38º COLÓQUIO NA RIBEIRA GRANDE 2023.
- SÓCIA FUNDADORA DA AICL.
– PERTENCEU AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, DESDE A SUA FUNDAÇÃO–
PRESIDIU AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO DESDE A SUA FUNDAÇÃO–
FOI VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL. DESDE A SUA FUNDAÇÃO–
PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE,

PARTICIPOU EM 37 COLÓQUIOS, DESDE A SUA FUNDAÇÃO– POR DOENÇA ESTEVE AUSENTE APENAS NO 29º BELMONTE 2018, REGRESSOU NO 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022 E 38º RIBEIRA GRANDE 2023 ANTES DE FALECER EM JANEIRO 2024

16. INEZ GONÇALVES MARQUES, AICL

Maria Inez Gonçalves Marques nasceu em Vouzela e vive em Lisboa.
É mestre em História Medieval, sendo investigadora do IEM da FCS da Universidade Nova, versando os seus estudos e investigação sobre Sintra Medieval.
Foi professora de História, História da Cultura e Da Arte, Filosofia no Ensino Público e Privado.
É formadora de História e Património.
Continua a lecionar História e História de Arte na UITI (universidade sénior).
Pertence à ONG, "Ser Mais-valia" e à Associação "Mulher Migrante", facto que faz com que os seus interesses e orientação de investigação se dirija também para a temas e problemática inerente às Migrações e Lusofonia numa articulação da Arte, Religião, papel das Mulheres no contexto da mobilidade lusófona.

APRESENTA Mulheres migrantes no Quebeque: " construtoras das cidades do Futuro".

Resumo:

Na obra *Mulheres Portuguesas no Quebeque-caminhos de liberdade",* coord. Aida Baptista e Joaquina Pires, encontramos testemunhos de percursos migratórios de mulheres que evidenciam características singulares e comuns, num universo coletivo, com manifestações específicas decorrentes do âmbito em que se inscrevem. Apesar das diferenças temporais ou geográficas, decorrentes da heterogeneidade dos percursos relatados, sobressai um contexto histórico que as enquadra e justifica.
Nesta comunicação, após análise e inventariação dos dados das 40 narrativas, trataremos de tornar evidente esse enquadramento, de modo a compreender e explicar as itinerâncias que as levaram a cruzar ares e mares, construindo mundos novos com as raízes que se bifurcaram entre o que deixaram e o que construíram na Terra a que passaram também a pertencer. São "mulheres de cidades futuras", estas cidadãs, que se reconhecem em alteralidades diversas. Destacaremos, entre elas, as que partiram dos Açores e se radicaram no Quebeque.

SÓCIA DA AICL
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 39º EM SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

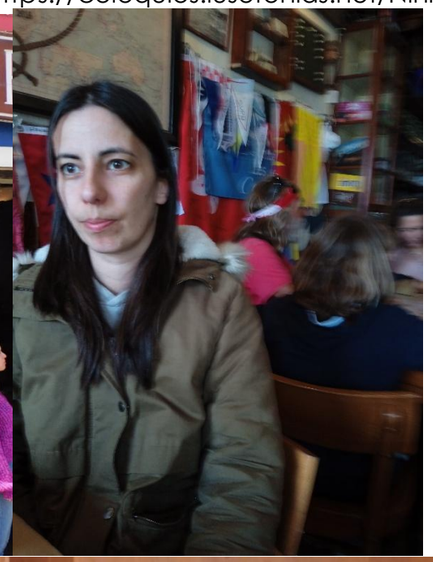
17. IRENA ŚWIĘCIK CALLIXTO,

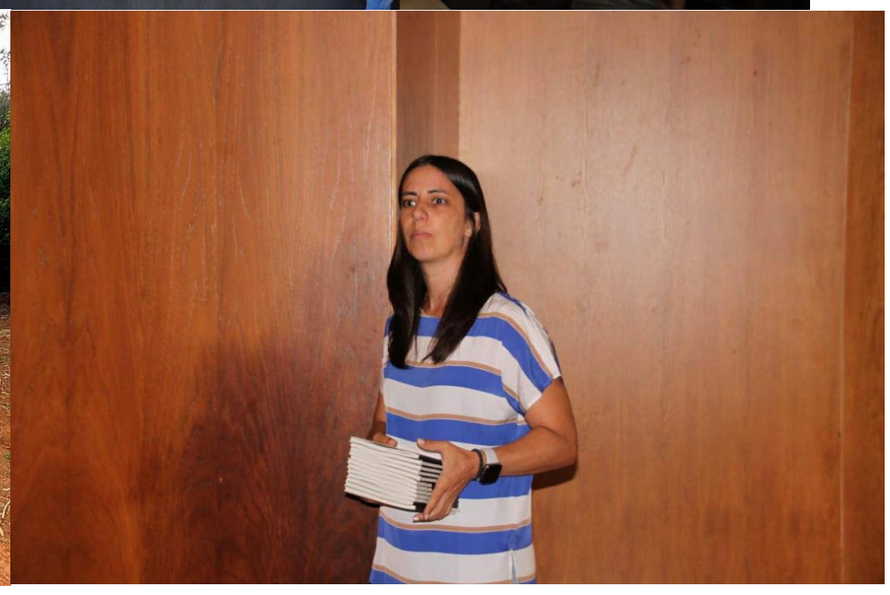
Licenciada em Estudos Ibéricos (português e espanhol) pela Universidade de Varsóvia (Polónia).

PARTICIPOU PRESENCIALMENTE NO SEMINÁRIO DE TRADUÇÃO EM BRAÇANÇA , ESE IPB , 2003 QUE ANTECEDIA O 2º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

18. ISABEL COSTA SIMÕES ARAÚJO, PSICÓLOGA, PRESENCIAL

Filha da Helena Chrystello presente na Homenagem como aliás já esteve na Homenagem (privada) da EBI Maia em 21 março (em https://coloquios.lusofonias.net/Nini/)





ESTEVE PRESENTE NO LANÇAMENTO DE CHRÓNICAÇORES VOLS 5 E 6 NAS LAJES DO PICO 2023.
PARTICIPOU E FEZ PARTE DA ORGANIZAÇÃO NO 1º COLÓQUIO 2002 NO PORTO E NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

19. JOÃO AVELAR, FLORES, PRESENCIAL

João Manuel Avelar (Cedros, Santa Cruz das Flores, 1958), professor de Português (Ensino Secundário), na Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade, Angra do Heroísmo; orientador de Estágio nas disciplinas de Português e de Francês.

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, pela Universidade dos Açores, instituição onde obteve o grau de mestre em Literatura e Cultura Portuguesas Contemporâneas, com a tese «Expressão social e estética do messianismo no Brasil – Euclides da Cunha, José Lins do Rego e Antonio Callado».

Ocupou todos os cargos que definem uma unidade orgânica, entre os quais, o de Coordenador da Biblioteca Escolar Almeida Garrett, funções em que promoveu a leitura integral de *Os Lusíadas*, atividade com a participação da comunidade educativa.

Foi formador regional de Português e Estudos Literários no âmbito do lançamento da Reforma de Ensino de 1990; integrou a equipa organizadora dos dossiês com conteúdos regionais.

Apresentou uma comunicação intitulada «Evocação a Pedro da Silveira», no centenário do nascimento do poeta florentino e também participou no painel da apresentação da obra de António Neves Leal – *Dispersos. O tempo e as metamorfoses do amor*, com uma recensão crítica.

Brevemente para publicação, encontra-se o artigo «Epifania da palavra», referente à obra de Afonso Cruz – *Sinopse de Amor e Guerra*.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

20. JOAQUINA ENES PIRES, CANADÁ, AICL

40º LAJES FLORES 2025

- Emigrou para Montreal em 1966 e reside desde então no bairro Plateau Mont-Royal, conhecido como o bairro português;
- Licenciou-se em Linguística na Universidade de Montreal e terminou um mestrado em Educação de adultos em 1979;
- Tem uma formação da ONU sobre "cidadania e declarações universais sobre os direitos humanos e comunicação intercultural" concluída e 1998;
- Durante os seus estudos, lecionou francês - língua estrangeira em várias escolas de línguas, no Ministério da Imigração do Québec e no Ministério da Educação; lecionou ainda na Aliança Francesa de Arcos de Valdevez e no ensino secundário em Ponte de Lima e Ponte da Barca;
- Foi formadora em educação de adultos e organizadora comunitária no *Centro Português de Referência e Promoção Social*, criado em 1972, hoje conhecido como *Centre d'action sociocommunautaire de Montréal*, onde também deu formação. Aqui desenvolveu ainda várias iniciativas de alfabetização e educação, especialmente junto das mulheres, tendo formado o primeiro grupo de mulheres portuguesas do CPRPS;
- Cofundadora do organismo *Collectif des Femmes Immigrantes* e da *Casa Abrigo Flora Tristan*
- Foi agente de pesquisa para Radio-Québec para 12 episódios duma série sobre a comunidade portuguesa;
- Durante 28 anos, foi conselheira em relações interculturais e desenvolvimento comunitário na Câmara municipal de Montreal, onde coordenou vários programas de formação em relações interculturais, junto de gestores e funcionários. Implementou, no departamento de recursos humanos, a "Lei sobre o acesso à igualdade no trabalho". Colaborou em vários projetos de investigação no Consórcio de pesquisa *Imigrações e Metrópoles*. Participou em várias conferências nacionais e internacionais no projeto *Metrópolis*. Desenvolveu, em colaboração com o *Centre d'Histoire de Montréal* e o *Carrefour des Jeunes Lusophones,* o conceito de recolha de memórias sobre as migrações "*Cliniques de Mémoires*".
- Demonstrou ao longo dos anos, e continua a demonstrar, um envolvimento dinâmico em vários organismos da comunidade portuguesa: Movimento Democrático Português de Montreal, Rádio Centre-Ville, Associação Portuguesa do Canadá, Grupo de Teatro Português de Montreal, Grupo Cultural Cana Verde, *Carrefour des Jeunes Lusophones du Québec*, Universidade dos Tempos Livres da Missão Santa Cruz, Comissão de Pais da Escola Santa Cruz, *Collectif des Femmes immigrantes*, *Collège Rachel*, *Centre multiethnique Saint-Louis*, companhia de teatro *Pigeons internacional*, Núcleo de leitura da Casa do Alentejo, Associação da mulher migrante.
- Em 2003, com o *Centre d'Histoire de Montréal,* foi coordenadora do projeto sobre os 50 anos de imigração da comunidade "*Encontros - A Comunidade Portuguesa, 50 anos de vizinhança";*
- Integrou a comissão das celebrações dos 50 anos do 25 de abril em Montréal;
- É coautora dos livros:

Rostos Olhares e Memória 2012;
Rostos olhares e Identidades 2013;
Montreal, Marcas Portuguesas 2023;
Mulheres portuguesas no Quebeque: Caminhos de Liberdade (março 2025);

- Participou nos livros "Avós raízes e Nós" e "Menina e Moça me levaram";

- Curadora e colaboradora das exposições:
    - *Les Portugais vus par*…. Na Casa da cultura do Plateau Mont-Royal e na Biblioteca Mile End, em 1989;
    - Avós e Netos Fio de Ternura, no *Centre d'Histoire de Montreal*, em 2016;
    - De uma ilha à outra, de José Louis Jácome, em 2018;
    - Pedras de memórias - 70 anos de Imigração portuguesa, em colaboração com a Casa dos Açores do Québec e o *Centre des Mémoires Montréalaises*, em 2023;

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

21. LEONOR SIMAS-ALMEIDA, PROFESSORA CATEDRÁTICA EMÉRITA DE ESTUDOS PORTUGUESES E BRASILEIROS DA UNIV BROWN, EUA, PRESENCIAL,

38º COLÓQUIO ribeira grande 2023 39º STA Mª 2024

Leonor Simas-Almeida, Professora Catedrática Emérita de Estudos Portugueses e Brasileiros

Leonor Simas-Almeida nasceu em Lisboa, Portugal, onde em 1975 se licenciou em Literatura Portuguesa e em 1979 em Filologia Românica.

Durante catorze anos foi professora em Portugal.

Em 1989, foi enviada pelo ICALP (atual Instituto Camões) para a Universidade de Brown para ensinar língua e cultura portuguesas.

Na Brown, obteve o Mestrado (1999) e o Doutoramento (2004) em Literatura Comparada.

Desde 1989 até ao presente, tem lecionado cursos de língua, cultura e literatura portuguesas e, mais recentemente, de Literatura Africana Lusófona no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros.

O ensino e a investigação da Dra. Simas-Almeida abrangem diferentes períodos e diferentes géneros da literatura portuguesa.

No entanto, o seu trabalho centra-se mais particularmente na ficção narrativa e, ultimamente, tem vindo a refletir um forte interesse no papel cognitivo das emoções na análise literária. Tendo começado por aplicar o seu enfoque nas "emoções inteligentes" à narrativa do século XIX e à literatura comparada (o seu principal campo de estudo), tem vindo a alargar a sua abordagem teórica à ficção portuguesa do século XX e à literatura africana lusófona.

A tradução literária é outra área de especial interesse para a Dra. Simas-Almeida, que publicou traduções de ensaios e contos do inglês para o francês e, na sua maioria, do inglês para o português.

ESTEVE PRESENTE NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023 E PARTICIPOU NO 39º EM SANTA MARIA 2024, E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, AICL

15º MACAU 2011

19º MAIA 2013 PDL 201318º GALIZA 2012

16º SANTA MARIA 2011

32º GRACIOSA 2019

32º GRACIOSA 2019

Biodados

LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO

Natural de Luanda, 1948.

Doutorado pela Universidade de Coimbra em Pós-colonialismos e Cidadania Global (2016),

Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais pela Universidade Lusófona (2010), Licenciado em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica (1972).

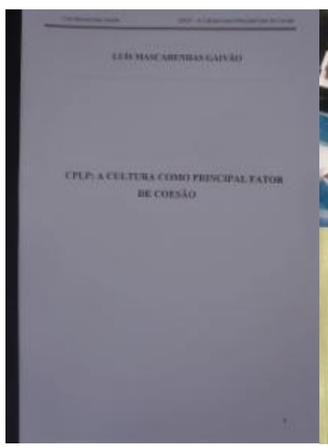
Exerceu os cargos de Adido Cultural junto das Embaixadas em Luanda (1996-2001), Luxemburgo (2001-2006) e Bruxelas (2004-2005), em acumulação com o Luxemburgo.

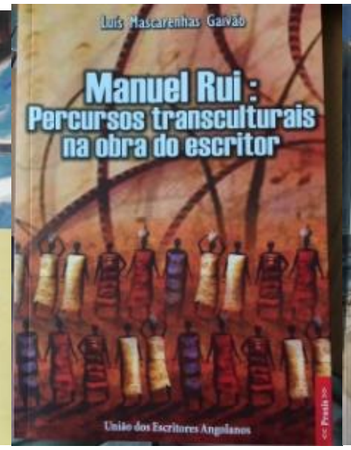
Diretor dos Centros Culturais Portugueses de Luanda e Luxemburgo e da Sala Damião de Góis, em Bruxelas.

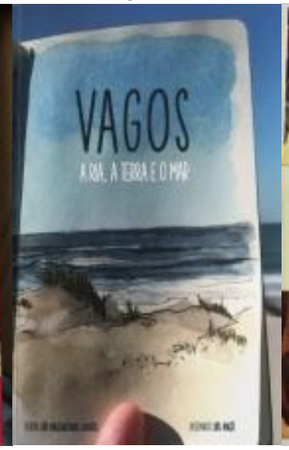
Cooperante na área da Educação de Adultos, na República de Cabo Verde (1975)

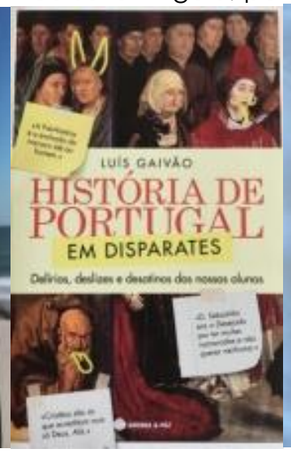
assessor pedagógico no Gabinete do Ministério da Educação do Ministro Roberto Carneiro, na Secretaria de Estado da Reforma Educativa.

Membro formador do Entreculturas (Secretariado para a Educação Intercultural).
Professor de Língua Portuguesa, de História de Portugal, de Estudos Sociais no segundo ciclo do ensino básico e ensino de adultos, noturno. Professor de Psicologia, de Filosofia e Latim no Liceu.
Serviço militar obrigatório como alferes miliciano no Comando Territorial Independente de Macau (1973-1975).
Participa em seminários e colóquios, sobremaneira dirigidos à componente académica do pós-colonialismo em Angola, à temática cultural e literária angolana e é agente e criador cultural, muitas vezes com o artista plástico Luís Ançã, com quem tem vários livros editados e exposições realizadas.
Entreculturas e do ACIDI.
Professor aposentado (História de Portugal e Português), do Ensino Básico.
Escritor, ensaísta, investigador em pós-colonialismos, com incidência nas epistemologias do Atlântico Sul e Angola, pensamento descolonial e na obra do escritor angolano Manuel Rui.









Bibliografia:

PDF
REVISTA ACADEMIA - Luís Gaivão (1).pdf

Lista das Intervenções e publicações de Luís Gaivão
“

Angola

“Colonialidade, a sombra do colonialismo: como reconstruir o futuro?”
“ACADEMIA” Nº 1, Revista da Academia Angolana de Letras. 2023.12. 15-31.
“Angola: colonialismo, colonialidade e epistemologia descolonial” (2019.10.06 – 32º Colóquio da Lusofonia. Graciosa – Açores.
“O diálogo intercultural na construção da angolanidade” (2018.04.12 – Centro Cultural Português, Luxemburgo) e (2018.02.28 – Universidade da Beira Interior, Covilhã).
“A Globalização e o Sul: línguas e culturas de Angola” (2015.03.18 – Semana do Livro e Leitura “Palavras do Mundo”, Carapinheira C+S).
“A angolanidade e as artes plásticas: travessias, transculturalidades, identidade” (2014.11.11 – Centro Cultural Português – Luxemburgo).
“A angolanidade e as artes plásticas: travessias, transculturalidades, identidade” (2014.09.25 – XXII Colóquio da Lusofonia, Seia) e *Revista Angolana de Sociologia* Nº 14, 2015, pp.25-40. Luanda.
“Angola: identidades, tradução cultural, transculturação” (in “Mulemba – Revista Angolana de Ciências Sociais”, Maio de 2013, Vol. III, nº 5, pp. 13-34. Luanda.

Lusofonia/transculturalidades

“As culturas do Sul Atlântico e a iberofonia: identidades, transculturações e novas identidades” (2016.04.21 - Colóquio da Lusofonia, Montalegre).
“Lugares do Sul – espaços da lusofonia: fronteiras, tradução cultural e globalização contra-hegemónica” (2014.07.25 – Xi Congresso AIL (Associação Internacional de Lusitanistas), Mindelo, Cabo Verde).
“Tempos e espaços pós-coloniais: para uma globalização localizada, um tempo novo e um novo espaço” (2012.12.06 – Colóquio Internacional de Doutorandos/as do CES “Coimbra C: Dialogar com os Tempos e os Lugares do(s) Mundo(s)” FEUC-Coimbra).
“A Viagem das palavras pelos mares sem lados” (2012.11.10 – CES III Colóquio dos Doutorandos Coimbra C – ‘estado de sítio, Estados sem sítio’.
“Lusofonia: um espaço de ecologia de saberes, de sociologia das emergências, de fronteira e de tradução cultural” (2012.10.07 – XVIII Colóquio da Lusofonia, Ourense).
“Lusofonia, colonialismo e interculturalidade” (2011.05.01 – Universidade Sénior Portimão)
“Culturas lusófonas e interculturalidade” (2011.04.29 – Universidade de Aveiro).
“A Criatividade expressiva na obra de Manuel Rui” (2011.04.30 – XIV Colóquio da Lusofonia, Bragança).
“Poesias de Amor da Lusofonia” (2010.03.02 – Semana do Livro e Leitura, C+S Carapinheira).
“A CPLP e a estratégia para a Língua Portuguesa.” (2010.01.08 – Oeiras, Associação de Comandos)

"CPLP – Estratégias de uma língua global" (2009.11.06 – SIMELP). Évora.
"A CPLP – A diversidade cultural unida pela Língua Portuguesa". (2009.02.10 – Universidade de Aveiro).

História

(2018) "Grande Guerra 1914-1918 – Os Combatentes da Freguesia de Montalvão". Apresentação da obra de Ana Paiva Morão, na Casa do Povo de Montalvão, Nisa. 2018.09.09.
(2011) "Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque: As Luzes, as Guerras Liberais e o Pensamento" (2011.10.04 – XVI Colóquio da Lusofonia, Santa Maria Açores) e *INSULANA* órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, LVII, pp 69-89.

Artes Plásticas

Angola, a reinvenção da pintura – exposição virtual.
Angola 1 – Um Universo Diverso – Vagos, espaço cultural da Farmácia Giro.
Angola: Muxima, desenho e texto – exposição itinerante e internacional:
Porto (Montepio-Atmosfera m).
Braga (Universidade do Minho).
Póvoa de Varzim (Correntes d'Escritas).
Carapinheira (Escola C+S).
Vagos (Biblioteca Municipal).
Aveiro Universidade de Aveiro (Biblioteca).
Oeiras (Galeria Verney).
Covilhã (Universidade da Beira Interior).
Luxemburgo (Centro Cultural Camões).
Portimão (Casa Manuel Teixeira Gomes).
Luanda (Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde).
Cracóvia (Spótdzielnia "Ogniwo").
Campo Maior (Centro de Ciência do Café).
Belmonte (Museu Etnográfico do Zêzere).
Lisboa (Casa de Angola).
Artangola 90's – Exposição de pintura e artesanato e máscaras no Luxemburgo – Centro Cultural Português. 11-24 de novembro de 2014.

Bibliografia

(2024) *Lamego. A História, a terra e a gente.* Lamego: Câmara Munipal de Lamego.
(2023) *Sabores, desenhos e rimas.* Edição dos autores. Autor do texto. Desenhos de Luís Ançã.
(2023) *Angola e o Atlântico: colonialismo, colonialidade e epistemologia descolonial.* Lisboa: Perfil Criativo/www autores club.
(2021) *O Sul descolonial na obra de Manuel Rui*. Luanda: Mayamba.
(2021) *Manuel Rui – Obra, escritor, pensamento*. Luanda: Mayamba.
(2019) *Lagoa: picturing the land, beholding the sea*. Lagoa: Câmara Municipal de Lagoa. Autor do texto. Desenhos de Luís Ançã.
(2019) *Lagoa: olhar a terra, olhar o mar*. Lagoa: Câmara Municipal de Lagoa. Autor do texto, desenhos de Luís Ançã.
(2018) *História de Portugal em Disparates –Delírios, deslizes e desatinos dos nossos alunos*. Lisboa: Guerra e Paz Editores.
(2017) *Vagos: The Lagoon, Land and Sea*. Vagos: Edição de autor. Autor do texto. Desenhos de Luís Ançã.
(2017) *Vagos: a Ria, a Terra e o Mar*. Vagos: Edição de autor. Autor do texto. Desenhos de Luís Ançã.
(2015) *Angola: Muxima, desenho e texto*. Porto: Porto Editora. Autor do texto. Desenhos de Luís Ançã.
(2015) *Pelo Sul se Faz Caminho: Angola, Transculturação e Atlântico na Obra de Manuel Rui*. Universidade de Coimbra: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/29800 (tese de doutoramento: CES/FEUC).
(2012) *Manuel Rui: percursos transculturais na obra do escritor*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.
(2011) *Um Adido Cultural no Luxemburgo*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores.
(2010) *CPLP: A Cultura como Principal Factor de Coesão*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: https://core.ac.uk/download/pdf/48579879.pdf. Dissertação de Mestrado.
(2008) *Coisas e Sabores de Língua Portuguesa*. Carapinheira: edição do autor e seus alunos.
(2008) *História Desatinada de Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América.
(2004) *Estórias de Angola*. Lisboa: Prefácio Editora.
(1995) *Elementos de Gramática Portuguesa*. Cidade da Praia (Cabo Verde): Ministério da Educação e do Desporto – Direcção Geral de Educação Extra-Escolar.
(1991) *Monstros do Desporto*. Lisboa: Editorial Notícias.
(1990) *Animais Políticos, por Natureza*. Lisboa: Editorial Notícias.
(1990) *Nova e Inédita História de Portugal em Disparates*. Lisboa: Publicações Europa-América.
(1987) *História de Portugal em Disparates*. Lisboa: Publicações Europa-América.

APRESENTA Três livros, três andamentos, Luís Gaivão, PhD em Pós-colonialismos e Cidadania Global pela Universidade de Coimbra.

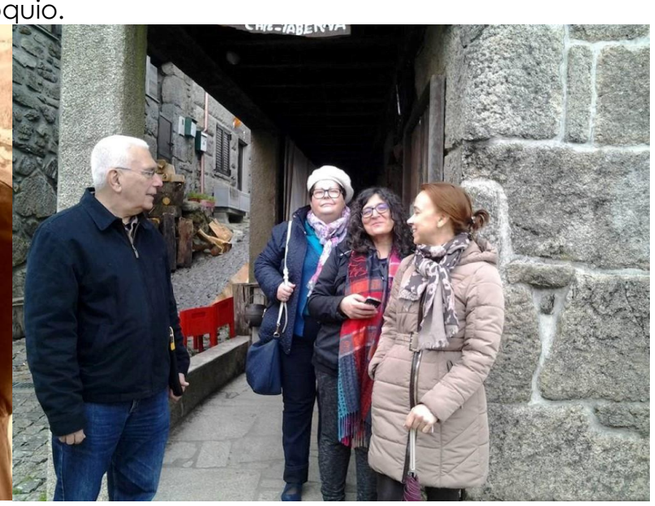
Título: "Três livros, três andamentos" Autor: Luís Gaivão Tema 2: Lusofonia e Língua Portuguesa Subtema 2.9.: Outros temas lusófonos

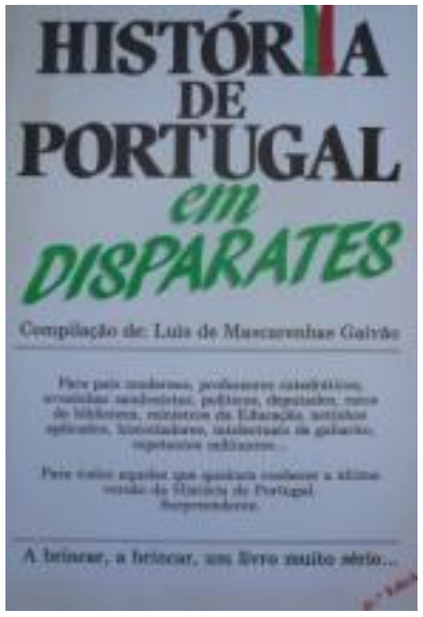
Entre 2023 e 2024 escrevi três livros, dois em parceria com o artista plástico Luís Ançã e o terceiro, um livro académico sobre a temática do pós-colonialismo e da colonialidade, no que se refere a Angola.
O critério de apresentação dos mesmos neste Colóquio é criativo: o primeiro a ser editado, cronologicamente, ´levou o título "Angola e o Atlântico: colonialismo, colonialidade e epistemologia descolonial": um ensaio sobre esses temas, direcionado para universitários e curiosos, é fruto da minha tese de doutoramento e mereceu o destaque de "um dos melhores livros de 2023" pelo Círculo Nacional de Cultura.
O segundo livro editado "Sabores, desenhos e rimas" é edição dos autores. Uma forma luminosa de desenhar produtos da terra e gastronomias do Luís Ançã que eu acompanhei com quadras a jeito, bem-dispostas e com velada intenção pedagógica de insinuar que os alimentos transportam e misturam culturas.
O terceiro livro, este o mais recente, de 2024, relata uma intencional viagem de 7 dias a Lamego e freguesias deste Concelho, da autoria da parelha de autores Luís Ançã e Luís Gaivão, eu próprio. "Lamego: a história, a terra e a gente", um livro que deu muito prazer construir, dia a dia, nas ruas e becos, nos palácios e jardins ou igrejas e naturezas de deslumbre duriense, não esquecendo a gastronomia, os costumes, as gentes. Foi editado pela Câmara Municipal de Lamego.
Das ideias originais, das dificuldades ultrapassadas e dos processos até à edição, falar-vos-ei na apresentação durante o Colóquio.

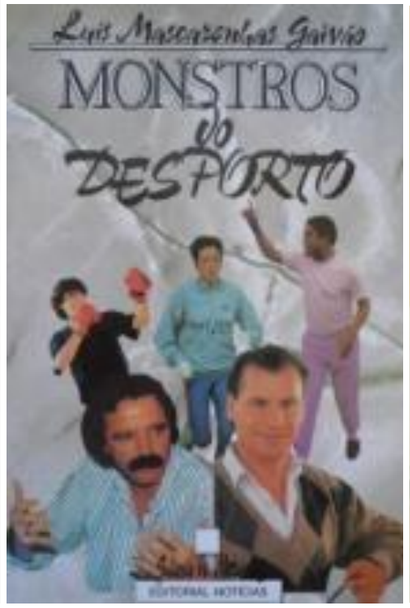
16º SANTA MARIA 2011

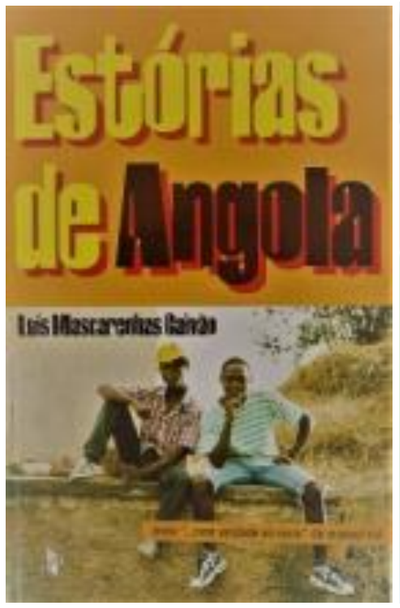
16º SANTA MARIA 2011

25º MONTALEGRE 2016









Introdução

Em 2012, aos 64 anos, iniciei o doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Pós-Colonialismos e Cidadania Global. Uma aventura criativa entre jovens doutorandos do Brasil, Espanha, Equador, África do Sul e Portugal, para além do convívio com muitos outros doutorandos de outras inspirações.

No meu passado profissional fora professor de História de Portugal e de Língua Portuguesa no segundo ciclo do ensino básico, isto durante uma série valente de anos. Também lecionei Filosofia, Latim e Psicologia ou Estudos Sociais em resposta a necessidades específicas, em escolas de Macau, onde fazia o serviço militar, do Barreiro, do Restelo, de Lagoa (Algarve) e de Portimão.

Honroso foi o período em que servi o Ministério da Educação como assessor na Reforma Educativa, ao tempo do Ministro de boa memória Roberto Carneiro ou quando fiz parte da bolsa de formadores do Secretariado para a Educação Multicultural, *Entreculturas,* e que constituiu a primeira resposta educativa à realidade multicultural das escolas nos anos 90.

Por concurso, fui colocado na Direção Geral de Educação de Adultos, na República de Cabo Verde, uma experiência inovadora e útil para os adultos e para mim. É desse tempo a edição e utilização pelo Ministério Cabo-verdiano da Educação, dum esboço gramatical da Língua Portuguesa que empreendi, dada a falta de meios nessa área.

Por essa altura, estamos em 1995, fui convidado, através de uma conversa numa cabine telefónica plantada na Achada de Santo António, na cidade da Praia (não havia telemóveis), pelo Embaixador nomeado para Angola, que me perguntou, (eu não o conhecia) se queria ir para Luanda como Adido Cultural.

Nascera ali, bebera a água do Rio Bengo desde bebé e respondi logo, imediatamente, instantânea decisão, mergulho de cabeça, sim, quero ir para Luanda. E abri uma vazão torrentosa aos afetos e memórias, desejava trabalhar com afinco por Portugal e por Angola.

Testemunhos garantem que ali desempenhei trabalho urgente e precioso e não me alongo na sua descrição, seria necessária outra comunicação.

Seis anos depois, fui para o Luxemburgo, terra de 90.000 emigrantes de Portugal, a quem prestei todo o apoio, até mesmo o inimaginável, enaltecendo a cultura e história dos portugueses, enaltecendo os egos aos expatriados e com o reconhecimento do Grão-ducado.

Mas, repito, bebera a água do Rio Bengo, um facto indelével. Informo quem ignore, que, o Rio Bengo fornece água a toda a Província de Luanda, é rico em peixe, desempenha um papel tremendo na irrigação dos terrenos dos agricultores e, maior virtude, tem feitiços bué! Quem lhe bebe a água, não tem remédio, fica angolano para a eternidade. E dizem que a Sereia Kianda passa ali belas temporadas.

Em 2006, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Freitas do Amaral, lembrou-se de ficar na História, demitindo metade dos Conselheiros e Adidos das Embaixadas. Num livro *15 meses no Ministério dos Negócios Estrangeiros* (2006) ele considerou estas medidas como transformadoras e salvadoras dum hipotético descalabro financeiro e pretendia acabar com os "oportunistas", como assim considerava esses funcionários especializados. Recebi, então, o aviso, urgentíssimo, para me apresentar ao Embaixador no Luxemburgo que me leu o telegrama ministerial no qual me era dado um mês para deixar a direção do Centro Cultural e voltar às aulas numa escola na Carapinheira, Montemor-o-Velho, onde estava colocado.

Esta escola, ao receber em pleno ano letivo, mês de março, uma *avis rara* regressada da Velha Europa, mais a mais, por certo, imaginavam, "cheio de peneiras", entregou-me, para meu castigo, o mais problemático grupo de alunos. Disseram-me estes, imediatamente logo na primeira aula: "Olhe, professor! Não queremos que nos ensine nada, nós não estamos aqui para

aprender nada". Eles cumpriram o seu objetivo bem delineado e eu acrescentei mais frustração à que já vinha atrasada. O ensino tinha piorado muito em todos os índices neste meu "intervalo diplomático".
Com esse pressuposto de frustração depressiva, comecei a suspirar que o tempo de serviço e a idade (a famosa PDI) se conjugassem para solicitar a reforma antecipada, viessem os cortes de pensão, importava-me mais era ser livre. Isso veio a confirmar-se e proferi, não chegaram a dois anos desta resiliência, o chamado "grito do Ipiranga". A correr, matriculei-me e concluí a seu tempo o mestrado em Lusofonia e Relações Internacionais.
Deixei que decorresse um ano, vamos lá saborear a experiência, e logo me matriculei no acima citado doutoramento.
Finalmente, concluído este ao fim de quatro anos intensos, comecei a realizar, até que enfim, aquilo que mais gosto me dá e que até ali não havia reunido as condições para se tornar efetivo: o trabalho cultural, a realização de exposições, a participação em colóquios e seminários nacionais e internacionais, a continuação da escrita de livros e, acima de tudo, estudar e escrever sobre a obra literária do grande escritor angolano Manuel Rui.
Com estes desideratos e com muitos outros também, resolvi apresentar, neste 40º Colóquio da Lusofonia, os últimos três livros em que trabalhei como autor. Dois artísticos e um académico. E isto é tudo o que me move.
Foram três andamentos distintos, qual "Sinfonia do Entardecer", que a idade vai avançando.
E cá está: na raiz desta criatividade, no meu caso pessoal, encontro Angola, a água do Rio Bengo, a África, o Sul, as culturas diferentes, as alegrias genuínas, a história, a arte, etc., marcadas a cada passo pela perseguição da simplicidade e boa disposição.
Primeiro livro, primeiro andamento. *Andante moderato.*
Angola e o Atlântico: colonialismo, colonialidade e epistemologia descolonial, assim é o título deste meu livro, editado em setembro de 2023.
A minha tese de doutoramento tinha levado o título de (2015) *Pelo Sul se faz caminho: Angola, Transculturação e Atlântico, na obra de Manuel Rui.*
Retirei deste volume a parte relativa à "obra de Manuel Rui", tendo daí resultado um trabalho teórico e académico que é o fruto dos meus estudos e das reflexões que, em meu entender, se podem aplicar às vicissitudes históricas do colonialismo e do pós-colonialismo, em Angola. Recorri, sobretudo, a autores do Sul, entendido este Sul como autores sul-americanos ou africanos pois que a Academia, tal como até hoje se comporta, mesmo quando afirma estar a tratar de "descolonizar" o colonialismo ou os seus restos, as mais das vezes, ou quase sempre, está a perpetuar o domínio colonialista do pensamento eurocêntrico.
Foi com este "primeiro andamento", um andamento compassado e arrumado (*andante moderato),* o mais possível descolonial que intentei escrever um livro académico, dirigido, sobretudo, a estudantes universitários africanos e a poder ter uma difusão generosa pelos meios académicos pós-coloniais.
E passo a entrar, agora, nas vicissitudes de uma publicação deste género:
Quando o livro estava escorreito, no meu ponto de vista, enviei o original para uma editora vocacionada para temáticas africanas. Responderam-me de lá que só o editavam se eu garantisse alguma instituição que comprasse um número de exemplares tal que cobrisse a despesa do investimento.
Conservei, então, o menino nas mãos. Conhecendo, à distância, pouquíssimas instituições e sendo incapaz de pedinchar, esperei e enviei para outra editora, mais pequena, mas igualmente com interesse no tema. E foi assim que o livro saiu, já com uns 4 a 5 anos de "espera" e, eventualmente, com uma atualidade possivelmente já desgastada. Ou, não? Penso que não, pois o assunto ainda se mantém e manterá de pé por muito mais tempo.
Conclusão: senti um grande gosto neste andamento académico e sintético, *andante moderato* do meu livro. Não sou e nunca serei um académico, mas ambicionava, sobremaneira, que este meu livro pudesse chegar ao maior número de destinatários que dele pudessem receber alguns impulsos necessários à verdadeira descolonização das mentes e, na sequência, na governança dos seus territórios, independentes politicamente, mas dependentes conceptualmente, quando chegassem à maioridade política.
O livro foi apresentado no Círculo Nacional de Cultura e, publicamente, incluído no respetivo site, na lista dos melhores 25 livros editados em Portugal, no ano da graça de 2023.
Segundo livro, segundo andamento. *Molto vivace.*
Sabores, desenhos e rimas (dezembro, 2023)
Uma história deveras intrincada. E um prazer de livro.
Referi que o meu escritor de coração e admiração é o angolano Manuel Rui e que à sua obra tenho dedicado muitos anos de estudo.
O andamento *molto vivace* deste livro nada tem de académico e pretende ter tudo de graça e leveza, para quem o escreveu e para quem o desenhou. Porém, atravessou uma gestação algo tormentosa.
O Manuel Rui tem mais de quarenta obras editadas, de todos os géneros literários. Mas nos romances surgem catadupas de referências à gastronomia, aos produtos da terra, à confeção da comida, da bebida, à socialização, etc. ao mundo culinário, sobretudo o angolano.
Dediquei-me a coligir tantas e tantas referências que, certo dia, uma luz terá brilhado: pedir ao artista plástico Luís Ançã, meu coautor de tantos projetos, que elaborasse uns desenhos tendo por inspiração os relatos gastronómicos que eu tinha recolhido e lhos enviava por correio eletrónico.
Os artistas são, invariavelmente, senhores das suas inspirações e ideias, por vezes excentricidades, e se bem que ele se quisesse escudar aqui num rodeio, ali numa dificuldade mais estética, ou numa adaptação a propósito, encontrou o próprio caminho e começou a processar, paciente mas animadamente, – mas não sem uma que outra rabugice, - os desenhos: um jindungo,

uma cachupa, um bacalhau, um groguinho de Santo Antão, um cabritinho assado, e por aí fora, trabalhos que eu ia abrindo no correio do meu computador e, com eles, construindo um puzzle saboroso, o livro das gastronomias do Manuel Rui.
E com ele já quase em formato completo, entusiasmados os dois autores, enviei para Angola o protótipo ao verdadeiro artista, o Manuel Rui, esperando o seu beneplácito. Expliquei que a intenção era que cada desenho seria acompanhado de duas citações de obras suas, de modo a levantar a vontade de leitura dos seus livros, sendo os desenhos apelativos e esteticamente sem cedências a mediocridades.
Não podia ser mais dececionante o retorno: não gostava da ideia, não entendia o seu alcance e outros argumentos taxativos. Imediatamente decidi que a história deste livro acabava no momento, não se falava mais no assunto e, tanto eu como o Luís Ançã, quedámo-nos estupefactos.
E os desenhos, já elaborados, marinavam, agora, nas pastas dos arquivos dos nossos computadores. Na verdade, encontravam-se tristes, acabrunhados, a adivinhar traumas complexos e de difícil tratamento.
Mas, surgiu um dia mais inquieto, em que um intenso raio de sol rompeu, alegre, a sombra matinal e se cravou entre a imaginação e a vontade: juntar aos desenhos pequenos textos em versos e quadras a condizer, em rimas de sabor que explicitassem as tantas histórias daqueles alimentos, das suas origens, as receitas, também as bebidas e os ambientes, as viagens que eles realizaram, como se utilizam, não esquecendo cheiros, sabores e texturas.
O *Sabores, desenhos e rimas,* entretanto, ficou pronto. Os versos foram rápidos e vivos, ligeiros e alegres, emparelhando com os desenhos repletos de vida e cor. Um andamento *molto vivace*.
Para publicá-lo, adiantámos conversações com uma editora que, nas entre curvas do contrato, não nos foi conveniente acompanhar a contento.
Decidimos, então, fazer uma edição de autor.
É do conhecimento geral que uma edição de autor representa, à partida, vários atributos menos positivos, a saber: a impossibilidade prática de dar a conhecer a obra, de a vender nos estabelecimentos livreiros, de recuperar o investimento realizado, e outras impossibilidades que o mercado livreiro, as distribuidoras, as Finanças ou as editoras tratam tão bem de dificultar aos autores.
No entanto, uma edição de autor tem, ainda assim, um segundo andamento (*presto*) que nada nem ninguém consegue obstruir: a liberdade total, não ter de dar satisfações a ninguém, estar isento do preenchimento dos impressos das faturas-recibo (um verdadeiro quebra-cabeças) do Portal das Finanças e por aí fora.
Sim, quem gostará de estudar o artigo 9º do CIVA, ou o artigo 4º do EPAC, para ser adquirente de parcos valores a um transmitente longínquo e avassalador, ou outras quejandices do género?
Só por isto, vale a pena uma edição de autor, se a alma não for pequena!
Terceiro livro, terceiro andamento. *Allegro moderato.*
Lamego, a Terra, a História e a Gente (junho, 2024) é edição da Câmara Municipal de Lamego e tem os dois coautores já assinalados, Luís Ançã (desenho) e Luís Gaivão (texto).
Os dois Luíses regressaram ao seu andamento mais habitual, *allegro moderato,* moderadamente rápido.
Apostámos em Lamego e no seu Concelho. Porquê? Porque eu, Luís Gaivão, tenho dali boas memórias de infância, e pelas tantas histórias que a minha mãe contava e me fascinavam sobre a família, tradição e antepassados.
Mas, igualmente, pela História da terra, da cidade e das freguesias, do povo e dos eventos que ali contribuíram para a fundação de Portugal. Castelos, palácios, jardins, quintas, feiras, produtos da terra, igrejas, santuários, conventos, procissões, presuntos, vinhos, doces, tradições, eu sei lá, tantas coisas que demarcam com muita força uma identidade de Lamego e que atravessaram os séculos, permanecendo vivas e confiantes.
Partimos de armas e bagagens, para Lamego. Nas mochilas, os cadernos de desenho, as canetas, as tintas, as esferográficas para os apontamentos disto e daquilo e daquilo.
Levantar cedo para se cumprir o antecipado plano até que a luz se desmanche e as estrelas se instalem no berço do Espaço. Os registos dos desenhos, os apontamentos do escritor, as horas pacientes de concentração e de trabalho, as caminhadas. Pelas noites, ou pelas madrugadas, aperfeiçoar os desenhos e registar os textos no computador, que os dias foram feitos para explorar aqui sim, ali não, olha uma surpresa, a percorrer todas as freguesias.
Um andamento de encanto, apreciador, *moderato*, enquanto realizávamos o nosso feliz trabalho. Sim, feliz, mas também bem sofrido, quando o frio, nas madrugadas, quase tolhia as mãos e a criatividade, ou o cansaço ininterrupto das subidas íngremes e descidas abruptas nos esfalfava e pedia repouso.
Nestas andanças, pedimos uma reunião à Câmara Municipal de Lamego para mostrarmos ao que íamos. Foi demorada em tempo a resposta, mas afirmativa, ao fim de alguns meses. As burocracias autárquicas marcaram presença.
Em agosto de 2024, carregámos os livros no automóvel e de Lisboa a Lamego transportávamos tanto entusiasmo. Entregámos a edição ao editor, a Câmara Municipal. Contas feitas, tudo arrumado. Só não voltámos a ter mais informações relativas ao nosso rebento.
Neste terceiro livro, neste terceiro andamento *allegro moderato* se completa a minha produção livreira mais recente, a meias com os magníficos desenhos do Luís Ançã, mais uma vez coautor desta aventura.
Conclusão. Andamento *presto.*
Um livro académico com destinatários traçados, em trânsito para dias melhores, em andamento *andante moderato*.
Um livro em coautoria de liberdade e criatividade quase absoluta, de prazer e sem editora a quem obedecer, em andamento *molto vivace*.

Um livro de desenhos e textos, feitos a rigor estético, sociológico e histórico entregue a quem o encomendou e de que não sabemos o rasto, em andamento *allegro moderato*.
Três andamentos, três etapas, três modos de escrever em registos diferentes. No fundo, sempre, três alegrias.
E outro livro já vem a caminho, desta vez em andamento *largo*. O protagonista será o Alentejo.
Acrescentaremos mais um andamento à nossa sempre inacabada "Sinfonia do Entardecer"
Luís Gaivão

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE
TOMA PARTE DESDE 2010 BRAGANÇA, 2011 EM MACAU E SANTA MARIA, 2012 LAGOA E GALIZA, MAIA, SEIA 2013, SEIA 2014, GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016, VILA DO PORTO 2017, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019 2025, 40º LAJES DAS FLORES

22. MANUELA DE AZEVEDO, AICL, PRESENCIAL

Biodados de Manuela Azevedo:
Nacionalidade: portuguesa
Naturalidade: Cedofeita, Porto
Habilitações literárias : Curso de Secretariado, Curso da "Alliance Française "(Sorbonne), Curso do Goethe Institut, Porto (alemão)
Atividade profissional: Secretária de Administração numa Empresa de Vinho do Porto, em Vila Nova de Gaia, durante 35 anos. Aposentada desde 2006
Interesses: atividades culturais, nomeadamente música, teatro, cinema, exposições, leitura, viagens (por praticamente toda a Europa e alguns países da América do Norte e Central), caminhadas
dancei folclore no Orfeão do Porto, em jovem, em classe orientada por Pedro Homem de Melo.
Ação social: cuidadora informal
Hobbies: costura, tricô

SÓCIA AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

23. MANUEL MENEZES DE SEQUEIRA, ENGENHEIRO, FLORES, AICL

2025 LAJES

Manuel Menezes de Sequeira nasceu em Lisboa, em 1965, e cresceu em Cascais.
Frequentou o Técnico, em Lisboa, onde concluiu a licenciatura, o mestrado e o doutoramento em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores.
Dedicou-se à carreira académica, tendo lecionado no ISCTE-IUL, na Universidade Católica Portuguesa, no Instituto Piaget e na Universidade Europeia.
Depois de uma primeira visita aos Açores em 1991, voltou em 1997, tendo então passado pela primeira vez pelas Flores.
Regressou às Flores anualmente, de férias, entre 1999 a 2017.
Em 2018 adotou definitivamente esta ilha onde, rodeado das «flores de diligência e força/com raízes de tino» que tão bem Pedro da Silveira descreveu, dedica o seu tempo a recuperar um par de casas na freguesia do Mosteiro, e tenta, com a sua esposa, dar nova vida ao belíssimo lugar da Caldeira do Mosteiro.
Nas horas vagas dedica-se a percorrer os velhos caminhos florentinos e a mergulhar nos arquivos procurando antigas referências à sua terra adotiva.

PARTICIPA COM O TRABALHO José Jacinto Xavier da Silveira, Sargento Mor de Ordenanças e Comandante Militar interino das Flores e do Corvo, e a sua descrição das Flores, Manuel Menezes de Sequeira Tema: 1.2.1. A ilha das FLORES e sua história

No Arquivo Histórico Militar (AHM) sob o título «Descrição das ilhas dos Açores.» (código de referência PT/AHM/DIV/3/18/02/09/09), datando de entre 1823 e 1832, encontra-se uma interessante coleção de documentos até agora mantidos no semiesquecimento. Fazem parte dessa coleção uma «Relação» sobre a ilha das Flores e um relatório com dados estatísticos sobre o comércio nas Flores e no Corvo e alguns comentários sobre o mesmo tema. Só o segundo destes documentos vem assinado (e datado de 1827), mas é razoável presumir que ambos foram escritos pelo punho do mesmo autor, o Sargento-mor de Ordenanças e Comandante Militar das Flores e do Corvo, José Jacinto Xavier da Silveira, nascido na Matriz, Horta, Faial, em 14 de maio de 1775 e presumivelmente falecido em Santa Cruz das Flores, em data desconhecida. Embora os dois textos sejam interessantes, o primeiro é-o particularmente. Escrito de forma militar — conciso (15 páginas manuscritas) e bem organizado, sem rodeios — transcende em muito o seu caráter militar ao descrever as Flores sob pontos de vista que seriam talvez pouco de esperar para uma «Relação» deste tipo. O objetivo desta comunicação é apresentar estes dois documentos, com ênfase no primeiro, e mostrar de que forma o seu conteúdo é relevante para história da ilha das Flores, adicionando informações muito relevantes sobre a vida nesta ilha, os meios de transporte utilizados, o lazer da população, a vegetação da ilha, a medicina popular, e muito mais.

SÓCIO AICL
PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ, 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

24. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUENTAL, S MIGUEL, AÇORES. AICL

Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa Franco nasceu em São Miguel - Açores, em 1965. Completou os estudos secundários no Liceu Antero de Quental, onde leciona Português há trinta e três anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português-Inglês – via ensino).
Tem algumas publicações dispersas em jornais da região (crónica, conto e escrita memorialística) e em revistas como a *Insulana* (Instituto Cultural de Ponta Delgada).
Tem colaborado, igualmente, em diversas edições coletivas (autores da Macaronésia e autores luso-brasileiros, entre outros).
Tem, igualmente, prefaciado alguns livros.
Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – *Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo* – numa coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas-Almeida.
Dois anos depois, publicou, juntamente com o marido, o fotógrafo José Franco, o livro Sentir(es) a Preto e Branco, uma simbiose de texto com fotografia.
Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo,* que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia.

36º PDL 2022

27º BELMONTE 2017

27º BELMONTE 2017

30º MADALENA DO PICO 2018

36º PDL 2022

É membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada e secretária da Comissão de Toponímia e Património da Câmara Municipal da mesma cidade, pertencendo à Comissão Consultiva da candidatura desta cidade a Capital Europeia da Cultura. Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia.
Em 2017 publicou "Um punhado de areias nas mãos", cuja 2ª ed. foi apresentada no 30º Colóquio na Madalena do Pico 2018
Foi uma das 3 autoras homenageadas em 2023 no 38º colóquio da lusofonia.

Bibliografia:

7 Pecados, parte II (s.i.)
(2011) Fernando Aires, era uma vez o seu tempo, homenagem de amigos e admiradores coord. Leonor Simas-Almeida, Mª João Ruivo Sousa, Onésimo T Almeida; pref. Onésimo T Almeida; il. Tomás Borba Vieira. Ponta Delgada: Instituto Cultural, 366 p. il. 21 cm. ISBN 978-072-9216-97-8

36º PDL 2022

39º STA Mª 2024

(2012). ""Andamentos de um Diário", in Insulana LXVIII, Instituto Cultural de Ponta Delgada
(2013). Sentir(es) a preto e branco. José Franco, Maria João Ruivo; rev. e textos Maria joão Ruivo ; foto José Franco. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 40, [1] p. il. 22 cm. - ISBN 978-989-735-040-5
(2014). Memórias do meu Liceu. Ponta Delgada, Ed. Ponta Delgada, Letras Lavadas
(2014) in "O Liceu", ESAQ n.º 7 jun
(2016). "Antero de Quental, esboço de uma abordagem para os alunos de hoje", Atas do 26º Colóquio da Lusofonia, Lomba da Maia. Açores
(2016). "Antero de Quental, esboço de uma abordagem para os alunos de hoje" in Antero, 125 anos depois, Eduíno de Jesus, João Paulo Constância, José Andrade, Maria João Ruivo. Ed. Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental. Ponta Delgada,
(2017). Um punhado de areia nas mãos, 1ª ed. 183 p. 23 cm. ISBN 978-989-735-128-0
(2017). Um punhado de areia nas mãos, 2ª ed. Ponte Delgada: Letras Lavadas, 183 p. 24 cm. ISBN 978-989-735-128-0

(2018). "Um punhado de areia nas mãos", 2ª ed. Atas do 30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico
(2018). "O Exame", in Açores - Porto Alegre: Contistas Geminados II – António Soares (coord.) e outros. Turiscon Editora – Porto Alegre, Brasil,
(2018). "Era uma vez…aquele tempo", in O Livro da Amizade – João Carlos Abreu (coord.). Ed. O Liberal - Funchal,
(2018). "Um punhado de areia nas mãos", 2ª ed. Atas do 30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico
(2020). "A Casa" e "Abraço Atlântico", in Abraço Atlântico – João Carlos Abreu (coord.). Edições Fraternitas Funchal,
(2020) "Minha casa, minha brasa", in Autores Luso-Brasileiros 2020 – Sala Açoriana de Triunfos, António Soares (coord.) e outros. Edição Autor Luso-Brasileiro – Brasil
(2020) "Memórias Soltas de uma Novela do Minho", in Avós: Raízes e Nós – Aida Batista (org.) e outras. Ed. Alma Letra. Lisboa
(2021). "Eduíno de Jesus – o som e o silêncio" Atas do 33º colóquio da lusofonia, Belmonte
(2022). "Homenagem a Onésimo," Atas do 34º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
(2022). Pré-apresentação de "Crónica do Quotidiano Inútil, vols 1 a 6, 50 anos de vida literária" de J Chrys Chrystello, Atas do **34º colóquio da lusofonia Ponta Delgada**

35º Belmonte 2022

36º PDL 2022

(2022) "Entre-Margens" in Avenida Marginal – Ficções, Ponta Delgada, Maria Helena Frias (coord.). Artes e Letras
(2022) "Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)" in Teoria da Educação e Formação de Professores: Conceções, Perspetivas e Práticas, Emanuel Oliveira Medeiros (coord.) Ed. MIL,
(2022) in Nova antologia de autores açorianos, coord Helena Chrystello, Ed. Letras Lavadas
(2022) Apresentou "Crónica do quotidiano inútil, volumes 1 a 6, obras completas nos 50 anos de vida literária de Chrys Chrystello", Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
(2022). Um punhado de areia nas mãos, Diário II, vol II. [s.l.] Letras Lavadas, 167 p. 20 cm. - ISBN 978-989-735-400-7
(2022). Apresentou "Um punhado de areia nas mãos, Diário II", Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
(2022). "Considerações do Poeta sobre o Poder Corruptor do Dinheiro, Canto VIII." Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
(2022). "Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)." Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
(2023) apresentou de Chrystello, Helena "9 poemas, 9 línguas" in Atas 38º colóquio da lusofonia, Ribeira Grande.

Colaborações em Publicações conjuntas:

"Andamentos de um Diário", in Insulana LXVIII, 2012 – Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada
Sentir(es) a Preto e Branco – Fotografias (José Franco) e Textos (Maria João Ruivo). Letras Lavadas, 2013
"Antero de Quental – Esboço de uma abordagem para os alunos de hoje", in Antero 125 anos depois – Eduíno de Jesus, João Paulo Constância, José Andrade, Maria João Ruivo. Ed. Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental. Ponta Delgada, 2016

38º Ribeira Grande 2023

17º LAGOA 2012

17º LAGOA 2012

30º PICO 2018

32º GRACIOSA 2019

"O Exame", in Açores - Porto Alegre: Contistas Geminados II – António Soares (coord.) e outros. Turiscon Editora – Porto Alegre, Brasil, 2018
"Era uma vez...aquele tempo", in O Livro da Amizade – João Carlos Abreu (coord.). Ed. O Liberal - Funchal, 2018
"A Casa" e "Abraço Atlântico", in Abraço Atlântico – João Carlos Abreu (coord.). Edições Fraternitas – Funchal, 2020
"Minha casa, minha brasa", in Autores Luso-Brasileiros 2020 – Sala Açoriana de Triunfos – António Soares (coord.) e outros. Edição Autor Luso-Brasileiro – Brasil, 2020
"Memórias Soltas de uma Novela do Minho", in Avós: Raízes e Nós – Aida Batista (org.) e outras. Ed. Alma Letra. Lisboa, 2020
"Entre-Margens" in Avenida Marginal – Ficções, Ponta Delgada, Maria Helena Frias (coord.). Artes e Letras, 2022
"Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)" in Teoria da Educação e Formação de Professores: Conceções, Perspetivas e Práticas, Emanuel Oliveira Medeiros (coord.) Ed. MIL, 2021
Um Punhado de Areia nas Mãos – Diário II, 2022, Letras Lavadas

36º PDL 2022 Ponta Delgada, outubro de 2023

34º PDL 2021

- SÓCIA DA AICL.
– VOGAL SUPLENTE DA DIREÇÃO –
PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE, -
PARTICIPOU EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA, NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022 E 38º RIBEIRA GRANDE 2023 E NO 39º SANTA MARIA 2024, E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

25. ONÉSIMO TEOTÓNIO DE ALMEIDA, BROWN UNIVERSITY, USA, AICL.

38º RIBEIRA GRANDE 2023

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

Natural do Pico da Pedra, S. Miguel, Açores.

Doutorado em Filosofia em 1980 pela Universidade Brown (Department of Philosophy), em Providence, Rhode Island, onde também fez Mestrado em 1977.

Obteve o Bacharelato na Universidade Católica Portuguesa em 1972, e antes frequentou o Seminário de Angra, nos Açores.

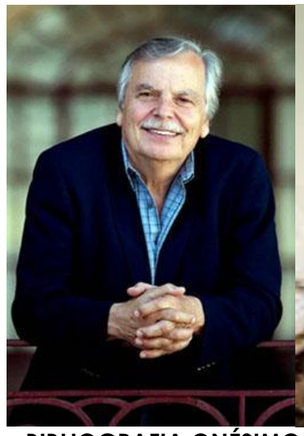
Em 1972 emigrou para os EUA.

Ainda enquanto aluno de pós-graduação na Brown University, começou a lecionar no Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros dessa mesma Universidade, que ajudou a criar.

Em 1981 foi nomeado Assistente nesse Centro; em 1987, promovido a Professor Associado; em 1991, a Professor Catedrático.

O Centro entretanto passou a Departamento e foi dele seu diretor de 1991-2003.
É Fellow do Wayland Collegium for Liberal Learning, um Instituto de Estudos Interdisciplinares na Brown University, onde leciona uma cadeira sobre Valores e Mundividências.
Leciona também no Center for Early Modern Studies, da mesma Universidade.
Para além das obras em livro, tem centenas de escritos em revistas e livros coletivos.
Em 2023 a Brown criou uma cátedra com o seu nome.
Fundou e dirige a editora Gávea-Brown, dedicada à edição em inglês de obras de literatura e cultura portuguesas, que edita também a revista Gávea-Brown – a Bilingual Journal of Portuguese-American Letters and Studies, que ele fundou e codirige.
É coeditor do e-Journal of Portuguese History e de Pessoa Plural, ambas revistas eletrónicas editadas em cooperação internacional e publicadas na Brown University.
É coeditor de uma coleção de obras de Lusophone Studies na Sussex Academic Press e codirige a série Bellis Azorica, de obras açorianas em tradução inglesa, na Tagus Press / University of Massachusetts Press.
Desde 1979 mantém um programa bimensal no Portuguese Channel, de New Bedford, Massachusetts, e durante dois anos manteve um programa semanal – "Onésimo à conversa com…" – na RTP-Açores.
Foi colaborador regular n' O Jornal e no Diário de Notícias.
É colaborador regular na revista LER, na PNETLiteratura e no Jornal de Letras.
Entre as organizações a que pertence, é membro da direção da PALCUS – Portuguese-American Leadership Council of the United States.
Foi Vice-Presidente do Rhode Island Council for the Humanities e da Associação Internacional de Lusitanistas.
É Trustee do New Bedford Whaling Museum.
Deu a sua última aula na Brown em maio 2024.
Foi eleito Membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa
Sócio-Correspondente da Academia da Marinha e da Academia das Ciências de Lisboa.
Em 2013 recebeu um Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Aveiro.
A 9 de junho de 1997, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.
A 28 de setembro de 2018, recebeu a Grã-Cruz da mesma Ordem
Em 2019 o Presidente da República nomeou-o Presidente da Comissão de Honra do Dia de Portugal. Nessa qualidade, foi o orador oficial nas celebrações do 10 de junho.
Foi o Presidente da Comissão de Honra da campanha Ponta Delgada, Capital Europeia da Cultura 2027.

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA foi HOMENAGEADO PELA AICL NO 36º COLÓQUIO EM 2020-2021 PDL



BIBLIOGRAFIA ONÉSIMO T ALMEIDA

Estudos e ensaios

O Século dos Prodígios - A Ciência no Portugal da Expansão (2018). Prémio Gulbenkian Portugal no Mundo, Academia Portuguesa de História, 2018; Prémio D. Diniz, Solar Casa de Mateus, 2019.
Humanidades. Uma inutilidade mais do que necessária (Braga: Universidade do Minho, 2017).
Com Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos, orgs., A Condição de Ilhéu. (Lisboa: CEPCEP, 2017.)
A Obsessão da Portugalidade. (Lisboa: Quetzal, 2017).

Despenteando Parágrafos. Polémicas Suaves (Lisboa: Quetzal, 2015)
Mínima Azorica. (Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2014)
Pessoa, Portugal e o Futuro (Lisboa: Gradiva, 2014)
Com Artur Goulart Melo Borges e Olegário Sousa Paz, orgs., "Casa Santa Mimosa... Olhares sobre o Seminário de Angra, 1950-1970 (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2014).
Utopias em Dói Menor - conversas transatlânticas com Onésimo. Conduzidas por João Maurício Brás (Lisboa: Gradiva, 2012)
Com Otília Pires Martins, (org.), Eugénio Lisboa: Vário Intrépido e Fecundo – Uma Homenagem (Guimarães: Opera Omnia, 2011.
Com Leonor Simas-Almeida e Maria João Ruivo, (org.) Fernando Aires – Era Uma vez o Seu Tempo. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011.
O Peso do Hífen. Ensaios sobre a experiência luso-americana. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2010.
Açores, Europa – uma Antologia. Seleção, Organização e Introdução. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2010.
De Marx a Darwin - A desconfiança das ideologias. Lisboa: Gradiva, 2009. 2010 Prémio Seeds of Science para Humanidades e Ciências Sociais.
Com Leonor Simas-Almeida, Eduíno de Jesus – A Ca(u)sa dos Açores em Lisboa. Homenagem de amigos e admiradores. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2009.
Com Alice Clemente, (org.) George Monteiro: The Discreet Charm of a Portuguese-American Scholar. Providence, RI: Gávea-Brown, 2005.
National Identity - a Revisitation of the Portuguese Debate. NUI MaynoothPapers in Spanish, Portuguese and Latin American Studies nº. 5. Maynooth, Ireland: National University, 2002.
Com Manuela Rêgo, (org.), José Rodrigues Miguéis – Uma Vida em Papéis Repartida. Atas do Colóquio no Padrão dos Descobrimentos. Lisboa: Câmara Municipal: 2001.
José Rodrigues Miguéis - Lisboa em Manhattan, edição traduzida e alargada e com posfácio. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.
Com Manuela Rêgo, (org.), José Rodrigues Miguéis - 1901-1980, Catálogo da Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento. Lisboa: Câmara Municipal, 2001.
Seleção, Introdução e Organização, José Rodrigues Miguéis, Aforismos e Desaforismos de Aparício. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, e Lisboa: Editorial Estampa, 1996.
Edition of Richard Beale Davies, The Abbé Corrêa in America 1812-1820 The Contributions of the Diplomat and Natural Philosopher to the Foundations of Our National Life. Preface by Gordon S. Wood Afterward by Léon Bourdon. Providence, RI: Gávea-Brown Publications, 1993.
Seleção, Introdução e Organização, João Teixeira de Medeiros, Ilha em Terra. Ponta Delgada: Eurosigno, 1992.
Açores, Açorianos, Açorianidade – Um Espaço Cultural. Ponta Delgada: Signo, 1989. 2ª edição alargada (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2011).
L(USA)lândia – A Décima Ilha. Angra do Heroísmo: Coleção Diáspora, Sec. Reg. Assuntos Sociais e Dir. Serviços de Emigração, 1988.
Mensagem – Uma Tentativa de Reinterpretação. Prémio de Ensaio Roberto de Mesquita, Secretaria Regional da Educação e Cultura dos Açores. Angra do Heroísmo: SREC, 1987.
Organização e Introdução, Da Literatura Açoriana – Subsídios para um Balanço. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1986.
Editor, José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan. Providence, RI: Gávea-Brown, 1985.
A Questão da Literatura Açoriana. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983.
Selection, Introduction and Notes of The Sea Within. A Selection of Azorean Poetry. Providence, RI: Gávea-Brown, 1983.
Seleção, Organização e Introdução, João Teixeira de Medeiros, Do Tempo e de Mim. Providence, RI: Gávea-Brown, 1982. 2ª edição alargada: Lisboa: Peregrinação, 1988. 3ª edição, Lisboa: Salamandra, 2001.
Imprensa, Rádio-TV e Cinema - Cérebros do Grande Público (Angra do Heroísmo: União Gráfica Angrense, 1970).

38º RIBEIRA GRANDE 2023

Escrita criativa

Correntes d'Escritas & Correntes Descritas (Guimarães: Opera Omnia, 2019).
Quando os Bobos Uivam (Lisboa: Clube do Autor, 2013)
Onésimo. Português sem Filtro – uma Antologia. Posfácio de Miguel Real Lisboa: Clube do Autor, 2011.
Aventuras de um Nabogador & outras estórias-em-sanduíche. Lisboa: Bertrand Editora, 2007.
Tales from the Tenth Island. Translation and Introduction by David Brookshaw. Bristol, UK: Seagull/Faoileán, 2006.
Livro-me do Desassossego. Lisboa: Temas & Debates, 2006.
Onze Prosemas (e um final merencório), Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004.
Viagens na Minha Era. Lisboa: Temas & Debates, 2001; Círculo de Leitores, 2001.
Que Nome é Esse, ó Nézimo? – e Outros Advérbios de Dúvida. Lisboa: Salamandra, 1994. 2ª edição, 2002. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.
Rio Atlântico (crónicas). Lisboa: Edições Salamandra, 1997.
No Seio Desse Amargo Mar - (teatro). Lisboa: Salamandra, 1991.
(Sapa)teia Americana (contos), Lisboa: Editora Vega, 1983. Edição revista, com posfácio de Frank Fagundes. Lisboa: Salamandra, 2001, e Círculo de Leitores, 2001.
Ah! Mònim dum Corisco! (teatro) (New Bedford - Providence: Gávea - Chama, 1978). 2ª edição, Ponta Delgada: Eurosigno, 1991. 3ª edição Lisboa: Salamandra, 1998.
Da Vida Quotidiana na L(USA)lândia. Coimbra: Atlântida Editora, 1975.
Esperança-21 (teatro), Angra do Heroísmo, 1969.
O Centenário (poema-paródia). Angra do Heroísmo, 1963.

36º 2021 PDL

Bibliografia in BGA (Bibliografia Geral da Açorianidade)

(1963). "O centenário, poema-paródia". Angra, [s.i.]
(1969). Esperança 21, teatro. Angra, [s.i.]
(1970). Cérebros do grande público (Ensaio), [s.i.]
(1972). Portuguese is my second language: differentiated learning package. Fall River Public Schools Bilingual Education Program
(1975). "Prefácio" a José Brites. "Poemas sem poesia" (Lisboa): 7-11.
(1975). Da vida quotidiana na LUSAlândia. Coimbra: Atlântida Ed.
(1975). Ah! Mònim dum corisco! da vida quotidiana na L(USA)lândia (Teatro) [s.i.]
(1976). LUSAlândia, A décima ilha. Angra: col. Diáspora. DRAC, Direção Serviços de Emigração.
(1978). Ah! Mònim dum corisco! Teatro Nova Bedford. Providence: Gávea-Brown
(1978). "(Sapa)teia quotidiana" in João de Melo, ed., Antologia Panorâmica do Conto Açoriano. Lisboa: Vega: 71-76.
(1978). "Os Portugueses na América num livro pobre e cheio de preconceitos". A Memória de Água-Viva nº 0: 13-15.
(1978). "Values and ideology in the school curriculum". Culture Education and Community. 2nd National Portuguese Conference. Cambridge. Mass. NADC: 32-49
(1980). "A profile of the Azorean" in Donaldo Macedo, ed., Issues in Portuguese Bilingual Education: 113-164. Ensaio. Cambridge, National Assessment and Dissemination Center for Bilingual Bicultural Education
(1980). "Mrs. Cavalo. Professora de ESL" in Yvette Tessaro et al., eds., Saudades Não Pagam Dívidas. Paris: Association L'Oeil Étranger: 86-96.
(1980). "Português(es) de diáspora." Gávea-Brown. 1: 2-6.
(1980). "Nota crítica à crítica de Teodoro Matos e I. Rosa Pereira a Caetano V. Serpa: A Gente dos Açores in A Memória de Água-Viva nº 7 (outº): 21-24.
(1980). "The concept of ideology: a critical analysis". Tese de doutoramento em Filosofia. Brown. Providence. Rhode Island. EUA
(1981). "On doing scientific research", in Anna Brito and June Goodfield's An Imagined World. Ed. Gávea-Brown vol. 2 nº 2: 39-44.
Almeida. Onésimo Teotónio (1981). "Em memória de J. Rodrigues Miguéis". Gávea-Brown vol. 1 nº 2: 3-4. Reprinted in Diário de Notícias, Cultura, mai 7.

(1981). "Recent bibliography on the Portuguese in the United States". The Journal of Ethnic Studies 9 nº 1: 96-98.
(1981), com Nancy Baden, Vamberto Freitas, Urbino de San-Payo, Eduardo M. Dias. "O futuro da literatura luso-americana". Gávea-Brown vol. 2: 14-32.
(1982). Selection, introduction and edition of João Teixeira de Medeiros Do tempo e de mim. Providence. RI Gávea-Brown.
(1983). "Identidade cultural: conflitos solúveis e insolúveis". Comunicação no Portugueses na América do Norte. Universidade da Califórnia. Peregrinação Publications
(1983). "Mannheim's dual conception of ideology: a critical look". Ideologies & Literature 4 (2nd Cycle): 220-237.
Almeida. Onésimo Teotónio (1983). In The sea within. A Selection of Azorean Poetry, (org.), Providence. Gávea-Brown
(1983). "Uma cadeira de Literatura Açoriana nos Estados Unidos. Explicação de comos e porquês". Aresta nº 6: 10-24.
(1983). SapaTeia americana. Lisboa. Vega 1ª ed.
Almeida. Onésimo Teotónio, (1983). A questão da literatura açoriana, Ensaio. Recolha de intervenções e revisitação [as diversas posições teóricas ao longo do tempo e algumas posições polémicas] org., Angra. SREC
(1983). José Rodrigues Miguéis, Lisbon in Manhattan (Ensaio) [s.i.]
(1983). «Da ausência de produção teórica na literatura açoriana» in Almeida, Onésimo Teotónio (org. e sel.) A Questão da literatura Açoriana, Recolha de intervenções e revisitação. Angra. SREC: 217-222 [1ª ed. 1982]
(1983). "A família do Jànim Rapoza", "Mr. John Hartmeinsh" & "Americanos descendentes de Portugueses" in Fausto Avendaño, ed., Literatura de Expressão Portuguesa nos Estados Unidos. Lisboa: Publicações Europa-América: 35-53.
(1983). "Carta de um Banco a um Português" in Luís de Miranda Correia, ed., Sílabas. Providence. RI Portuguese Cultural Foundation: 41-43.
(1983). "The new outlook in Azorean Literature" in Nelson H. Vieira, ed., Roads to Today's Portugal: Literature and the Arts 1950-1975. Providence. RI: Gávea-Brown: 97-115.
(1984). "Value conflicts and the struggle for cultural adjustment. The case of Portuguese in Canada". Gávea-Brown 5-8: 28-34.
Almeida. Onésimo Teotónio (1984). The sea within. A selection of Azorean Poetry, Selection, introduction & notes. Providence. RI Gávea-Brown. Excerpts, reprinted in Açores, Poetas. Special Edition II Conference of European Insular Regions. Council of Europe. PDL
(1985). "Filosofia portuguesa: alguns equívocos" in Cultura, História e Filosofia. Lisboa vol. 4: 219-255
(1985). "Da filosofia do humor ao humor em filosofia". Ensaio. JL. Lisboa vol. 5 160 30 julº-5 ago: 16-17.
(1985). "A obra de Eduardo Mayone Dias, ou de como se leva a imigração à Universidade e vice-versa". Peregrinação Publications nº 8: 11-15.
(1985). José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan, ed., Providence. RI Gávea-Brown
(1985). "(Sapa)teia Quotidiana" in A.M. Pires Cabral, ed., A Emigração na Literatura Portuguesa: Uma coletânea de textos. Lisboa: Secretaria de Estado da Emigração: 212-215

39º STA Mª 2024

(1985). "Filosofia portuguesa. Alguns equívocos". Cultura, História e Filosofia, vol. 4: 219-255.
(1985). "O filósofo W. V. Quine e os Açores". Atlântida vol. 30: 93-101.
(1985). "Filosofia brasileira vs. Filosofia no Brasil". Revista Brasileira de Filosofia vol. 36 nº 140: 400-413
(1985). José Rodrigues Miguéis, Lisboa em Manhattan, ed. revista e aumentada, Lisboa; ed. Estampa;
(1986) (org.) "Da literatura açoriana, subsídios para um balanço". Comunicação I Simpósio sobre literatura açoriana, Universidade de Brown, EUA 22-23 abr 1983.
(1986). Da Literatura Açoriana. Subsídios para um balanço, org., intro e notas. Angra. SREC. 327 pp.
(1986). "Usos e abusos do conceito de Açorianidade". II Congresso das Comunidades Açorianas. Angra DRAC: 547-553.
(1986). "Merton, Pessoa-Caeiro e o Zen". Nova Renascença nº. 22 abr-jun: 146-152.

(1986). “Identidade cultural, conflitos solúveis e insolúveis" in Eduardo M. Dias, ed., Portugueses na América, estudos e perspetivas. Baden. Suíça: Peregrinação Publications: 41-55.
(1986). “Açorianidade: equívocos estéticos e éticos” org, intro e notas, in Da literatura açoriana, subsídios para um balanço. Angra. Direção Regional dos Assuntos Regionais. SREC: 303-314.
(1987). LUSAlândia. A décima ilha. Angra: col. Diáspora. Sec. Reg. Assuntos Sociais e Direção de Serviços de Emigração.
(1987). “Sobre o papel de Portugal na revolução científica do séc. XVII" in História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal (sécs. XVI-XIX). Lisboa: Academia das Ciências, 2º vol.: 1173-1222.
(1987). In Ron Goulart, “Uma costela faialense na ficção científica americana". Atlântida vol. 33: 141-146.
(1987). "Sobre o sentido de A minha pátria é a língua portuguesa (Pessoa - B. Soares) ". Colóquio-Letras nº 97: 37-47
(1987). “Aculturação: algumas observações”. Ensaio. Arquipélago-Ciências Sociais. Ponta Delgada, Universidade dos Açores 2: 229-237
(1987). “Um português na América”, excerto de “(Sapa)teia Americana” in P. Soares and P. Ferreira Welcome 5th Grade English Textbook. Lisboa: Ed. O Livro: 8-9.
(1987). Prémio de Ensaio Roberto de Mesquita (Ensaio). Angra. SREC.
(1987). “Antero de Quental no Diário de Tolstoi" Atlântida 32: 103-108.
(1987). “Sobre o papel de Portugal na revolução científica do séc. XVII” Ensaio in História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal sécs. XVI-XIX. Lisboa. Academia das Ciências 2: 1173-1222
(1987). “Aculturação, algumas observações”. Arquipélago, Ciências Sociais 2: 229-237.
(1987). “Açores, açorianidade e literatura açoriana”. Bulletin d'Études Portugaises et Bresiliennes nº 46-47: 7-16
(1988) “Geografia: insularidade e clima, a suposta influência psíquica” Separata do Boletim IHIT vol. 45: 143-169.
(1988). "O Sebastianismo revisitado" in Claude L. Hulet, ed., Encruzilhadas, Crossroads. Los Angeles: University of California. Symposium on Portuguese Traditions, vol. 3.
(1988). “Vitorino Nemésio e a tipologia do açoriano”. Separata Arquipélago Línguas e Literaturas vol. 10: 13-25
(1988). “Prefácio” to the Portuguese translation of Está a brincar Senhor Feynman! Lisboa: Gradiva: 7-11.
(1988). “Uma nota de introdução a R. Feynmann: Está a brincar Sr. Feynmann. Retrato de um Físico enquanto Homem”. Ensaio. Lisboa. Gradiva: 7-11
(1988). “Vitorino Nemésio e a tipologia do açoriano”. Arquipélago Letras. 10: 13-25.
(1988). “Brazilian Philosophy and national thought." Irwin Stern, ed., Dictionary of Brazilian Literature. Westport. CT: Greenwood Press: 240-242.
(1988). “Literatura, sociedade e política: o caso açoriano” in Conhecimento dos Açores através da Literatura, Ensaio. Angra IAC: 71-84
(1988). “O renascimento da Morte da Ideologia. Ensaio. Revista de Comunicação e Linguagens. Lisboa. 6-7: 63-69
(1988). Seleção, intro e ed. de João Teixeira de Medeiros, Do tempo e de mim. 2ª ed. alargada. Lisboa: Peregrinação Publications.
(1989). Ah! Mònim dum corisco! 2ª ed.; Teatro. New Bedford, Providence: Gávea Chama.
(1989). No seio desse amargo mar. Peça em 3 Atos. 1ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
(1989). “De Angra nos anos 60”, introdução a um texto de Francisco Carmo. Atlântida 34 nº 2: 119-120.
(1989). "A presença portuguesa na América do Norte". Oceanos vol. 1 nº 1: 93-95.
(1989). “Two entries” in Paul Dickinson, The new official rules”. Reading. MA. Addison-Wesley Publ. Co. Inc.: 7 - 19.
(1989). “On the diversity of Brazilian philosophical expression" in Jorge E. Gracia and Mireya Camurati, eds., Philosophy and Literature in Latin America. Albany: State University of New York Press: 18-24; 213-215.
(1989). “Literatura, sociedade e política, o caso açoriano. Conhecimento dos Açores pela Literatura.” IX Semana de Estudos dos Açores. Angra, IAC: 71-84
(1989). “Antero de Quental and the causes of decline of the Iberian Peoples, a revisitation". Benjamin F. Taggie and Richard Clement, eds., Iberia and the Mediterranean. Warrensburg: Central Missouri State University: 131-144.

39º STA Mª 2024

(1989). Açores, açorianos, açorianidade: um espaço cultural, Ensaio. Ponta Delgada, Signo
(1989). Quadro panorâmico da literatura açoriana nos últimos cinquenta anos. [s.i.]
(1989). “L(USA)lândia" excerto de “(Sapa)teia Americana” in Dora Matos et al. Pela Pátria é que vamos. 7th Grade Language Arts Textbook (Lisboa: ASA): 95

(1989). “L(USA)lândia. A décima ilha”. German Translation of parts of Chapter 8 by Walter Frey in Tranvia, Revue der Iberischen Halbinsel (no. 15 Dec.).
(1990). “Antero de Quental no Diário de Tolstoi”. Atlântida 32 (1987) 103-108. Reprinted in Ínsula nº 5
(1990). “Fernando Pessoa e Verdade(s)" in Um século de Pessoa. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura: 195-203.
(1990). “Plutarco como possível origem do nome das Ilhas Santanazes do mapa de 1424”. Boletim IHIT vol. 47: 75-84
(1990). “Segundo recado para Miguel Torga sobre o determinismo geográfico. A propósito da insularidade de Vitorino Nemésio”. Revista Açoriana de Cultura 2: 89-106.
(1990). “Açores. O futuro e a doce tirania do passado”, Ensaio. Arquipélago-Ciências Sociais. Ponta Delgada, 5: 205-214
(1990). “De Roberto de Mesquita e da sua açorianidade". Boletim da Casa dos Açores do Norte nº 31
(1991). Ah! Mònim dum corisco! Teatro. 2ª ed. Ponta Delgada, Eurosigno
(1991). No seio desse amargo mar, peça em 3 atos. 2ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
(1991). “Flores no aeroporto" in Fernando Venâncio: Oefenboek Bij Boa Sorte. Muiderberg, Holland: Dick Coutinho: 111-112 (reprint)
(1991). “Pessoa, Mensagem e o mito em George Sorel". IV Congresso Internacional de Estudos Pessoanos. Secção brasileira vol. 2. Porto: Fundação Eng. António de Almeida: 211-222.
(1991). "A questão da identidade nacional na escrita portuguesa contemporânea". Hispania vol. 74: 492-500.
(1991)."Portugal and the concern with national identity". Social History Society Newsletter 17 (Spring)
(1992). “Jorge de Sena e o Ensaio teórico" in Francisco Cota Fagundes e José N. Ornelas (org.) Jorge de Sena: O homem que sempre foi. Lisboa: ICALP: 211-219
(1992). “Another day (short story)”, James River Review (Winter) 3: 16-18.
(1992). “Chrystmas card (short story)”, James River Review 1 (Winter) 3: 20-21.
(1992). “Trois modes de présence européenne sur le continent american”. Europe. Special issue on L'Invention d'Amérique 70 (April) 756: 57-64.
(1992). “Da inevitabilidade da ética e do imperativo dialógico entre alternativas”. Ensaio. Revista de Comunicação e Linguagens. 15-16: 51-60
(1992). “De Roberto de Mesquita e da sua açorianidade”. Reprinted in Pulsar Açoriano Oriental 2 (janº) 26.
(1992). “Estruturas culturais profundas? - A propósito do duplo regresso dos emigrantes”. Revista da Semana Cultural das Velas (abril): 86-90.
(1992). “Sant’Anna Dionísio e a não-participação da inteligência ibérica na criação da ciência”, Ensaio in História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal séc. XX. Lisboa. Academia das Ciências 3: 1707-1731
(1992), sel., intro., org. João Teixeira de Medeiros, Ilha em Terra. Ponta Delgada, Eurosigno
(1992). No seio desse amargo mar, peça em 3 atos, 3ª ed. col Garajau nº 9 ed. Salamandra
(1992). “Ideas in context, cultural impositions on the thought of Silvestre Pinheiro Ferreira” in Helder Macedo, ed., Studies in Portuguese Literature and History in Honor of Luís de Sousa Rebelo. London: Tamesis Books: 171-179
(1992). “Prefácio” a Vamberto A. Freitas: Pátria ao longe. Jornal da emigração 2. Ponta Delgada: Eurosigno: 11-13.
(1992-1993). “Sobre o aparente renascimento de Heidegger, carta dos Estados Unidos”. Atlântida vol. 37 nº 1, 2: 107-118.
(1992-1993). "Marx e a ideologia, ou a ideologia em Marx". Arquipélago-Ciências Sociais nº 7-8: 135-161.
(1993). "O Ensaio teórico a la Jorge de Sena”. Colóquio-Letras 125-126: 119-128.
(1993). The Abbé Corrêa in America (1812-1820). The Contributions of the Diplomat and Natural Philosopher to the Foundations of Our National Life. Edition of Richard Beale Davies, Prefácio Gordon S. Wood. Posfácio Léon Bourdon. R. I. Gávea-Brown Publications.
(1993). L’humeur dans la littérature portugaise-un bilain critique. Archives du Centre Culturel Gulbenkian (Paris).
(1993). “Antero e as Causas, entre Marx e Weber." Congresso Anteriano Internacional. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 33-43.
(1993). “Açores. O futuro e a doce tirania do passado” in Irwin Karnick, A Trilogia Açoriana: o espírito, o povo e a terra (Foto álbum). Ennismore. Ontário: One World Communications: 186-187
(1993). A L(USA)lândia e a lenta osmose da assimilação. Uma década de desenvolvimento: 1983-1993. Velas: Câmara Municipal: 12-19.
(1993). “A ideologia da Mensagem” in José Augusto Seabra, ed., Fernando Pessoa Mensagem. Poemas Esotéricos. Nanterre. France: col. Archivos. UNESCO: 329-33
Almeida. Onésimo Teotónio (1993). "Antero et les causes du déclin des peuples ibériques. Esquisse d'une analyse critique" in M. Lourdes Belchior, ed., Antero de Quental et l'Europe. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais: 121-135.
(1993). "Prefácio” in Fernando Aires. Era uma vez o tempo vol. 3. Lisboa: Salamandra: 7-17.
(1994). Que nome é esse. Ó Nézimo? – E outros advérbios de dúvida, crónicas. 1ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
(1994). “A ideologia dos factos, a subjetividade do objetivo" in Mário Mesquita e José Rebelo, eds., O 25 abril nos Media Internacionais. Porto: Ed. Afrontamento: 221-234
(1994). “Portugal and the concern with national identity" in Ann L. MacKenzie, ed., Portugal: its culture influence and civilization. Special issue of the Bulletin of Hispanic Studies, vol. 71 nº 1. Liverpool: University Press: 155-163.
(1995). “Ah! Mònim dum corisco" (partial reprint) in A. Oliveira, A. Bruno, M. Mesquita, S. Rocha, eds., Papai, a sua bênção! Antologia de Textos de Autores Açorianos. Angra, DRAC. Com. Reg. Ano Internacional da Família: 249-258.
(1995). "A LUSAlândia e a lenta osmose da assimilação". Congresso das Comunidades Açorianas. Angra. Gabinete de Emigração e Apoio as Comunidades Açorianas.
(1995). “Prefácio” a Irene Dias: Jardim saudoso. E. Providence. RI Casa dos Açores: 11-13.
(1995). “Açores, a aculturação entre a Europa e a América” 4º Congresso das Comunidades Açorianas. Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas: 381-388
(1995). “Em busca de clarificação do conceito de identidade cultural”. Livro 1º Centenário da Autonomia dos Açores vol. 2. A Autonomia no Plano Sociocultural. Ponta Delgada: Jornal de Cultura: 65-90. Reprinted in Supl. Açoriano de Cultura nº 15-16 jul 27 e setº 14.
(1995) “Introdução desnecessária”, introduction to the Portuguese edition of Daniel Goleman Inteligência emocional. Lisboa: Círculo de Leitores: 9-15: mais de dez edições.
(1995). “Das excelências axiológicas do Bremontismo”. Atlântida vol. 40 (1º sem.): 107-127.
(1995). “Ideologia, revisitação de um conceito". Revista de Comunicação e Linguagens. Nº especial "Comunicação e Política" nº 21-22: 69-79
(1995). "José Enes, o professor nas lembranças de um aluno." Insulana, vol. 51: 63-73.
(1995). “Da experiência açoriana, literária e existencial de José Enes”. Atlântida 41 nº 2: 35-52
(1995). “Portugal and the dawn of Modern Science” in George D. Winius, ed., Portugal, the pathfinder: Journeys from the medieval toward the modern world. 1300-ca. 1600. Madison, Wisconsin: 341-368
(1996). “A ideologia da Mensagem" in José Augusto Seabra, 2ª ed., Fernando Pessoa, Mensagem. Poemas esotéricos. Nanterre. France: col. Archivos. UNESCO.

(1996). “Canto da Maya. Introduction to the catalogue of the Art Exhibit of the Works of Canto da Maya”. Paris: Centre Culturel Portugais, Foundation C. Gulbenkian: 8-11. Reprinted in Supl. Açoriano de Cultura, Correio dos Açores nº 13 jul 13, Boletim Cultural e Informativo. Casa dos Açores do Norte nº 35 dezº: 13-14
(1996). “Açores, a aculturação entre a Europa e a América", 4º Congresso das Comunidades Açorianas. Angra, Gab. de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas: 381-388.
(1996). “Distinguishing cultural identity from national character”. 5th Conference of the International Society for the study of European Ideas. University for Humanist Studies. CD-ROM. Utreque. Holanda, ago: 19-24.
(1996). Aforismos & desaforismos de Aparício, de José Rodrigues Miguéis. Lisboa. Ed. Estampa
(1996). Aforismos & desaforismos de Aparício, de José Rodrigues Miguéis. Lisboa. Círculo de Leitores
(1996). “Tiquete de sepide no riàiuei” in A. Veríssimo et al., eds., O gosto das palavras. Porto: Areal Editores: 130-133 (reprint)
(1996). “The ideological background of Pessoa’s Mensagem.” Indiana Journal of Hispanic Literatures. Special issue on Fernando Pessoa nº 9. Fall: 225-236.
(1996). "J. Rodrigues Miguéis - um estrangeirado que nunca foi". Revista da Faculdade de Letras Lisboa nº 19-20: 149-158
(1996). “O caso do Big Dan's, revisitação seguida de algumas considerações sobre acontecimentos media made". Arquipélago-Ciências Sociais 9-10: 161-176.
(1996-97) “Da pátria da língua, de Pessoa e de cada qual”. Revista Faculdade de Letras Lisboa 21-22: 15-21.
(1997). “On the contemporary Portuguese essay” Ensaio, in Haufman, H.; Klobucka, A., eds., After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994, Lewisburg, Bucknell University Press: 127-142
(1997). “R. Hooykaas and his Science in Manueline Style, the place of the works of D. João de Castro in the history of science". Ibero-Americana Pragensia 31: 95-101.
(1997). “Os Açores entre Portugal e os EUA. Equívocos de um período quente 1975-76” in António J. Telo: O fim da Segunda Guerra Mundial e os Novos Rumos da Europa. Lisboa, Cosmos: 43-60.
(1997). “Portuguese Essay” in Tracy Chevalier, ed., The Encyclopedia of the Essay. London: Fitzroy Dearborn Publishers: 668-671.
(1997). “O humor (ou a ausência de) no Camilo polémico”, in Isabel Pires de Lima et al., ed., O Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes. Porto: Campo das Letras: 45-54.
(1997). "Vergílio Ferreira" and "Eduardo Lourenço" in Tracy Chevalier, ed., The Encyclopedia of the Essay. London: Fitzroy Dearborn Publishers: 277-8; 496-7.
(1997). “Jacinto do Prado Coelho e a sua serena conceção de crítica literária”, in Ana Hatherly e Silvina R. Lopes (org.) O sentido e os sentidos. Homenageando Jacinto do Prado Coelho. Lisboa. Cosmos: 57-69.
(1997) in After the Revolution: twenty years of Portuguese Literature 1974-1994, Helena Kaufman, Anna Klobucka, Bucknell University Press,
(1997). Rio Atlântico, ensaios curtos. Lisboa, ed. Salamandra
(1998). Portuguese Spinner. An American Story. Stories of History. Culture & Life from Portuguese-Americans in Southeastern New England. New Bedford. In Adrian, Marsha L. McCabe & Joseph D. Thomas, eds., Spinner Publications: 186-191.
(1998). “On distinguishing cultural identity from national character” in Frank Brinkhuis & Sascha Talmor, eds., “Memory, history and critique: European identity at the end of the millennium”. 5th Conference of the International Society for the Study of European Ideas at the University for Humanist Studies. Utreque. Holanda, CD-ROM.
(1998). “Azorean Dreams" in Portuguese Spinner: An American Story. Stories of History. Culture and Life from Portuguese-Americans in Southeastern New England. Ed. Marsha L. McCabe & Joseph D. Thomas. New Bedford. MA: Spinner Publications: 20-29
(1998). “Who was João T. Medeiros?". Portuguese Spinner. New Bedford. MA: Spinner Publications: 98-99
(1998). “Ah, Adrian", Marsha L. McCabe & Joseph D. Thomas. Eds., Portuguese Spinner: An American Story. Stories of history, culture and life from Portuguese-Americans in Southeastern New England. New Bedford, MA Spinner Publications: 186-191.
(1998). “Aldeia ou freguesia? Gentes e o mar” in II Semana Cultural Açoriana nº 2: 32.
(1998). “Duas décadas de literatura luso-(norte)americana: um balanço 1978-1998.” Veredas 1: 327-347.
(1998). No seio desse amargo mar (1991) Viagens na minha era (peça em 3 atos) 3ª ed.
(1998). Ah! Mònim dum corisco! Teatro. 3ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
(1998). "Sobre a revolução da experiência no Portugal do séc. XVI: na pista do conceito de experiência, a madre das cousas". T. F. Earle, ed., V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas vol. 3 Oxford-Coimbra: 1617-1625.
(1998). “Tales of three cities, ou olhares sobre três comunidades na Costa Leste dos EUA na década de 20”. Arquipélago-Ciências Sociais 11-12: 505-533
(1998). “O mistério da pedra de Dighton” in Ah! Mònim dum corisco! Lisboa. Salamandra col. Garajau: 81-99.
(1999) “Introduction" to the Portuguese translation of Steven Shapin The Scientific Revolution, Difel: 7-12.
(1999). “No mesmo banco”. Prefácio a Octávio Ribeiro Medeiros: Urbanização humanizante. Ponta Delgada: Câmara Municipal da Povoação: 7-12. Reprinted in Supl. Açoriano de Cultura, Correio dos Açores, outº 28.
(1999). “Nemésio, o humanista; ponte entre as “duas culturas” uma revisitação de Era do Átomo, Crise do Homem in António Machado Pires et al., eds., Vitorino Nemésio Vinte Anos depois. Colóquio Internacional fevº 98. Lisboa: Ed. Cosmos e Seminário Internacional de Estudos Nemesianos: 535-541.
(1999). “L(USA)lândia - um olhar interrogativo sobre o futuro" in Ponta Delgada, Cinco séculos de Concelho 1499-1999. Ponta Delgada: Câmara Municipal: 133-141.
(1999). “The Portuguese-American communities and politics, a look at the cultural roots of a distant relationship" in Frank Fagundes, Ecos de uma viagem. Em honra de Eduardo Mayone Dias. Providence. RI: Gávea-Brown: 229-243
(1999). “Duas décadas de literatura luso-(norte)americana: um balanço 1978-1998”. Reprinted in Supl. Açoriano de Cultura, Correio dos Açores nº 100 novº 11.
(1999). “Various essays included in Vida e Obra de Fernando Pessoa”. CD-ROM. Porto: Editora.
(1999). “Luís de Albuquerque, the historian of science”. Bulletin international Center for Mathematics 7: 8-9.
(1999). “Variationen über die Obsession der Identität” (trad. Orlando Grossegesse). Tranvia. Revue der Iberischen Halbinsel 53: 65-67.
(1999). “A osmose literária açor-americana - o caso de My Californian Friends, de Vasco P. Costa” Margem nº 14: 16-22
(1999). '...fique a dúvida para Pedro Nunes' (D. João de Castro) sobre a cooperação entre 'cientistas' e navegadores." Oceanos nº 49: 9-17. Republished in Instituto Camões.
(1999). “Portugal e a aurora da ciência moderna, uma revisitação". Anais Universidade de Évora nº 12: 19-61.
(1999). “National identity, a revisitation of the Portuguese debate”, Nui Mainouth Papers, Spanish, Portuguese & Latin American Studies 5 Mainouth Ireland National University
(1999). "Livros açorianos em inglês, um pequeno projeto de sobrevivência cultural," in I Jornadas 'Emigração-Comunidades'. Lisboa. Horta: Direção Regional das Comunidades
(1999). “De Eça ao projeto de modernidade de Antero". Estudos Anterianos. Special Issue Eça. Antero e a Geração de 70, nº 9-10: 91-98
(1999). “William Wood, uma figura (desconhecida) da história da emigração açoriana para os EUA" in M. Simões. H. Madeira. L. C. da Rosa, org., Textos da Diáspora. Homenagem a J. David Rosa. Berlim. Alemanha: Avinus Verlag:

135-145
(1999). "A case of "Up Syndrome" in José Brites, ed., Ronnie, a smiling life with Down Syndrome. Rumford: Peregrinação Publications: 61-63.
(1999). "Osmose literária açor-americana: o caso de My Californian friends" in Margem 2 Funchal nº 14 dezº: 16-22
(1999). "Notas à margem sobre a imagem de Portugal" in A Imagem de Portugal. Seminário Diplomático. Lisboa: Instituto Diplomático: 103-121.
(1999). "Spanish and Portuguese Literature" in Context vol. 5 of World Literature and Its Times. Profiles of Notable Literary Works and the Historical Events that Influenced Them. Detroit. MI: Gale Group: 477-485.
(1999). "Escrever num mundo em permanente mudança". Raia sem fronteiras. Castelo Branco: Câmara Municipal: 37-41.
(1999). "Da Póvoa..." in Rui Sousa: Imagens d'Escritas. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal: 52-53.
(1999). Que nome é esse Ó Nézimo? Lisboa, ed. Salamandra 2ª ed.
(2000). SapaTeia americana. 2ª ed. Lisboa. Salamandra.
(2000). "Identidade cultural. Conflitos solúveis e insolúveis" in Eduardo M. Dias, ed., Portugueses na América, Estudos e Perspetivas. Baden. Suíça: 2ª ed. Rumford: Peregrinação Publications: 39-51
(2000). "Value conflicts and cultural adjustment in North America" em Carlos Teixeira e Victor M. P. da Rosa, org., Indices of naturalization patterns in the United States: a theory revisited. Toronto. University of Toronto Press: 112-124
(2000). Açores, Europa, uma Antologia, seleção, org. e intro. Angra, IAC: 355 [4]
(2000). "Prosema ao Brasil" in João Almino e Arnaldo Saraiva, eds., Literatura Portuguesa e Brasileira. Porto: CNCDP: 7-11. Reprinted in Ciberkiosk, Online Journal of Arts and Letters n. 9 July.
(2000) "Introdução supérflua" in José F. Costa: E da carne se fez verbo. Lisboa: Salamandra: 5-7.
(2000). Translation of José Enes My Philosophical trajectory in Raul Fornet-Betancourt, ed., World survey on the situation of Philosophy at the end of the Twentieth Century. [s.i.]
(2001). Viagens na minha era. Lisboa. Temas e Debates
(2001). Viagens na minha era. Lisboa. Círculo de Leitores
(2001). (Sapa)teia americana (short stories), ed. revista, posfácio de Frank Fagundes. Lisboa: Salamandra. / Lisboa: Círculo de Leitores.
(2001). "Prosema a Monhegan" in Maria Armandina Maia, ed., Da outra margem. Antologia de Poesia de Autores Portugueses. 2ª ed. Lisboa: Instituto Camões: 65-70.
(2001). "A décima ilha e o estreitamento das pontes sobre o Rio Atlântico" O Dia da Região Autónoma dos Açores, a bilingual edition. Ponta Delgada: Governo Regional dos Açores: 12-35. Correio da Horta ago 13.
(2001). "Two decades of Portuguese-American Literature: an overview" in Asela R. Laguna, ed., The Global Impact of the Portuguese Language. New Brunswick. NJ: Transaction Publications: 231-254.
(2001). "Uma educação para o séc. XX. Nota introdutória", in António M. Frias Martins, org., A Investigação Portuguesa: desafios de um novo milénio. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 11-12
(2001). "As ilhas e os mundos. Literaturas & literaturas" in Caminhos do mar. Colóquio Funchal: Câmara Municipal: 187-192.
(2001). Sel., intro e edição de João Teixeira de Medeiros: Do tempo e de mim. 3ª ed. Lisboa: Salamandra.
(2001). Coeditor com Manuela Rêgo, José Rodrigues Miguéis 1901-1980 Catálogo da Exposição Comemorativa Centenário de Nascimento. Lisboa: Câmara Municipal, intro a "José Rodrigues Miguéis, filho de Lisboa": O espólio não cai do céu": 27-29
(2001). "Uma vida em papéis repartida", coeditor com Manuela Rêgo, org., "José Rodrigues Miguéis". Colóquio no Padrão dos Descobrimentos. Lisboa: Câmara Municipal
(2001). José Rodrigues Miguéis, Lisboa em Manhattan, ed. trad., alargada com posfácio. Lisboa: Ed. Estampa
(2001). "Francisco Sanches: o "elo perdido' entre os descobrimentos e a ciência moderna". Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias vol. 12 2nd series (Spring): 221-229.
(2001). "Francisco Sanches, the "lost link" between the discoveries and modern science". Science in Portugal. Centro Virtual Camões
(2001). "Identidade nacional, algumas achegas ao debate português". Semear nº 5: 151-165
(2001-2004) "Coração despedaçado a morrer devagar, da experiência americana de J. Martins Garcia". Arquipélago Línguas e Literaturas vol. 17: 29-46.
(2003). "A propos de la Lusophonie: ce que la langue n'est pas" in Francisco Bethencourt, ed., Lusophonie et Multiculturalisme. Paris: Archives du Centre Culturel Calouste Gulbenkian: 139-145
(2003). "José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal". Estudos Anterianos 11-12 abr-out: 43-53.
(2003). "Livros açorianos em inglês, um pequeno projeto de sobrevivência cultural" in I Jornadas 'Emigração, Comunidades' Lisboa Reprinted in SAAL, Saber nº 4: 7-8
(2003). "A propósito de Lusofonia: o que a língua não é" in Carlos Ceia, Isabel Lousada e M. João R. Afonso, eds., Estudos Anglo-Portugueses. Livro de Homenagem a Maria Leonor M. Sousa. Lisboa: Ed. Colibri: 545-551. Reprinted in SAAL Saber nº 8: 4-7.
(2003). "A osmose literária açor-americana - o caso de My Californian Friends, de Vasco P. Costa". Reprinted in SAAL, Saber 4 nº 9: 9-11
(2003). "Os descobrimentos e a emergência da ciência moderna, revisitando um decantado tema". Boletim da Academia Internacional de Cultura Portuguesa nº 30: 259-273
(2003). "A mundividência saramaguiana ou a coerência na busca da materialização da ordem necessária" in M. L. Sousa et al. Em Louvor da Linguagem. Homenagem a M. L. Buescu. Lisboa: Ed. Colibri: 23-30. Reprinted in SAAL 1 nº 1: 4-6
(2003). "Jean Baudrillard, uma apressadíssima visão da América". M. L. M. Sousa, ed., Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses. Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses. FCSH: 663-669. Partially reprinted in SAAL Saber 4 nº 7: 4-6
(2003), com A. Canas, L. M. Carolino e J. C. Brigola: Dois vultos portugueses nos alvores da modernidade científica. Évora. Universidade de Évora (parcialmente publicado no site do Instituto Camões).
(2003). "Chegam novas do Brasil!". Prefácio Luiz A. Assis Brasil: Escritores Açorianos: a viagem de retorno. Lisboa: Salamandra: 9-12 Reprinted in SAAL Saber 5 nº 11: 9
(2003). "José Enes, o professor nas lembranças de um aluno". Partially reprinted in Boletim da Casa dos Açores da Nova Inglaterra vol. 1 nº 21 nov-dez: 17.
(2003). "Vitorino Nemésio, corsário das ilhas: travels in his land". Portuguese Literary & Cultural Studies 11 (Fall): 291-301.
(2003). "Nemésio, corsário das ilhas: viagens na sua terra". Revista da Universidade Autónoma.
(2003). "Responsabilidade nos media" in Mário Mesquita, ed., Os Media e a Transmissão dos Saberes. Lisboa: Cosmos.
(2004). "De Eça ao projeto de modernidade de Antero". Estudos Anterianos. Partially reprinted in SAAL, Saber 5 nº 22: 4-6
(2004). Que nome é esse Ó Nézimo? 2ª ed. Lisboa. Círculo de Leitores
(2004). Onze prosemas e um final merencório. Vila Nova de Gaia. Ausência.
(2004). "Saudades frutuosas", prefácio a Alfredo da Ponte: Os Fusíadas, apontamentos sobre a Ribeira Grande, sua história e sua gente, vol. 2, Fall River. MA: Casa dos Açores da Nova Inglaterra: 5-7.
(2004). "Irmãos Côrte-Real - os mitos e os factos e a sua importância identitária". Luís Arruda, ed., O Faial e a Periferia Açoriana nos sécs. XV a XX. Horta: 37-43.

(2004). “Esquilo erudito" in Fernando Venâncio: Crónica Jornalística séc. XX, Lisboa: Círculo de Leitores: 317-318.
(2004). “O ensaio de Vergílio Ferreira” in Maria Joaquina Nobre Júlio, ed., In Memoriam de Vergílio Ferreira. Partially reprinted in SAAL, Saber 5 nº 17: 17-19
Almeida. Onésimo T. (2004). “Identidade nacional - algumas achegas ao debate português”. Partially reprinted in SAAL Saber 5 nº 19: 19-21
(2004). “Vergílio Ferreira e o humor em Eça de Queirós - a propósito do conceito de humor na literatura portuguesa”. Estudos Anterianos 13-14 (abr-out): 9-66
(2004). “O(s) Adrianos" in Francisco C. Fagundes: Um passo mais no Português Moderno: gramática avançada, leituras, composição e conversação. Nth Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture. UMass Dartmouth: 635-656.
(2004). "A cidade e as ilhas - valores e escolhas" in M. A. Homem, ed., Escritores e Cidades. Funchal: Câmara Municipal: 125-129. Partially reprinted in SAAL Saber 5 nº 12: 4-6
(2004). "Identidade nacional - a doce tirania do passado" in Orlando Grossegesse, ed., O estado do nosso futuro: Brasil e Portugal entre identidade nacional e globalização. Berlim: Tranvia: 10-24
(2004). "Saudade e saudosismo, uma revisitação da polémica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes". Via Atlântica nº 7: 131-145
(2004). “José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal”. Partial reprint SAAL Saber 5 nº 15: 4-6.
(2004). “José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal” in M. C. Ribeiro. J. Perkins, P. Rothwell, eds., A primavera toda para ti. A tribute to Helder Macedo. Lisboa: Ed. Presença: 235-242. Reprinted in SAAL Saber 5 nº 15: 4-7.
(2005). “Lusofonia, some thoughts on language in language communities or cultural empires? The impact of European languages in former colonial territories”. Berkeley. CA: Institute of European Studies (May 21) Paper 050521.
(2005). “Língua e mundividência, uma revisitação da hipótese de Sapir-Whorf” in Gramática e Humanismo. Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres vol. 1. Braga: Faculdade de Filosofia: 93-111.
(2005). “Postácio, Eduíno de Jesus: nota biobibliográfica e alguma fortuna crítica”, in Eduíno de Jesus: Os Silos do Silêncio. Poesia 1948-2004 Lisboa IN-CM: 349-366 Partially reprinted in SAAL vol. 6 33: 4-8
(2005). Advertência em prefácio a Machado Ribeiro. Retalhos da Alma. San José. CA: PHPC: 6-7.
(2005). “Cristóvão de Aguiar e algumas das suas ralações de bordo” in Ana Paula Arnaut, org. Homenagem a Cristóvão de Aguiar. 40 Anos de vida Literária. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: 182-185.
(2005). “Portuguese-American literature: some thoughts and questions.” Hispania vol. 88 nº 4: 733-738.
(2005). Portuguese Encyclopedia of New England, ed. Burt Feintuch & David H. Watters. New Haven Yale University Press: 395-397.
(2005). “Over the clouds” (trad. George Monteiro). Atlantis 25 nº 2 (mai-jun): 98-99
(2005). Mensagem, uma revisitação à luz da interminável torrente do espólio, documento eletrónico [s.i.]
(2005), coeditor com Alice Clemente, George Monteiro: The discrete charm of a Portuguese-American Scholar. Providence. RI. Gávea-Brown
(2005-06), “Of José Blanco, Gulbenkian and Brown”. Gávea-Brown 24-5: 31-35.
(2006). “Escrita em autodiagnóstico”, in Maria da Penha Campos Fernandes: História(s) da Literatura. Coimbra, Almedina: 538-542.
(2006). “A natureza humana e inovações: um argumento contra o determinismo biológico.” Revista Portuguesa de Humanidades vol. 10: 421-430.
(2006). “SapaTeia Americana”. Tradução parcial por David Brookshaw: Tales from the tenth island. Bristol. UK. Seagull-Faoilán.
(2006). “Pedro da Silveira: uma homenagem em três andamentos”. Boletim do Núcleo Cultural da Horta vol. 15: 39-49
(2006). “José Enes e a autonomia da arte: uma injustamente tardia revisitação” in J. L. Brandão da Luz, ed., Caminhos do pensamento. Estudos em homenagem ao Professor José Enes. Lisboa: Ed. Colibri, Universidade dos Açores: 29-42. Partially reprinted Arquipélagos do Desejo. Funchal: Dept.º de Cultura, Câmara Municipal do Funchal: 100-110.
(2006). “Línguas, pátria de uma língua expatriada” in Maria da Penha Campos Fernandes, org., História(s) da Literatura. Coimbra: Almedina: 29-38.
(2006). “Contrarregras” in Margem 2. Funchal nº 21 abril: 41-43
(2006). “At home with the safety belt on” in Teresa Alves and Teresa Cid, eds., From the edge. Portuguese short stories. University of Lisbon Centre for Engish Studies: 109-123 (Trad. John Elliott)
(2006). “On Lusofonia: an expatriate language as mother tongue” in Anthony Soares, ed., “Towards a Portuguese Postcolonialism”, a special issue of Lusophone Studies nº 4. Bristol. UK: Department of Hispanic. Portuguese & Latin American Studies: 79-90
(2006). Livro-Me do desassossego. Lisboa: Temas e Debates.
(2006). Prefácio a “Concerto internacional”: Américo Teixeira Moreira e Gabriela Silva: Concerto a quatro mãos. Porto: Ed. Triunvirato: 7-10.
(2006). “Lusofonia e modernidade, antigos conflitos e atuais desafios”. 5º Colóquio da Lusofonia. Ribeira Grande. Açores
(2006). “O fu(tu)ro das Humanidades na Universidade portuguesa”. Boletim da Academia Internacional de Cultura Portuguesa n. 33: 143-149.
(2006). “Modernidade, pós-modernidade e outras nublosidades”. Cultura, História e Filosofia 22: 49-69.
(2007). “Sobre o peso da geografia no imaginário literário açoriano” in Jane Tutikian e Luiz Antônio de Assis Brasil, eds., Mar horizonte, literaturas insulares lusófonas. Porto Alegre: PUC, Rio Grande do Sul: 23-32.
(2007). “A comunidade açor-americana e a Universidade”. AndarILHAgem nº 1: 34-37
(2007). In Leiamos hoje morreremos amanhã de Carlos Tomé. Os meus Livros 6, nº 55: 44-45
(2007). "Stormy isles: an Azorean tale by Vitorino Nemésio" in Joyce Moss, ed., “Pessoano” in Stephen Dix e Jerónimo Pizarro, eds., A arca de Pessoa. Novos ensaios”. Lisboa: ICS: 203-216
(2007). “The Azores and their place in the Portuguese cultural scene”. Lusophone Studies. Special issue edited by John Kinsella and Carmen R. Vilar “Mid-Atlantic Margins. Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context” 5 (July): 19-30.
(2007). “Quase criação ex nihilo”. Prefácio a Duarte Mendonça: Da Madeira a Nova Bedford. Um capítulo ignorado da emigração portuguesa nos EUA. Funchal: DRAC: 15-16
(2007). “Darwin e os Açores, das referências às ilhas à receção da sua teoria no arquipélago” in O Faial e a Periferia Açoriana. IV Colóquio, Horta: Boletim do Núcleo Cultural da Horta: 521-538.
(2007). “On the Portuguese struggle for modernity, the weight of the past at home and abroad” in Irene Blayer and Frank Fagundes, eds., Tradições portuguesas, Portuguese traditions: in honor of Claude L. Hulet. San Jose. CA: PHPC: 449+
(2007). “O Professor Dr., von Igelfeld e outros “products of Portugal”, um retrato simbólico de uma certa imagem nossa no exterior” in Otília Martins: Portugal e o Outro: imagens. mitos e estereótipos. Aveiro: CLC - Universidade de Aveiro: 23-30
(2007). Aventuras de um nabogador & outras estórias-em-sanduíche. 1ª ed. Lisboa: Bertrand Ed.
(2007). Aventuras de um nabogador & outras estórias-em-sanduíche. 2ª ed. Lisboa: Bertrand Ed.
(2007) “Paradigma perdido? O confronto do Portugal da Contrarreforma com a modernidade” in J E Franco e Hermínio Rico, eds “Padre Manuel Antunes (1915-85) Interface entre Portugal e Europa. Colóquio de Homenagem ao Pe.

Manuel Antunes".Porto: Campo das Letras 146-162.
(2008). "Sena Freitas e o evolucionismo darwinista" in Luís Machado de Abreu, José Eduardo Franco, Anabela Rita e Jorge Croce Rivera: Homem de palavra, Padre Sena Freitas. Estudos inéditos e autobiografia. Lisboa: Roma Ed: 283-293.
(2008). "L(USA)land. the tenth island" and "Our communities and access to higher education" in Tony Goulart, ed., "Capelinhos: A Volcano of Synergies. Azorean Emigration to America". San Jose. CA: PHPC: 131-136; 211-215.
(2008). "Sobre o peso da geografia no imaginário literário açoriano" in "Mar horizonte, literaturas insulares lusófonas" de Jane Tutikian e Luiz Antônio de Assis Brasil. EDIPUC. RS. Brasil
(2008). "Value conflicts and cultural adjustments in North America". 2ª ed. in Carlos Teixeira and Victor P. da Rosa: The Portuguese in Canada. Toronto University Press: 255-268
(2008). "A propósito de Lusofonia: o que a língua não é" in Carlos Ceia, Isabel Lousada e M. João R. Afonso, eds., "Estudos Anglo-Portugueses. Livro de Homenagem a Maria Leonor M. Sousa". Reprinted in expanded version in Miguel Jasmines Rodrigues, (org.), Futuro e História da Lusofonia Global. Lisboa: IICT: 195-204
(2008). "Do (re)conhecimento da ignorância como saudável atitude fundacional" in Victor Trindade, Maria Nazareth Trindade e Adelinda Araújo Candeias, eds., A Unicidade do conhecimento. Coimbra: Quarteto Ed: 13-28.
(2008). "Quanto vale um pioneiro". Prefácio a Francisco Cota Fagundes: No vale dos pioneiros. Praia da Vitória: Câmara Municipal: 11-16.
(2008). "Devolvido à sua terra". "Prefácio à obra científica de Francisco de Arruda Furtado", introdução, levantamento e estudo de Luís M. Arruda. Ponta Delgada: ICPD: 7-14
(2008). "Out of Africa". Prefácio a Rui Balsemão da Silva: A voz de dentro. Victoria. BC: Pritoium Bookworks: 11-14.
(2008). "O jardim como extensão da casa-do-estar, uma amostra luso-americana" in José Eduardo Franco e Ana Cristina da C. Gomes, ed., Jardins do mundo. Discursos e práticas. Lisboa Gradiva: 301-307.
(2008). "Cânone, cânones em reflexões dialogadas" with Leonor Simas-Almeida. Veredas nº 10: 165-171
(2008). "Fernando Pessoa and Antero de Quental (with Shakespeare in between)". Portuguese Studies. Special issue on Fernando Pessoa vol. 24 nº 2: 51-68
(2008). "O verbo e a verve de Mons. José Machado Lourenço: aulas que o vento não levou". Atlântida vol. 58: 19-34.
(2008). "Science during the Portuguese maritime discoveries, a telling case of interaction between experimenters and theoreticians" in Daniela Bleichmar, Paula de Vos, Kristin Huffine & Kevin Sheehan, eds., Science in the Spanish and Portuguese Empires 1500-1800. Palo Alto. CA: Stanford University Press: 78-92; 348-351.
(2008). "Stormy isles: an Azorean tale by Vitorino Nemésio" in Joyce Moss, ed., "Pessoano" Stephen Dix e Jerónimo Pizarro, eds., A arca de Pessoa. Novos Ensaios. 2ª ed. Lisboa: ICS.
(2009). "O ensaio de Eduardo Lourenço: Existo, logo penso (e sinto)". Ed. especial "Eduardo Lourenço 85 anos" Colóquio-Letras nº 170 (janº-abril): 113-117.
(2009). "José Bruno Carreiro, homem de cultura - ou sobre o biógrafo e os subsídios para uma biografia de Antero de Quental" ed. especial José Bruno Carreiro. O homem e a obra Insulana vol. 65: 85-94
(2009). "Media made events: revisiting the case of Big Dan's" in Kimberly da Costa Holton e Andrea Klimt, org., Community, Culture and the Makings of Identity: Portuguese-Americans Along the Eastern Seaboard. Dartmouth. UMass Dartmouth: 247-264.
(2009), coeditor com Leonor Simas-Almeida: Eduíno de Jesus, a ca(u)sa dos Açores em Lisboa. Homenagem de amigos e admiradores. Angra: IAC.
(2009). De Marx a Darwin: a desconfiança das ideologias. Lisboa ed. Gradiva. Prémio 2010 Seeds of Science para Humanidades e Ciências Sociais
(2009). "Prefácio" em Daniel Melo e Eduardo Caetano da Silva, org., Construção da nação e associativismo na emigração portuguesa. Lisboa. ICS.
(2009). "Companheiros de jornada" in Resendes Ventura: Papel a mais. Papéis de um livreiro com inéditos de escritores. Lisboa: Esfera do Caos: 185-188.
(2009). "João Medina e os náufragos do Mar da Palha" in António Ventura et al., eds., João Medina. Pensar e sentir a história. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa: 43-46
(2009). "Jorge de Sena estrangeirado, ou era-lhe apertada a camisa da pátria? in Francisco C. Fagundes e Jorge Fazenda Lourenço, (org.), Jorge de Sena. Novas perspetivas 30 anos depois. Lisboa: Universidade Católica Ed: 323-329.
(2009). Over the clouds. The Prairie Schooner
(2009). "Comunidades portuguesas dos EUA: identidade, assimilação, aculturação" em A. T. de Matos e M. Lages, (org.), Portugal. Percursos de interculturalidade: desafios à identidade. Lisboa ACIDI: 339-422.
(2009). Quando as correntes engatinhavam. Dez anos de Correntes de Escritas. Póvoa de Varzim.
(2009). Viana do alto de Santa Luzia. Viana a várias vozes. Viana do Castelo: Câmara Municipal: 387-389.
(2009). "Prefácio" a P. Alfredo Vieira de Freitas: Impressões de uma viagem à América. Ed. revista e comentada por Duarte Barcelos Mendonça. Santa Cruz. Madeira: Câmara Municipal: 7-8.
(2009). "As receitas do Dinis". Prefácio a Dinis Paiva: Cozinha com peso e medida. Fall River. MA: Express: 5-7.
(2009). "Cac(o)fonia em dói menor". Prefácio a André Moa: Mau tempo no canal. Lisboa: Quid Novi: 13-19
(2009). "Umas linhas a abrir". Prefácio a J. Carlos Tavares: Fajã de Cima. Memória da terra e da sua gente. Ponta Delgada: Nova Gráfica: 5-7.
(2009). "Da nossa diáspora". Prefácio a Daniel Melo e Eduardo Caetano da Silva, (eds.), Construção da nação e associativismo na emigração portuguesa. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais: 15-19.
(2009). "Prólogo" a Fátima Martins: América. San José. CA: PHPC Inc: 13
(2009). "Identidade cultural: desdobrando polissemias em busca de clareza" in Hermenegildo Fernandes, I. Castro Henriques, J. Silva Horta,Sérgio Campos Matos, eds., Nação e identidades. Portugal, os portugueses e os outros. Lisboa: Caleidoscópio: 51-63
(2010). "Açorianidade, prolongando antigas reflexões" in Berta Miúdo e Gabriela Castro, eds., Reflexão sobre Mundividências da Açorianidade. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 45-58.
(2010). "Um Pico de sonho", in Nuno Costa Santos: O Sonho, Companhia das Ilhas
(2010). "Da ficção embrulhada na vida e vice-versa em nota de abertura". "Prefácio" a Maria Marado: A Magia dos encontros e reencontros. Aveiro: Casa da Cultura: 5-7
(2010). "A autodescoberta de uma europeia na América - ou quando Natália Correia descobriu que era Natália" in M. Fernanda Abreu: Natália Correia, A Festa da escrita. Lisboa: Colibri: 35-51
(2010). "A minha lista de listas. Ou amostras da" in João Pombeiro: O livro das listas. Lisboa: Quetzal: 151-156.
(2010). "O calor dos sorvetes" in Aida Baptista, Manuela Marujo, eds., Passos de nossos avós. Ponta Delgada: Publiçor: 109-111.
(2010). "Postal de Boas Festas", reprinted in Na noite de Natal. Textos escolhidos. Seleção e Organização de J. Leon Machado. Kindle Edition.
(2010). "Fernando Pessoa, uma conceção pragmática de verdade". Letras Com Vida nº 2 (2º sem.): 100-104.
(2010). "Manuel Pereira Medeiros, um livreiro Honoris Causa pela Universidade Sénior de Setúbal". Insulana
(2010). "Saramago, o bicho harmonioso" in Fundação José Saramago, ed., Palavras para José Saramago. Lisboa: Caminho: 343-344. Reprinted from LER Livros & Leituras nº 93, 2ª série (jul. ago): 65
(2010). O peso do hífen. Ensaios sobre a experiência luso-americana, ed. ICS da Universidade de Lisboa
(2010). "Mensagem em três tempos para a Maria Aurora" in Thierry Proença dos Santos, org., Leituras e afetos: Homenagem a Maria Aurora Carvalho Homem. Vila Nova de Gaia: Exodus: 69-71

(2010). "Diáspora e emigração, sobre as comunidades portuguesas dos EUA e Canadá" in J. Carlos Vasconcelos,J. Luís Dicenta, org., Língua portuguesa e culturas lusófonas num universo globalizado. Lisboa: União Latina, Fund. Calouste Gulbenkian: 85-93.
(2010). Açores, Europa, uma Antologia. Seleção, org. e introdução. DRAC e Angra: IAC.
(2011). "O jovem Vergílio Ferreira em tête à tête com Sartre", Petar Petrov and Marcelo Oliveira, eds., A primazia do texto. Ensaios em homenagem a Maria Lúcia Lepecki. Lisboa: Esfera do Caos: 397-402.
(2011). "The garden as an extension of the self-in-the-world-a Luso-American sample" in J. E. Franco, A. C. C. Gomes, B. E. Cieszynska, eds., Gardens of Madeira, gardens of the world. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing: 226-234.
(2011). "Una comunidad insular" and "Sobre el peso de la geografia en el imaginario literário azoreño" in Juan Carlos de Sancho, ed., Las Islas de los Secretos. As Ilhas dos Segredos. Las Palmas. Gran Canária: Anroart Ediciones: 15-17; 123-145.
(2011). "Valores e ideologia do salazarismo, ou o imaginário de duas gerações escolares" in Irene Tomé, M. Emília Stone, M. Teresa Santos, eds., Olhares sobre as mulheres. Homenagem a Zília Osório de Castro. Lisboa: Centro de Estudos de Sociologia da Nova: 435-442
(2011). "Usos e abusos do conceito de açorianidade" in Açores, açorianos, açorianidade 1989. Um espaço cultural. 2ª ed. revista e ampliada. Angra IAC
(2011). "Experiência a madre das cousas, /Experience, the mother of things on the revolution of experience in 16th-century Portuguese maritime discoveries and its foundational role in the emergence of the scientific worldview", in Maria Berbara and Karl A. E. Enenkel, eds., Portuguese Humanism. Leiden. Holland: Intersections Book Series, Brill: 381-400
(2011). "De partes (de África) não se faz um todo". Letras com(n)Vida nº 4 2º sem: 88-94.
(2011). "Vitorino Nemésio, entre a geografia e a história". Relâmpago Revista de Poesia nº 28: 138-141.
(2011). "Açores, Europa e a modernidade". Boletim IHIT
(2011). "Da fugaz e distante presença americana na escrita de J Martins Garcia, um manso temporal na imitação da vida" in O Faial e a periferia açoriana nos sécs. XV a XX. Boletim do Núcleo Cultural da Horta: 163-175
(2011). Onésimo, português sem filtro, uma Antologia. Posfácio de Miguel Real, ed. Clube do Autor
(2011). In Miguel Real. "Onésimo Teotónio Almeida, a afirmação da modernidade" capítulo "O pensamento português contemporâneo 1890-2010". Lisboa: IN-CM: 966-1003.
(2011) com Leonor Simas-Almeida e Maria João Ruivo, org., Fernando Aires, Era uma vez o seu tempo. Ponta Delgada, ICPD
(2011). "Selected Crónicas", translated by Rex P. Nielson in Robert Henry Moser & António Luciano A. Toste, eds., Luso-American Literature: writings by Portuguese-Speaking authors in North America. New Brunswick. NJ: Rutgers University Press: 136-141
(2011). "Como se fosse um prefácio", in João M. Constância: Sumários. Revisões. Memórias de um professor. Ponta Delgada: ICPD
(2011). "Por ares nunca dantes" (short story) in O Prazer da Leitura. Lisboa: Teodolito, FNAC: 37-62
(2011) in Bilingual Anthology of Contemporary Azorean Writers, Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, Helena Chrystello e Rosário Girão, trad. Chrys Chrystello. AICL, Colóquios da Lusofonia. VNGaia: Calendário de Letras: 170-187.
(2012). Jean-Charles, amor de calções. Lisboa: DN, Contos Digitais Series
(2012). "O Abade Correia da Serra nos EUA e a sua ligação com os iluministas americanos" in Novos trilhos de pesquisa. Barroco, ilustração e romantismo e a sua irradiação na atualidade, org. , Fac. Letras Univ. Eötvös Loránd de Budapeste, Associação Intl dos Lusitanistas
(2012) in "Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos" de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
(2012). "O labirinto da identidade, ou sobre Eduardo Lourenço e as suas razões". Correntes d'Escritas 11 (fevº): 60-65.
(2012). "Identidade, considerações à porta de casa, thoughts for home consumption". Boletim do Núcleo Cultural da Horta nº 21: 17-26
(2012). "Identidade nacional face à modernidade europeia, algumas destrinças concetuais, confrontos e ajustamentos" in José Gama, ed., Cultura portuguesa, interculturalidade e Lusofonia. Braga: Universidade Católica Portuguesa.
(2012). "Sobre a mundividência de Fernando Pessoa ortónimo" in Peter Petrov, Pedro Q. Sousa, Roberto Samartino, Elias Torres Feijó, eds., Avanços em literatura e cultura portuguesas, de Eça de Queirós a Fernando Pessoa, Santiago de Compostela: Através Ed: 221-232.
(2012). "Enlightenment's Wake? or the condemnation to modernity as the only exit for a European identity" in Teresa Pinheiro, Beata Cieszynnska, J. Edº Franco, eds., Ideas of-for Europe: an interdisciplinary approach to European identity. Frankfurt Peter Lang: 381-388.
(2012). "O conceito de natureza humana, breve revisitação do debate contemporâneo". Revista Portuguesa de Filosofia vol. 68 nº 4: 643-656.
(2012), com Otília Pires Martins, ed., Eugénio Lisboa: vário, intrépido e fecundo, Uma homenagem. Guimarães: Opera Omnia.
(2012). Utopias em Dói Menor, conversas transatlânticas com Onésimo, conduzidas por João Maurício Brás. Lisboa: Gradiva
(2013). "Esta foto evoca em mim…" in Rodrigo Sá da Bandeira, org., Sonhos. Lisboa: Chiado Ed: 26.
(2013). "Prosema ao mar" in Antologia de Autores Portugueses sécs. XX e XXI". Lisboa: Feira Internacional de Lisboa
(2013), "Prosema al mar" in De La Orilla del Atlántico, Portugal en la Filbo, Antologia. Bogotá Lisboa: 209-213.
(2013). "S. Jorge, the unknown island". Trad. Katharine F. Baker. Comunidades-RTP outº.
(2013). Quando os bobos uivam. Clube do autor
(2013). «Portugal: a glance at a long history» in Miguel Amado, org. Joana Vasconcelos, Trafaria Praia. 55th International Art Exhibition. La Bienale di Venezia, Paris: Éditions Dileta: 21-25. French translation. Portugal: coup d'œil sur une longue histoire: 178-181
(2013). "Le labyrinthe de l'identité-ou sur Eduardo Lourenço et ses raisons" in Graciette Besse, org., Eduardo Lourenço et la passion humaine. Paris: Éditions Convivium Lusophone: 99-111.
(2013). "Fernando Pessoa, ironia, mas não só" in Gabriel Magalhães & Fátima F. da Silva, org., El Dret Al Futur, O direito ao futuro. V. N. Famalicão: Ed. Húmus: 47-52.
(2013). "O humor na literatura portuguesa - um balanço crítico" in Laura Areias, ed., De Lisboa para o mundo: ensaios sobre o humor luso hispânico. Lisboa; CLEPUL.
(2013), excertos "No seio desse amargo mar" in Helena Chrystello e Lucília Roxo, org., Coletânea de Textos Dramáticos de Autores Açorianos. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia: 91-109
(2013). "Jorge de Sena, José Rodrigues Miguéis, Alberto de Lacerda e outros escritores lusos exilados no universo norte-americano" in Irene Blayer, Francisco C. Fagundes, Teresa Cid e Teresa Alves, ed., Portugal pelo mundo disperso. Lisboa: Tinta-da-china: 215-229.

(2013). "O despertar do Iluminismo ou a condenação à modernidade como a única saída para a identidade europeia" in J. Eduardo Franco, Béata Cieszynska, Teresa Pinheiro, org. Repensar a Europa: de longe, Europa de perto. Lisboa: Gradiva: 75-84
(2013). «Estrangeirados. Iluminismo. Enlightnment, revisitação de conceitos no contexto português» in Raquel Bello Vázquez & E. Torres Feijó, ed. Novos trilhos de pesquisa. Barroco, ilust. e romantismo e sua irradiação na atualidade: 1580-1834. Santiago de Compostela.,
(2013). "Manoel da Silveira Cardozo (1911-1985), um historiador picoense nos Estados Unidos". Boletim do Núcleo Cultural da Horta nº 2213: 123-136.
(2013). "Sobre universo literário luso-americano atual, de osmoses intersecções e diferenças". International Journal of the Portuguese Diaspora
(2013). "Explicação em jeito de prefácio". Portuguese edition of Richard Beale Davis: O Abade Correia da Serra na América. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais: 9-12.
(2013). "Prefácio" a Fernanda Viveiros, ed., Memória: Anthology of Portuguese Canadian writers. Vancouver: Fidalgo: 7-19
(2014). Pessoa, Portugal e o futuro. Lisboa. Gradiva
(2014). Despenteando parágrafos. Lisboa ed. Quetzal
(2014). Mínima Azorica. O meu mundo é deste reino. Ensaios. Lajes do Pico, ed. Companhia das Ilhas
(2014). "O angrense Alfredo de Mesquita: um Tocqueville português", prefácio a Alfredo de Mesquita: A América do Norte. Lisboa: Tinta-da-china: 13-36.
(2014). Onze prosemas e um final merencório. 2ª ed., Braga, ed. Vercial
(2014). "Prefácio" a Georges da Costa: Esthétique et éthique d'ironie chez José Rodrigues Miguéis. Paris.
(2014). "Prefácio" a Prosa com dentro de Tomaz de Figueiredo. Pedra D'Armas. Guimarães: Opera Omnia: 7-9.
Almeida. Onésimo Teotónio, (2014) com Lélia Nunes, "Prefácio" a Sérgio Costa Ramos: Molecagens vernáculas: crônicas de um país crónico. Florianópolis. Santa Catarina: Ed. UNISUL.
(2014). "A note: João. You are a good guy! on João Ubaldo Ribeiro". Trad. Katharine T. Baker. Comunidades-RTP julº 30.
(2014). "José Rodrigues Miguéis, escrevente de primeira classe" in Humberto Lima de Aragão Filho, ed., Um exílio chamado saudade: Antologia sobre José Rodrigues Miguéis. S. Paulo. Ed. Intermeios: 129-134.
(2014). "José Enes, a geografia (a montanha do Pico) e o seu percurso histórico". VI Colóquio O Faial e a Periferia Açoriana nos sécs. XV a XX. Boletim do Núcleo Cultural da Horta
(2014). "O exílio na poética de José Martins Garcia". Colóquio-Letras: 188-197.
(2014). "O pessimismo derrotista inimigo fatal da cidadania". Atlântida vol. 59: 19-24.
(2014). "Alice in Libraryland" trad. Katharine F. Baker. Comunidades-RTP setº 7.
(2014) in Onésimo, único e multímodo de Brás, João Maurício, org., ed., Opera Omni. Guimarães
(2015) in Brás, João Maurício: Identidade, valores e modernidade. O pensamento de Onésimo Teotónio Almeida, ed. Gradiva
(2015). "Portugal en los labores de la modernidad científica (s. XVI) " in Isabel Soler, ed., Fronteras de tres océanos: viajes renacentistas desde Portugal. Bogotá: Ed. Uniandes
(2015). "O mito na Mensagem de Fernando Pessoa" in Edvaldo Bergamo, ed., Pessoa Convida pessoas nos 80 Anos de Mensagem. Universidade de Brasília
(2015). J. Medeiros Ferreira, nota de rodapé para um balanço. Homenagem a J Medeiros Ferreira. Lisboa: Tinta-da-china.
(2015). Despenteando parágrafos. Ensaios polémicos. Lisboa: Quetzal
(2015). "Ei-los que partem…". Prefácio a Tiago Salazar: Quo Vadis? Escritos do exílio"
(2015) with José Mariano Gago. "Prefácio a quatro mãos" in Manuela Bairos: Cinco anos de postais portugueses e luso-americanos 2004-2009. Boston. MA.
(2015). "Prefácio, or a short introduction to an unknown world" in João de Melo: Happy people in tears (a novel). Dartmouth: Tagus Press: 9-12.
(2015). "Açores. Cultura", in J. Eduardo Franco, ed., Dicionário Enciclopédico Madeirense. Funchal
(2015). "Vergílio Ferreira e o humor em Eça de Queirós" in A. Campos Matos, ed., Dicionário de Eça de Queirós. 3ª ed. Lisboa: Caminho
(2017) "O livro Um Perigoso Leitor de Jornais é um senhor romance, Diário dos Açores, janº 24, 2017.
(2017) Com Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos, orgs., A Condição de Ilhéu, Lisboa: Centro de Estudos de Povos e Culturas, 2017).
(2017) Prefácio, Antero de Quental, Causas da Decadência dos Povos Peninsulares (Ponta Delgada: Artes e Letras, 2017), pp. 7-27.
(2017) Interview on A Obsessão da Portugalidade, entrevistado por Mafalda Anjos, Visão, fevº 9, 2017, pp. 12-14.
(2017) Prefácio, Duarte Mendonça, A Visão Madeirense da América. Antologia anotada de crónicas de viagem (Funchal: Editora Madeirense, 2017), pp. 1-3.
(2017) Prefácio, Manuel Botelho, Saudades da Minha Terra. 2ª edição revista e aumentada (Junta de Freguesia: Água Retorta: 2017), pp. 5-7.
(2017) Prefácio, Gilberta Pavão, Álvaro Borralho e Derrick Mendes, Duplas Pertenças: Emigração e Deportação nos Açores (Húmus / Debater Social, 2017).
(2017) Posfácio, Chrys Chrystello, BGA, Bibliografia Geral da Açorianidade vol. II (Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2017), pp. 835-838.
(2017) "Era uma vez uma filha" Prefácio to Maria João Ruivo, Um Punhado de Areia nas Mãos (Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições, 2017), pp. 7-9.
(2017). "O suposto equívoco de Vasco da Gama e sua tripulação no encontro de cristas na Índia – uma revisitação carregada de dúvidas, in Sandra Patrício, org., Sines, História e Património. O porto e o Mar (Sines: Arquivo Municipal, 2017), pp. 11-25
(2017). A obsessão da Portugalidade, Lisboa, Quetzal Editores
(2017). "Pessoa e razão – ou como ele a tinha", Congresso Internacional de Fernando Pessoa (Lisboa: Casa Fernando Pessoa, 2017) http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/fileadmin/casa_fernando_pessoa/cfp_actas_2017.pdf
(2017). Odes Modernas de Antero de Quental - o manifesto português da modernidade", in Artur Teodoro de Matos, Guilherme d'Oliveira Martins e Peter Hanenberg orgs., O Futuro ao Nosso Alcance. Homenagem a Roberto Carneiro (Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, UCP, 2017), pp. 713-727
(2017). "Cânone, cânones – o bom gosto e o bom senso", À Beira. Revista do Departamento de Letras da UBI, n. 11 (2017), pp. 9-19.
(2017). "Vergílio Ferreira e a filosofia anglo-americana", Santa Barbara Portuguese Studies, vol. I (2017), 1-13.
(2017). Program "A Força das Coisas", RDP-Antena 2, Lisbon, março, 2017
(2017). Entrevistado por Natália Bebiano, Luís de Albuquerque e a ciência durante os descobrimentos", in Lembranças de Luís Albuquerque, Gazeta de Matemática, nº 182, pp. 34-37. Reprinted in Diário dos Açores, April 30, 2017.
(2017). Entrevistado por Patricia Carreiro, AzoresNews, abr 25, 2017 "Não emigrei, alarguei fronteiras", http://azoresnews.org/2017/04/24/costumo-dizer-que-nao-emigrei-simplesmente-alarguei-fronteiras/
(2017). Entrevistado por Luís Caetano in "A Ronda da Noite", RDP, Lisbon, Portugal, abr 4 & 5, 2017. https://www.rtp.pt/play/p1299/e282049/a ronda da noite (one hour and ½). Re-broadcast on Dec. 28, 2017.

(2017). Entrevistado por António Vieira, Rádio Amália, Lisbon, Portugal, março 30, 2017. https://www.youtube.com/watch?v=550XXNRN7sI
(2017). Entrevistado por Nelson Marques, Expresso / Revista, April 14, 2017. Reprinted in Expresso online, abr 23, 2017: (7 pages)
(2017). "Onésimo – O nosso primo na América", entrevistado por Filipa Melo, Ler. Livros & Leitores, Nª 145 (Spring 2017), pp. 26-41.
(2017). ""Olifaque - o émigrês de João Magueijo", Jornal de Letras, Artes e Ideias, novº. 23, 2017.
(2017). "Literatura: uma questão de inteligência visível", Artes & Letras, n. 23/ Açoriano Oriental, janº. 23, 2017, pp. 15-17.
(2017). "Pessoa nas visões e ritmos de José Gil", Jornal de Letras, Artes e Ideias, janº 4, 2017.
(2017). Backcover endorsement, Eduardo A. O. Rocha, Memórias de um Burocrata Invisível (San Jose, CA: Portuguese Heritage Publications of California, Inc, 2017.
(2017). "Génesis na ilha", in A Ilha em Nós, special issue of Povos e Culturas, nº 21 (2017), pp. 407-410.
(2017). "Entrevista com Onésimo Teotónio Almeida", entrevistado por Ana Loura, in Baluarte, maio 2017, pp. 19-20
(2017). "A brilhante carreira académica do Professor Francisco Fagundes", Diário dos Açores, 24 de maio de 2017.
(2017). Miguel Real, Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa, in Colóquio-Letras, nº 198 (mai-ago 2017), pp. 276-279.
(2017). "Voltas da diáspora e da vida", Diário dos Açores, jun 18, 2017.
(2017). Entrevistado por Carlos Picassinos, Rádio Macau, RAE, China, jul 28, 2017.
(2017). Entrevistado por Vivência Tavares, Rádio Sines,, Portugal, setº 7, 2017.
(2017). "A língua e o mistério dos sotaques", TED talk, TEDx Funchal, Madeira, Portugal, outº 29, 2017 https://www.academia.edu/35779386/A_l%C3%ADngua_e_o_mist%C3%A9rio_dos_sotaques
(2017). Entrevistado por Lília Mata, RDP-Madeira, outº 27, 2017 https://www.rtp.pt/play/p1133/e314395/paginas-de-cultura
(2017). Entrevistado por RTP-Madeira, outº 28, 2017 https://www.rtp.pt/madeira/sociedade/historia-da-madeira-devia-ser-mais-divulgada-entre-turistas-_13131
(2017). Entrevistado por Filipa Lino, Jornal de Negócios, dezº 29, 2017 () Online edition: http://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/onesimo-teotonio-almeida-nunca-vi-portugal-tantas-vezes-referido-nem-tao-positivamente-como-hoje?ref=weekend_destaque~
(2017). "Três 'notas bárbaras' (de um quase-diário)", Apêndice a José Luís Brandão da Luz, " Mateus de Andrade e a ideia de epistemologia", in Nova Águia, 2º 20 (º Semestre, 2017), pp. 188-190.
(2018) A Obsessão da Portugalidade (Lisboa: Quetzal, 2017; 2ª ed. 2018)
(2018) "José Nuno da Câmara Pereira – In memoriam", Diário dos Açores, janº 17, 2018.
(2018) "Estórias faialenses", Diário dos Açores, fevº 1, 2018.
(2018) "A dupla S. Jorge – Pico", SATA – Revista de Bordo (fevº. 2018).
(2018) "Miguel Real - Uma abordagem hermenêutica de Portugal", Jornal de Letras, Artes e Ideias, março 14, 2018.
(2018) "O mito na Mensagem, de Fernando Pessoa", in Sandra Ferreira e Evaldo Bérgamo, orgs., Em Pessoa. Estudos sobre a Poesia e a Prosa de Fernando Pessoa (Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2018), pp. 77-86.
(2018) "Um olhar sobre o mundo à minha volta", Manuel Assunção, Discursos dos Doutorados Honoris Causa na Universidade de Aveiro (2001-2018). (Aveiro: Imprensa da Universidade, forthcoming)
(2018) "Mensagem de aniversário", Diário dos Açores, fevº 5, 2018.
(2018) "Haverá Uma Ética Para A Idade Global? Possibilidades, Dúvidas E Alguns Condicionamentos", In José Eduardo Franco, (org.) Valores Globais (Lisboa: Universidade Aberta / Imprensa Nacional-Casa Da Moeda, Forthcoming)
(2018) "Experience in 16th century Western Europe – the spreading of an idea (Leonardo da Vinci, Andreas Vesalius, Paracelsus, and Montaigne) ", in Amélia Polónia, Fabiano Bracht, Gisele C. Conceição, eds., Connecting Worlds: Production and circulation of knowledge in the first Global Age (Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars, 2018), pp. 74-96
(2018) "Carlos Tomé – um fogoso narrador e algo mais", Jornal de Letras, Artes e Ideias, fevº 14, 2018.
(2018) "As crónicas de Luís Fernando Veríssimo, Revista das Correntes d'Escritas, vol. 17 (fevº 2018), pp. 74-77.
(2018) "Revisitando A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, de Max Weber ou sobre a interface da ideologia com o real", in Brissos Lino, ed., Um Construtor da Modernidade – Lutero. Teses 500 anos (Lisboa: Univ. Lusófona).
(2018) Prefácio, "Os segredos do alfenim", Maria Manuela Sousa, Alfenim. Tradição e Arte (Angra do Heroísmo: Edições Bleu, 2018)
(2018) "Edmund Dinis – Portugal na América", Malomil, fevº. 12, 2018. Http://malomil.blogspot.com/2018/02/portugal-na-america.html
(2018) "Prefácio – por um suplente de Daniel de Sá", Roberto Rodrigues, Os Guardadores de Memórias (Maia: Junta de Freguesia da Maia, 2018), pp. II-III.
(2018) Prefácio, "Como se o mar não existisse", Lélia Nunes, Corpo de Ilhas (Florianópolis, Santa Catarina: Dois Por Quatro Editora, 2018), pp. 13-15.
(2018) "Prefácio – ou nota de um turista do mar", José Alberto Postiga, Inventário do Sal (Porto: Insubmisso Rumor, 2018)
(2018) "Futurismo, Modernismo, Modernidade – Clarificando Conceitos", In Dionísio Vila Maior E Annabela Rita, orgs., 100 Futurismo (Lisboa: Edições Esgotadas, 2018), pp. 29-42.
(2018) "Estória pouco original do medo", in A. Soares, E. Coelho, S. Gonzaga, eds., Açores - Porto Alegre: Contistas Geminados II (Porto Alegre, Rio Grande do Sul: IPC – Casa dos Açores), pp. 80-86
(2018) "Nemésio – eu, comovido a oeste do Atlântico", in Vitorino Nemésio (Ponta Delgada: Governo Regional dos Açores),
(2018) Entrevistado por José Manuel Portugal, "Palavra aos diretores", RTP Internacional, March 28, 2018, https://www.rtp.pt/play/p4240/e338525/palavra-aos-diretores
(2018) "Do poeta António Moreno – Duas estórias", Diário dos Açores, abr 13, 2018.
(2018) "A dupla Pico-S. Jorge", My Plan – SATA, nº 12 mar-abr, 2018, pp. 54-57.
(2018) Back cover blurb for Bridget Fowler et al, eds, Time, Science, and the Critique of Technological Reason. A Festschrift for Herminio Martins (London: Palgrave, 2018).
(2018) Entrevistado por José Mário Silva and Inês Bernardo, Biblioteca de Bolso Blog, Ep. 91, mar 201 (2018) https://soundcloud.com/biblioteca-de-bolso/ep-91-onesimo-teotonio-almeida
(2018) "Pluralismo em Portugal", in Nuno Costa Santos "Passados 44 anos do 25 de abril", Observador, April 25, 2018 https://observador.pt/especiais/passados-44-anos-do-25-de-abril-ja-sabemos-discutir/
(2018) "Nemésio – Eu comovido a oeste do Atlântico", in Uma Página Sobre Nemésio, vol. 1 (2018), p. 55.
(2018) "O Dia da Língua Portuguesa na ONU", Jornal de Letras, Artes e Ideias, maio 9, 2018.
(2018) entrevista para programa da Fundação Francisco Manuel dos Santos - RTP, maio 25, 2018
(2018) Entrevistado por Maria Flor Pedroso, Rádio Difusão de Portugal, maio 25, 2018. Https://www.rtp.pt/play/p280/e349425/maria-flor-pedroso
(2018) "Estória pouco original do medo" in Contos Geminados Açores-Brasil (Porto Alegre: Feira do Livro, 2018), pp. 74-79.
(2018) "Magical Realism", translated into Spanish by Raquel Madrigal, Luvina 93. Special Issue Travessia Portugal. Universidad de Guadalajara, México, Winter 2018, pp. 540-550.

(2018) Entrevistado por José Manuel Portugal, "Palavra aos diretores", RTP Internacional, maio 29, 2018, https://www.rtp.pt/play/p4240/e338525/palavra-aos-diretores
(2018) "Alocução, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas 10 junho, Diário dos Açores e Correio dos Açores, jun 14. Observatório da Língua Portuguesa. https://dererummundi.blogspot.com/2018/06/alocucao-do-prof-onesimo-teotonio.html
(2018) Entrevista João Medeiros LUSA, junho 7. https://www.ojogo.pt/extra/lusa/interior/10-junho-emigrantes-nos-eua-sofreram-grande-processo-de-integracao-cultural---onesimo-almeida-9417663.html?ut
(2018) "A ciência no Portugal da Expansão", Jornal de Letras, Artes e Ideias, setº 26, 2018.
(2018) "A Maia de há décadas em preciosas estórias", Diário dos Açores, September 1, 2018.
(2018) "Ler tudo para tudo entender – Miguel Real na UBI", Jornal de Letras, Artes e Ideias, novº 21, 2018.
(2018) "Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portugueses – Alocução", Letras Con/mvida. Revista de Literatura, Cultura e Arte. Nova Série, I – Nº 9, 2018-2-19, pp. 95-101
(2018) Entrevistado por Rui Couceiro and Filipa Martins, "A Biblioteca de …", Rádio Renascença, Lisboa, setº 26, 2018.
(2018) Entrevistado por Filipa Martins for a TV documentary on Natália Correia", Curia, Portugal, September 27, 2018
(2018) "Da história da emigração, documentário de TV para os EUA", Diário dos Açores, setº 16, 2018.
(2018) "Identidade cultural – uma dúzia de notas avulsas", Perspetiva. Revista de Partes, nº 3 (2018), pp. 70-73.
(2018) "O que interessa hoje é falar dos dominados", entrevistado por Marco Alves. Sábado, outº 25, 2018, pp. 30-31. Reprinted online on dezº. 3, https://www.sabado.pt/vida/detalhe/os-espanhois-sao-muito-mais-agressivos-do-que-nos?ref=SEC_Grupo3_vida
(2018) entrevista RTP3 – Ponta Delgada, novº 16, 2108.
(2018) entrevista RTP Internacional Portuguese-American politicians elected to Congress, Ponta Delgada RTP novº 12, 2018.
(2018) "O fascínio do novo aconteceu aqui", entrevistado por José Riço Direitinho, Público, novº 13, 2018, pp. 28-29.
(2018) Entrevistado por António Vieira, Rádio Amália, novº. 13, 2018. https://madragoas.wordpress.com/2018/11/14/madragoas-com-onesimo-teotonio-almeida-13-11-2018/
(2018) O Século dos Prodígios. Entrevistado por Luís Caetano, RDP – Antena 2, Lisbon, novº. https://player.fm/series/a-fora-das-coisas-1770794/onesimo-teotonio-almeida-em-entrevista-a-luis-caetano-a-proposito-de-o-seculo-dos-prodigios-editado-pela-quezal-tambem-paulo-branco-que-ontem-anunciou-o-encerramento-dos-cinemas-monumental-numa-conversa-sobre-as-razoes-da-decisao-publicos-da-cultura
(2018) Entrevistado por Lina Santos for Diário de Notícias, Lisbon, dezº. 6, 2018.
(2018) "Haverá uma ética para a idade global? Possibilidades, dúvidas e alguns condicionamentos, e-Letras Com Vida, nº 1 (jul.-dez 2018), pp. 195-203
(2018) On O Século dos Prodígios. Entrevistado por Fernando Alvim, "Prova Oral", RDP-3, Lisbon, dezº 6, 2018. https://cdn-ondemand.rtp.pt/nas2.share/wavrss/at3/1812/5574549_280120-1812062027.mp3
(2019) "Notas (bárbaras) de viagem", Atlântida, vol. 64 (2019), pp. 187-204.
(2019). Gulbenkian Prémio Academia Portuguesa de História, 2018: Prémio D. Diniz, Fundação Casa de Mateus, 2019; Prémio Mariano Gago, SPA, 2019; Prémio John Dos Passos, Sec Educação e Cultura, Região Autónoma da Madeira.
(2019): On O Século dos Prodígios. Entrevistado por Ana Daniela Soares, RTP3, Lisbon, janº 5, 2019.
(2019): "Costumo dizer que não se emigra, alarga-se fronteiras". Entrevistado por Patrícia Carreiro. Correio dos Açores, janº 13, 2019.
(2019). Correntes D'Escritas & Correntes Descritas (Guimarães: Opera Omnia, 2019; 2ª edição, 2019)
(2019). "Correntes d'Escritas & Correntes descritas", Jornal de Letras, Artes e ideias, fevº 13, 2019.
(2019). "Nunca vi Portugal com tão boa reputação", entrevistado por Filipa Teixeira, Observador, fevº 17, 2019 https://theworldnews.net/pt-news/onesimo-teotonio-almeida-nunca-vi-portugal-com-tao-boa-reputacao
(2019) Entrevistado por Maria João Costa, in Obra Aberta / Rádio Renascença, fevº 22, 2019 https://rr.sapo.pt/artigo/142212/onesimo-teotonio-almeida-e-correntes-descritas
(2019) "From 'Vera Cruz Island' to 'Brazil' – a critical revisitation of an old belief", in Domingues, Francisco Contente e Silva, Susana Serpa, coord. (2019), Navegação no Atlântico. XVIII Reunião Internacional de História da Náutica / Atlantic Navigation. XVIII International Reunion for the History of Nautical Science, Ponta Delgada, CHAM Açores - Universidade dos Açores, pp. 365-380. ISBN 978-989-33-0132-6
(2019) "Jorge de Sena e as suas 'Noções de Linguística' aprendidas na diáspora", in Gilda Santos, Jorge de Sena – 100. Metamorfoses. (Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2019), pp. 162-163.
(2019) "Nota bárbara sobre frio bárbaro", Página Negra, fevº. 26, 2019 https://paginanegra.pt/2019/02/26/meus-kambas-onesimo-teotonio-de-almeida/#comments
(2019) "Rijo Indomável Portuga", Malomil, fevº 19, 2019. Http://malomil.blogspot.com/2019/02/rijo-indomavel-portuga.html
(2019) "Padre Manuel Antunes – humanista e paladino das Humanidades, in XXX, Centenário do P. Manuel Antunes (Lisboa: CLEPUL, forthcoming)
(2019). "O futuro já não é o que era, mas terá de ser melhor do que promete", Oração de Sapiência - 2019, Edições da Universidade Autónoma de Lisboa,: 2020
(2019). "De loucuras do mundo, ainda não manicómio total", Jornal de Letras, Artes e ideias,abr 2019.
(2019). "Os tempos estão maus para os países colonizadores", entrevistado por Hélder Beja, Plataformamedia.com, abr 4, 2019. Https://www.plataformamedia.com/pt-pt/cultura/livros/interior/os-tempos-estao-maus-para-os-paises-colonizadores--10788470.html?target=conteudo_fechado
(2019). "Portugal no divã?!", Jornal de Notícias, Suplemento "Portugal ao Espelho", jun 2, 2019, https://www.jn.pt/nacional/interior/ensaio-portugal-no-diva-10971758.html
(2019). Entrevistado por Fátima Campos Ferreira, "Prós e Contras", Program on Portugal, RTP-Lisboa, jun 10, 2019. https://www.rtp.pt/play/p5337/e412051/pros-contras
(2019). "História do Chá em S. Miguel – um livro de Mário Moura", Correio dos Açores, jul 8, 2019.
(2019). Entrevistado por José Alberto Lemos, "VOTE - Os Portugueses na política dos EUA", RTP-Lisboa, Episode 11, jul 17, 2019. https://www.rtp.pt/play/p5786/vote-portugueses-politica-eua (27')
(2019). Entrevistado por Helena Fagundes, "Nem tudo foi mau na expansão marítima," Diário Insular, ago 28, 2019, pp. 12-13.
(2019). "Livros para dar e oferecer", RTP-Comunidades, ago 18, 2019 https://www.rtp.pt/acores/comunidades/notas-barbaras-de-onesimo-t-almeida-2-livros-para-dar-e-oferecer-e-duas-estorias-colhidas-num-deles-_62292,
(2019). "A Humidade dos Dias", de Luís Mesquita de Melo, RTP-Comunidades, ago 17, 2019 https://www.rtp.pt/acores/comunidades/notas-barbaras-de-onesimo-t-almeida-1-a-humidade-dos-dias_62291
(2019). "Barro Vermelho. Ilha Branca, um colorido livro de João C. Bendito", Diário Insular, ago 30, 2019
(2019). Entrevistado por Osvaldo Cabral, "Falta um grande centro interpretativo sobre o papel dos Açores nos Descobrimentos", Diário dos Açores, setº 1, 2019.
(2019). "O registo escrito da presença açoriana nos EUA – um balanço", Boletim do Núcleo Cultural da Horta, 2019 (forthcoming)
(2019). "Ética e literatura açoriana", Fórum Teológico, vol. II 2019, pp. 51-68.
(2019). "A Vida no Campo, ou a idílica prosa do diário de Joel Neto", Jornal de Letras, Artes e Ideias, setº 11, 2019.
(2019). "Peito à Janela sem Coração ao Largo, de António J. Borges, Nova Águia, nº 24 – 2nd Semester (2019), pp. 264-266.

(2019). Ana Paula Arnaut, ed., Identity (ies). A multicultural and multidisciplinary approach. Coimbra: University of Coimbra Press, in Revista de Estudos Literários, vol. 9 (2019), pp. 368-370.
(2019). Entrevistado por Ricardo Farias, "Hora Quente" (one hour), The Portuguese Channel, New Bedford, MA, setº 30, 2019.
(2019). "Morte à PIDE", Diário dos Açores, outº 25, 2019.
(2019). "O Pico-Faial vistos (revividos) de Macau", Jornal de Letras, Artes e Ideias, novº 6, 2019.
(2019). Backcover endorsement, Manuel Paiva, Um Inventor em Aldoar e a Busca de Vida no Universo (Aldoar: O Progresso da Foz, 2019).
(2019). "George Monteiro (1932-2019) – uma estrela luso-americana que nos deixou", Portuguese Times, novº 13, 2019.
(2019). Entrevistado por Luís Caetano in "A Ronda da Noite", RDP-Rádio, Lisbon, Portugal, novº 15, 2019. https://www.rtp.pt/play/p1299/e438993/a ronda da noite
(2019). "George Monteiro – uma estrela que nos deixou", Jornal de Letras, Artes e Ideias, novº 20, 2019.
(2019). "Festa em Rhode Island: Manuel Pedroso – Cem anos", Diário dos Açores, novº 23, 2019.
(2019). Entrevistado por Sandra Sousa, "Página 2" (15 minutes), RTP-TV, Portugal, outº 6, 2019.
(2019). "Um saco de notas bárbaras (ou excertos de um quase-diário-em-estórias", RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras, forthcoming 2019
(2019). "On Miguel Real", Commentary for a Video on the Life and Works of Miguel Real, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2019.
(2020) "Mário Mesquita – Da personagem jornalística singular a uma excursão narrativa da sua exemplar deontologia", in Isabel Vargues et al., eds., Mário Mesquita – A Comunicação Social e a Ética (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, forthcoming
(2020) "Postácio – ou os sinos da sua Vila", Dionísio Sousa, Apontamentos para a História da Vila (S. Sebastião: Doralice
(2020) Preface, Brianna Medeiros, The Eruption of Insular Identities. A comparative study of Azorean and Cape Verdean Prose, London: Sussex Academic Press, 2020
(2020) "Prefácio – ou sete anos de labor", Olegário Paz, Porque Hoje É Sábado (Ponta Delgada: Ponta Delgada, Letras Lavadas, forthcoming
(2020) "Prefácio", Jerónimo Pizarro, Fernando Pessoa: a critical introduction. Sussex Academic Press, forthcoming
(2020) "De como ficámos bem amanhados", Nuno Costa Santos e Luís Filipe Borges, Mal-amanhados (Ponta Delgada: Ponta Delgada, Letras Lavadas, forthcoming
(2020) "Small world, piccolo mondo", Malomil, jan. 7, http://malomil.blogspot.com/search/label/On%C3%A9simo%20Teot%C3%B3nio%20de%20Almeida
(2020) entrevistado por José Andrade Navarro, in Tanto Barulho para Nada, RTP-2, Lisbon, Portugal, jan 8, 2020. https://www.rtp.pt/play/p6190/muito-barulho-para-nada
(2020) "Sugestões de leituras", A Crença, Ano 105, nº 5079, jan. 10, 2020.
(2020) Lembranças do Diário dos Açores de há 50 anos", Diário dos Açores, fev 5, 2020. LusoPress (Montréal), fev 6, 2020
(2020) Entrevista conduzida por João Morales, "Conversas de Correntes: Entrevista com Onésimo Teotónio Almeida", Póvoa de Varzim, Portugal, fev 23, 2020. https://www.branmorrighan.com/2020/05/conversas-de-correntes-joao-morales.html
(2020) "Um olhar sobre Guardadores de Memórias – II, de Roberto Rodrigues, Diário dos Açores, fev 2, 2020.
(2020) "In Memoriam – Maria de Sousa (1939-2020) – Webpage, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, abril 14, 2020
(2020) "Maria de Sousa – Um mundo imaginado… tornado real", Jornal de Letras, Artes e Ideias, abril 22, 2020
(2020) "À língua portuguesa", in Dia Mundial da Língua Portuguesa, documentário, Camões; Lisbon, Portugal, maio 5, 2020. https://www.youtube.com/watch?v=lOq4buh3YA4
(2020) "Dos Estados Unidos – sobre o virus COVID-19", Jornal de Letras, Artes e Ideias, maio 6, 2020
(2020) Entrevista por Daniel Vidal, "Onésimo Almeida, o professor que defendeu os emigrantes portugueses nos EUA", NIT New In Town Magazine, jun 4, 2020 https://nit.pt/coolt/televisao/onesimo-almeida-professor-defendeu-os-emigrantes-portugueses-nos-eua
(2020) Entrevista conduzida por Hugo Monteiro, "Sobre o racismo nos EUA", Rádio Renascença, Lisbon, Portugal, jun 9, 2020. https://rr.sapo.pt/2020/06/09/mundo/manifestacoes-nos-eua-so-vao-resultar-se-tiverem-expressao-nas-urnas/noticia/196042
(2020) Entrevista conduzida por Teresa Firmino, "Se a esperança faltar, estamos completamente tramados" Público, jun 27, 2020 https://www.publico.pt/2020/06/27/ciencia/entrevista/esperanca-faltar-completamente-tramados-1921953
(2020) "Amália, amá-la", Jornal de Letras, Artes e Ideias, jul 15, 2020
(2020) "Álamo, seis vezes pensei em ti…", Jornal de Letras, Artes e Ideias, forthcoming
(2020) Texto na contracapa, Júlio Oliveira, Redenção Humana. Lisboa: Chiado Editora, 2020.
(2020) "Mário Mesquita – Da personagem jornalística singular a uma excursão narrativa da sua exemplar deontologia", in Isabel Vargues et al; eds; Mário Mesquita – A Comunicação Social e a Ética (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, forthcoming.
(2020) "O poema "Ulisses", em Mensagem, de Fernando Pessoa – um olhar à lupa sobre o seu contexto", M. L. Marques Pereira, ed; Homenaje a Perfecto Cuadrado (Palma de Maiorca: Universidad de las Baleares, forthcoming.
(2020) "José Amado Mendes: de como a história sólida e dura pode proporcionar leitura gostosa", in Irene Vaquinhas, Festschrift - José Amado Mendes (Coimbra: Universidade de Coimbra Press, forthcoming.
(2020) "Da internacionalização da literatura portuguesa: Pessoa e Saramago", in Carlos Fiolhais e José Pedro Paiva, Portugal no Mundo (Lisboa: Círculo de Leitores, 2020), pp. 643-649
(2020) "De estórias e memórias faialenses", Tribuna das Ilhas (forthcoming)
(2020) "Do poeta António Moreno, duas estórias", Diário dos Açores (forthcoming)
(2020) "António Sérgio: o pensador-ensaísta – uma revisitação", Alfredo Campos Matos, António Sérgio – Fotobiografia, Lisbon, forthcoming)
(2020) "Portugal no panoptikon de Miguel Real", Carla Luís, Miguel Real – Literatura, Filosofia e Cultura (Covilhã: Universidade da Beira Interior, forthcoming)
(2020) Prefácio, Carlos J. Fagundes, Entre o Mar e a Rocha (Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, forthcoming).
(2020) Posfácio, Ricardo Jardim, Saias de Balão (Funchal: Imprensa Académica, 2019), pp. 221-227.
(2020) "Um prefácio a mais", Osvaldo Cabral, Os Açores e os Novos Media (Ponta Delgada, 2018), pp. 5-8.
(2020) "George Monteiro e os Açores - uma afeição intelectual", Boletim do Núcleo Cultural da Horta, (forthcoming
(2020) "The magic of George Monteiro's osmosis – American Literature in the Lusophone world, Portuguese literature in America", International Journal of Portuguese Diaspora Studies (forthcoming)
(2020) "Da 'Ilha de Vera Cruz' a "Brasil' – uma revisitação serena de uma antiga crença", Memórias da Academia da Marinha (forthcoming)
(2020) "Portugal en los albores de la modernidad científica (siglo XV), Abriu. Estudos de Textualidade do Brasil, Galicia e Portugal, nº 8 (2019), pp. 137-152
(2020) " João de Melo – autópsia de um mar de livros", Letras Com Vida, (forthcoming)
(2020) Backcover endorsement, Vasco Medeiros Rosa, Raul Brandão e os Açores (Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, forthcoming).

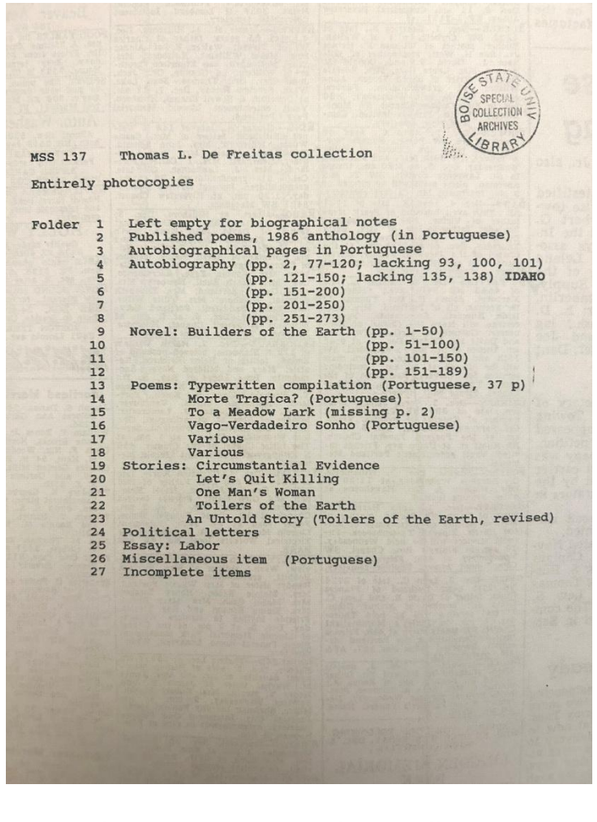
(2020) "Cabo Verde – excertos de um diário de viagem", Viagens: Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2020,
(2021) Homenagem a Onésimo, 34º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
(2022) in Avenida Marginal III, ed. Artes e Letras
(2022) Ideias claras e distintas – cada vez mais caras (& extintas). A Revista, Supremo Tribunal de Justiça

Apresenta Thomas L. De Freitas - um escritor florentino em terras de Idaho – um florentino no micromundo das letras de Idaho

Donald Warrin foi quem pela primeira vez me falou do florentino Thomas L. De Freitas. Disse-me tratar-se de um nativo das Flores emigrado jovem para a Califórnia, mas que terá depois vivido em Oregon e Idaho. Lembro-me de ter contado que Thomas De Freitas tinha escrito umas peças de teatro, e que enviara uma delas a uma companhia de teatro em Nova Iorque. Supostamente, marcara mesmo um encontro com alguém dessa companhia. Warren acrescentou que, em Idaho, DeFreitas era por vezes referido como o primeiro dramaturgo e um pioneiro da literatura daquele Estado.

Na verdade, tivesse eu sido mais atento, haveria notado a presença deste florentino na antologia organizada pelo meu saudoso amigo Eduardo Mayone Dias, de colaboração com Donald Warrin – *Cem Anos de Poesia Portuguesa na Califórnia* - publicada em 1986 pela Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas[2]. Todavia confesso que não registei o seu nome na altura em que recebi, e li, um exemplar de oferta.
Mais tarde, Donald Warrin e Geoffrey L. Gomes incluiram um capítulo sobre Thomas De Freitas no seu hoje clássico livro sobre os portugueses na América, *Land – as far as the eye can see – Portuguese in the Old West*[3], posteriormente publicado em Lisboa sob o título por sugestão minha traduzido como *Portugueses no Faroeste: Terra a perder de vista*.
Em múltiplas ocasiões, pedi a Donald Warrin (também autor do mais importante livro sobre a baleação açoriana nos EUA – *So Ends this Day*[4]) que escrevesse um ensaio sobre as peças de teatro desse florentino, a fim de ser publicado na revista *Gávea-Brown*. Contudo, apesar de sucessivas e sinceras promessas, nunca ele chegou a enviar-me o texto solicitado. Assim, a única informação sobre Thomas De Freitas de que hoje dispomos publicada é a que consta na dita antologia e sobretudo nesse, aliás excelente, capítulo inserido em *Land – as far as the eye can see*.
Entretanto, quando a Gabriela Silva insistiu comigo para participar neste colóquio, decidi procurar na Internet elementos sobre Thomas De Freitas e, subitamente, descobri que na biblioteca da Boise State University, em Boise, Idaho, na divisão Special Collections and Archives, figurava o espólio de Thomas L. De Freitas. Entusiasmado, escrevi imediatamente à diretora, Cheryl Oestreicher, indagando sobre a possibilidade de obter cópia de uns quantos ficheiros. Uma hora e um quarto depois, a diretora respondia-me disponibilizando-se a enviar-me cópias dos ditos ficheiros e também de outros, caso eu estivesse interessado em mais material.
Conferindo as notas de rodapé em *Land – as far as the eye can see*, verifiquei que Donald Warrin e Geoffrey Gomes não haviam acedido a esse espólio guardado na Boise State University, de Idaho. A sua fonte tinha sido, aparentemente, apenas a coleção Thomas L. de Freitas guardada em Portland, Oregon. Os autores não especificam onde está arquivada essa coleção; apenas indicam a cidade. Nem mesmo na bibliografia nos é fornecida qualquer informação adicional.
Uma cópia da autobiografia do autor deve estar presente nas duas coleções, pois é nela que se baseia toda a informação biográfica contida no capítulo sobre Thomas De Freitas no livro de Donald Warrin e Geoffrey Gomes.
Reproduzo aqui o índice dos *dossiers* arquivados no espólio de Idaho, onde essa autobiografia está também presente:
(Incluir aqui a foto do índice)

2 Págs. 195-196.
3 Spokane, WA: The Arthur H. Clarke Company, 2001.
4 *So Ends This Day: The Portuguese in American Whaling, 1765-1927* (North Dartmouth, Massachusetts: University of Massachusetts Dartmouth Center for Portuguese Studies and Culture, 2010.

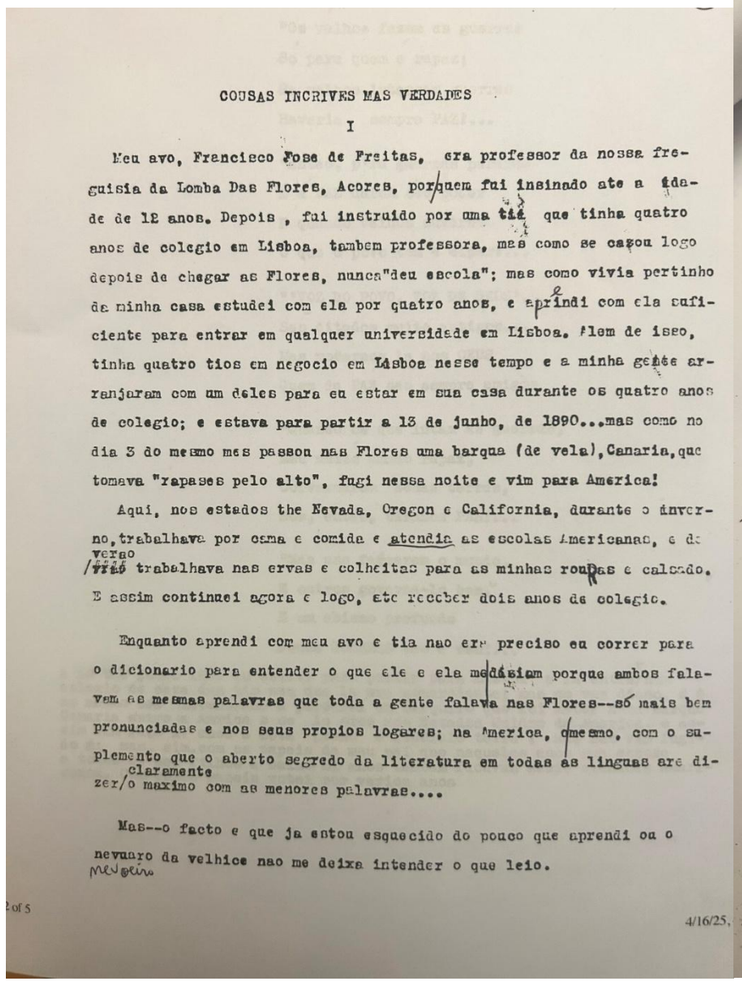

BOISE STATE UNIV
SPECIAL COLLECTION
ARCHIVES
LIBRARY

MSS 137 Thomas L. De Freitas collection

Entirely photocopies

Folder 1 Left empty for biographical notes
2 Published poems, 1986 anthology (in Portuguese)
3 Autobiographical pages in Portuguese
4 Autobiography (pp. 2, 77-120; lacking 93, 100, 101)
5 (pp. 121-150; lacking 135, 138) IDAHO
6 (pp. 151-200)
7 (pp. 201-250)
8 (pp. 251-273)
9 Novel: Builders of the Earth (pp. 1-50)
10 (pp. 51-100)
11 (pp. 101-150)
12 (pp. 151-189)
13 Poems: Typewritten compilation (Portuguese, 37 p)
14 Morte Tragica? (Portuguese)
15 To a Meadow Lark (missing p. 2)
16 Vago-Verdadeiro Sonho (Portuguese)
17 Various
18 Various
19 Stories: Circumstantial Evidence
20 Let's Quit Killing
21 One Man's Woman
22 Toilers of the Earth
23 An Untold Story (Toilers of the Earth, revised)
24 Political letters
25 Essay: Labor
26 Miscellaneous item (Portuguese)
27 Incomplete items

Desconheço se Warren e Gomes tiveram acesso à autobiografia completa que aparece neste índice distribuída em cinco *dossiers*, totalizando 273 páginas. O facto é que dela citam algumas passagens, de entre as páginas 118 e 156. Dessa autobiografia, praticamente toda escrita em inglês, só três páginas estão em português. Vale a pena lê-las tal qual constam no original, num português bastante esquecido já que Thomas De Freitas deixou as Flores com 18 anos e viveu grande parte da sua vida totalmente imerso no mundo americano. Nascido em 1873, faleceu em 1951.
Vejamos então as poucas páginas dessa autobiografia escritas em português:
Inserir aqui as três páginas da autobiografia



COUSAS INCRIVES MAS VERDADES

I

Meu avo, Francisco Jose de Freitas, era professor da nossa freguisia da Lomba Das Flores, Acores, por quem fui insinado ate a idade de 12 anos. Depois , fui instruido por uma tia que tinha quatro anos de colegio em Lisboa, tambem professora, mas como se casou logo depois de chegar as Flores, nunca "deu escola"; mas como vivia pertinho da minha casa estudei com ela por quatro anos, e aprendi com ela suficiente para entrar em qualquer universidade em Lisboa. Alem de isso, tinha quatro tios em negocio em Lisboa nesse tempo e a minha gente arranjaram com um deles para eu estar em sua casa durante os quatro anos de colegio; e estava para partir a 13 de junho, de 1890...mas como no dia 3 do mesmo mes passou nas Flores uma barqua (de vela), Canaria, que tomava "rapases pelo alto", fugi nessa noite e vim para America!

Aqui, nos estados the Nevada, Oregon e California, durante o inverno, trabalhava por cama e comida e atendia as escolas Americanas, e de verao trabalhava nas ervas e colheitas para as minhas roupas e calcado. E assim continuei agora e logo, ate receber dois anos de colegio.

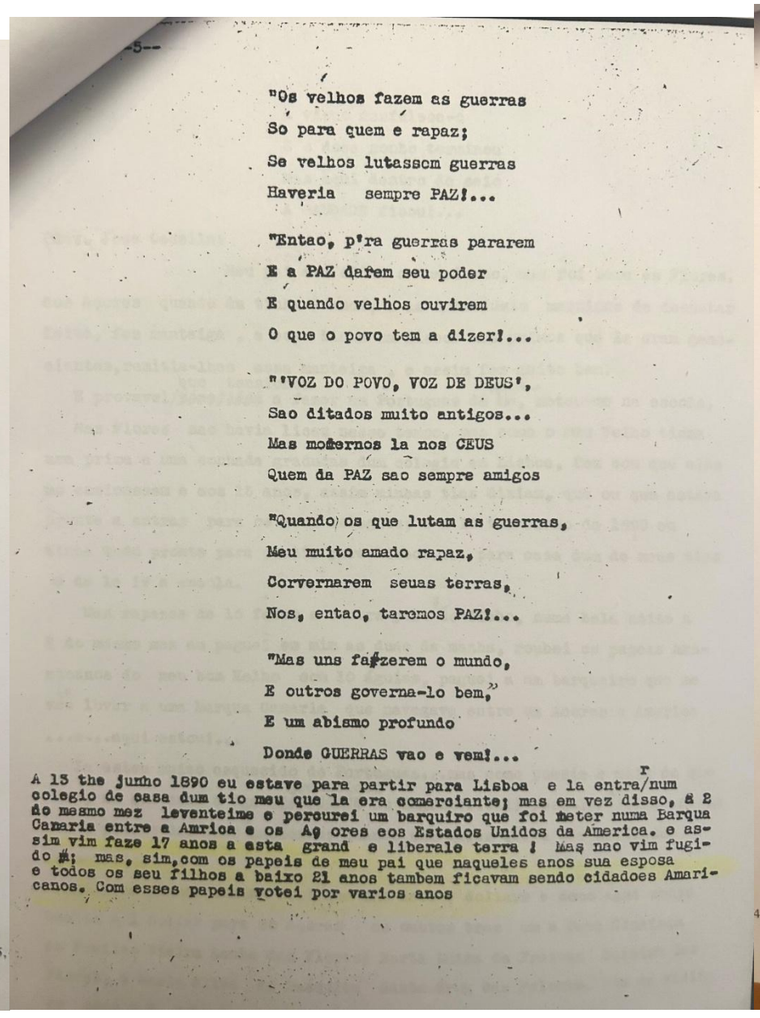
Enquanto aprendi com meu avo e tia nao era preciso eu correr para o dicionario para entender o que ele e ela me diziam porque ambos falavem as mesmas palavras que toda a gente falava nas Flores--só mais bem pronunciadas e nos seus propios logares; na America, mesmo, com o suplemento que o aberto segredo da literatura em todas as linguas are dizer claramente o maximo com as menores palavras....

Mas--o facto e que ja entou esquecido do pouco que aprendi ou o nevuaro da velhice nao me deixa intender o que leio.

Mayone

2 of 5

4/16/25,



-5-

"Os velhos fazem as guerras
So para quem e rapaz;
Se velhos lutassem guerras
Haveria sempre PAZ!...

"Entao, p'ra guerras pararem
E a PAZ darem seu poder
E quando velhos ouvirem
O que o povo tem a dizer!...

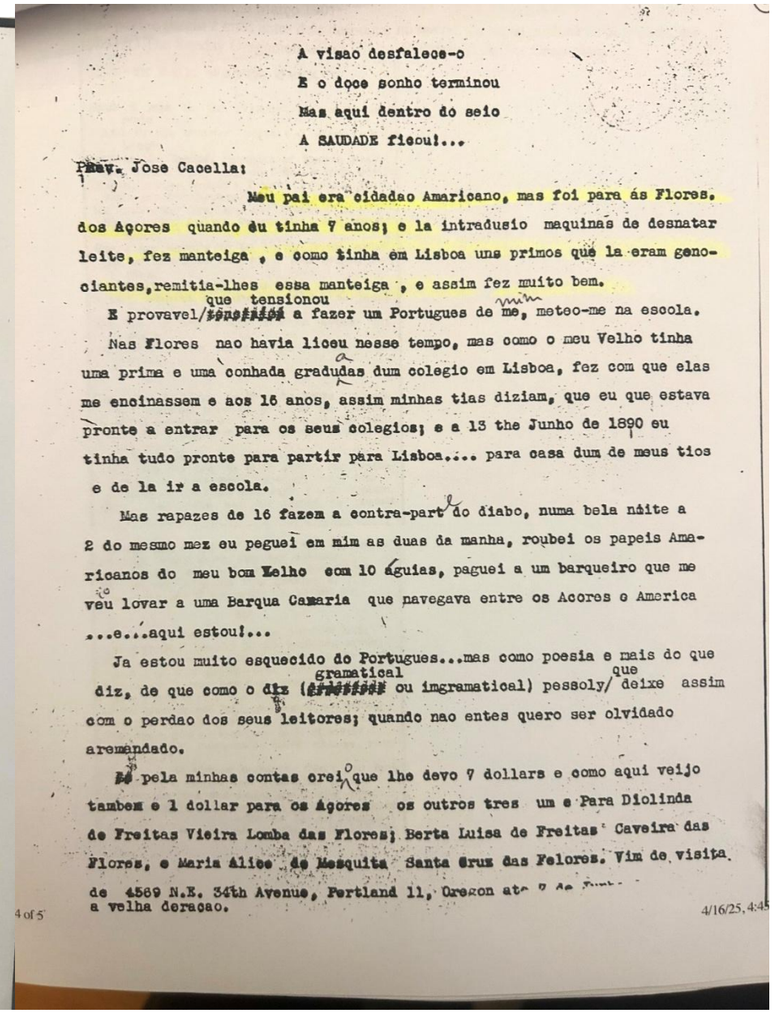
"'VOZ DO POVO, VOZ DE DEUS',
Sao ditados muito antigos...
Mas modernos la nos CEUS
Quem da PAZ sao sempre amigos

"Quando os que lutam as guerras,
Meu muito amado rapaz,
Corvernarem seuas terras,
Nos, entao, taremos PAZ!...

"Mas uns fazerem o mundo,
E outros governa-lo bem,
E um abismo profundo
Donde GUERRAS vao e vem!...

A 13 the junho 1890 eu estave para partir para Lisboa e la entra/num colegio de casa dum tio meu que la era comerciante; mas em vez disso, a 2 do mesmo mez leventeime e percurei um barquiro que foi meter numa Barqua Canaria entre a Amrica e os Ag ores eos Estados Unidos da America. e assim vim faze 17 anos a esta grand e liberale terra ! Mas nao vim fugido ; mas, sim, com os papeis de meu pai que naqueles anos sua esposa e todos os seu filhos a baixo 21 anos tambem ficavam sendo cidadoes Americanos. Com esses papeis votei por varios anos

4 of 5



A visao desfalece-o
E o doce sonho terminou
Mas aqui dentro do seio
A SAUDADE ficou!...

Prev. Jose Cacella:

Meu pai era cidadao Amaricano, mas foi para ás Flores, dos Açores quando eu tinha 7 anos; e la introdusio maquinas de desnatar leite, fez manteiga , e como tinha em Lisboa uns primos que la eram genociantes, remitia-lhes essa manteiga , e assim fez muito bem.

E provavel/ que tensionou a fazer um Portugues de mim, meteo-me na escola.

Nas Flores nao havia liceu nesse tempo, mas como o meu Velho tinha uma prima e uma conhada graduadas dum colegio em Lisboa, fez com que elas me encinassem e aos 16 anos, assim minhas tias diziam, que eu que estava pronte a entrar para os seus colegios; e a 13 the Junho de 1890 eu tinha tudo pronte para partir para Lisboa.... para casa dum de meus tios e de la ir a escola.

Mas rapazes de 16 fazem a contra-part do diabo, numa bela naite a 2 do mesmo mez eu peguei em mim as duas da manha, roubei os papeis Americanos do meu bom Velho com 10 águias, paguei a um barqueiro que me veu lovar a uma Barqua Canaria que navegava entre os Acores o America ...e...aqui estou!...

Ja estou muito esquecido do Portugues...mas como poesia e mais do que diz, de que como o diz (gramatical ou imgramatical) pessoly/ que deixe assim com o perdao dos seus leitores; quando nao entes quero ser olvidado aremendado.

Ah pela minhas contas orei que lhe devo 7 dollars e como aqui veijo tambem e 1 dollar para os Açores os outros tres um e Para Diolinda de Freitas Vieira Lomba das Flores; Berta Luisa de Freitas Caveira das Flores, e Maria Alice de Mesquita Santa Cruz das Felores. Vim de visita

de 4589 N.E. 34th Avenue, Portland 11, Oregon ate 7 de Junho a velha deracao.

4/16/25, 4:45

O *dossier* nº 2 contem a atrás referida antologia de Mayone Dias e Donald Warrin, *Cem Anos de Poesia Portuguesa na Califórnia*.
Os *dossiers* 9 a 12 contêm um romance – *Builders of the earth* - 189 páginas.
Os *dossiers* 13 a 18 contêm poemas; vários deles em português.
Os *dossiers* 19 a 23 contêm contos.
O nº 24 é um conjunto de cartas de intervenção cívica enviadas a editores de jornais. A ele iremos em breve. O nº 25 contem um ensaio intitulado "Labor". Estranhamente, o espólio da Boise State University não inclui as três peças de teatro mencionadas por Donald Warrin e Geoffrey Gomes,
***Pictures of Life*, *Plot against plot* e *Results of a jest*, todas datadas de 1903 e impressas na Gem State Printers, Caldwell, Idaho. Vêm assinadas com o nome Thomé Luiz de Freitas.**

(Resumir a história da ida dele a Nova Iorque para se encontrar com Mrs. Fiske (*Land*…, pp. 262)[5]

5 *Land*, pág. 262. As páginas da autobiografia de Boise State não coincidem com as da autobiografia citada por Warrin e Gomes. Será preciso adquirir a de Portland e cotejar ambas.

Porque o meu tempo é limitado, apenas levantarei o véu da intervenção cívica de Thomas L. De Freitas nos jornais de Oregon, e sobretudo de Idaho. Com efeito, o nosso florentino era um assíduo escritor de cartas ao diretor dos jornais *The Oregonian* e *The Oregonian Daily Journal*. As cartas cobrem assuntos diversos. Uma delas revela algo da sua biografia, mas também fornece pistas sobre os seus valores éticos:
Desistência da ambição de uma vida
Planos para ensinar os ignorantes enriquecer os pobres vistos como fúteis
Ao Editor:
Quando eu andava na escola, todos os professores que conheci, quase sem exceção, preferiam os alunos mais estudiosos e, porque estes eram os que mais aprendiam, gostavam sempre mais de os ensinar.
Com as vacas, cavalos, ovelhas, porcos e árvores, o meu pai fazia precisamente o contrário. Sempre e sem exceção, ele cuidava melhor dos mais fracos.
Sendo eu um dos alunos mais negligenciados em todas as escolas que frequentei, senti-me muito mal com isso e prometi a mim próprio que, quando crescesse, havia de passar toda a vida a ensinar os ignorantes e a enriquecer os pobres.
Fui progredindo lentamente, mas conservei uma fé inabalável em que algum dia haveria de ser bem sucedido. Até que li o vosso editorial declarando que o governo se apropriara de mais de 60% das terras dos Dakota como pagamento de impostos, em consequência da seca.
Cheguei então à definitiva conclusão de que as minhas esperanças eram fúteis. Os pobres não podem ser enriquecidos porque os ignorantes se recusam absolutamente a ser ensinados; o que, por outras palavras, significa que as leis impressas nos livros, em vez de inscritas no coração das pessoas, são igualmente fúteis.[6]

Esta, sobre a ideia de liberdade, vale a pena ser lida aqui hoje, quando a Iª Emenda da Constituição Americana - que consigna o direito à liberdade de expressão - está a ser posta em causa pelo atual presidente do país que, para Thomas De Freitas, era um El Dorado de Liberdade. Sendo embora um panegírico ufanista comum na época, se fosse vivo hoje o autor da carta ficaria certamente escandalizado com os atropelos à Liberdade por ele tão exaltada:

A Força da Liberdade

Ao Editor:
[…]
A Liberdade é a única coisa existente que se multiplica pela sua propria divisão – quanto mais se divide, mais forte, e maior em números, ela cresce. Muito estranho, não é?
Nenhuma outra nação no mundo sabe melhor do que esta qual o valor autêntico da liberdade, dado que já tivemos três grandes guerras apenas em prol da sua promoção e segurança. Não procurámos nem fizemos saques nem pilhagens […].
Cometemos, continuamos a cometer, e cometeremos no futuro muitos erros, mas sabemos a real valia da liberdade. Sabemos também a verdadeira importância da unidade para ser possível defender a preciosa liberdade que os fundadores desta nação criaram e gratuitamente ofereceram ao mundo. Nunca fizemos segredo disso, mas parece ser um misterioso segredo que, em 160 anos, enquanto nação unificada, nós tenhamos progredido em matéria de invenções e de produção mais do que desde o começo da história, e desde muito antes de existirem registos escritos. O resto do mundo, atualmente, parece recear dar-nos crédito pelo nosso trabalho árduo e gratuito, mas penso que a nossa generosidade nos ofereceu uma atómica energia.[7]

Vou acrescentar apenas mais um exemplo, assaz curioso, das suas cartas ao director. Desta vez é uma tomada de posição sobre o evolucionismo:
Doutrina considerada insustentável!
"Sobrevivência do mais adaptável" incompatível com os ensinamentos religiosos
Portland, Oregon, 1 de Agosto. Ao Editor: O Papa escreveu uma carta, datada de 23 de julho, declarando que, "queiramos ou não", a doutrina da evolução apresenta-se hoje como facto consumado. Trata-se agora de uma teoria mais bem provada do que, antes da viagem de Fernão de Magalhães, era a teoria de que a Terra é redonda". Contudo, não pode negar-se que as leis da evolução são as leis da brutalidade, do acaso, da indiferença e do poder, onde os mais fortes se tornam os mais adaptados. Foi sob essas mesmas leis que Cristo pereceu, não foi?
Vejamos, vejamos. Aqueles cujo pensamento se baseia na razão não podem negar este facto cruel. Não podem dizer que os seus ensinamentos não se opuseram diretamente às leis que não têm nenhuma piedade perante os mais fracos desafortunados!

---

6 Assinada por T. L. De Freitas, Linnton, Oregon. Tradução de Leonor Simas-Almeida
7 Assinada por T. L. De Freitas, 4569 N. E. 34th Ave. "People's Corner", 14 de junho de 1948. Tradução de Leonor Simas-Almeida.

> Observemos as árvores num bosque cujas sementes cairam por acaso à superfície do solo. É fácil de verificar por que motivo algumas cresceram fortes enquanto outras ficaram de tamanho diminuto. Terá isso acontecido porque estas últimas eram menos adaptáveis do que as primeiras? Não! Aconteceu apenas porque umas cresceram em terreno fértil, enquanto outras se alojaram em cascalho, folhas, pedras ou partes mais secas do solo. Sob as leis arbitrárias da evolução, as árvores debaixo da sombra terão de perecer enquanto à distância de um braço pode haver um espaço aberto onde outras terão crescido com tanta força como as suas mais afortunadas congéneres.
> […]
> Sim, Sua Santidade tem razão: Deus fez o macaco e a evolução fez o homem!**8**

No *Poet's Corner* do mesmo jornal, Thomas De Freitas também publicou vários poemas, no entanto não disponho de mais tempo para vos ler alguns. Não resisto, porém a citar um escrito aqui nas Flores. Primeiro, o contexto do poema:
Em janeiro de 1905, dezassete anos depois de emigrar, o autor veio de visita aos Açores. Chegado a S. Miguel, perdeu o barco para as Flores, pelo que só em Março chegou à sua ilha natal. Casou com Elisa Lopes, uma jovem de 17 anos**9**. O pai ter-lhe-á feito um reparo acerca de ele não ter sido economicamente bem sucedido na América e, aparentemente, recomendou-lhe que ficasse na ilha. A resposta de Thomas foi lapidar: "Se me desse toda a ilha, casado eu nunca ficaria aqui, simplesmente porque não quero que os meus filhos tenham de deixar a sua terra natal como eu fiz deixando-te a ti e a ela. A esperança aqui morreu, pai, e a vida sem esperança é intolerável".**10** Foi então que escreveu o seguinte poema:

De volta para a América11

Oh, levem-me de volta aos Estados Unidos!
De volta para onde reina a liberdade!
Onde a juventude é descuidada, feliz, alegre!
Onde o GÉNIO não está amarrado por correntes!

Oh! levem-me de volta às colinas ocidentais,
Às escarpadas colinas onde crescem altos abetos.
Onde a canção do verão enche a floresta!
Onde as brisas perfumadas sopram suavemente!

Oh! levem-me de volta a Oregon!
De volta à terra de riachos sombrios!
De volta à terra onde o sol se põe!
De volta às colinas dos sonhos felizes!

Oh, levem-me de volta às planícies ocidentais
Às pradarias onde o gado pasta!
Onde os namorados passeiam pelos atalhos
Que nunca os levam para longe de casa!**12**

Três dias depois, partia de regresso aos EUA acompanhado da mulher. "Tive muita pena de partir – mas – estou contente por regressar!"**13**
Para concluir, direi que estamos perante o caso deveras notável de um emigrante que na quase despovoada imensidão do Oeste americano, e entre o tempo que gastou a guardar ovellhas, conseguiu não perder nunca o seu antigo interesse pelo estudo e pela escrita. Um espírito rebelde, preferindo sempre pensar pela sua própria cabeça, lutador e defensor de ideais, creio que

---

8 *The Oregonian*, 2 de Agosto de 1923. Assinada por Thomas L. de Freitas. Tradução de Leonor Simas-Almeida.
9 Warin e Gomes dizem no seu livro que ele casou com uma jovem que conhecera na infância, mas não é isso que está na autobiografia por mim consultada.
10 Autobiography, p. 156.
11 Autobiography, p. 156
12 Autobiography, p. 155. Tradução literal do poema, sem tentar as rimas do original.
13 Autobiography, p. 156.

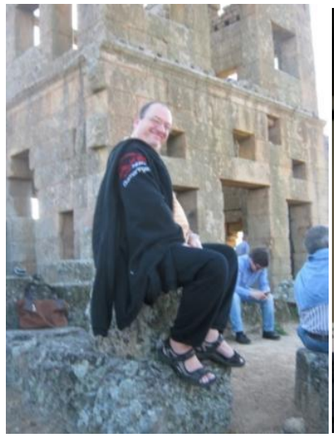
merece uma investigação aprofundada sobre a sua vida e obra – uma tese de doutoramento, por exemplo. Entretanto, a sua autobiografia merece ser publicada. Aliás, os seus inéditos – romance, contos e poemas – devem ser publicados em inglês e também em tradução. Graças às pistas lançadas por Donald Warrin, acrescidas agora da descoberta do espólio da Boise State University dispomos de material bastante para um trabalho de envergadura. Surja um voluntário – ou voluntária – porque infelizmente a mim não resta já tempo de vida para divagar ainda mais do que já tenho divagado ao longo de meio-século neste imenso e fascinante universo luso-americano.

VÍDEO HOMENAGEM 2021 *HTTPS://STUDIO.YOUTUBE.COM/VIDEO/861MSAZGNAE/EDIT*
É SÓCIO DA AICL, PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE, NO 5º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, RIBEIRA GRANDE 2006, NO 34º PDL 2021, NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

26. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA, AICL

2025 LAJES FLORES

36º COLÓQUIO PDL 2022


25º fundão 2015

27º BELMONTE 2017

15º MACAU 2010 17º Lagoa 2012

20º Seia 2013

24º Graciosa 2015

19º MAIA 2013

25º MONTALEGRE 2016

32º GRACIOSA 2019

ROLF KEMMLER, Nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, Rolf Kemmler atualmente é desempregado, sendo membro integrado e Secretário do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD.

É agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro desde 9 de abril de 2014 e possui dos graus de doutor. Desde 6 de julho de 2005 é *Doktor der Philosophie* (Dr. phil.) pela área das Ciências da Linguagem e da Literatura Universidade de Bremen (Alemanha). Recentemente, em 9 de novembro de 2018, defendeu com máximo sucesso na Universidade de Vigo (Galiza) a sua tese de doutoramento dedicada aos inícios da aprendizagem e do ensino do alemão em Portugal. A sua formação académica básica na Eberhard-Karls-Universität Tübingen (Alemanha) terminou com o grau de *Magister Artium* (M.A.) em Filologia Românica em 1997.

Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX. Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre a aprendizagem e o ensino das línguas modernas em Portugal (línguas alemã, francesa e inglesa).

Sócio Correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa, pertence ainda a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, sendo sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo). É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (Lomba da Maia).

Curriculum Vitæ na plataforma CiênciaVitae: https://www.cienciavitae.pt/pt/E316-9F0E-D494

APRESENTA **"Da literatura de viagens para os guias turísticos: os Açores em *Madeira and the Canary Islands, with the Azores* (1901) de Alfred Samler Brown (1859-1936)"** **Rolf Kemmler (Vila Real)***

Em 1889, o britânico Alfred Samler Brown (1859-1936) publicou pela primeira vez o seu guia de viagens intitulado *Madeira and the Canary Islands* (Brown 1889). Publicado em Londres, este guia tinha no início uma dimensão ainda modesta, sendo, como indica o título, limitado apenas à descrição da Madeira portuguesa e das Ilhas Canárias espanholas. Depois de uma menção algo passageira ainda na 3.ª edição (Brown 1894: 87-89), o lugar próprio dos Açores ficou definitivamente consagrado no título da sexta edição revista de 1901, intitulada *Madeira and the Canary Islands, with the Azores* (Brown 1901). Na nossa comunicação pretendemos apresentar a obra e o seu autor, assim como identificar as observações mais relevantes que este autor tece sobre os açores e os seus habitantes desde 1894 até 1904.

Referências bibliográficas

Brown, A[lfred] Samler ([1]1889): *Madeira and Canary Islands*: *A Practical and Complete Guide for the Use of Tourist and Invalids,* London: Sampson, Low, Marston, Searle & Rivington. [WorldCat OCLC: 79467583].

Brown, A[lfred] Samler ([3]1894): *Madeira and the Canary Islands: A Practical and Complete Guide for the Use of Invalids and Tourists,* with eleven maps and five plans in three colours, by A. Samler Brown, Third and revised edition, London; Cape Town; Johannesburg: Sampson Low, Marston & Co., Lim.; J. C. Juta & Co. [([1]1889), ([4]1896), ([5]1898)].

Brown, A[lfred] Samler ([6]1901): *Madeira and the Canary Islands, with the Azores: A Practical and Complete Guide for the Use of Invalids and Tourists,* with twenty coloured maps and plans and numerous sectional and other diagrams, by A. Samler Brown, Sixth and revised edition, London; Cape Town; Port Elizabeth; Johannesburg: Sampson Low, Marston & Co., Limited; J. C. Juta & Co.

Brown, A[lfred] Samler ([7]1903): *Brown's Madeira, Canary Islands and Azores: A Practical and Complete Guide for the use of Tourists and Invalids,* with twenty coloured maps and plans and numerous sectional and other diagrams, by A. Samler Brown, Seventh and revised edition, London; Cape Town; Port Elizabeth; Johannesburg: Sampson Low, Marston & Co., Limited; J. C. Juta & Co. [([7]1903), ([8]1905), ([9]1908), ([10]1910), ([11]1919), ([12]1922), ([13]1927), ([14]1932)]

Rolf Kemmler (Vila Real)*

* Sócio Correspondente Estrangeiro da Classe de Letras da *Academia das Ciências de Lisboa* (ACL) e investigador do *Centro de Estudos em Letras* (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). O CEL é uma unidade de investigação financiada pela *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* (UIDP/00707/2020).

* Sócio Correspondente Estrangeiro da Classe de Letras da *Academia das Ciências de Lisboa* (ACL) e investigador do *Centro de Estudos em Letras* (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). O CEL é uma unidade de investigação financiada pela *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* (UIDP/00707/2020). DOI: 10.54499/UIDP/00707/2020.

Da literatura de viagens para os guias turísticos: os Açores em *Madeira and the Canary Islands, with the Azores* (1901) de Alfred Samler Brown (1859-1936)

1 Introdução

Em 1889, o britânico Alfred Samler Brown (1859-1936) publicou pela primeira vez o seu guia de viagens intitulado *Madeira and the Canary Islands* [Madeira e as Ilhas Canárias] (Brown 1889). Na primeira edição, tratava-se de um guia de viagens de modestas dimensões, o qual viria a ser aumentado ao longo das suas 14 edições. No presente artigo, iremos oferecer uma vista de olhos introdutória para papel dos Açores nos primeiros guias turísticos dedicados a Portugal. Em seguida, iremos apresentar uma síntese do que se sabe sobre o autor e a sua obra, para depois apresentar a maneira de como os Açores e sobre tudo São Miguel entraram no guia de Brown sobre a Macaronésia.

2 Os Açores nos primeiros guias de viagens europeus

Ainda que o filólogo espanhol Pedro Nolasco Leal Cruz, da Universidad de La Laguna (Santa Cruz de Tenerife), se tenha mostrado muito eufórico em relação ao guia de Brown, pois constatou que «es sin lugar a dudas la primera guía turística seria a nivel mundial» (Leal Cruz 2020: 3), é provavelmente de concordar com a visão mais cautelosa de do seu colega, o historiador Nicolás González Lemus (1952-2024), que relativizava o significado desta obra no que respeita á sua importância para as Ilhas Canárias ao afirmar: «Alfred Samler Brown es el autor de la primera guía «moderna » sobre Canarias en lengua inglesa» (González Lemus 2012: 44).

Com efeito, não parece descabido encarar como primeiros guias de viagens de cariz moderno a nível mundial a série de guias publicadas pela editora "Karl Baedeker Verlag", fundada em 1827 pelo editor alemão Karl Baedeker (1801-1859). Bastante tempo após a morte do fundador, a editora de Baedeker publicou uma primeira edição alemã de *Spanien und Portugal* [Espanha e Portugal] em 1897. Como se pode verificar em Baedeker (1899), para além de meras menções passageiras, os Açores não têm qualquer papel de relevo quer na edição alemã quer na inglesa *Spain and Portugal* (Baedeker 1899). Aliás, os arquipélagos portugueses e espanhóis da Macaronésia só em inícios do século XX viriam a ser incluídas no volume *Das Mittelmeer: Hafenplätze und Seewege nebst Madeira, den Kanarischen Inseln, der Küste Marokkos, Algerien und Tunesien* [O Mediterrâneo: portos e rotas marítimas, juntamente com a Madeira, as Ilhas Canárias, a costa de Marrocos, a Argélia e a Tunísia], ou seja, tratava-se de um guia dedicado sobretudo ao mediterrâneo e ao norte da África (Baedeker 1909).

Na Grã-Bretanha, o escocês John Murray (1737-1793) fundou a sua editora epónima em 1768, mas foi sob a égide do seu neto John Murray III (1808-1892), que a editora passou a publicar a série *Murray's Handbooks for Travellers* desde 1836. Depois de duas edições de um opúsculo intitulado *Hints to Travellers in Portugal, in Search of the Beautiful and the Grand* [Dicas para viajantes em Portugal, em busca do belo e do grandioso] (Murray 1852; Murray 1853; ambas as edições sem qualquer referência aos Açores), o pastor anglicano John Mason Neale (1818-1866; cf. Lister 1993: xiii-xiv; Rosa 2013: 118) foi encarregado com a elaboração (anónima) da primeira edição do *Handbook for Travellers in Portugal* [Manual para viajantes em Portugal] (1855). Nas primeiras edições, esta obra dedicou-se unicamente ao continente português, e só ofereceu algumas menções passageiras aos arquipélagos da dos Açores e da Madeira.

Só na quarta e última edição deste guia de viagens, o editor acrescentou a frase «With a Short Account of Madeira, the Azores and the Canary Islands» no título (Neale 1887: [3]). Por conseguinte, é na «SECTION VIII: MADEIRA, AZORES, AND CANARY ISLANDS» [Secção VIII: Madeira, Açores e Canárias] (Neale 1887: 178-190), que os arquipélagos da Madeira e das Ilhas Canárias ocupam 4 ½ páginas, respetivamente, ao passo que os Açores nem sequer ocupam 1 ½ páginas, ou seja, pouco mais de 4 000 carateres (com espaços). A informação oferecida sobre os Açores é a seguinte:

THE AZORES.

THE Azores, a group of 9 islands in the Atlantic, distant about 900 m. from the coast of Portugal, are supposed to derive their name from the quantity of goshawks (açores) which breed on their rocky shores. The islands were discovered in 1431, but not formally occupied by the Portuguese until about 20 years later. The exports are chiefly oranges and wine, and the population about 300,000.

There is no direct communication between England and the Azores, but these islands may be reached by Portuguese steamers in about 4 days from Lisbon direct, on the 5th of every month, or via Madeira on the 20th. Fare, 1st class to S. Michael, 6*l*. 13*s*. 4*d*.; Terceira, 7*l*.; Fayal, 7*l*. 5*s*.

Lisbon Agent, Mr. G. S. Arnaud, 84, Caes do Sodré, 2nd floor.

S. Michael, the chief of the group, has about 120,000 inhab. The island is volcanic in formation, and its highest point, the Pico de Vara, attains an elevation of 5410 ft. above the sea.

Ponte Delgada, the capital, ranks third among Portuguese towns in size, having a population of 30,000, and an important trade. (*Hotel*, with English landlady.) Lat. 37° 50' N.: long. 25° 40' W. *British Consul*, W. Read, Esq. *Vice-Consuls* at Fayal and Terceira. **descend**

English Church Service during the season.

The town is well and substantially built, with handsome houses and most beautiful gardens.

The favourite excursion is to *Las Furnas*, a valley abounding in hot sulphureous springs, or **geysers**, for which no other spot in the world, excepting Iceland, is so celebrated. A ride of 2½ hrs. from Ponte Delgada leads to **Ribeira Grande**, the second in importance of the towns, with a population of 15,000. (*Inn*, very poor.) The way then lies through forests and ravines to the summit of the pass, 2000 ft. above the sea, whence it descends to

Las Furnas (good *Inn*), about 5 hrs. ride from Ribeira Grande. Here there are iron and sulphur baths, much frequented in the bathing season, which commences on the 24th of June. In every direction throughout the valley streams of boiling water and mud are constantly bubbling. The water springs are called *Caldeiras* (*caldrons*); those of mud, *boccas*. The **Bocca d'Inferno**, or mouth of Hell, is a seething mass of mud; and near it the **Caldeira de Tambour** throws a jet of steam and water high up into the air. Nothing grows quite close to the geysers, but at a little distance from them the vegetation is everywhere luxuriant.

Not far from the Springs is the **Lago das Furnas**, a beautiful lake full of gold and silver fish, and fed by a picturesque waterfall; and on the heights above are the **Sette Citades**, or *Seven townships*, from which lovely views of the sea and precipitous coastline are enjoyed.

The remaining islands of the group are S. Maria, Fayal, S. Jorge, Terceira, Graciosa, Pico, Corvo, and Flores. Of these the most important are Fayal and Pico, the former of which exports a vast quantity of oranges and lemons, and the latter about 10,000 pipes annually of white wine.

The Azores are considerably scattered, and lie in three distinct groups. N.W. are Corvo and Flores, about 120 m. from the central islands of Terceira, S. Jorge, Pico, Fayal and Graciosa. 70 m. S.E. of these are S. Michael and S. Maria, with the Formigas rocks.

Within quite recent years the Azores have been disturbed by volcanic action. The island of **Sabrina** was cast up from the ocean in 1811, and sank again after a few months' existence only. In June 1841 the town of Praia, in Terceira, was swallowed up by an earthquake. The island of **Corvo**, the smallest of the group, is formed almost entirely of an extinct volcano, 2200 ft. above the sea, with a crater 1000 ft. deep, and 3 m. in circumference.

In the island of **Flores**, the furthest W., is some striking scenery. At one point, on the E. side, a gap in the rugged coast-line shows to view a grand amphitheatre of cliffs, down which innumerable cascades, fed by mountain torrents, precipitate themselves into the valley.

Terceira is celebrated as having given a ducal title to the Conde de Villa Flor, after his memorable expedition from that island in 1832. (See Oporto.) (Neale 1887: 184-185).

Segundo Lister (1993: 37), quem foi responsável pela revisão da quarta edição, foi o pastor anglicano Henry William Pullen (1836-1903), que John Murray III nomeara editor-geral da série de guias turísticos da sua editora em 1885 (Lister 1993: xxxi). Para já, não sabemos de onde Pullen tirou as suas informações sobre os Açores ou os outros arquipélagos da Macaronésia. Dado que oferece mais detalhes sobre São Miguel, a informação fornecida neste subcapítulo leva a crer que Pullen provavelmente não deverá ter conhecido as outras ilhas do arquipélago, uma vez que até chegou a oferecer detalhes sobre a hotelaria micaelense, ao passo que as restantes ilhas foram apenas o objeto de descrição geográfico e histórico bastante sumária.

No contexto do surgimento dos primeiros guias de viagem na Europa, não se pode deixar de mencionar a obra *Guide to the Madeiras, Azores, British and Foreign West Indies, Mexico, and Northern South America* [Guia das Madeiras, Açores, Índias Ocidentais Britânicas e Estrangeiras, México e Norte da América do Sul] (1843) de John Osborne (fl.1843-1845), funcionário da Royal Mail Steam Packet Company (1839-1932). Entre os 50 capítulos desta obra de VIII, 208 páginas (com [XX] páginas de anúncios) só há um único capítulo dedicado aos Açores. Trata-se do 39.º capítulo, intitulado inicialmente «FAYAL» (Osborne 1843: 175-184) e depois «THE AZORES - FAYAL» (Osborne 1844: 287-293). De maneira algo coerente à falta de importância que lhe parece ter sido atribuída pelo autor, foi desde a terceira edição que a referência explícita ao arquipélago dos Açores desapareceu do título do *Guide to the West Indies, Madeira, Mexico, Northern South-America, &c. &c*. [Guia para as Índias Ocidentais, Madeira, México, Norte da América do Sul, &c. &c.] (Osborne 1845). Mas apesar disso, o breve capítulo dedicado aos Açores ainda se encontra na quinta edição *Guide to the West Indies, Madeira, Mexico, New Orleans, Northern South-America, &c. &c*. [Guia para as Índias Ocidentais, Madeira, México, Nova Orleães, Norte da América do Sul, &c. &c.] , em Osborne (1847: 287-293).

Osborne (1843) começa o seu capítulo de dez páginas (a partir de Osborne 1844: sete páginas) com uma descrição geográfica e histórica do arquipélago, claramente tirada da literatura secundária. Em seguida, refere-se a um artigo nas *Philosophical Transactions of the Royal Society of London* [Transacções Filosóficas da Real Sociedade de Londres], em que um capitão identificado como 'John Robison' teria reportado uma erupção vulcânica subaquática perto da Terceira, ocorrida em dezembro de 1720 (Osborne 1843: 176). Com efeito, trata se de uma gralha e fica evidente que deverá ter lido o artigo que o capitão naval inglês James Tillard (fl.1786-1841) publicara em 1841. De acordo com o antigo comandante da *HMS Sabrina* (1806-1816), que descobriu e documentou o nascimento do vulcão submarino a leste de São Miguel em junho de 1811, o capitão americano *supra* mencionado na verdade chamava-se 'John Robinson', o que se confirma na respetiva carta de Forster (1722), assim como na versão publicada de Forster (1722: 100).

De resto, verifica-se que Osborne (1843) refere três vezes explicitamente um autor chamado 'Bullar'. Com esta referência, Osborne (1843: 177, 182, 183; cf. Osborne 1844: 288, 291, 292) está, sem dúvida, a referir-se a uma das obras mais famosas dentro da tradição de literatura de viagens sobre os Açores. A obra *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas* [Um inverno nos Açores e um verão nas Termas das Furnas], publicada em 1841 em dois volumes pelo médico inglês Joseph Bullar (1808-1869) e o seu irmão, o advogado Henry Bullar (1815-1870). Ao todo, Osborne (1844) oferece citações diretas de cerca de quatro páginas de texto de Bullar & Bullar (1841: I/II), sem contar trechos parafraseados e outros elementos textuais, cuja origem não conseguimos identificar.

Entre a primeira edição e a quinta edição de Osborne (1847) não se verifica qualquer alteração no texto. Para além disso, desde a segunda edição de Osborne (1844), a composição tipográfica do capítulo até mantém a mesma paginação. Por todas esta razões, a leitura deste capítulo leva-nos a concluir que John Osborne, possivelmente porque Bullar & Bullar (1841, I/II) naturalmente era uma obra muito recente para ele, provavelmente não tinha conhecimento direto dos Açores.

3 O autor de *Madeira and the Canary Islands*: Alfred Samler Brown

Sobre o autor, Alfred Samler Brown (1859-1936) sabe-se muito pouca coisa. Naturalmente, é sabido que era cidadão da Grã-Bretanha, mas ignoram-se mais circunstâncias exatas da sua vida no seu país natal. A literatura concorda que terá nascido no ano de 1859, e é consensual que chegou às Ilhas Canárias com cerca de 29 anos de idade, pois «viajó por primera vez a Madeira y Canarias entre el invierno de 1887 y 1888, pero, siguió viniendo hasta la década de 1920 – por problemas de salud, para curarse de sus afecciones pulmonares y tuberculosis [...]» (González Lemus 2012: 44). Tendo inicialmente residido nas montanhas de Tenerife e de Gran Canaria, consta que Brown acabou por fixar residência em Santa Cruz de Tenerife (González Lemus s.d.), onde terá passado a dedicar-se à elaboração do seu guia de viagem (Brown 1889). Consta que terá sido casado e que teve pelo menos um filho, o futuro militar Nelson Alfred Samler Brown (1894-1992). Faleceu em 17 de julho de 1936 na cidade de Guildford, no Condado de Surrey, com cerca de 77 anos de idade (cf. *NGCOBA* s. d.).

Mais conhecidas do que o próprio autor são as obras que deixou para a posteridade. Para além de Brown (1889) e das suas edições posteriores (de que falaremos adiante), que até agora têm sido de particular interesse para alguns investigadores oriundos das Ilhas Canárias, o relatório *Report on the Social and Economical Condition of the Canary Islands* [Relatório sobre a situação social e económica das Ilhas Canárias] (Brown 1892) é de interesse especial, pois foi compilado pelo autor em 1892 a pedido do então cônsul britânico nas Canárias, o Capitão Samuel Henry Harford (1833-1904), a fim de ser publicado na série *Miscellaneous Studies* [Estudos diversos] do *Foreign Office* [Ministério dos Negócios Estrangeiros]. Neste opúsculo de [II], 54 páginas, Alfred Samler Brown é identificado pelo Cônsul como «[...] a resident British subject in this Island [...]» [(...) um súbdito britânico residente nesta ilha (...)] oferece, de facto, uma descrição detalhada «[...] on the Condition of Labour and Social and Economical Conditions of the Canary Islands , together with a Statistical Synopsis for the aid of Traders or Intending Settlers», isto é, a [(...) sobre a condição do trabalho e as condições sociais e económicas das ilhas canárias, juntamente com uma sinopse estatística para auxílio dos comerciantes ou pretendentes a colonos] (Brown 1892: 2).

Para além disso, existe ainda outro guia de viagem em coautoria entre Alfred Samler Brown e G. Gordon Brown (de quem mais nada se sabe), que na primeira edição era intitulado *Brown's "South Africa": A Practical and Complete Guide for the Use of Tourists, Sportsmen, Invalids, and Settlers* [O "South Africa" de Brown: Um guia prático e completo para uso de turistas, desportistas, inválidos e colonos] (1893), com xvi, 245 páginas de texto e 87 anúncios paginados no fim do livro. Em edições posteriores, esta obra passou a ser publicada anualmente, primeiro sob o título *The Guide to South Africa for the Use of Tourists, Sportsmen, Invalids, and Settlers* [O guia da África do Sul para uso de turistas, desportistas, inválidos e colonos] (Brown & Brown 1897). Depois, pelo menos desde 1920 até 1936, o guia continuou como publicação anual sob o título *South and East African Year Book and Guide* [Anuário e Guia da África do Sul e Oriental]. Consta ainda que Brown publicou uma série de outros opúsculos informativos sobre as Ilhas Canárias e a África do Sul, tais como *The Illustrated Handbook of South Africa*, *Illustrated Handbook of the South African Gold Fields* [O manual ilustrado da África do Sul, Manual ilustrado dos Campos de Ouro da África do Sul], assim como o *Illustrated Handbook of Madeira and the Canaries* [Manual Ilustrado da Madeira e das Canárias] (1906), que são anunciados nas guardas e contrarrostos dos seus guias, mas aos quais ainda não tivemos acesso.

3 A obra: *Madeira and the Canary Islands*, (*with the Azores*)

Sob o título *Madeira and the Canary Islands*: *A Practical and Complete Guide for the Use of Tourist and Invalids* [Madeira e as Ilhas Canárias: Um guia prático e completo para o uso de turistas e inválidos] (1889), e com um volume inicial de 111, [VII] páginas e sete mapas não paginadas, esta obra, no início ainda tinha uma dimensão modesta. A obra foi publicada em Londres, pela editora "Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, Limited" que foi fundada por volta de 1875 pelos livreiros Sampson Low (1797-1886), Edward Marston, Samuel Warren Searle (?-1907) e William John Rivington (?-1914), que mais tarde viriam a servir-se da razão social "Sampson Low, Marston & Co., Limited", sob a qual seriam publicadas as seguintes dez edições. Tal como indica o título, a primeira edição desta obra estava limitada apenas a parte da Macaronésia, nomeadamente à Madeira e às Ilhas Canárias espanholas. O mesmo título principal da primeira edição seria repetido nas quatro edições seguintes ([2]1890), ([3]1894), ([4]1896) e ([5]1898), ao passo que o subtítulo, referente ao público-alvo de turistas e de viajantes com motivos médicos se manteria durante toda a história editorial da obra.

Desde a terceira edição com viii, [II], 270, [II], 55 páginas, também o arquipélago açoriano passou a ser objeto de uma descrição sumária no capítulo "THE AZORES" [Os Açores] (Brown 1894: 87-89). Na sexta edição revista de 1901, com as suas [VIII], xviii, [II], 339, 47 páginas, o lugar próprio dos Açores ficou definitivamente consagrado através do novo título principal *Madeira and the Canary Islands, with the Azores* [Madeira e as Ilhas Canárias, com os Açores] (Brown 1901). De seguida, a obra veio a ser publicada, desde a sétima edição de 1903 até à 14.ª edição de 1932, como *Brown's Madeira, Ilhas Canárias and Açores* [Madeira, Ilhas Canárias e Açores de Brown] (Brown 1903; com o mesmo título: [8]1905, [9]1908, [10]1910, [11]1913-1921,[14] [12]1922, [13]1927, [14]1932).

14 A décima primeira edição data claramente de 1913. Nos anos posteriores, até 1921, apareceu um número para já não identificado de reimpressões, no qual faltam as indicações do número da edição e do ano. Observa-se, porém, que estes exemplares receberam todos uma página de atualização em papel de cor de rosa, tal como o «Up-to-date Leaflet, 1920-1921» [Folheto atualizado, 1920-1921] (Brown 1921: folha inserida entre [ii] e iii).

Muito recentemente, Isabel Pascua Febles e Sonia del Carmen Bravo Utrera, ambas professoras de inglês na Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, publicaram uma primeira tradução espanhola da 11.ª edição de 1919, sob o título *Madeira, Islas Canarias y Azores* (Brown 2000). Trata-se de um volume grosso, de 581, 63 páginas, em que só os anúncios publicitários do início e fim se mantém no original inglês.

4 Os Açores em *Madeira and the Canary Islands* (1894)

Ao contrariar uma afirmação não fundamentada que os autores do *Elucidário Madeirense*[15] fazem sobre o primeiro aparecimento de um texto sobre os Açores na obra de Brown em 1901, *EA* (2015) afirma que «esta afirmação não é, contudo, exacta, pois a 4.ª edição, de 1896, já contém um capítulo sobre o arquipélago, de 3 páginas apenas (87 a 89), embora esta referência apenas surja no frontespício da encadernação original». Com efeito, como já afirmámos *supra*, também a afirmação de *EA* (2015) não é correta, uma vez que o capítulo de três páginas, intitulado "THE AZORES", apareceu pela primeira vez em Brown (1894: 87-89) e reza o seguinte:

THE AZORES.

ALTHOUGH neither geographically nor geologically a part of Madeira, these islands are most easily reached from Funchal or Lisbon; are Portuguese and Portuguese-speaking, and it is thought that a short description of them and of the accommodation to be found will be useful to those using this book.

Their reputation as a health resort during the winter or as a pleasure resort during the summer remains to be established, but there is a growing disposition on the part of tourists to Madeira to pay them a visit, and on the part of resident invalids in the same island to avail themselves of their neighbourhood during the hot months when a change is desired and it is not considered advisable to return to England or to Europe.

During the winter there is more rain than in Madeira and the temperature is lower. They are however a healthy place of residence; there are good roads in most of the islands and a number of attractive excursions to be made in a little-known country; there are peaks to be climbed, volcanic lakes to be visited; caves to be explored and cataracts of lava to be crossed. The moisture brought by the warm gulf stream is most favourable to the vegetation and many spots of most romantic sylvan beauty can be found, as well as a number of lovely gardens, surpassing in beauty even those to be found in Madeira.

The mineral springs, which are better known and appreciated in Portugal than in Europe generally, summon a number of invalids to drink and bathe in their waters.

The people are very industrious and have long held the market as exporters of pine-apples, etc. Spirit is largely made from yams and great quantities of beans are grown and exported to Lisbon.

At present most of the visitors come from America in sailing schooners which bring petroleum and flour and touch at Flores, Fayal, Terceira and St. Michaels, or by a line of steamers running between New York and the Mediterranean and touching at the Azores for fruit and general trade on the way, whilst the Royal Mail S.S. Co. will stop if sufficient inducement is offered. (Not less than about £40 passenger money).

The accommodation is in its infancy and only suffices for a few people, but hotels would be built to meet a real demand. Charges 5s. to 8s. a day as a rule.

88/ The distance from Madeira is about two days and from Lisbon about four days or about three days by direct boat.

There are nine islands divided into three groups.

GROUP I. consists of two islands.

ST. MICHAEL'S (S.Miguel), 41 miles (66 kil.) long by 9¼ miles (15 kil.) broad.

Ponta Delgada, the capital and port is situated in lat. 37° 44´ N. by long. 25° 39´ W. of Greenwich.

Brown's Hotel. Ten people. Among the chief sights are the lava streams and caves coming from Sete Cidades, up which it is possible to walk for miles. At Sete Cidades, which is worth a visit, there is a great crater with two lakes at the bottom, one of which appears to be green and the other blue.

Very good roads lead to Villa Franca, a pretty little place, and to As Fournas and Ribeira Grande where the springs are. There is an hotel at As Fournas for the bathers with accommodation for about ten people.

The shelter afforded by the long mole at Ponta Delgada has made it the principal port and coaling station in the whole of the Azores. The Lisbon boats stop twice a month. The highest point in the island is 3,569 feet.

15 «Só de 1901 em diante é que o Sr. Samler Brown começou a ocupar se das ilhas dos Açores [...]». (Silva & Meneses 1998: 175).

STA. MARIA, 11 miles (17½ kils.) long by 5 miles (8 kils.) broad.

Villa do Porto, lat. 36° 56´ by long. 25° 8´ W, the chief town, is situated on the crest of a hill. There is little to be seen except a church where Columbus stopped to return thanks on his return from America. The appearance of the island is barren, everything is landed in boats and passengers rarely go on shore. The highest point in the island is 1,870 feet. Lisbon boats touch once a month but only remain two or three hours.

GROUP II. consists of five islands.

TERCEIRA, 19 miles (30 kils.) long by 9 miles (14½ kils) broad is very oval in shape compared with the rest of the group.
Angra, 38° 38´ N. by 27 ° 16´ W., where the boat stops is a pretty town, but there is practically no accommodation.
There is a good carriage road but the island is less interesting than St. Michael's. The highest point is 3,435 feet. It was 12 miles (21½ kils.) to the N.W. of this island where the submarine volcanic eruption of 1867 made its appearance. Lisbon boats once a month.

GRACIOSA, 8 miles (13½ kils.) long by 5 miles (8 kils.) broad.

Sta Cruz, the port 39 ° 6´ N. by 28° W., is chiefly remarkable for the fact that it is the only port in the Azores situated [89]/ on the N. of the island and facing the open sea. Lisbon boats once a month.

SÃO JORGE, 36 miles (57½ kils.) by 4½ miles (7 kils.) broad.

Villa das Vellas, 38 ° 41' N. by 28 ° 14' W., is the port where the Lisbon boats call once a month. The island can easily be visited by schooner from Fayal.

PICO, 30 miles (48 kils.) long by 10 miles (16 kils.) broad.

S. Antonio the port, lat. 38 ° 32' N. by long. 28 ° 22' W., faces N. but is partially protected by the island of S. Jorge. Steamers do not touch here, but the island is easily visited by rowing boat from Fayal, from which it is only 4 miles (6 kils.) distant. The highest point is O Pico, 7,613 feet, which is also the highest mountain in the Azores.

FAYAL, 14 miles (22½ kils.) long by 9½ miles (15 kils.) broad, ranks next in importance to St. Michael's.

Horta, the chief town and port, 38° 33' N. by 28° 38' W., is a pleasant little place where there is accommodation for a few visitors. The Lisbon steamers call twice a month and, as it is the terminus for the boat touching at Funchal, she usually remains one or two days. A certain amount of coaling business is carried on. The highest mountain is 3,350 feet. There are a few excursions about the island. O Pico, which looms grandly out of the sea to the westward, also induces most visitors to make a voyage across the narrow strait.

GROUP III. consists of two islands.

FLORES, 12 miles (19 kils.) long by 9 miles (14½ kils.) broad, is the most westerly of the Azores.
Santa Cruz, 38° 28´ N. by 31° 8´ W., is only visited by the Lisbon boats once a month. The highest point is 3,087 feet.

CORVO, twelve miles to the N. of Flores, is little more than a rock whose centre is a great crater. It is 4½ miles (7½ kils.) long by 3 miles (5 kils.) broad, and is not often visited.

Those intending to visit the Azores will do well to provide themselves with Admiralty Charts before leaving home. The following are issued.
Azores (whole archipelago on a small scale), 1/6; Corvo and Flores, 1/6; Terceira and Graciosa, 1/6; Fayal, Pico and S. Jorge, 1/6; St. Michael's, 1/6; Santa Maria, 1/6; Fayal Channel 1/6 (Brown 1894: 87-89).[16]

16 [OS AÇORES.

APESAR de não pertencerem nem geograficamente nem geologicamente à Madeira, estas ilhas são facilmente acessíveis a partir do Funchal ou de Lisboa, são portuguesas e de língua portuguesa e pensa-se que uma breve descrição das mesmas e dos alojamentos existentes será útil para os utilizadores deste livro.

A sua reputação como estância de saúde durante o inverno ou como estância de lazer durante o verão está ainda por estabelecer, mas há uma disposição crescente por parte dos turistas que visitam a Madeira para lhes fazerem uma visita, e por parte dos inválidos residentes na mesma ilha para aproveitarem a sua vizinhança durante os meses quentes, quando se deseja uma mudança e não se considera aconselhável regressar a Inglaterra ou à Europa.

Durante o inverno há mais chuva do que na Madeira e a temperatura é mais baixa. No entanto, são um local de residência saudável; há boas estradas na maior parte das ilhas e uma série de excursões atrativas a fazer num país pouco conhecido; há picos a escalar, lagos vulcânicos a visitar; grutas a explorar e cataratas de lava a atravessar. A humidade trazida pela corrente quente do golfo é muito favorável à vegetação e podem encontrar-se muitos locais da mais romântica beleza silvestre, bem como uma série de jardins encantadores, ultrapassando em beleza mesmo os que se encontram na Madeira.

As nascentes de água mineral, mais conhecidas e apreciadas em Portugal do que na Europa em geral, atraem muitos inválidos para beberem e se banharem nas suas águas.

A população é muito laboriosa e há muito que detém o mercado de exportação de ananases, etc. O inhame é a principal matéria-prima para a produção de aguardente e são cultivadas grandes quantidades de feijão que são exportadas para Lisboa.

Atualmente, a maior parte dos visitantes vem da América em escunas à vela que trazem petróleo e farinha e chegam às Flores, Faial, Terceira e São Miguel, ou por uma linha de vapores que fazem a ligação entre Nova Iorque e o Mediterrâneo e chegam aos Açores para fruta e o comércio geral no caminho, enquanto a Royal Mail S.S. Co. fará uma paragem se for oferecido um incentivo suficiente. (Não menos do que cerca de £40 em dinheiro para passageiros).

O alojamento está a dar os primeiros passos e apenas é suficiente para algumas pessoas, mas seriam construídos hotéis para responder a uma procura real. Os preços variam entre 5s. e 8s. por dia, em regra.

A distância da Madeira é de cerca de dois dias e de Lisboa cerca de quatro dias ou cerca de três dias de barco direto.

Existem nove ilhas divididas em três grupos.

O GRUPO I. consiste de duas ilhas.

SÃO MIGUEL, com 41 milhas (66 km) de comprimento por 9¼ milhas (15 km) de largura.

Ponta Delgada, a capital e o porto, está situada na lat. 37° 44' N. por long. 25° 39' W. de Greenwich.

Hotel Brown's. Dez pessoas. Entre as principais atrações estão as correntes de lava e as grutas que vêm das Sete Cidades, pelas quais é possível caminhar durante milhas. Nas Sete Cidades, que vale a pena visitar, há uma grande cratera com dois lagos no fundo, um dos quais parece ser verde e o outro azul.

Estradas muito boas conduzem a Vila Franca, uma pequena e bonita localidade, e às Furnas e Ribeira Grande, onde se encontram as nascentes. Nas Furnas existe um hotel para os banhistas com capacidade para cerca de dez pessoas.

O abrigo proporcionado pelo longo molhe de Ponta Delgada tornou-o no principal porto e estação de carvão de todo o arquipélago dos Açores. Os barcos de Lisboa param duas vezes por mês. O ponto mais alto da ilha tem 3 569 pés.

SANTA MARIA, 11 milhas (17½ km) de comprimento por 5 milhas (8 km) de largura.

Vila do Porto, lat. 36° 56' por long. 25° 8' W, a principal cidade, está situada no cume de uma colina. Pouco se vê, exceto uma igreja onde Colombo parou para agradecer no seu regresso da América. O aspeto da ilha é estéril, tudo é desembarcado em barcos e os passageiros raramente vão a terra. O ponto mais alto da ilha tem 1 870 pés. Os barcos de Lisboa chegam uma vez por mês, mas só permanecem duas ou três horas.

O GRUPO II consiste de cinco ilhas.

A TERCEIRA, com 19 milhas (30 km) de comprimento por 9 milhas (14½ km) de largura, tem uma forma muito oval em relação ao resto do grupo.

Angra, 38° 38' N. por 27° 16' W., onde o barco para, é uma cidade bonita, mas praticamente não há alojamento.

Existe uma boa estrada para carruagens, mas a ilha é menos interessante do que São Miguel. O ponto mais alto tem 3 435 pés. Foi a 12 milhas (21½ km) a N.W. desta ilha que a erupção vulcânica submarina de 1867 fez a sua aparição. Os barcos de Lisboa saem uma vez por mês.

GRACIOSA, com 8 milhas (13½ km) de comprimento por 5 milhas (8 km) de largura.

Santa Cruz, o porto 39 ° 6' N. por 28 ° W., é principalmente notável pelo facto de ser o único porto dos Açores situado no N. da ilha e virado para o mar aberto. Lisboa faz uma viagem de barco uma vez por mês.

SÃO JORGE, 36 milhas (57½ km) por 4½ milhas (7 km) de largura.

Vila das Velas, 38 ° 41' N. por 28 ° 14' W., é o porto onde os barcos de Lisboa fazem escala uma vez por mês. A ilha pode ser facilmente visitada por escuna a partir do Faial.

PICO, com 30 milhas (48 km) de comprimento por 10 milhas (16 km) de largura.

S. António o porto, lat. 38 ° 32' N. por long. 28 ° 22' W., está virado a N. mas é parcialmente protegido pela ilha de S. Jorge. Os vapores não chegam aqui, mas a ilha é facilmente visitada por barco a remos a partir do Faial, do qual dista apenas 4 milhas (6 km). O ponto mais alto é o Pico, com 7 613 pés, que é também a montanha mais alta dos Açores.

FAIAL, com 14 milhas (22½ km) de comprimento e 9½ milhas (15 km) de largura, é a segunda cidade mais importante de São Miguel.

A Horta, a principal cidade e porto, 38° 33' N. por 28° 38' W., é um pequeno local agradável onde há alojamento para alguns visitantes. Os vapores de Lisboa fazem escala duas vezes por mês e, como é o ponto de chegada da embarcação que faz escala no Funchal, esta permanece normalmente um ou dois dias. Existe uma certa atividade de carvoaria. A montanha mais alta tem 3 350 pés. Existem algumas excursões pela ilha. O Pico, que se ergue grandiosamente do mar a oeste, também induz a maioria dos visitantes a fazer uma viagem através do estreito.

O GRUPO III consiste de duas ilhas.

A descrição do arquipélago dos Açores começa com o posicionamento geográfico do mesmo e a forma mais fácil de chegar às respetivas ilhas. Após a constatação de que os habitantes são tanto de nação como de língua portuguesa, Brown enfatiza que a fama existente dos Açores como estância de saúde estaria a motivar cada vez mais turistas e doentes residentes na Madeira a visitar os Açores durante o verão. Segue-se uma breve descrição do clima açoriano e um resumo das atrações para visitantes. Como não podia deixar de ser, é muito relevante a forma de como o autor aborda a questão do transporte por navio, tanto dos Estados Unidos como da Grã-Bretanha, bem como as opções de alojamento (que descreve como estando numa fase incipiente). Aqui já se encontra a informação pragmática e orientada para o utilizador que carateriza os guias de viagem do mundo atual.

As páginas seguintes do artigo contêm informações semelhantes, sempre no mesmo formato, para cada uma das ilhas dos três grupos dos Açores, incluindo pormenores sobre como chegar a cada ilha. No caso de São Miguel, o autor começa por indicar a localização geográfica da ilha e da sua capital, seguindo-se as principais opções de alojamento, os percursos turísticos mais importantes e os pontos de interesse geográfico, como a elevação mais alta da ilha.

Santa Maria, Terceira e o Faial também são apresentadas com mais pormenor, enquanto as informações sobre as restantes ilhas do arquipélago se limitam às coordenadas geográficas de cada ilha, da sua capital e das montanhas mais altas.

Quanto às informações sobre os habitantes do arquipélago, a frase «The people are very industrious and have long held the market as exporters of pine-apples, etc.» [A população é muito laboriosa e há muito que detém o mercado de exportação de ananases, etc.] parece ser um tanto superficial e, para além disso, dá a entender que toda a população estaria envolvida na exportação do ananás.

É claro que não pode ter sido este o caso, mas em última análise a questão leva-nos a supor que esta e possivelmente outras informações de Brown (1894: 87) sobre os Açores não estão provavelmente baseadas nas observações do próprio autor...

Sem qualquer alteração, o *supra* citado capítulo «The Azores» ainda se encontra na quinta edição de Brown (1898: 147-149).

5 Os açorianos em *Madeira and Canary Islands, with the Azores* (1901)

A partir da sexta edição, em que o arquipélago passou pela primeira vez a entrar no título da obra *Madeira and Canary Islands, with the Azores*, os Açores ganharam um pouco mais de importância dentro dos arquipélagos da Macaronésia, pois passaram a ser considerados na secção «THE AZORES OR WESTERN ISLANDS» [OS AÇORES OU AS ILHAS OCIDENTAIS] (Brown 1901: 147-149g), que contém 22 páginas e um mapa do arquipélago. O capítulo sobre os Açores vem reproduzido sem alterações significativas nas edições subsequentes como Brown (1903: p1-p20), pelo que citaremos pela décima primeira edição inalterada (Brown 1913: p1-p20).

Nestas páginas, encontram-se, em primeiro lugar, informações sobre os Açores que visam ser úteis para os viajantes anglófonos, tais como as linhas de navegação que escalavam as ilhas do arquipélago na época, seguidas por informações mais detalhadas sobre cada uma das nove ilhas. De seguida, limitar-nos-emos a breves reflexões do autor sobre a população e a sua vida. Os habitantes do arquipélago e a sua vida são descritos de seguida de forma bem sucinta:

> Socially the people are quiet, honest and industrious. In common with their compatriots of Portugal they are very staid and respectable, and do their best to give the lie to that very erroneous proverb, "Les Portugais sont toujours gais". The etiquette observed on board the steamer at meal-times; the ceremony and quietude maintained on deck and in the saloons throughout the day; even the carefully selected apparel of passengers embarking or landing at some insignificant port, are matters of constant surprise to the hardened traveller.
>
> On shore contradiction follows on contradiction. An iron crane of modern construction lifts goods into a cart, apparently similar to those used by the Romans. A small heavy platform, generally round in front and square behind, runs on solid disc wheels united by a wooden axle which turns along its whole length in wooden bearings. The weighty pole rests on a yoke, lashed to the horns of two oxen. The sides of the cart are sometimes made of strong woven basket work, spreading out at the top. When such a vehicle is full of some heavy material, the noise it makes on its laborious passage closely resembles that made by a pack of hounds in kennel as feeding time approaches. When going down hill a pair of oxen is often tied on behind and taught to serve as a brake.
>
> Passing under the gateway of a battlemented wall, dating probably from the 16th or 17th century, when its erection was necessitated by the constant attacks of foreign rovers, one encounters a group of women dressed in the "Capote e Capello". This costume consists of a falling cloak which completely conceals the figure, surmounted by a monstrous hood, both fashioned on rigorous and definite lines as is usually the case with any local costume, and the latter puffed out by strips of whalebone in such a way that the face of the wearer is scarcely

---

FLORES, com 12 milhas (19 km) de comprimento por 9 milhas (14½ km) de largura, é a mais ocidental dos Açores.
Santa Cruz, 38° 28' N. por 31° 8' W., só é visitada pelos barcos de Lisboa uma vez por mês. O ponto mais alto tem 3 087 pés.

O CORVO, a 12 milhas a N. das Flores, é pouco mais do que um rochedo cujo centro é uma grande cratera. Tem 4½ milhas (7½ km) de comprimento por 3 milhas (5 km) de largura, e não é muito visitada.

Quem tenciona visitar os Açores convém munir-se de cartas do Almirantado antes de sair de casa. São emitidas as seguintes.
Açores (todo o arquipélago em pequena escala), 1/6; Corvo e Flores, 1/6; Terceira e Graciosa, 1/6; Faial, Pico e S. Jorge, 1/6; São Miguel, 1/6; Santa Maria, 1/6; Canal do Faial 1/6].

visible to the passer-by. This apparently uncomfortable dress, said to be of remote Flemish or Algarve origin, is jealously retained by what may [p5]/ be described as the Azorean middle class. In Terceira, where the shape is rather different, it is known as the "Manto", and is of black stuff. Elsewhere it is dark blue. The most extravagantly large hoods are worn in Fayal.

The "Carapuça", a male head dress protecting the head and neck, is only worn by the peasants in São Miguel and is dying out even there.

In Terceira, where there is a peculiarly savage race of cattle, said to be of Spanish origin, bulls are sometimes baited in the public streets. A long rope is attached to the animal's horns and it is the duty of the lookers-on to hinder the movements of the bull, whilst some enterprising amateur parades in front of it and evades its furious charges. Fatal accidents occasionally occur.

Feast days are frequent, when there are usually religious processions. A curious ceremony is that known as the "Imperio do Espirito Santo", which takes place at Whitsuntide or Trinity Sunday, an emperor and sometimes an empress with their proper retinue being elected for the occasion.

Except in Terceira the style of architecture adopted is somewhat commonplace, although the façades of the churches are sometimes extravagantly ornate. In Terceira and the islands further west, the curious pyramidal form of the chimneys is worthy of notice (Brown 1913: p4-p5).[17]

Em primeiro lugar, Brown (1913: p4) descreve os açorianos como pacatos, honestos e trabalhadores, um povo que procura sempre comportar-se com dignidade. No entanto, nas próprias ilhas, o autor regista o choque entre as inovações dos tempos modernos e as tradições arcaicas, como o uso do carro de bois. No que respeita ao vestuário típico açoriano, Brown apresenta o 'capote e capelo' como traje típico feminino e a 'carapuça' para os homens, apontando que esta última já estava a desaparecer na Ilha de São Miguel do seu tempo.

Para além disso, o autor dá especial atenção aos costumes típicos da Ilha Terceira, como a 'tourada à corda' e as procissões do 'Império do Espírito Santo'. Por último, as suas notas incluem também algumas observações genéricas e pouco exatas sobre a arquitetura dos Açores.

A partir da sétima edição, Brown (1903: g37-g38; Brown 1913: g37-g38) acrescentou um pequeno capítulo de uma página e meia ao seu guia com o título «HISTORY OF THE AZORES» [HISTÓRIA DOS AÇORES]. Este capítulo descreve muito sucintamente a história dos Açores desde a sua descoberta, passando pelas guerras liberais, até à atualidade do Estatuto de Autonomia Administrativa (1895).

6 Conclusões

No fim de uma época em que os potenciais viajantes apenas se podiam preparar para as suas próximas viagens com obras que hoje se consideram literatura de viagens, a partir das décadas de 1820 e 1830 começaram a surgir guias de viagem, inicialmente em alemão e inglês, cujo objetivo era não só descrever o destino, mas também fornecer ajudas pragmáticas à vida, como transportes, estradas, alojamento e muito mais. Embora o primeiro guia de viagem para Portugal possa ser datado de 1852 e outras obras congéneres, como a de Osborne (1843), se baseiem essencialmente na literatura de viagens, só com Neale (1887) é que os arquipélagos portugueses da Macaronésia são objeto da primeira descrição sistemática, ainda que extremamente breve.

Esta situação viria a mudar com o britânico Alfred Samler Brown (1859-1936), que passou parte da sua vida nas Ilhas Canárias a partir de 1887 e, por isso, começou a publicar o seu guia de viagens *Madeira and the Canary Islands* em 1889. Com um total de 14 edições até 1932, a sua obra sobre os arquipélagos espanhóis e portugueses da Macaronésia teve um sucesso enorme.

---

17 [Socialmente, as pessoas são calmas, honestas e trabalhadoras. Em comum com os seus compatriotas de Portugal, são muito sóbrios e respeitáveis, e fazem o seu melhor para desmentir aquele provérbio muito erróneo, "Les Portugais sont toujours gais". A etiqueta observada a bordo do vapor durante as refeições; a cerimónia e a quietude mantidas no convés e nos salões durante todo o dia; até mesmo o vestuário cuidadosamente selecionado dos passageiros que embarcam ou desembarcam num qualquer porto insignificante, são assuntos de constante surpresa para o viajante endurecido.

Em terra, a uma contradição segue-se outra contradição. Uma grua de ferro, de construção moderna, levanta as mercadorias para uma carroça, aparentemente semelhante às utilizadas pelos romanos. Uma pequena plataforma pesada, geralmente redonda à frente e quadrada atrás, corre sobre rodas de disco maciço, unidas por um eixo de madeira que gira a todo o comprimento com rolamentos de madeira. A vara pesada assenta sobre uma canga, amarrada aos cornos de dois bois. Os lados da carroça são, por vezes, feitos de cestos de tecido forte, que se abrem na parte superior. Quando um veículo deste tipo está carregado com algum material pesado, o barulho que faz na sua laboriosa passagem assemelha-se muito ao de uma matilha de cães no canil, quando se aproxima a hora da alimentação. Quando se desce uma encosta, uma parelha de bois é frequentemente amarrada atrás e ensinada a servir de travão.

Passando por baixo do portal de uma muralha ameada, datada provavelmente do século XVI ou XVII, altura em que a sua construção foi necessária devido aos constantes ataques de piratas estrangeiros, deparamo-nos com um grupo de mulheres vestidas com o "Capote e Capelo". Este traje consiste de um manto que cai e esconde completamente a figura, encimado por um capuz monstruoso, ambos modelados em linhas rigorosas e definidas, como é habitual em qualquer traje local, e este último rematado por tiras de osso de baleia, de tal forma que o rosto de quem o veste quase não é visível para quem passa. Este traje, aparentemente incómodo, que se diz ser de remota origem flamenga ou algarvia, é ciosamente mantido por aquilo que se pode [p5]/ descrever como a classe média açoriana. Na Terceira, onde a forma é bastante diferente, é conhecido por "Manto" e é de cor preta. Noutros locais é azul escuro. Os capuzes mais extravagantes são usados no Faial.

A "Carapuça", um toucado masculino que protege a cabeça e o pescoço, só é usado pelos camponeses em São Miguel e está a desaparecer mesmo lá.

Na Terceira, onde existe uma raça de gado peculiarmente selvagem, que se diz ser de origem espanhola, os touros são, por vezes, engodados na via pública. Uma corda comprida é presa aos cornos do animal e cabe aos espetadores impedir os movimentos do touro, enquanto algum amador empreendedor desfila à sua frente e se esquiva aos seus ataques furiosos. Por vezes, ocorrem acidentes mortais.

Os dias festivos são frequentes, havendo normalmente procissões religiosas. Uma cerimónia curiosa é o chamado "Império do Espírito Santo", que se realiza no Pentecostes ou Domingo da Trindade, sendo eleitos para a ocasião um imperador e, por vezes, uma imperatriz com o seu respetivo séquito.

Exceto na Terceira, o estilo de arquitetura adotado é algo comum, embora as fachadas das igrejas sejam por vezes extravagantemente ornamentadas. Na Terceira e nas ilhas mais a oeste, é digna de registo a curiosa forma piramidal das chaminés].

Quanto aos Açores, foram descritos pela primeira vez em Brown (1894: 87-89) no âmbito de uma descrição muito sucinta, mas esta foi significativamente alargada a partir da sexta edição com o título *Madeira and the Canary Islands, with the Azores* (Brown 1901: 147-149g).

Dada a natureza da obra, é óbvio que a descrição dos habitantes do arquipélago não era um dos principais objetivos do autor. Por isso, não é de estranhar que os comentários sobre os habitantes em Brown (1913: p4-p5), e mais ainda em Brown (1894: 87), sejam apenas muito breves e algo superficiais. É, contudo, interessante que na sua descrição Brown mencione o choque entre a modernidade e a vida tradicional, que para ele incluía também a roupa típica açoriana que aparentemente estava em vias de cair em desuso no seu tempo.

Obviamente, o mundo nos Açores também estava a mudar no tempo quando Brown reorganizou o seu guia de viagens para incluir algumas informações sobre os Açores como um novo destino turístico em moda, razão pela qual julgamos que Brown poderá ter prescindido conscientemente de fazer caraterizações mais detalhadas dos habitantes dos Açores, que teriam de ser revistas em edições posteriores mais atualizadas.

7 Referências bibliográficas

Baedeker, Karl (ed.). 1898. *Spain and Portugal*. Handbook for Travellers by Karl Baedeker. With 6 maps and 46 plans. Leipsic & London: Karl Baedeker, Publisher & Dulau and Co.

Baedeker, K[arl] (Hrsg.). [2]1899. *Spanien und Portugal:* Handbuch für Reisende von K. Baedeker. Mit 7 Karten, 34 Plänen und 13 Grundrissen. Zweite Auflage. Leipzig: Verlag von Karl Baedeker.

Baedeker, Karl (Hrsg.). 1909. *Das Mittelmeer: Hafenplätze und Seewege nebst Madeira, den Kanarischen Inseln, der Küste Marokkos, Algerien und Tunesien*. Handbuch für Reisende. Leipzig: K. Baedeker Verlag.

Brown, A[lfred] Samler. [1]1889. *Madeira and the Canary Islands*: *A Practical and Complete Guide for the Use of Tourist and Invalids*. By A. Samler Brown. London: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, Limited.

[Brown, Alfred Samler]. 1892. *Reports on Subjects of General and Commercial Interest: Spain, Report on the Social and Economical Condition of the Canary Islands, Presented to both Houses of Parliament by command of Her Majesty, August, 1892*. London: Printed for Her majesty's Stationery Office, by Harrison and Sons (Foreign Office; Miscellaneous Studies; 246).

Brown, [Alfred Samler]. 1893. *Brown's "South Africa": A Practical and Complete Guide for the Use of Tourists, Sportsmen, Invalids, and Settlers*. With six coloured maps and two diagrams. London, Cape Town & Johannesburg: Sampson Low, Marston & Company Limited & J. C. Juta & Co.

Brown, [Alfred Samler] & Brown, [G. Gordon]. 1897. *The Guide to South Africa for the Use of Tourists, Sportsmen, Invalids, and Settlers*. With six coloured maps and diagrams. Edited annually by A. Samler Brown & G. Gordon Brown, for the Castle Mail Packets Company, Limited. London, Cape Town & Johannesburg: Sampson Low, Marston & Company Limited & J. C. Juta & Co.

Brown, A[lfred] Samler. [3]1894. *Madeira and the Canary Islands: A Practical and Complete Guide for the Use of Invalids and Tourists.* With eleven maps and five plans in three colours. By A. Samler Brown. Third and revised edition. London, Cape Town & Johannesburg: Sampson Low, Marston and Co., Lim. & J. C. Juta & Co.

Brown, A[lfred] Samler. [5]1898. *Madeira and the Canary Islands: A Practical and Complete Guide for the Use of Invalids and Tourists.* With sixteen coloured maps and plans and numerous sectional and other diagrams. By A. Samler Brown. Fifth and revised edition. London, Cape Town, Port Elizabeth & Johannesburg: Sampson Low, Marston & Co., Limited & J. C. Juta & Co.

Brown, A[lfred] Samler. [6]1901. *Madeira and the Canary Islands, with the Azores: A Practical and Complete Guide for the Use of Invalids and Tourists.* With twenty coloured maps and plans and numerous sectional and other diagrams. By A. Samler Brown. Sixth and revised edition. London, Cape Town, Port Elizabeth & Johannesburg: Sampson Low, Marston & Co., Limited & J. C. Juta & Co.

Brown, A[lfred] Samler. [7]1903. *Brown's Madeira, Canary Islands and Azores: A Practical and Complete Guide for the use of Tourists and Invalids.* With twenty coloured maps and plans and numerous sectional and other diagrams. By A. Samler Brown. Seventh and revised edition. London, Cape Town, Port Elizabeth & Johannesburg: Sampson Low, Marston & Co., Limited & J. C. Juta & Co.

Brown, A[lfred] Samler. [11]1913. *Brown's Madeira, Canary Islands and Azores: A Practical and Complete Guide for the use of Tourists and Invalids.* With twenty-two coloured maps and plans and numerous sectional and other diagrams. By A. Samler Brown. Eleventh and revised edition. London, Cape Town, Port Elizabeth & Johannesburg: Sampson Low, Marston & Co., Limited & J. C. Juta & Co.

Brown, A[lfred] Samler. [11]1921. *Brown's Madeira, Canary Islands and Azores: A Practical and Complete Guide for the use of Tourists and Invalids.* With coloured maps and plans and numerous sectional and other diagrams. By A. Samler Brown. London: Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent & Co., Ltd.

Brown, A[lfred] Samler. 2000. *Madeira, Islas Canarias y Azores*. Introducción de Isabel González Cruz, Traducción de Isabel Pascua Febles y Sonia del Carmen Bravo Utrera. Las Palmas de Gran Canaria: Ediciones del Cabildo de Gran Canaria.

Bullar, Joseph & Henry Bullar. 1841. *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas*. By Joseph Bullar, M. D. and Henry Bullar, of Lincoln's Inn. vol. I. London: John van Voorst. [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].

EA (2015) = *Enciclopédia Açoriana*. 2015. «Brown, A. Samler». http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=7520 (última consulta: DATA).

Forster, Thomas. 1722a. «Letter, from Thomas Forster to John Machin, dated at London. Reference number: EL/F2/11. Date: 12 May 1722». *The Royal Society: Science in the Making*. https://makingscience.royalsociety.org/items/el_f2_11/letter-from-thomas-forster-to-john-machin-dated-at-london?page=1 (última consulta: DATA).

Forster, Thomas. 1722b. III. Part of a letter from Thomas Forster, Esq; F. R. S. to Mr. Machin, Prof. Astron. Gresham, Secr. R. S. concerning a new Island lately raised out of the sea near Tercera. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London* 32 (372; 31 August 1722): 100-101.

González Lemus, Nicolas. 2012. De los viajeros británicos a Canarias a lo largo de la historia. *Anuario de Estudios Atlánticos* 58 ISSN 0570-4065: 51-104. https://revistas.grancanaria.com/index.php/aea/article/view/1029/1022 (última consulta: DATA).

González Lemus, Nicolás. s.d. Alfred Samler Brown, todo un clásico. *Viajeros por las Islas Canarias* 2 http://www.nicolasglemus.com/wp-content/uploads/2016/05/Alfred-Samler-Brown-todo-un-cl%C3%A1sico.pdf (última consulta: 27 de setembro de 2021).

Leal Cruz, Pedro Nolasco. 2014. Las Palmas de Gran Canaria según las catorce ediciones de la obra del escritor ingles de viajes Alfred Samler Brown (period de 1889-1932). In: Elena Acosta Guerrero (coord.), *XX Coloquio de Historia Canario-Americana: Homenaje a Francisco Morales Padrón, seminario Cien años de la Ley de Cabildos15 -19 de octubre 2012, Casa de Colón, Las Palmas de Gran Canaria*. Actas, Las Palmas de Gran Canaria: Ediciones del Cabildo de Gran Canaria: 505-524. https://revistas.grancanaria.com/index.php/CHCA/article/view/9191/8643 (última consulta: DATA).

Leal Cruz, Pedro Nolasco. 2017. Santa Cruz de Tenerife y La Laguna en las catorce ediciones (1899-1932) de la obra del escritor de viajes ingles Alfred Samler Brown. In: Elena Acosta Guerrero (coord.), *XXII Coloquio de Historia Canario-Americana: 3-7 OCTUBRE 2016, Casa de Colón, Las Palmas de Gran Canaria, Las ciudades del mundo Atlántico, Pasado, presente y futuro*. Actas, Las Palmas de Gran Canaria: Ediciones del Cabildo de Gran Canaria, 147: 1-29. https://revistas.grancanaria.com/index.php/CHCA/article/view/10086/9585 (última consulta: DATA).

Leal Cruz, Pedro Nolasco. 2020. Tenerife en las catorce ediciones (1889-1932) de la obra de Alfred Samler Brown. In: Elena Acosta Guerrero (coord.), *XXIII Coloquio de Historia Canario-Americana*: *XII Encuentro Internacional ADHILAC*, *Relaciones histórico-culturales entre el mundo Atlántico las dos orillas, 8-12 octubre 2018, Actas*. Las Palmas de Gran Canaria: Ediciones del Cabildo de Gran Canaria, 010: 1-25. https://revistas.grancanaria.com/index.php/CHCA/article/view/10407/9787 (última consulta: DATA).

Lister, Wi[lliam] B[rian] C[ollins]. 1993. *A Guide to the Microfiche Edition of Murray's Handbooks for Travellers.* By W. B. C. Lister, LL. B., F. R. G. S., with Introduction by John R. Gretton Lanham: University Publications of America (An Imprint of CIS).

Murray, John (ed.). [1]1852. *Hints to Travellers in Portugal, in Search of the Beautiful and the Grand:* With an Itinerary of some of the most interesting parts of that remarkable country. London: John Murray.

Murray, John (ed.). [2]1853. *Hints to Travellers in Portugal, in Search of the Beautiful and the Grand:* With an Itinerary of some of the most interesting parts of that remarkable country. Second edition. London: John Murray.

NGCOBA (s. d.) = Alfred Samler BROWN {UK}. In: *New General Catalog of Old Books and Authors: A Companion to On-line & Off-line Literature*. http://www.authorandbookinfo.com/ngcoba/br3.htm (última consulta: DATA).

[Neale, John Mason] (ed.). [1]1855. *Handbook for Travellers in Portugal*. With a travelling map. London & Paris: John Murray, Galignani and Co. & Stassin and Xavier.

[Neale, John Mason]. [3]1875. *A Handbook for Travellers in Portugal: A Complete Guide for Lisbon, Cintra, Mafra, Evora, the British Battle-Fields, Santarem, Alcobaça, Batalha, Coimbra, Busaco, Oporto, Braga, Guimarães, the Caldas and Mountain-passes, &c.* Third edition, carefully revised. With a plan of Lisbon and a travelling map. London, Paris & Lisbon: John Murray, Galignani and Co., Boyveau & Matt. Lewtas.

[Neale, John Mason]. [4]1887. *A Handbook for Travellers in Portugal: A Complete Guide for Lisbon, Cintra, Mafra, Evora, the British Battle-Fields, Santarem, Alcobaça, Batalha, Coimbra, Bussaco, Oporto, Braga, Bragança, the Baths and Mountain-passes, &c. With a Short Account of Madeira, the Azores and the Canary Islands*. Fourth edition, carefully revised. With plans of Lisbon and Oporto and a travelling map. London, Paris & Lisbon: John Murray, Galignani and Co., Boyveau & Lewtas.

Osborne, John. [1]1843. *Guide to the Madeiras, Azores, British and Foreign West Indies, Mexico, and Northern South America.* Compiled from documents specially furnished by the agents of the Royal Mail Steam Packet Company, and other authentic sources. With a description of the passage across the Isthmus of Panama, illustrated with charts. Also, full particulars of landing at Southampton, and the periods and cost of conveyance to London by railway. By John Osborne, Passenger Department, London Office. London: Printed for the author by Walton & Mitchell, and sold at the Office and by all booksellers.

Osborne, John. [2]1844. *Guide to the Madeiras, Azores, British and Foreign West Indies, Mexico, and Northern South America.* Compiled from documents specially furnished by the agents of the Royal Mail Steam Packet Company, and other authentic sources. With a description of the passage across the Isthmus of Panama, illustrated with charts. Also, full particulars of landing at Southampton, and the periods and cost of conveyance to London by railway. By John Osborne, Passenger Department, London Office. Second Edition, enlarged. London: Simpkin, Marshall & Co., and sold at the Office.

Osborne, John. [3]1845. *Guide to the West Indies, Madeira, Mexico, Northern South-America, &c. &c*. Compiled from documents specially furnished by the agents of Royal Mail Steam Packet Company, and other authentic sources. With charts and other illustrations. By John Osborne, Superintendent of the Passenger Department, London Office. Third Edition, containing the Company's latest Regulations essential to all Passengers and Merchants. London: Sold at the Company's Office, on board the ships, and may be had through the agents abroad and of all booksellers.

[Osborne, John]. [5]1847. *Guide to the West Indies, Madeira, Mexico, New Orleans, Northern South-America, &c. &c*. Compiled from documents specially furnished by the agents of Royal Mail Steam Packet Company, and other authentic sources. With charts and other illustrations. Fifth Edition, containing the Company's latest Regulations essential to Passengers and Merchants. London: Simpkin and Marshall, Walton and Mitchell, sold also at the Company's Office, and may be had through agents abroad.

Rosa, Alexandra Assis. 2013. Portugal para inglês ver: *Murray's Handbook for Travellers in Portugal*, 1855. In: J. Carlos Viana Ferreira, Adelaide Meira Serras, Alcinda Pinheiro de Sousa, Alexandra Assis Rosa, Hanna Pięta, Luísa Falcão, Marília Martins Gil, Susana Valdez, Teresa Cid & Teresa de Ataíde Malafaia (eds.), *A Scholar for all Seasons: Homenagem a João de Almeida Flor*. Lisboa: Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa & Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras de Lisboa: 117-130. http://hdl.handle.net/10451/10021 (última consulta: DATA).

Silva, Fernando Augusto da & Carlos Azevedo de Meneses. 1998. *Elucidário Madeirense*. Fac-símile da edição de 1940-1946. I Volume, A-E. Funchal: Região Autónoma da madeira, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

Tillard, J[ames]. 1841. Volcanoes of the Azores. *The Nautical Magazine and Naval Chronicle for 1841*: 752-761.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
- PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL,
VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL. - -
FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.
PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE, PARTICIPOU NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º ILHA GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022. AUSENTE POR MOTIVO DE SAÚDE NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023.REGRESSOU NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

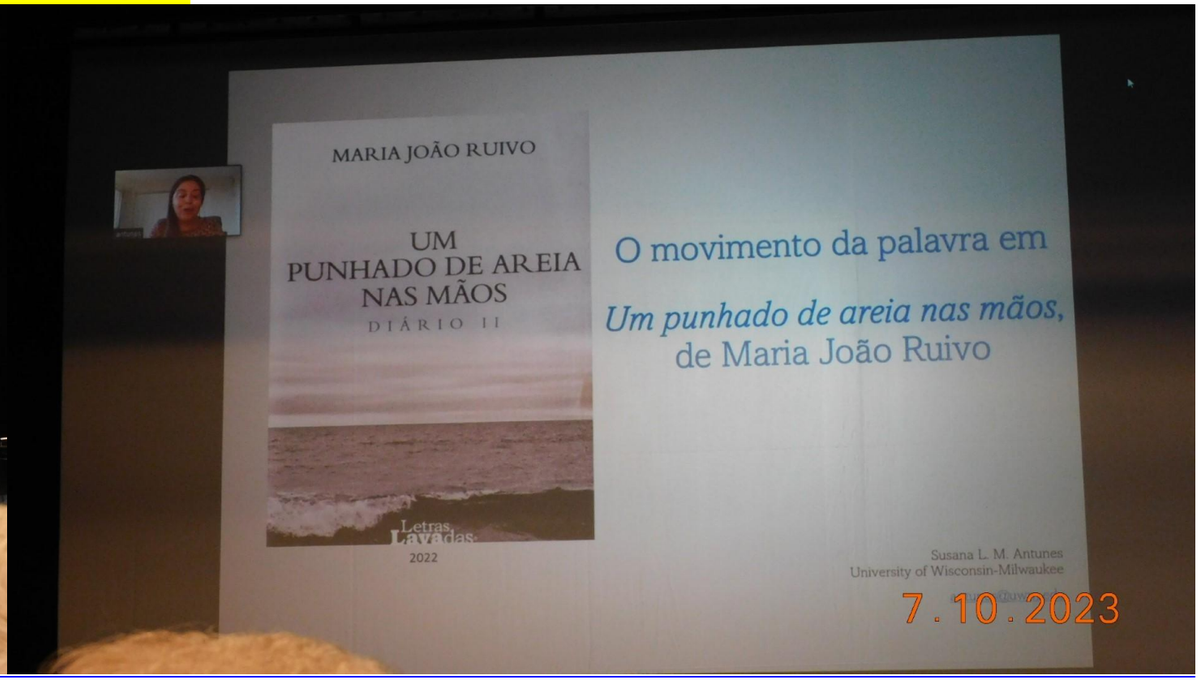
27. ROSA COSTA, PRESENCIAL

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

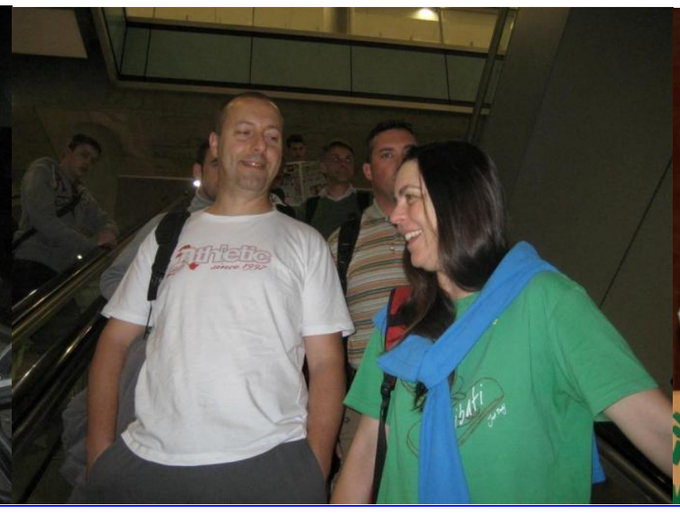
28. RUI LEAL, PRESENCIAL

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

29. SUSANA L. M. ANTUNES, UNIVERSIDADE DE WISCONSIN-MILWAUKEE, EUA, AICL. VIA ZOOM



38º colóquio na Ribeira Grande 2023



15º COLÓQUIO Macau 2011

Susana L M Antunes fez doutoramento na Universidade de Massachusetts, Amherst,
É Professora Associada de Língua, Literatura e Culturas Lusófonas na Universidade de Wisconsin-Milwaukee, onde desempenha também as funções de coordenadora do Programa de Português. Os seus interesses de pesquisa repartem-se pela poesia contemporânea em língua portuguesa, literatura de viagem e literatura de ilhas (Ecocrítica, Geopoética) em português, francês e inglês numa perspetiva comparada, os quais tem apresentado em diversas conferências nacionais e internacionais.

É investigadora no grupo de pesquisa Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal Fluminense, Brasil, e no centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, onde PARTICIPOU no projeto de criação de uma Enciclopédia Digital em Estudos Insulares.

36º ponta delgada 2022

36º PDL 2022 39º STA Mª 2024

Integra também o projeto *Escritoras de Língua Portuguesa no Tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e Países de Emigração*, o qual resulta de uma parceria internacional, envolvendo o Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, o CICS Nova / Faces de Eva, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e o CRILUS/UR Études Romanes, da Universidade Paris Nanterre.

É tradutora do Institut Internacional de Gépoétique, França.

Autora do livro *De Errâncias e Viagens Poéticas em Jorge de Sena e Cecília Meireles* (Afrontamento - 2020), o seu trabalho mais recente foi a edição e coordenação do volume *Ilhas de vozes em reencontros compartilhados*, publicado em 2021, pela Quod Manet, Massachusetts.

APRESENTA Arqueologias do sentir: Uma leitura de O Silêncio da Paixão, de Helena ChrystellO

15º COLÓQUIO Macau 2011

SÓCIA FUNDADORA DA AICL.
FEZ PARTE DAS TERTÚLIAS ONLINE
COORDENA OS CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS
PARTICIPOU NO 15º MACAU 2011, 36º EM PONTA DELGADA 2022, ONLINE NO 38º NA RIBEIRA GRANDE 2023, ONLINE NO 39º SANTA MARIA 2024 E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

30. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, CIERL-UMA, CEHU-UAC, PICO. AICL

38º RIBEIRA GRANDE 2023

38º Ribeira Grande 2023

URBANO BETTENCOURT (Manuel U. B. Machado) nasceu na Piedade, ilha do Pico, 1949.
Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa.
Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014.
Reformado do ensino, integra o quadro de investigadores do CIERL-UMa e do CEHu-UAc.
Tem investigado sobretudo na área das literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores.
Uma parte dessa investigação encontra-se reunida nos seguintes volumes de ensaios:
O Gosto das Palavras (3 vols: 1983, 1995; 1999);
Emigração e Literatura (1989);
De Cabo Verde aos Açores – à luz da Claridade (1998);
Ilhas conforme as circunstâncias (2003)
O Amanhã não existe. Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia (2017),
Sala de Espelhos (2.ª ed. 2022).

FOI AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2012, 2015, 2017

38º RIBEIRA GRANDE 2023

BIBLIOGRAFIA

Raiz de Mágoa (1972);
Ilhas (de parceria com Santos Barros, 1977);
Marinheiro com residência fixa (1980);
Naufrágios Inscrições (1987);
Algumas das Cidades (1995);
Lugares sombras e afetos (2005);
Santo Amaro Sobre o Mar (2005; 2.ª ed., 2009);
Antero (2006);
Que paisagem apagarás (2010);
África frente e verso (2012);
Outros nomes outras guerras (2013);
O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (2013);
Com navalhas e navios (2019);
Com Navajas y Navíos. Poesia reunida y dos ensayos. Tradução de Javier Hernández Fernández (Biblioteca Atlántica, Canárias, 2019);
O inverno de passagem (2021);
O Pequeno livro amarelo de Ernesto Gregório (2021).
Santo Amaro sobre o mar (3ª ed.) Companhia das Ilhas
Em termos editoriais, participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:
Caminhos do Mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani), 2005;
Pontos Luminosos. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel), 2006.
Azoru Salu. Dzejas antologija (com Leons Briedis). Letónia, 2009;
Preparou a edição da poesia completa de Pedro da Silveira, Fui ao Mar Buscar Laranjas (Instituto Açoriano de Cultura, 2019; edição revista em 2022, no âmbito do centenário do poeta).
Tem colaboração dispersa na imprensa, na rádio e na televisão. Coordena com Carlos Alberto Machado a reedição das obras de José Martins Garcia, para a editora Companhia das Ilhas.

Foi homenageado pela AICL em 2007, 2012

na BGA BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE

1972, Raiz de Mágoa, Poesia, Setúbal, ed. Autor
1976, Ilhas, narrativas; em parceria com Santos Barros. Lisboa, Ed. Dos Autores.
1980, Marinheiro Com Residência Fixa. Poesia e narrativas. Lisboa, Ed. Do Grupo De Intervenção Cultural Açoriano.
1983, O Gosto Das Palavras I. Ensaios sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o caráter cósmico de alguma poesia barroca, e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo. Col. Gaivota, SREC, pp. 77-87
1983, Ensaios Sobre Antero De Quental E Outros Autores Açorianos; O Caráter Cósmico De Alguma Poesia Barroca; Os Apólogos Dialogais De D. Francisco Manuel De Melo. Angra Do Heroísmo, SREC.
1983, Antologia De Poesia açoriana in O Gosto Das Palavras I. Angra Do Heroísmo, Secretaria Regional Da Educação E Cultura, pp. 77-87
1984 com Costa Melo, Lúcia. Rota sibilina; pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova Ponta Delgada, Câmara Municipal,
1986 Rodrigo Guerra. Alguns olhares in Onésimo T Almeida Da literatura açoriana, para um balanço. Angra do Heroísmo, SREC, pp. 45-54
1987 Naufrágios / Inscrições. Poesia e narrativas. Ponta Delgada, Brumarte / Signo.

28º VILA DO PORTO

26º LOMBA DA MAIA 2016

23º FUNDÃO 2015

30º MADALENA DO PICO 2018

17º LAGOA 2012

17º LAGOA 2012

28º VILA DO PORTO 2017

1987 Algumas palavras a propósito, in Terra, F. Água de verão, Ponta Delgada, Signo.
1989 Emigração E Literatura, alguns fios da meada, (ensaio que aborda aspetos da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX), Horta, Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta
1989, Emigração E Literatura. Ensaio Que Aborda Aspetos Da Emigração Nalguns Contistas Açorianos Do Final Do Século XIX. Horta, Gabinete De Cultura Da Câmara Municipal.
1989 O Gosto das Palavras I. 2ª ed., II [ensaios sobre autores açorianos e ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, entre outros], Ponta Delgada, Jornal de Cultura,
1991, Antero açoriano. Vozes em volta. Revista da História das ideias, vol. 13, Coimbra, pp. 221-229

1992 «Carlos Faria – de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge», in Faria, Carlos, São Jorge Ciclo da Esmeralda, Signo, Câmara Municipal das Velas, 1992, pp. 3-8.
1993, "S. Jorge no Roteiro de Alguns Viajantes", Revista Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1993, pp. 385-402.
1995, Algumas Das Cidades, poemas em prosa. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, coleção Insula.

39º SANTA MARIA 2024

36º PDL 2022

1995, O Gosto Das Palavras II. Da Literatura Açoriana, Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, Ensaios Sobre Autores Açorianos E Ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, E Outros. Ponta Delgada, Jornal De Cultura, pp. 13-16
1995, Da Literatura Açoriana – Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, In O Gosto Das Palavras II. Ponta Delgada, Jornal Da Cultura, pp. 13-16
1998, De Cabo Verde Aos Açores, À Luz Da «Claridade De S. Vicente. Ensaio sobre A Receção Açoriana Da Literatura Cabo-Verdiana.». Mindelo, Cabo Verde, Câmara Municipal
1998, O Gosto Das Palavras III, SREC, Angra, col. Gaivota, nº 31
1998, Bolos de mel, in Margem 2, Funchal, nº 10, dez. º 1998, pp. 50-51
1998, A ilha de Fernão Dulmo em Mau Tempo no canal in Homem, M.A. ed., atas do Colóquio As ilhas e a mitologia, Câmara Municipal do Funchal: pp. 117 - 123
1999, O Gosto Das Palavras III. Ensaios Sobre Literatura Clássica Portuguesa, Literatura Açoriana E Cabo-Verdiana. Lisboa, coleção Garajau, Ed. Salamandra.
2000, Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers.

2001 Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio, in Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento, 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, Instituto Açoriano de Cultura.
2002, Introdução in Vitorino Nemésio, Paço do Milhafre, O mistério do Paço do Milhafre, obras completas, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-27.
2002, Pedro da Silveira - escrita e o mundo in O Faial e a periferia açoriana, nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo, Atas do III Colóquio. Núcleo Cultural da Horta: pp. 597-604
2003, Ilhas Conforme As Circunstâncias. Ensaios Sobre Literatura Açoriana, Cabo-Verdiana E São-Tomense. Lisboa, Ed. Salamandra.

39º SANTA MARIA 2024

30º MADALENA DO PICO 2018 | 26º LOMBA DA MAIA 2016 | 23º FUNDÃO 2015 | 27º BELMONTE 2017

2004, José Martins Garcia: A Palavra, O Riso. Separata Da Revista Arquipélago -Línguas E Literaturas, vol. XVII. Ponta Delgada, Universidade Dos Açores.
2005, Lugares Sombras E Afetos (poesia e narrativas), com desenhos de Seixas Peixoto. Arganil, ed. Moura Pinto e Figueira Da Foz, Ed. Dos Autores.
2004, José Martins Garcia, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. XIII, pp. 59-64
2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Péssimo. Arganil, Editorial Moura Pinto
2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Péssimo, 2ª edição revista, Câmara Municipal de São Roque do Pico
2005, In Caminhos do mar, Antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
2006, Manuel Lopes, escritor – Um cabo-verdiano nos Açores, 2006, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 15
2006, Antero, com desenhos de Alberto Péssimo (poesia). Arganil, Editorial Moura Pinto.
2006, Frases Para Ter Na Algibeira, org. De Sara Pais. Lisboa, Livramento.
2006, Mística E Nuvens Do Vulcão Do Pico, com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt E Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, Observatório Vulcanológico E Geotérmico Dos Açores.
2006, O guardador de freiras, in Margem 2, Funchal, nº 21, abril, pp. 44-46
2006, In Pontos luminosos, Açores e Madeira, Antologia poética do séc. XX com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras.

2007, Nas Lajes, Um Chá Imprevisível. Separata Da Revista Magma, 4. Lajes Do Pico, ed. Câmara Municipal.
2007, Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem, in John Kinsella & Carmen Ramos Villar, eds. Lusophone Studies #5, Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities, Azorean Literature in context. University of Bristol, July
2007, «Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo», in Tutikian, Jane e Brasil, Luiz António de Assis (org. de), Mar Horizonte: Literaturas Insulares Lusófonas, Porto Alegre, EDIPUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2007, pp. 11-22.
2008, com Lauro Junckes, coord Onésimo Almeida, Caminhos do Mar
2008, A afirmação de uma cultura própria, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir. História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX, vol. II, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 307-322
2008, O Tempo De Florêncio Terra. Separata Do Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta, vol. 17. Horta, Núcleo Cultural.
2008, Novas do Achamento do Divino em terras brasileiras, in Jornal de Letras nº 114. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevereiro 2008. Recensão ao livro Caminhos do Divino de Lélia Pereira da Silva Nunes
2008, Pedras Negras, Dias de Melo, in Jornal de Letras nº 119, Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, julho 2008
2009, Manuel Lopes, escritor – um cabo-verdiano nos Açores» in José Luís Hopffer Almada (org), O Ano Mágico de 2006, Olhares Retrospetivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas. Praia, Instº da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde,
2009, Signo Atlântico in José Martins Garcia, Português, contrabandista, seleção de contos, Lajes do Pico, Biblioteca Açoriana (Companhia das Ilhas)
2009, in Azoru. Dzejas antologija com Leon Briedis, Riga, Letónia
2009, Santo Amaro Sobre O Mar, com Desenhos De Alberto Péssimo. 2.ª Edição Revista, Câmara Municipal De S. Roque,
2010 Que paisagem apagarás? Ponta Delgada, ed. Publiçor
2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
2011, IN Antologia da Memória poética da Guerra Colonial, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.), Fotografias: Manuel Botelho, Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva, 1.ª ed. Porto: Afrontamento, 2011 (Poesia; Antologias, 2), ISBN 9789723611748, 648 pp.
2011, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (originalmente publicado na revista «Ponto Cardeal», n. º 4. Madalena, Pico, Açores, Escola Cardeal Costa Nunes, novembro de 2011)
2011, Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal A Ilha, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta
2012, Fernando Aires e a Geração de 40, in Atas do 17º Colóquio da Lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores
2012, África frente e verso, Ponta Delgada, Letras Lavadas
2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
2013, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens, IN revista Ponto Cardeal nº 4 Madalena, Pico, Escola Cardeal Costa Nunes, novº 2011. http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escrbettencourt3.html
2013 Outros nomes, outras guerras, Lajes do Pico, ed. Companhia das ilhas,
2014, Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais, in Boletim do Núcleo da Horta,
2014, Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia, tese de dissertação
2015, José Martins Garcia. A linguística vai à guerra, in Atas do 23º Colóquio da Lusofonia, Fundão
2015 Ser escritor nos Açores, in Atas do 23º Colóquio da Lusofonia, Fundão
2016. Germano Almeida in Atas 26º Colóquio da Lusofonia Lomba da Maia 2016
2017, Pedro da Silveira, – as ilhas da (sua) literatura in Atas do 27º Colóquio da Lusofonia, Belmonte
2017, O Amanhã não Existe (Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia). Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2017)
2018, «J. H. Santos Barros, poeta» e «Dossiê crítico», em J. H. Santos Barros, Alexandrina, como era. Todos os poemas. Edição e apresentação de Jorge Reis-Sá. Lisboa: Imprensa Nacional.
2018. Vitorino Nemésio, Amor de Nunca Mais e Paço do Milhafre e O Mistério do Paço do Milhafre. Obra Completa. Teatro e Ficção I. Edição e apresentação da ficção por Urbano Bettencourt. Lajes do Pico e Lisboa: Companhia das Ilhas e Imprensa Nacional.
2019. Mulher de Porto Pim. Libreto sobre a obra homónima de António Tabucchi para cantata (filarmónica e coro) de Rui Souza. Apresentação no Festival Muma (Horta, 9 de maio)
2019. Com Navalhas e Navios [Poesia reunida]. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas.
2019 Con Navajas y Navios [Poesia reunida 1972-2018 y dos ensayos]. Prologo y traduccion de Javier Hernández Fernandez. Biblioteca atlântica. Islas Canarias: Consejería de Turismo, Cultura y Deportes. Gobierno de Canarias.
2019. Pedro da Silveira, Fui ao mar buscar laranjas [Poesia reunida]. Coordenação, fixação do texto e introdução de Urbano Bettencourt. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

APRESENTA **Alfred Lewis, modo(s) de regressar**

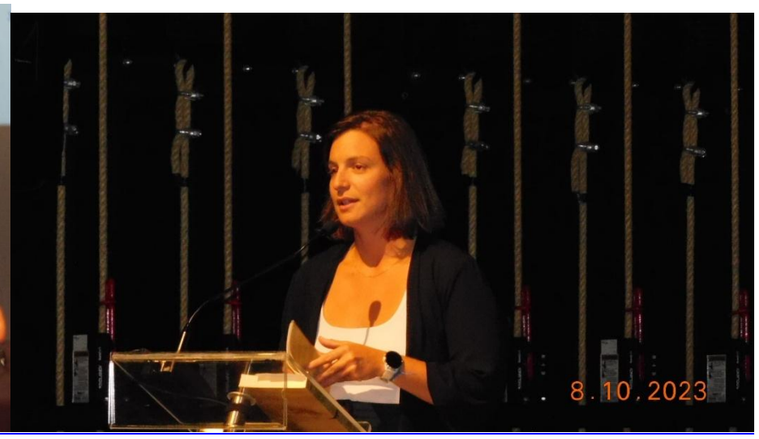
A história de Alfred Lewis (1902-1977), saído das Flores aos vinte anos sob o nome de registo de Alfredo Luís, para tornar-se um escritor bilingue, é atravessada por acasos e acontecimentos que lhe traçaram um destino pessoal.
E foi na escrita que ele soube registar a experiência do seu afastamento do mundo insular, reconfigurado a partir da memória e tornado uma «permanência» no imaginário do autor. Se essa «presença» ajudou a abreviar a distância entre o autor e a ilha, nisso há de ver-se também um certo modo de regresso, às vezes enunciado como facto alheio, outras vezes como hipotético desejo e projeto do sujeito lírico.

CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #11 HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/2068/CADERNOS-ACORIANOS-11-URBANO-BETTENCOURT.PDF
SUPLEMENTO # 11 DOS CADERNOS AÇORIANOS
HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/INDEX.PHP?PREVIEW=1&OPTION=COM_DROPFILES&FORMAT=&TASK=FRONTFILE.DOWNLOAD&CATID=448&ID=1970&ITEMID=1000000000000

VÍDEO-HOMENAGEM 4 – 2017 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EYFOQVC3PKC&T=3S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=38
VÍDEO HOMENAGEM 3 2017 BELMONTE HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JMVX0ZAIMSQ&LIST=PLWJUYRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY&INDEX=8&T=7S
VÍDEO HOMENAGEM 1 2012 HTTPS://YOUTU.BE/2HIEO5HLLRM
17º NA LAGOA 2012 POESIA CONCHA, EDUÍNO E URBANO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ABAJIRQFVOA&INDEX=233&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
POESIA "QUADRAS DE ILHA" GRACIOSA 2015 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GXCD2G2-7ZU&T=13S&INDEX=57&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI

SÓCIO DA AICL.
– PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL
PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE. 2021.
PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS PORTO FORMOSO 2014, 24º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 34º PONTA DELGADA 2021, 36º PONTA DELGADA 2022, NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 202, E 40º NAS LAJES DAS FLORES 2025

31. VASCO MEDEIROS ROSA, ESCRITOR, AICL



38º ribeira grande 2023

38º ribeira grande 2023

Vasco Medeiros Rosa, 66 anos, de Lisboa, editor independente, jornalista e investigador, tem vários livros publicados sobre Raul Brandão. Atualmente prepara uma extensa antologia de Wenceslau de Moraes, a sair em 2025.

Foi secretário de redação das revistas *Raiz & Utopia* e *Análise*, dirigidas, respetivamente por Helena Vaz da Silva e pelo filósofo Fernando Gil, e secretário da edição portuguesa da Enciclopédia Einaudi.

Trabalhou na Imprensa Nacional ao tempo de Vasco Graça Moura, e dirigiu duas séries de livros do jornal *O Independente*, uma sobre literatura portuguesa de viagens e outra com antologias de crónicas de imprensa por escritores portugueses e brasileiros, de José Rodrigues Miguéis e Luís Sttau Monteiro a Millôr Fernandes, Vinicius de Moraes e Caetano Veloso, semanário de que foi editor-adjunto para a secção cultural.

Organizou o espólio de Rosa Lobato de Faria, uma edição da sua obra poética e outra de narrativas breves e crónicas e preparou três exposições sobre a escritora.

Editou uma antologia de Ruy Cinatti sobre Timor para a editora Gryfus, do Brasil, e prefaciou uma nova edição de *As Ilhas Desconhecidas* de Raul Brandão a sair naquele país.

Sobre este autor publicou cinco livros, entre os quais *Cinzento e Douro. Raul Brandão em foco nos 150 anos do seu nascimento*, em 2017, com prefácio de José Carlos Seabra Pereira, e *Raul Brandão e os Açores*, de 2019, apresentado por Urbano Bettencourt.

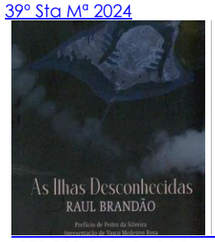
Entre 2020 e 2022 dedicou especial atenção a Pedro da Silveira, poeta e investigador literário açoriano, com largo número de artigos em jornais e revistas e a recolha em dois volumes da sua *Prosa Reunida*, somando mais de 1200 páginas, o primeiro dos quais publicado pelo Instituto Açoriano de Cultura, em setembro do ano passado.

Colaborador do *Observador* desde 2014, tem muita colaboração dispersa em revistas, jornais e obras coletivas, também sobre temas de arte e design.

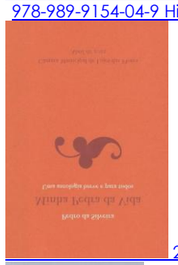
Atualmente ocupa-se da obra de João Afonso, cujo centenário se assinala em 2023, para publicação dum extenso volume dos seus escritos no próximo ano, assim como um volume da sua correspondência com Pedro da Silveira. Prepara também uma antologia de textos japoneses de Venceslau de Moraes para a editora I-Primatur, a sair no verão de 2025.

Vasco Medeiros Rosa, publicou cinco livros sobre Raul Brandão e organizou mais de uma dezena de coletâneas de escritos de autores portugueses, das quais a mais recente é *Só o Esquecido É Passado* de Pedro da Silveira (2 tomos, 2022-23).
Em 2021 compilou toda a obra açórica de Pierluigi Bragaglia: *Tosão de Ouro. Açores, séculos XV-XXI*.
Tem em preparação outros trabalhos sobre figuras e temas açorianos, e colabora com regularidade na imprensa regional.
Em 2012-15 organizou o espólio e três exposições biográficas sobre Rosa Lobato de Faria, além dos volumes A Noite Inteira Já Não Chega: Poesia 1983-2010 e Pedra Rara: dispersos e inéditos.
O seu primeiro livro foi uma fotobiografia da atriz Beatriz Costa: Avenida da Liberdade, de 2003.

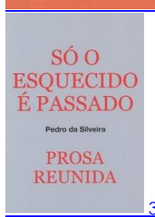
39º Sta Mª 2024



apresentação Raul Brandão e os Açores 1 - As ilhas desconhecidas / Raul Brandão; pref., notas Pedro da Silveira; apresent. - 1ª ed., 1ª tir. - Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2023. - 243, [5] p.; il. 18 cm. - (Mundos. Série 2; 4). - ISBN 978-989-9154-04-9 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2135708



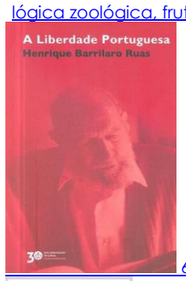
2 - Minha pedra da vida / Pedro da Silveira; ed. Vasco Medeiros Rosa. Lajes das Flores: Câmara Municipal de Lajes das Flores, 2022. 99, [1] p.; 21 cm Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2123901



3 - Só o esquecido é passado: prosa reunida I vol. II / Pedro da Silveira; ed. Vasco Medeiros Rosa. Ed. do centenário. - Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2022. 604, [3] p.; 21 cm. - ISBN 978-989-8225-79-5 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2123563

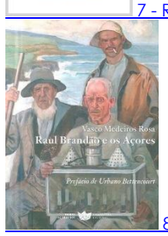
4 - Vitor da Silva: design de comunicação = Communication design / conceito Jorge Silva; textos José Bártolo, Vasco Rosa. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2020. - 128 p.: il. 23 cm. - (D; 15). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-972-27-2840-9 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2065864

5 - O homem que só queria ser Tóssan / textos Jorge Silva, Vasco Rosa, Vítor Aleixo; trad. Rachel McGill. Lisboa: Arranha-Céus, 2019. 3 v. Il. 34 cm [V.2]: Tóssan, versos côncavos e com versos, ed., pref. João Paulo Cotrim; des. Jorge Silva 208 p.; 25 cm. [V. 3]: Tóssan, lógica zoológica, frutos e desfrutos, animália, contos e descontos. ISBN 978-989-8980-01-4 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2045395



6 - A liberdade portuguesa / Henrique Barrilaro Ruas; org. Vasco Rosa; pref. Nuno Miguel Guedes. 1ª ed. Lisboa: Real Associação de Lisboa, 2019. 380 p.; 20 cm. ISBN 978-989-691-860-6 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2039479

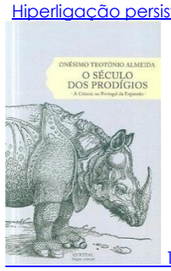
7 - Raul Brandão e Lisboa: resenha biográfica seguida de breve Antologia / Vasco Medeiros Rosa. 1ª ed. Porto: O Progresso da Foz, 2019. 71, [1] p.: il. 22 cm. ISBN 978-972-8088-34-7 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2035888



8 - Raul Brandão e os Açores / Vasco Medeiros Rosa; pref. Urbano Bettencourt. 1ª ed. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2019. 178, [6] p.: il. 18 cm. Transeatlântico; 034. ISBN 978-989-8828-89-7 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2035685

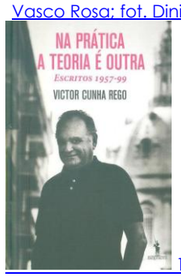
9 - Eduardo Aires: design de comunicação = Eduardo Aires: communication design / pref. Francisco Providência; textos Francisco Providência, Vasco Rosa; fot. Óscar Almeida... [et al.]. - 1ª ed. - Lisboa: Imprensa Nacional, 2019. - 126, [1] p.: il. 23 cm. - (D; 14). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-972-27-2806-5 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2033874

10 - Dorindo Carvalho: design de comunicação = Communication design / textos Jorge Silva, Vasco Rosa. - 1ª ed. = 1st ed. - Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2018. - 127 p.: il. 22 cm. - (D; 13). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-972-27-2598-9 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2015197



11 - O século dos prodígios: a ciência no Portugal da expansão / Onésimo Teotónio Almeida; org. Índices Vasco Rosa. 1ª ed. - Lisboa: Quetzal, 2018. 387, [5] p.; 24 cm. Língua comum. ISBN 978-989-722-536-9 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2012593

12 - Raul Brandão, 150 anos / Colóquio Internacional em Homenagem a Raul Brandão nos 150 anos do seu Nascimento e no Centenário de Húmus; org. Universidade Católica Portuguesa - Porto, Câmara Municipal do Porto; coord. cient. Maria João Reynaud; curadoria Vasco Rosa; fot. Dinis Santos, Henrique Almeida. Porto: Câmara Municipal do Porto, D.L. 2018. - 453, [2] p.: il. 27 cm. - ISBN 978-972-634-130-7 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2007577



13 - Na prática a teoria é outra, escritos 1957-99 / Victor Cunha Rego; pref. José Cutileiro... [et al.]; ed. Vasco Rosa, André Cunha Rego. 1ª ed. Alfragide: D. Quixote, 2018. 856 p.; 23 cm. ISBN 978-972-20-4362-5 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1988610

14 - A vida e o sonho: inéditos, Antologia e guia de leitura / Raul Brandão; org. De Vasco Rosa. 1ª ed. Silveira: E-Primatur, 2017. 619, [2] p.; 25 cm. ISBN 978-989-99715-3-0 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1986446

15 - Cinzento e dourado: Raul Brandão em foco nos 150 anos do seu nascimento / Vasco Rosa; pref. José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional, 2017. XXIII, [1], 460 p.: il. 24 cm. ISBN 978-972-27-2523-1 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1981091

16 - Bernardo Marques / coord. José Bártolo; textos Vasco Rosa, José Bártolo. Matosinhos: Cardume: ESAD Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 92, [3] p.: il. 22 cm. Coleção de designers portugueses; 13. ISBN 978-989-99589-2-0 Cardume ISBN 978-989-8829-19-1 (ESAD) Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1948817

17 - Bernardo Marques / coord. José Bártolo; textos Vasco Rosa, José Bártolo. Matosinhos: Cardume: Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 92, [3] p.: il. 22 cm. Designers portugueses; 13. ISBN 978-989-99589-2-0 Cardume. ISBN 978-989-8829-19-1 (ESAD) Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1947132

18 - José Brandão: designer gráfico cosmopolita, alia o seu talento como ilustrador ao domínio das técnicas do design contemporâneo / coord. José Bártolo; textos Vasco Rosa, José Bártolo, Aurelindo Jaime Ceia. Matosinhos: Cardume: ESAD Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 90, [5] p.: il. 22 cm. Designers portugueses; 5. ISBN 978-989-99587-8-4 Cardume. ISBN 978-989-8829-11-5 ESAD. Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1942174

19 - Sebastião Rodrigues: o mais importante designer gráfico da segunda metade do século XX / coord., seleção de imagens José Bártolo; textos Maria João Baltazar, José Bártolo, Vasco Rosa. Matosinhos: Cardume: ESAD - Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 93, [2] p.: il. 22 cm. Designers portugueses; 3. ISBN 978-989-99587-0-8 Cardume. ISBN 978-989-8829-09-2 (ESAD) Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1942167

20 - Pedra rara: dispersos e inéditos / Rosa Lobato de Faria; org. Vasco Rosa. Lisboa: Pártenon, 2015. 348, [7] p.: il. 21 cm. ISBN 978-989-99472-0-7 Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1954750

Apresenta **lançamento da Correspondência entre Pedro da Silveira e João Afonso: inventário de uma época**

Como noutros contextos culturais, entre figuras de destacado protagonismo, antes e depois da Revolução de 1974 — como é o caso tão especial de Jorge de Sena (1919-78) —, também nos Açores e para os Açores há um renovado e lúcido interesse por epistolários entre escritores, capazes de fixar uma crónica ou inventário duma época da nossa história contemporânea. Complemento de outros trabalhos de pesquisa, compilação e edição das obras de Pedro da Silveira (1922-2003) e de João Afonso (1923-2014) — em curso desde 2022, por ocasião dos respetivos centenários —, esta comunicação antecipa e comenta a publicação, para breve, duma antologia anotada com o essencial dos registos escritos duma longeva amizade mas também da ajuda recíproca entre dois grandes investigadores, em favor de uma identidade açórica em contínua construção, conjugando passado, presente e futuro.

SÓCIO AICL.
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, E DEPOIS NO 39º SANTA MARIA 2024, NESTE FOI ONLINE